

AUTORA DE *UMA VEZ NA VIDA*, *ALGUÉM COMO TU*, *REENCONTROS* E *PARA SEMPRE, MEU AMOR*

Cathy Kelly

A CASA DE WILLOW STREET

O PASSADO SEGUE-NOS ATÉ LIDARMOS COM ELE...



Ficha Técnica

Título original: The House on Willow Street
Autor: Cathy Kelly
Tradução: Sara Goulart
Revisão: Domingas Cruz
Capa: Maria Manuel Lacerda/Oficina do Livro, Lda.
ISBN: 9789897260742

QUINTA ESSÊNCIA
uma marca da Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda
uma empresa do grupo LeYa
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 427 22 01

© Cathy Kelly, 2012
e Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda.
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

E-mail: quintaessencia@oficinadolivro.leya.com
www.quintaessencia.com.pt
www.leya.pt

Esta edição segue a grafia do novo acordo ortográfico.

Para o meu querido marido, John, e os nossos maravilhosos filhos, Dylan e Murray. E os Adoráveis Cachorros, *Dinky*, *Licky* e *Scamp*, que estiveram sempre lá para tudo.

Prólogo

Danae Rahill aprendera há muito que o trabalho de chefe dos correios de uma pequena vila implicava muito mais do que a capacidade de processar pensões ou organizar transferências de dinheiro.

Dirigira o posto de correios de Avalon durante quinze anos e tinha visto de tudo. Era impossível não ver. Sem o desejar, a extremamente discreta Danae deu por si detentora de muitos dos segredos da vila.

Observou, por exemplo, as irmãs McGinthy a enviar dinheiro ao irmão que havia partido há cinquenta anos para fazer fortuna em Londres e vivia agora numa pensão.

– O trabalho na construção diminuiu, sabe? – disse em jeito de explicação uma das irmãs McGinthy enquanto as suas pequenas mãos enrugadas acabavam de escrever a morada que sabia de cor.

Danae sabia que a pensão era frequentada por homens irlandeses que se tornavam alcoólicos e precisavam de uma cama onde dormir.

– Deve ser terrível para um homem tão bom já não ter emprego – disse gentilmente.

Danae observou Mr. Dineen, viúvo, a enviar intermináveis cartas e encomendas às filhas espalhadas pelo mundo, mas nunca ouvira dizer que ele se metera num avião para visitar alguma delas.

Viu cartas registadas para advogados, cartões de condolências manchados de lágrimas, convites de casamento e, por duas vezes, recados apressados e tristes a informar os convidados de que o casamento tinha sido cancelado. Viu contas poupança a encolher até zero por causa de empregos perdidos e pessoas sós para quem ir receber a pensão era uma rara oportunidade de falar com outro ser humano.

As pessoas sentiam-se seguras ao ponto de fazer confidências a Danae porque todos sabiam que ela nunca falaria dos seus assuntos pessoais com mais ninguém. E não era casada. Não havia nenhum Mr. Rahill a quem contar histórias à noite, na vivenda ao cimo de Willow Street. Danae nunca fora vista em cafés a bisbilhotar com um grupo de amigas. Era, e todos em Avalon concordavam, discreta.

Danae podia eventualmente perguntar se algum plano ou desejo se concretizara ou não, mas podia igualmente perceber, sem perguntar, quando a pessoa queria que a última conversa fosse totalmente esquecida.

Danae era a bondade personificada.

E, no entanto, alguns dos mais perspicazes residentes de Avalon sentiam haver algum mistério a envolver a sua chefe dos correios porque, enquanto ela sabia tantos pormenores das suas vidas, eles não sabiam quase nada a respeito *dela*, apesar de viver na sua vila havia dezoito anos.

– Ela está sempre tão interessada e no entanto… – Mrs. Ryan, responsável pela limpeza da igreja e uma ávida leitora de romances policiais escandinavos, procurava as palavras exatas para definir – … é um pouco… distante.

– É precisamente isso – concordou Mrs. Moloney, que adorava um bom mexerico, mas não conseguia arrancar nada a Danae. A chefe dos correios era tão reservada que nem o KGB conseguiria extrair-lhe qualquer informação.

Logo para começar, tinha aquele nome estranho: Danae, que nem parecia nome de gente, nem de santo, nem de nada.

Dan-ay, pronunciava-o ela.

– É grego, ou uma coisa assim – fungou Mrs. Ryan, que se orgulhava de ser uma Agnes.

– Eu nem sei quando morreu o marido dela – lembrou Mrs. Moloney.

– Se alguma vez *houve* um marido – acrescentou Mrs. Lombardy.

Mrs. Lombardy era viúva e não havia dia em que não falasse do seu querido Roberto, que, à medida que o tempo passava após a sua morte, se tornava melhor e mais gentil. Na sua opinião, era tarefa de uma viúva manter viva a memória do marido. Uma vez, como quem não quer a coisa, perguntara a Danae pelo marido, porque, afinal, ela era considerada *mistress* ainda que vivesse sozinha naquela pequena vivenda no fim de Willow Street, apenas com a companhia de um cão e algumas galinhas loucas.

– Já não está connosco – dissera Danae e Mrs. Lombardy vira as persianas descer em frente do rosto de Danae.

– Ah, claro, ele pode ter fugido com outra pessoa – sugerira Mrs. Ryan. – Pobre pequena. Como se não bastasse, Danae tinha também uma aparência diferente.

As três mulheres achavam que o seu longo cabelo louro-acastanhado devia ser preso para ficar com um aspeto mais limpo porque a chefe dos correios devia manter uma postura mais digna, em vez de usar roupas compridas e rastejantes que pareciam ser compradas em segunda mão. E quanto a joias, nem falar.

– Eu sempre digo que um bom colar de pérolas nunca fica mal – afirmou Mrs. Byrne, encarregada das flores da igreja. Muitos anos de repetição daquele mantra tinham garantido que o seu marido, conhecido em toda a vila como *pobre Bernard*, lhe oferecera pérolas como presente de aniversário.

– Quanto àqueles grandes colares malucos, protuberâncias gigantes de coisas em pedaços de cabedal, âmbar e sei lá mais o quê… – acrescentou Mrs. Lombardy. – Qual é o mal de um crucifixo, digam lá?

Danae era motivo de conversa no Hotel e Spa de Avalon de manhã, enquanto tomavam café, e a dona do hotel, Belle Kennedy, que se movimentava bastante bem para tão grande e imponente senhora, ouvia atentamente a conversa.

Belle tinha ouvidos de morcego.

– Dá jeito quando se tem muitos empregados – disse ela a Danae, um pouco mais tarde nesse dia, quando fez uma incursão ao posto dos correios para comprar alguns selos uma vez que a máquina do hotel se tinha avariado outra vez e *alguém* ainda não a arranjara tal como prometera. – Juro que vou matar aquela rapariga do escritório – disse Belle, severamente. –

Não fez trabalho nenhum desde que ficou comprometida. Não arranjar a máquina dos selos é a gota de água. Lê revistas de noivas por baixo da secretária quando acha que ninguém está a ver. Como se a cor das rosas nos arranjos de mesa do copo-d'água fosse importante.

Tal como Danae, Belle estava no início dos cinquenta. Tinha sido casada duas vezes e estava muito longe do entusiasmo juvenil por pormenores de casamento. Era surpreendente que o hotel fizesse tantos bons negócios com festas de casamento, porque Belle via o matrimónio como uma aventura arriscada destinada ao falhanço. A única dúvida, dizia Belle, era *quando* iria falhar.

– As Bruxas de Eastwick estavam a falar de ti na cafetaria do hotel, esta manhã – disse à amiga. – Acham que escondes mais do que envelopes pré-pagos atrás dessa barreira de vidro.

– Ninguém se interessa por mim – respondeu Danae animadamente. – Tens uma grande imaginação, Belle. Era provavelmente de ti que estavam a falar, Madame Empreendedora.

Nos correios de Avalon, Danae atendia os clientes e a manhã corria normalmente como qualquer dia de setembro.

Raphael, que geria a pastelaria de Avalon, contou a Danae que estava preocupado com a mulher, Marie-France, porque tinha uma tosse horrível e recusava-se a ir ao médico.

– «Não preciso de um médico, não estou doente», continua a dizer – relatou ele, agastado.

Danae pesou cuidadosamente a encomenda para o filho único dos Ponti, que vivia em Paris.

Se fosse o tipo de pessoa que dava conselhos, poderia sugerir a Raphael que falasse ao filho da tosse da mãe. Marie-France atirar-se-ia a um poço se o filho lhe pedisse. Algumas palavras nessa direção fariam muito mais do que insistir constantemente com Marie-France para ir ao médico – algo que poderia ser considerado como implicância em vez de amor e preocupação.

Mas Danae não dava conselhos, não metia o nariz onde não era chamada.

Depois veio o padre Liam que lhe disse que a paróquia estava a ficar falida porque as pessoas não iam à missa e já não colocavam as suas poucas moedas no cesto.

– Estão a desertar da Igreja, agora que precisam mais de nós do que nunca – disse ele de olhar assustado.

Danae pressentiu que o padre Liam estava cansado do trabalho, de toda a gente que esperava que ele percebesse as suas angústias quando também ele tinha as suas. Num emprego normal, o padre Liam há muito que estaria reformado com tempo para medir a pressão arterial diariamente e mantendo-se longe do stresse.

E, mais grave ainda, dizia o padre Liam, era o novo padre Olumbuko, que era jovem e cheio de gás e nem sequer era irlandês.

– É nigeriano! – exclamou o padre Liam, como se isso explicasse tudo. – Não sabe como fazemos as coisas aqui.

Danae considerou que não faria mal nenhum a Avalon aprender como se faziam as coisas na Nigéria, mas guardou este pensamento para si.

Danae esgueirou-se até às traseiras para ligar a chaleira e, do sítio onde estava, ouviu a campainha que assinalava alguém a abrir a porta do posto dos correios.

– Não tenho pressa, Danae – disse uma voz clara e familiar.

Era Tess Power, dona da loja de antiguidades Something Old, um estabelecimento tentador onde Danae se tinha treinado a não entrar a não ser que fosse arrebatada pelo desejo de comprar algo ridículo que não sabia que queria até o ter visto na linda loja de Tess. Porque *era* linda numa versão miniaturizada de uma requinta-da mansão, com cadeiras estofadas a brocado, toucadores de pau-rosa, bugigangas de prata e mantos de veludo antigos artisticamente dispostos para expor joias.

Todos sabiam que se podia ir à Something Old apenas para comprar um pequeno presente de aniversário e sair de lá, horas mais tarde, com uma pregadeira de brilhantes com a forma de um flamingo, um conjunto de colheres de chá com cabo de osso ou uma cadeira que rangia para pôr ao lado do telefone.

– A Tess Power conseguiria vender gelo aos esquimós – afirmava Belle.

Tinha sido através de Belle que Danae descobrira que Tess era uma dos Power que em tempos haviam sido donos de Avalon House, a gigantesca e agora deserta mansão sobranceira à vila, que tinha sido fundada pelos seus antepassados, os De Paor, nos tempos feudais.

A família ficara sem dinheiro havia muito tempo e a casa tinha sido vendida pouco antes do pai de Tess ter morrido. Havia também uma irmã.

– Rebelde – assim resumida numa palavra por Belle quando se referia a Suki Power.

Suki tinha fugido e casado com um membro de uma famosa dinastia política americana, os Richardson.

– Um pouco como os Kennedy – disse Belle –, mas mais bonitos.

Depois de passar três anos a sorrir como a mulher ideal de um político, Suki divorciara-se e partira para escrever um *bestseller* sobre feminismo.

Para Dane, estudiosa da humanidade, ela parecia-lhe interessante, talvez tão interessante quanto Tess, que era discretamente bonita e parecia esconder a sua beleza por alguma insondável razão.

– Olá, Tess, como estás? – perguntou Danae, emergindo da sala dos fundos com o seu chá.

– Bem, obrigada – respondeu Tess, junto ao painel de anúncios, vestida com uma camisola velha de lã cinzenta e umas calças de ganga velhas estampadas. Danae vira-a sempre a usar variações deste tema.

Tess devia andar pelos quarenta e poucos, pois já tinha um filho adolescente, mas parecia mais nova, ainda que não tivesse um indício de maquilhagem no seu belo rosto de traços finos. Usava o cabelo claro curto e com caracóis soltos, como se o maior cuidado que alguma vez lhe tivesse dispensado fosse uma mão exasperada a suavizá-lo de manhã. Apesar disso, a sua cara fazia virar as cabeças dos observadores duas vezes para admirarem a superfície delicada das maçãs do rosto e o pescoço elegante como o de um cisne, realçado pelo volume de cabelo curto à volta do crânio.

– Só queria perguntar-te se posso afixar um anúncio da minha loja no teu painel.

– Claro que sim – disse Danae com um sorriso.

Normalmente, gostava de confirmar os anúncios para se certificar de que não havia nada que pudesse chocar os mais delicados membros da comunidade, mas tinha a certeza de que qualquer coisa que Tess afixasse no painel seria exemplar. O sistema de veto tinha sido posto em prática desde que um qualquer brincalhão afixara um cartão à procura de senhoras para se juntarem ao primeiro clube burlesco de dança de Avalon:

Procuram-se rodadoras experientes de borlas de peito!

A maioria das mulheres de Avalon rira à gargalhada, mas o pobre padre Liam quase tivera um ataque cardíaco e precisara de usar a bomba inaladora.

– Como vai o negócio? – perguntou

Danae. Tess fez um trejeito.

– Nada bem. É por isso que redigi os anúncios. Estou a afixá-los em todo o lado e vou até Arklow mais tarde para colocar lá também alguns. É para lembrar as pessoas que a loja de antiguidades existe, para as lembrar de trazer coisas para vender ou então para virem comprar. A época de verão costumava ser o suficiente para me manter, mas já não é – disse e olhou Danae nos olhos.

Danae manteve um sorriso profissional no rosto. Embora não a conhecesse bem, pressentiu que Tess não era o tipo de pessoa que quereria pena ou falsas garantias de que tudo se resolveria da melhor forma ou de que a loja de antiguidades se manteria aberta enquanto outros negócios iam por água abaixo por causa da recessão.

Então disse:

– Cabeça levantada, é a única coisa que podemos fazer.

– É esse o meu lema – concordou Tess, exibindo um sorriso.

Os seus grandes olhos cinzentos brilharam, os lábios esboçaram uma curva e, por um momento, Danae lembrou-se de um famoso retrato a óleo de uma beldade aristocrática do século XVII, com caracóis claros como os de Tess, aninhados em torno de um lindo e vivaz rosto. Alguém que se parecesse com Tess Power deveria ter muitos homens interessados em si e, no entanto, o mais recente rumor local indicava que o seu marido a tinha deixado com duas crianças.

Ainda assim, as aparências podiam enganar. Danae Rahill sabia-o melhor que ninguém.

Quando fechou o posto dos correios ao fim do dia, Danae dirigiu-se para casa. Adorava a sua vila de adoção. Era muito diferente da cidade onde tinha crescido. Depois de o pai ter morrido, vivera com a mãe num apartamento de três assoalhadas apertado no quarto andar de um velho edifício. Partilhavam a casa de banho com todas as outras pessoas desse andar. A pobreza tinha sido o fator de união dos inquilinos. As pessoas penduravam a roupa e sacos de carvão nas varandas em vez de floreiras. Todos deveriam ser amigos, mas não eram – pelo menos da família de Danae. A mãe de Danae erguera uma barreira entre elas e os seus vizinhos.

– Somos melhores que eles – dizia Sybil todos os dias, depois de algum contratempo recente,

como fazer fila para a casa de banho porque Mr. Rourke do número sete tinha um estômago traiçoeiro graças à dieta de cerveja no dia em que recebia o salário. – Não lhes contes nada, Danae. Não queremos que as outras pessoas saibam das nossas vidas.

medida que foi crescendo, Danae encontrou outras razões para seguir este conselho. Quando se mudou para Avalon, Danae passou todos os momentos livres a explorar a bonita vila, descobrindo a sua história nos seus variados estilos arquitetónicos. Originalmente, fora apenas uma pequena aldeia com algumas casas concedidas aos trabalhadores da propriedade De Paor. Estas pequenas casas de tijolo, dispostas em linhas ondulantes na colina, estavam atualmente muito na moda entre os moradores das grandes cidades que queriam um refúgio ao pé do mar. Já havia poucos edifícios como esses que datassem dessa altura, sendo o Avalon Hotel e Spa gerido por Belle uma exceção. O resto da vila era uma mistura de casas de madeira de estilo americano construídas por um empreiteiro da década de 1930, perto da linha de mar, com mansões modernas e bonitos chalés irlandeses de janelas pequenas, espalhados um pouco por todo o lado. O chalé de Danae ficava na zona sul, a parte menos populosa de Avalon, mesmo no cimo de Willow Street, uma longa e íngreme estrada que rasgava a colina. Os únicos edifícios à volta eram as ruínas de uma abadia medieval, que ficava à direita e Avalon House, que surgia atrás. Enormes pilares de granito sustentando portões de ferro forjado marcavam a entrada da alameda em tempos flanqueada por árvores. Muitas árvores tinham agora desaparecido, danificadas como a própria casa, vazia nos dez últimos anos.

Abaixo de Willow Street estendia-se a baía de Avalon, com a sua praia de areia em forma de ferradura, que atraía turistas amantes do mar havia muitos anos.

Avalon era uma vila hospitaleira com uma população de cerca de cinco mil pessoas no máximo durante o inverno, aumentando para pelo menos três vezes esse número durante o verão. Dois parques para caravanas nas dunas acolhiam muitos dos visitantes; aqueles que tinham dinheiro iam para o The Dunes, um parque bem tratado com uma centena de casas móveis maioritariamente privadas, dispostas em pequenos e belos jardins. Mais para o cimo da praia, ficava Cabana-Land, anfitriã de tantas caravanas quantas o proprietário conseguisse meter lá dentro e cenário de muitas festas, apesar das placas a interditar churrascos na praia.

A íngreme encosta da colina onde Danae vivia era uma paisagem muito diferente do resto da vila. Ali cresciam rododendros selvagens ao acaso e começavam os bosques de Avalon, uma vasta floresta plantada muitos séculos antes pelos antepassados de Tess Power. A casa de Danae era rodeada por um jardim luxuriante escondido dos ventos marítimos por um crescente de árvores, entre elas freixos e sabugueiros, e um carvalho que ela sabia não sobreviveria ao inverno.

Danae gostava de descansar os dedos na sua casca rachada, sentindo a seiva daquele antigo gigante pulsar até si.

Fetos que não cresceriam em mais lado nenhum de Avalon medravam no santuário silvestre do seu jardim, enquanto as rosas de inverno floresciam gloriosamente. Os seus narcisos e açafrões apareciam semanas antes dos de toda a gente e as pequenas orquídeas marinhas que só cresciam na relva crespa das dunas estendiam-se livremente, formando molhos selvagens por todo o refúgio dos domínios de Danae.

Quando saiu do carro e abriu o portão do jardim, *Lady*, uma cadela de pelo cinzento-prateado e luminosos olhos azul-claros de lobo, correu na sua direção, seguida pelas galinhas, a ladrar alto como se lhe estivesse a contar as novidades. Danae abraçou *Lady* primeiro, depois passou a mão pelas penas soltas das galinhas, afagando cuidadosamente as oito para que nenhuma ficasse com ciúmes.

Cora, a última galinha de aviário que salvara, tinha ciúmes descontrolados das outras. Ao longo de duas semanas, *Cora* fora o alvo de todos os cuidados de Danae e por isso decidira que ela era a sua exclusiva salvadora e preferida para sempre. Ainda estava bastante careca por causa dos seus dois anos no aviário, mas a sua personalidade brilhava por entre o seu estranho penteado.

Mara era a mais divertida das galinhas. Batizada com o nome da sobrinha de Danae, era uma reluzente *Rhode Island Red* resga-tada pela sociedade protetora de animais local. Era uma criatura doidivanas, sempre a fazer disparates fofos e a agitar as penas das asas ao menor ruído. Ocasionalmente, optava por ficar no galinheiro na hora de comer, esperando ser convencida a sair como uma diva relutante, enquanto em dias de fortes ventanias subia para o telhado do galinheiro e por lá ficava a cacarejar de forma heroica, impermeável ao tempo.

– É completamente louca – comentou Mara quando a galinha com o seu nome se lhe apresentou aterrando em cima do seu *Fiat Uno* verde-lima, agachando-se deliciada e pomposamente como a rainha do Nilo, com as asas esticadas para fora. – É por isso que tem o meu nome?

– Não – respondeu Danae a rir. – É porque é linda e aninhou-se instantaneamente em mim na primeira vez que me viu. E mais – continuou Danae –, é ruiva e as suas penas brilham com fulgor.

Mara, que era excentricamente única e tinha um cabelo encarniçadamente ruivo que lhe ondulava à volta do rosto como lava incandescente, sorriu.

– É uma explicação aceitável – concedeu.

E, enquanto afagava as galinhas, Danae lembrou-se que há muito ela não a visitava. Houvera um rumor na família do irmão sobre um noivado entre Mara e um colega de trabalho que deveria ser anunciado «a qualquer momento», segundo Morris, o irmão mais novo de Danae.

O vento tinha começado a assobiar através da floresta e havia nuvens escuras e sombrias nos céus. Não se veriam as estrelas naquela noite. Danae adorava contemplar o céu noturno, observar a Ursa Maior e a Ursa Menor, o ondulante cinto de Orion e, a sua favorita, Cassiopeia. O desenho picotado do grande W foi a primeira constelação que ela identificara, havia muitos anos, quando se costumava sentar na boca de incêndio do hotel, de olhar fixo na escuridão do céu, mas sem ver nada.

Uma noite em que as lágrimas se lhe soltavam dos olhos e caíam, alguém lhe ofereceu um lenço. E apontou-lhe gentilmente as estrelas. Danae olhou-as, fixou-se em algo nelas em vez de apenas no vazio da sua própria dor e as lágrimas cessaram. Aquela noite tinha sido um ponto de viragem para ela. Fora a primeira vez que emergira da dor para olhar o mundo e ouvir outro ser humano a usar o seu tempo para ser gentil com ela. Essa noite foi também a primeira vez em anos em que permitiu que alguém a confortasse.

Muito tempo depois, as estrelas ainda tinham o poder de a tocar profundamente. Era impossível olhar para o céu sem se sentir como uma ínfima partícula do grande universo e, um dia, os problemas que a transtornavam não teriam significado nenhum. Poucas lágrimas poderiam sobreviver a essa perceção.

Passou a noite em casa, junto à lareira, a tricotar com *Lady* a dormir aos seus pés. Lá fora, o vento uivava ferozmente e a chuva batia no telhado com uma força furiosa. Quando faltavam cinco minutos para a meia-noite, Danae abriu a porta das traseiras e ficou a olhar a tempestade que fustigava as árvores no seu jardim. De dentro da casa, parecia que o vento ululante e a chuva torrencial levantariam todas as telhas do telhado e atirariam a casa para o mar. Mas, cá fora, no coração da tempestade, a torrente pareceu acalmar-se instantaneamente. Ela, porém, apenas se sentiu segura quando, no meio da relva molhada, se deu conta do vento a bater-lhe nas maçãs do rosto.

Uma tempestade com aquela grandeza exigia respeito que apenas podia ser demonstrado participando dela, sem se refugiar debaixo de um telhado feito pelo homem ou escondendo-se atrás de muralhas de pedra.

Fora da casa o barulho era diferente: a chuva batia mais suavemente na relva e dançava ao de leve nas folhas cor de bronze. Sem janelas contra as quais se lamentar, o vento golpeava o círculo de árvores antigas no jardim de Danae. Elas, contudo, ripostavam, sem se dobrar. As suas folhas agitavam-se, os ramos fletiam-se, mas os troncos mantinham-se imóveis.

Danae afoitou-se decidida através do pequeno relvado até à maior e mais velha árvore, o seu querido carvalho com o seu imenso tronco. Abrigada debaixo dele, Danae inclinou-se para trás e sentiu o nariz frio de *Lady* a procurar a sua mão.

Lady não tinha medo de tempestades. Os seus olhos cintilantes brilharam para a sua dona em completa devoção.

Danae também não temia as tempestades. Nem o escuro. Quem nunca havia sentido a pura escuridão da vida ficava com medo quando a noite caía. No entanto, as pessoas que compreendiam a escuridão sabiam que a falta de luz não era o problema.

Algo estava a acontecer, decidiu Danae. Esse era o significado de tempestades de setembro tão selvagens: aproximava-se uma mudança. Uma mudança para Avalon.

Danae já não tinha medo de mudança. A vida era em si uma mudança. Inexoravelmente, sem fim. E tudo o que ela queria era paz, mas esta nunca chegava.

OUTONO

1

O princípio da manhã em Avalon era uma das partes do dia preferidas de Tess Power. Ao fim de semana, Kitty, de nove anos, subia sonolentamente para a sua cama e enroscava-se na mãe. E algumas vezes – apenas algumas vezes, porque se esquecia frequentemente – Zach trazia-lhe uma chávena de chá à cama. Todavia, num dia de semana como era hoje, tal não aconteceria, pois Zach permanecia debaixo do edredão até ser convencido por ela a sair para ir para a escola.

– Os adolescentes precisam de dormir mais, mãe – invocava ele. – É oficial: eu vi na internet. Mais dez minutos…

Tudo o que tinha a ver com os seus queridos filhos fazia-a feliz – com exceção de um castigo a Zach ou uma discussão com Kitty sobre comer qualquer alimento que pudesse ser classificado como vegetal.

– Odeio brócolos e tomates e todos os verdes, ouviste?

parte isso, a existência de Zach e Kitty deixava Tess tonta de alegria. Mas havia algo de especial naquelas manhãs de dia de semana, em que se esgueirava de casa enquanto as crianças ainda dormiam e levava *Silkie*, a galga lebreira dourada da família, a dar um passeio no bosque ao lado da casa onde crescera.

Ali em cima, com o vento a rodopiar à volta delas, parecia que Tess e *Silkie* eram as únicas criaturas no mundo. À medida que se aproximavam das ruínas da abadia, *Silkie* virou-se de repente e correu com a graça e ligeireza de um galgo sobre as folhas e galhos caídos na direção da grande casa. Tess hesitou um pouco antes de a seguir. Apesar de ir ali quase todos os dias, para uns momentos de meditação matinal contemplando o mar, raramente se aproximava demasiado de Avalon House.

Havia quase duas décadas que deixara a sua velha casa, e assistira à venda a estranhos, tendo consciência de quão desolado o seu pai teria ficado se tivesse vivido para o ver. E, apesar deste lapso de tempo, a dor ainda não desaparecera, por isso tentava manter-se a uma certa distância, aventurando-se raramente nas suas imediações e nunca no seu interior.

Silkie, excitada com esta rara aventura, tinha encontrado um caminho através da vegetação rasteira. Tess não sabia o que a atraía em direção a Avalon House, mas seguiu-a, escolhendo cuidadosamente o caminho por entre as amoreiras e as roseiras bravas que haviam tomado os lindos jardins que tanto trabalho davam ao pai a mantê-los. Amava aquele jardim e era estranho que nem Tess nem Suki, a irmã mais velha, tivessem mostrado qualquer interesse por jardinagem. Naquela altura, elas achavam que jardinagem era um passatempo de adultos. Agora, Tess sentia que o cheiro da terra acabada de revolver a levava de novo aos belos e cuidados jardins da casa no fim de Willow Street e despertava-lhe um arrebatador sentimento de perda.

«Deixa de ser tão melodramática», disse a si mesma rispidamente, «montes de pessoas têm de sair das casas onde nasceram!»

Sim, essa era a atitude. «Mostra que tens o sangue dos Power.»

E continuou a andar, determinada a dar um bom passeio. Era perfeitamente capaz de se aproximar da casa e olhar para ela observando a decadência em que estava a cair. O milionário americano das telecomunicações que a comprara dez anos antes falira e agora não havia qualquer possibilidade de que ele e a mulher voltassem para restaurar a antiga glória da casa.

Avalon House não era a mais bela obra de arquitetura, mas era certamente majestosa e a sua mistura de estilos refletia as flutuantes fortunas dos De Paor. Possuía um grande *hall* vitoriano, uma torre normanda onde ninguém podia ir porque era uma zona perigosa e uma ala jorgiana a desintegrar-se. Tudo mostrava um ar velho e decadente quando Tess e Suki eram crianças. Tinham vivido na parte mais moderna da casa, que contava apenas um século; apesar do seu vasto espaço, as únicas partes habitáveis do velho edifício eram a cozinha, a biblioteca com os seus painéis e uma lareira gigante, e as escadas traseiras que conduziam aos quartos.

A fortuna dos De Paor desaparecera havia muito, sem sobrar sequer dinheiro para lareiras ou aquecimentos modernos. Em criança, Tess tinha sido condicionada a apagar as luzes e a pôr quantos cobertores podia na cama para se manter protegida da brisa gelada que subia da costa até à casa na colina. Os miúdos da escola da vila metiam-se com ela por causa da sua casa grande, mas, depois de lá irem, já não o faziam tanto.

Apesar disso, nenhum dos seus colegas tinha deusas gregas, ainda que a desfazer-se e vestidas de líquen, nos seus jardins. Muito menos um bule de família de prata do século XVIII – um dos últimos bens a ser vendido – ou enormes pinturas a óleo de antepassados aristocratas poeirentos a olhar para eles de cima da galeria. O pai mantivera a sua afeição pelas pinturas até ao fim, convencido de que estas valiam alguma coisa.

Agora, Tess sabia que não era assim. Nenhum dos retratos fora pintado por qualquer artista famoso e ninguém estava interessado em pagar uma quantia avultada pelos antepassados de outras pessoas.

No entanto, a casa e o nome *tinham* significado algo em Avalon e as pessoas haviam instintivamente colocado Tess na categoria de elite. Não importava que as suas roupas estivessem gastas ou que comesse sanduíches de geleia ao almoço, ela era uma De Paor, ainda que o nome tivesse sido anglicizado para Power muitos anos antes. Ela vivia numa grande casa. O pai vestia elegantes, mesmo que um pouco desleixadas, roupas de montar quando ia à loja da vila e falava um inglês britânico e aristocrático.

Apenas uma pessoa durante a sua juventude lhe tinha parecido impenetrável à patine do *glamour* do seu nome e da sua casa: Cashel Reilly.

Tess não sentia arrependimentos. Não acreditava neles. Para quê? O passado estava cheio de lições duras para aprender estoicamente e não de memórias para serem choramingadas. Mas com Cashel Reilly a história era diferente.

Quão irónico era debater-se com lembranças de Cashel e desilusão amorosa quando fora ali naquela manhã para pensar seriamente sobre ela, Kevin e a separação.

Nove meses antes, quando as fissuras no seu casamento se tornaram demasiado largas para

fingir que não existiam, ela e Kevin tinham concordado que a terapia conjugal devia ajudar. Uma das melhores qualidades do marido era a sua abertura a ideias que outros homens não sonhariam considerar. Não se colocara nunca a questão de ele contrariar a sugestão dela para consultarem um terapeuta conjugal.

– Amamo-nos – dissera Kevin no dia em que ela fizera a sugestão –,

mas… Esse «mas» significava tanto.

Mas não passamos nenhum tempo juntos. *Mas* nunca fazemos amor. *Mas* vivemos vidas separadas e contentamo-nos com isso.

O terapeuta tinha sido ótimo. Atencioso e compassivo e nunca excessivamente determinado em mantê-los juntos custasse o que custasse. À medida que as semanas passavam – semanas de encontros à noite e longas conversas sem declarações argumentativas a começar com *Tu sempre...!* –, Tess começou a encarar a verdade que não tinha querido ver.

O seu casamento acabara. Viver com Kevin era como viver com um irmão e assim parecia há já alguns anos.

Não havia uma paixão muito intensa. Para ser inteiramente sincera, nunca houvera. Kevin era o homem por quem se tinha encantado na ressaca de outra paixão. Ela tinha vinte e três anos na altura, ainda uma romântica, vulnerável. Agora, com quarenta e um, já não sonhava com o príncipe no cavalo branco que a vinha salvar. Ninguém salvava ninguém, descobrira Tess. Eram os próprios que o tinham de fazer. No entanto, parte dela ansiava pelo género de amor que faltava na sua relação com Kevin desde o início. Não se podia reacender um amor que nunca existira. Era uma conclusão sensata. Mas chegar a ela significava destruir a sua família, magoar Kitty e Zach.

Tess sentiu-se sempre culpada porque se questionava se não teria sido um erro casar com ele. Mas o casamento tinha-lhe trazido Zach; que era agora um jovem alto e forte de dezassete anos, com uma trunfa de cabelo escuro como o pai. E Kitty, de nove anos, era a imagem nítida da tia Suki quando esta tinha a mesma idade, com aquele biquinho de viúva e o cabelo loiro-claro dos Power a cair-lhe sobre as costas numa cortina sedosa. Hoje, a cabeleira lustrosa de Suki com as suas várias tonalidades de platinado devia bastante às tintas do cabeleireiro. O cabelo de Tess parecia-se mais com o da mãe, um loiro-arruivado-claro que lhe dava umas pestanas pálidas e que ela não se dava ao trabalho de colorir, apesar da pressão de Suki.

Kitty, Suki e Tess partilhavam a delicada estrutura óssea dos Power, o rosto em forma de coração a terminar num gracioso queixo pontiagudo e os grandes olhos cinzentos.

Kevin afirmara-lhe muitas vezes ao longo dos anos que ela era linda, como se não acreditasse na sua sorte em ter encontrado aquela flor aristocrática de pequena constituição, com um palmo de cintura e longas pernas. Porém, ela nunca conseguira acreditar inteiramente nele. Só acreditara num homem que tinha dito que ela era bonita.

Após seis meses de terapia, Tess e Kevin concordaram numa separação experimental. Um afastamento que os levaria a concluir que estavam errados e que não podiam viver longe um do outro.

– Isto não é para sempre – explicou Kevin a Zach, que se sentia revoltado, com a cabeça baixa e os caracóis escuros a cobrir-lhe os olhos.

– Tretas – resmungava Zach, suficientemente alto para os dois adultos ouvirem. – Eu acho que é estúpido. – Parecia mais a sua irmã pequena do que um rapaz de dezassete anos. – Vocês querem divorciar-se e estão a tentar fingir, para nós, que não querem.

– Eu vou só para casa da avó, ao fundo da rua. Fico no apartamento das traseiras. Ela ainda não o alugou para o verão, por isso é meu. Nosso – corrigiu-se Kevin. – Vocês vão ver-me tanto quanto me veem aqui.

Kitty tinha saltado para o colo do pai para se aninhar e assemelhava-se a uma criatura pequena, enroscada nele.

Tess estivera quase tentada a insistir para que esquecessem aquela história dolorosa da separação, quando Kitty olhou fixamente para ela e perguntou:

– Podemos então ter um gatinho?

Kevin saíra de casa há três meses e Tess descobrira que ser mãe solteira era mais difícil do que esperava. Kevin fora sempre um pouco inútil no que dizia respeito a tarefas domésticas, mas agora que ele se tinha ido embora, percebera o quanto outro adulto era necessário à família, mesmo que ele parecesse fazer pouco mais que chegar a casa à espera de jantar e desembaraçasse o cabelo de Kitty afetuosamente enquanto esta pedia à mãe que lhe assinasse o caderno de trabalhos de casa. Kevin costumava pôr o lixo lá fora, tratava das coisas elétricas e era ele quem fazia a ronda à casa à noite, trancando as portas e verificando se todas as janelas estavam fechadas. Agora que tinha a total responsabilidade de todas essas tarefas, Tess apercebia-se das vantagens de ter Kevin por perto, sempre gentil, sempre bem-humorado, outra pessoa com quem se sentar em frente do televisor à noite. Alguém ao seu lado na cama. Alguém com quem falar sobre o seu dia.

Na primeira semana após ele ter saído, sentiu alívio por finalmente assumirem o facto de nunca terem sido a pessoa certa um para o outro e as crianças haverem sido o motivo que os mantinha juntos. Apenas a separação lhes mostraria a verdade.

Mas depois surgiram as dúvidas: teria sido estúpida? Talvez devessem ter continuado a terapia conjugal em vez de decidirem tão rapidamente que a separação era um bom plano.

Seria um plano assim tão bom? Havia algum tempo que se interrogava.

* * *

Silkie veio deitar-se aos seus pés, um sinal de que estava a ficar aborrecida.

– Está na hora de ir, cadelinha – disse Tess, olhando rapidamente para o seu relógio. – Quase sete e um quarto, vamos para casa e arrastá-los para fora da cama.

Tess trouxera Zach e Kitty ali acima algumas vezes, mas não nos seus passeios com *Silkie*. Nessas alturas, atravessavam os enormes portões ferrugentos, que os miúdos da zona tinham escancarado e danificado há algum tempo, e subiam a bonita avenida ladeada por árvores. Queria que os seus filhos vissem o seu património.

– Era aqui que eu e a tia Suki vivíamos como o vosso avô.

O avô era uma figura desconhecida para os filhos, morrera antes de eles nascerem. A única avó que eles conheciam era Helen, a mãe de Kevin que gostava de jogar *Monopólio*, ficava muito aborrecida quando perdia e podia-se contar com ela para oferecer fabulosos presentes no

Natal.

Zach tinha doze anos quando Tess o levou a Avalon House pela primeira vez. Olhou para a casa com reverência, suplicando para entrar e ver os quartos.

– É enorme! – exclamou, com os olhos abertos de espanto. – Não se parece nada com a nossa casa, mãe.

– Pois não – respondeu Tess alegremente. Era difícil tentar alegrar-se enquanto se dava conta de que, após gerações na família, Avalon House já não era deles. Não era pelo facto de ser dez vezes maior do que a sua casa atual que a fazia lamentar a perda. Era o sentimento de que tinha sido o seu lar. Aquele era o sítio onde fora tão feliz enquanto criança… até que tudo começara a correr mal.

Kitty era muito mais nova quando se interessou pela primeira vez pela casa.

– É um palácio, mamã – dissera deliciada quando se aproximara. – É como se a Cinderela pudesse chegar aqui na sua carruagem de abóbora puxada por cavalos com plumas prateadas a sair das suas crinas.

Tess rira-se da fabulosa imaginação da sua linda filha de oito anos. No mundo de Kitty até uma velha ruína coberta de musgo a desintegrar-se podia ser salpicada com pós de fada e transformada num palácio.

– Porque não vivemos aqui? – quis saber Kitty.

Tess estava habituada a perguntas diretas. As crianças eram tão gloriosamente sinceras.

– A casa pertenceu à família do meu pai, o teu avô, durante muito, muito tempo, mas a fortuna da família estava quase no fim quando o avô a herdou. Quando eu nasci, já só havia um bocadinho de dinheiro de sobra. As casas grandes ficam muito caras porque o telhado está sempre a deixar entrar água, por isso o avô sabia que teria de a vender. Íamos mudar-nos para um chalé pequeno na vila, aquele onde vivemos agora, mas ele ficou muito doente e morreu. Então tive de vender Avalon House e mudar-me sozinha.

– Oh, mamã – lamentou Kitty, lançando os braços à volta da cintura da mãe –, deves ter ficado tão triste.

Os olhos de Tess humedeceram.

– Bem, fiquei um pouco triste, querida, mas depois veio o Zach e depois tu, e como podia eu ficar triste quando tinha os meus dois lindos anjos?

– Sim – retorquiu Kitty instantaneamente animada. – Posso ver o teu quarto, mamã? Como era? Como o de uma princesa?

Tess pensava em tudo isto agora enquanto voltava para casa, seguindo o rasto de *Silkie* pelo meio dos arbustos. O velho jardim de nódulos, criado pela sua trisavó, não era mais que um grande amontoado de cardos. As paredes à volta do pomar estavam caídas. Tess conseguia perceber porque ninguém queria comprar Avalon House; apesar de linda como era, empoleirada no cimo da colina a contemplar Avalon e o mar, custaria uma fortuna torná-la de novo habitável. Brevemente ficaria como a Abadia, reduzida a um monte de pedras, e o passado seria enterrado com ela.

Tess parou de repente. Disse a si própria que não valia a pena pensar no passado. Era o futuro que interessava.

– Anda lá, *Silkie* – incitou rapidamente e depois virou-se e afastou-se da casa. Logo a seguir, a linda curva da baía de Avalon abriu-se à sua frente e, acelerando o passo, desceu o caminho. Havia muito para fazer naquele dia. Não tinha tempo para perder no passado.

O quarto de Zach cheirava a adolescente: meias, um novo e horrivelmente barato *aftershave* que ele adorava, e um odor almiscarado de homem-rapaz tão diferente do cheiro a rapaz pequeno que ela costumava adorar.

– Hora de levantar, amor – chamou ela, abanando-lhe o ombro e pondo uma chávena de chá na sua mesa de cabeceira.

Um grunhido debaixo dos cobertores disse-lhe que ele estava vivo e mais ou menos acordado.

– Eu volto daqui a dez minutos com o trapo frio para o caso de ainda não estares levantado – avisou ela. Costumava usar o mesmo método com a irmã. Anos antes, a ameaça de um pedaço de flanela molhada atirada para debaixo dos cobertores era a única forma de tirar Suki da cama de manhã.

Kitty era mais fácil de acordar. Tess beijava-a ternamente na bochecha e executava uma pequena dança de um minuto, na almofada, com o boneco favorito de Kitty, *Moo*, sussurrando:

– Hora do pequeno-almoço – imitando a voz bovina de *Moo*.

Às oito, os dois filhos estavam à mesa, Kitty a conversar alegremente e Zach, sonolento, curvado sobre os seus cereais.

Silkie, feliz depois do seu passeio e pequeno-almoço, estendia-se debaixo da mesa da cozinha na esperança de algumas migalhas.

A tarefa seguinte de Tess era fazer o almoço de Kitty enquanto tomava o seu próprio pequeno-almoço e verificava se o que tirara do congelador na noite anterior estava a descongelar para o jantar.

– Porque não caímos da Terra se ela é redonda e está no espaço? – queria saber

Kitty. Tess considerou por um momento.

– É por causa da gravidade – explicou –, há uma força magnética…

Esquivou-se à resposta por um momento, pensando em como continuar a explicação sobre tudo aquilo e à procura dos factos na sua cabeça. Kitty fazia muitas perguntas. Pelo menos, a fase do céu e dos anjos já tinha acabado, mas receava que a «De onde vêm os bebés?» não estivesse longe.

– Podes explicar porque não caímos da Terra, Zach, meu querido? – implorou ao

filho. Ele olhou de cima da sua taça.

– Gravidade, Newton, leis da física. Não me perguntes, eu deixei a física no ano passado.

– O que é a física? – perguntou Kitty. – É uma pessoa que consegue ver o futuro? A Julia diz que a mãe dela está sempre a ir a físicos. Diz que podem ganhar a lotaria, mas só numa quarta-feira à noite. Nós compramos a lotaria, mamã?

– Não – retorquiu Tess –, mas devíamos – acrescentou, pensando no seu saldo bancário.

– Podemos comprá-la na quarta-feira – acrescentou Kitty – com a minha semanada.

– Já gastaste a tua semanada – provocou Zach.

– Não gastei nada.

– Gastaste sim.

– Eu tenho dinheiro na minha lata da Princesa Jasmim – respondeu Kitty orgulhosamente. – Montes de dinheiro. Mais do que tu.

– Provavelmente tem – observou Tess, colocando um prato com dois ovos escalfados em frente do filho. O apetite de Zach aumentara loucamente no último ano e ele aspirava a comida. Como o pequeno-almoço era considerado a refeição mais importante do dia, ela tentava fazer com que ele comesse proteína todas as manhãs, ainda que ele argumentasse que os ovos lhe davam «vontade de vomitar».

– Nem penses em vomitar – instruiu Tess. – Tens jogos hoje.

Quando deixou Kitty na escola e depositou Zach na paragem de autocarro, voltou para casa e passou meia hora a fazer arrumações antes de ir para o trabalho. Adorava os quartos dos filhos de manhã quando eles estavam seguros na escola. Até o covil adolescente de Zach, com as meias de desporto fedorentas atiradas para debaixo da cama.

Todos os dias, exceto aqueles em que tinha mais pressa, sentia uma paz tipo zen entrar na sua alma quando ia aos quartos das duas pessoas que mais amava.

Essa paz era maior porque os seus meninos não estavam realmente ali, por isso podia adorá-los e à ideia deles em segurança sem que lhe pedissem algo ou lhe dissessem que era injusta, que todos os outros miúdos tinham isto ou aquilo, ou *se ela podia adiantar-lhe algum dinheiro da semanada…?*

Kitty tinha razão ao pequeno-almoço: provavelmente, possuía mais dinheiro que Zach. Ele estava sempre a emprestar notas de cinco a outras pessoa ou a gastar em coisas inúteis.

O quarto de Kitty ainda era um santuário de bonecas, brinquedos macios com olhos gigantes e criaturas miniaturizadas com casas complicadas e infindáveis pequenos acessórios que estavam sempre a perder-se.

«Mamã, não consigo encontrar os bolos para a pastelaria!», era um refrão constante lá em casa e Tess passava horas de joelhos com Kitty, à procura de minúsculas fatias de bolo de plástico debaixo dos móveis, com a linda cara da filha a ficar ansiosa com a ideia de que a Mrs. Esquilo não pudesse vender bolos na sua pastelaria.

Naquela manhã, Tess reorganizou um pouco a aldeia das miniaturas, depois fechou as gavetas semiabertas e prendeu as cortinas antes de limpar a cómoda. Começava a haver provas evidentes da emergente pré-adolescência de Kitty: pulseiras brilhantes e perfumes de rapariga em frasquinhos coloridos na mesa. *Moo*, a vaca com que Kitty dormia, amada até ficar cinzenta, tinha um lugar de honra na sua almofada de algodão cor de rosa em forma de coração e era a tarefa preferida de Tess fazer a cama e entronar *Moo* na almofada, pronta para a noite.

Não importava que, no caminho de carro para a escola, Kitty cantasse alto algumas canções *pop* tão explícitas que faziam Tess franzir o sobrolho: quando fosse hora de dormir, Kitty transformava-se novamente na menina de nove anos que gostava de se aninhar no seu edredão de riscas cor de rosa e amarelas, agarrada a *Moo* à espera da sua história de embalar com o olhar claro e inocente de uma criança.

Assim que tudo estava arrumado, Tess dava uma última vista de olhos ao quarto e passava para os aposentos de Zach. Os domínios de Zach estavam pintados de um belo azul-turquesa, mas atualmente nenhuma das paredes era visível por causa dos cartazes de bandas, futebolistas e pilotos de Fórmula Um.

A regra era que Zach tinha de mudar os lençóis da cama uma vez por semana e aspirar a carpete. Desde que Tess descobrira as Grandes Experiências de Bolor na Caneca debaixo da cama que ele tinha também de lavar as canecas diariamente – e até era muito bom nisso.

Os rapazes de dezassete anos não gostavam de ter as mães a arrumar-lhes os quartos. Fazia tudo parte do processo de crescimento. Tal como a parte que diz que as mães têm de os deixar crescer. Tess sabia disso. Sabia-o desde o dia em que Zach deixou de lhe dar a mão na rua enquanto se dirigiam para a escola.

– Mã, larga a minha mão!

Ele teria sete anos na altura. Alto para a idade, o seu denso cabelo negro já desalinhado, apesar de ter sido escovado em submissão dez minutos antes, em casa.

Tess havia largado a sua mão e sorrira ao filho de cabelos escuros, ainda que lhe tivesse apetecido chorar. *Ele está a crescer. Tão depressa.*

– Estou a envergonhar-te? – perguntou-lhe com o mesmo sorriso que sempre brilhou através da sua voz quando falava com ele.

Porque o adorava tanto, estava determinada a não ser uma mãe galinha, nem a fazer dele veículo para todas as suas esperanças e sonhos.

– Sim! – respondera ele, ajustando a mochila para mais junto dos ombros num sinal de masculinidade.

Tess ficara a vê-lo dirigir-se para dentro da sala de aula sem sequer olhar para ela uma segunda vez.

Dez anos depois, ele ainda a abraçava. Não todos os dias, nem como fazia quando era criança. Mas era um rapaz afetuoso, e agora, mais alto que ela, dobrava-se e dava-lhe um abraço.

Chamava-lhe mã.

– Té logo, mã – dizia alegremente quando estava prestes a sair de casa para ir para a escola.

Recordava-lhe o seu avô, até mesmo o seu querido pai. Zach tinha os mesmos olhos cinza-prateados com pestanas tão negras que parecia usar maquilhagem. Possuía também as mesmas feições aristocráticas do seu pai e a sua gentileza. Apesar disso, era avançado na equipa de râguebi da escola. Zach Power era um gigante meigo. Todas as raparigas de Avalon gostavam dele. As que haviam frequentado a escola primária com ele ficavam pasmadas a olhá-lo num misto de admiração e atração. Tess podia ver isso: ele tinha também o carisma do seu pai, a característica indefinível que fazia com que as mulheres olhassem sempre para ele.

Nos últimos dois meses, à quinta-feira à noite, ele levava os caixotes do lixo para o portão, para a recolha de sexta de manhã, tentando substituir Kevin. De cada vez que o fazia, Tess combatia as emoções de orgulho e tristeza.

Enorme orgulho por ele se comportar como o homem da casa e tristeza por isso ser necessário.

Silkie latia no *hall* de entrada, no andar de baixo, ansiosa pela sua próxima saída à rua – conhecia o seu itinerário diário tão bem quanto Tess, que agarrou no cesto de roupa suja de Zach e desceu lentamente. *Silkie* estava especada ao fundo das escadas com um ar desolado.

– Vou pôr a máquina a lavar e já vamos.

Tess ia a pé para o trabalho todos os dias, fizesse chuva ou fizesse sol. Partia com *Silkie* da casa nas Varandas de Rathmore, passavam pelo jardim onde Tess planeava passar muitas horas mas nunca o fazia e saíam pelo portão branco de madeira.

Silkie puxava rapidamente a trela extensível, espetando o nariz nos postes se algum cão que por lá tivesse passado os houvesse marcado.

– Anda lá – dizia Tess quase todas as manhãs. – Nada de atrasos.

Casa sim, casa não era lar de um dos amigos de *Silkie*, por isso havia latidos exuberantes na casa de *Horace*, um dogue alemão que se empoleirava para a cumprimentar e depois se arrastava para o alpendre para descansar os seus ossos gigantes; um pouco de brincadeira com *Rusty*, um *collie* negro lustroso que adorava jogos e a quem era preciso exigir que não as seguisse; alguns ternos beijos caninos com *Bernie* e *Ben*, dois gémeos *cockapoo* que conseguiam desfazer qualquer caixote do lixo da vizinhança em minutos e provocar o caos quando estavam na casa de férias dos donos.

Quando *Silkie* e Tess chegavam ao fundo da sua rua e viravam colina abaixo para a via que conduzia ao centro, ela já ia ofegante de felicidade canina.

A paragem seguinte era em St Ethelred, a mais antiga igreja presbiteriana do país, onde autocarros de turismo paravam para os turistas tirarem fotografias do edifício do século XII, os túmulos sarapintados de musgo e pequenas lápides rachadas. O cemitério era vigiado por três enormes carvalhos, que tinham pelo menos, segundo o jardineiro local, duzentos anos. Àquela hora da manhã, a grande porta de madeira por baixo do alpendre em arco estava trancada. O pároco apareceria às dez para abrir, seguido por Mrs. Farquarhar-White, em grande alvoroço, que vinha polir coisas.

Nas manhãs soalheiras e mornas, Tess tirava algum tempo para passear um pouco com *Silkie* na propriedade, bebendo da serenidade que habitava aquele espaço sagrado. Naquele dia, porém, uma brisa que parecia ter vindo diretamente da Sibéria desalinhou o cabelo claro e curto de Tess quando ela estava no portão da igreja, por isso, em vez de entrar, esperou que *Silkie* fungasse no meio das rosas mosqueta à procura de coelhos que se atrevessem a visitar e depois as duas meteram-se de novo ao caminho.

Os carros iam passando por ela, alguns dos condutores acenavam ou sorriam, outros iam demasiado concentrados nas suas rotinas matinais para reparar no que quer que fosse.

Tess era mais feliz quando a época turística começava a declinar e os locais recuperavam a sua vila. Com o fim das férias escolares, os parques de caravanas estavam quase vazios e Avalon começava a assentar de novo na sua rotina calma e descontraída que continuaria pelo outono e inverno adentro.

Não que tivesse algo contra os visitantes de verão – estes mantinham a atividade da vila e

providenciavam alguma animação para os adolescentes. Cabana-Land – a que costumavam chamar O Parque quando ela era nova – tivera sempre uma boa reputação como sítio de festas. Lembrava-se de como, no início dos anos oitenta, desejava ficar na rua até tarde, no Parque, tal como a irmã mais velha. Suki nunca ligara aos limites de horário impostos pelo seu pai. Nas noites de verão, vestia as calças de ganga coçadas e pintadas com *spray*, descia pelo algeroz e escapulia-se com as sandálias na mão enquanto avisava a irmã num sussurro:

– Se lhe disseres alguma coisa, mato-te. – E Tess, preocupada, via-a desparecer através da janela do quarto.

Suki era sete anos mais velha que Tess e nessa altura eram completamente diferentes. Suki detestava trabalhos de casa, mostrava-se ligeiramente despreocupada quando se metia em sarilhos na escola e quando chegou à adolescência dominava a arte de abanar as ancas de forma que os homens não conseguiam tirar-lhe os olhos de cima quando ela andava por Avalon. Era mais alta que Tess, com o mesmo cabelo loiro e o biquinho de viúva, herdado da mãe há muito falecida, e lábios volumosos que usava para fazer beicinho cuidadosamente praticado.

Tess, pelo seu lado, nunca se atrasava nos trabalhos de casa, angustiava-se sobre se teria uma excelente nota no teste de história e nunca se metia em confusões em casa ou na escola.

Era a versão pálida da irmã, a discrição em pessoa, com cabelo loiro-arruivado e uma fragilidade que a tornaria perfeita nas aulas de balé – se alguma vez as pudessem pagar.

No entanto, a maior diferença entre as irmãs era que Tess adorava viver em Avalon enquanto Suki estava impaciente para sair de lá. Ansiava por viver num sítio exótico, não tendo conseguido perceber aquilo que Tess compreendera já em criança: que para os visitantes que vinham de sítios distantes, Avalon era exótica. Os habitantes de grandes cidades ficavam encantados com a tortuosa rua principal com a sua profusão de lojas de lembranças, cafés e um único talho. Os turistas estrangeiros achavam que a cruz de pedra na praça central da vila, com a sua bica de água e um cavalo de pedra, era adorável, bem como os velhos agricultores encanecidos como Joe McCreddin ao saírem do posto dos correios nas suas roupas de trabalho, gorro de tecido puído e calças presas com uma corda torcida, como se tivessem sido enviados da agência de figurantes apenas para o seu entretenimento.

E todos adoravam a Something Old, a loja de antiguidades e curiosidades que Tess administrava havia dezassete anos.

Tess sabia que o seu negócio tinha sobrevivido durante todo aquele tempo porque ela compreendia a sua clientela. Conhecia a dor de ter de vender preciosidades herdadas porque o dinheiro não chegava.

– A minha família possuía uma grande e velha casa cheia das mais gloriosas antiguidades – costumava dizer – e nunca tivemos um tostão. Quando tinha dez anos, já o meu pai vendera quase tudo o que tinha algum valor, incluindo livros antigos, mobília e pratas com quase duzentos anos.

Zach também dava uma ajuda. Desde bebé que a mãe o levava no carro, na sua cadeira, quando visitava clientes para comprar antiguidades. Tornava o processo menos doloroso a quem tinha de se separar das suas heranças ao ver chegar um bebé de grandes olhos redondos a

sobressair numa carinha rechonchuda. As pessoas gostavam de o admirar.

Tess e Zach eram convidados a tomar chá, acompanhado de bolo caseiro e depois até velhos senhores de modos rígidos se suavizavam e revelavam como detestavam vender o aparador ou uma jarra que o bisavô trouxera da Índia, mas não tinham outra opção.

O sucesso de Tess também se devia muito à sua bondade inata e sentido de justiça.

– Nunca enriquecerá a vender uma jarra *Ming* depois de a ter comprado por vinte libras – comentara uma senhora, encantada por descobrir que o seu jogo de porcelana era afinal um antigo *Wedgewood* intacto que valia, pelo menos, o quíntuplo do que ela pensava.

– Dinheiro ganho dessa forma não traz sorte nem felicidade – respondera Tess. – Não dormiria se tivesse aldrabado alguém por causa de uma peça valiosa.

Como sempre, Tess sentiu um brilho de orgulho pela sua vila enquanto virava para a rua principal. Alguns visitantes que paravam para admirar as montras singulares e exteriores tinham noção da transformação que a vila sofrera desde há dez anos e do esforço feito pelos comerciantes locais para a concretizar. Na origem dessa transformação estivera a construção de uma via rodoviária que desviava o trânsito que passava na vila no percurso para Wexford. Belle, a presidente da Câmara na altura e dona do Avalon Hotel e Spa, convocara uma reunião de munícipes para tomar medidas e os comerciantes foram forçados a melhorar os serviços e a oferta.

– Os parques de caravanas na praia não são suficientes – avisou. – Temos de renovar esta vila, personalizá-la, pô-la no mapa ou ficamos todos sem negócio.

Dessie Lynch, proprietário do Dessie's Bar e Lounge (*Venha para o pequeno-almoço e fique todo o dia),* discordou.

– O bar está na maior – vociferou. – Estou a fazer uma fortuna.

– Pessoas a beber as suas tristezas – vociferou Belle com um olhar feroz. – Quando todas destruírem as suas vidas e estiverem em casa a tratar o seu alcoolismo, também ficarás sem negócio.

Galvanizados pela sua determinada presidente, os comerciantes locais lançaram-se na requalificação da vila; as fachadas das lojas foram pintadas e foi acordado um tema unificador. Avalon seria restaurada para se parecer com a vila vitoriana que em tempos fora. A loja de batatas fritas abdicou, relutantemente, do seu reclame em néon vermelho e fazia agora o dobro do negócio a vender o tradicional peixe com batatas fritas embrulhado em jornal. Espremeram-se os fundos camarários para limpar a cruz e o cavalo de pedra envolvente. A fonte da bica foi reparada e pintada e um grupo de habitantes voluntariou-se para arrancar as silvas que cresciam à volta da abadia e no cemitério mesmo ao cimo da vila por forma a que também eles se transformassem numa atração turística. O dinheiro não chegara para pagar uma pesquisa sobre a história da abadia, nem para imprimir guias ou colocar placas informativas pormenorizadas, mas conseguiram-se fazer folhetos ilustrados sobre St Ethelred.

O resultado foi um aumento na atividade económica da vila e um segundo mandato para Belle.

Ao chegar à porta do minimercado Dillon's, Tess atou a trela de *Silkie* aos ferros junto da floreira. A cadela adotou imediatamente a expressão resignada que sempre punha nestas

ocasiões: *Cão Abandonado em Sofrimento* seria o título do quadro se alguém a pintasse. É claro que Tess sabia que não era possível os cães aumentarem o tamanho dos olhos, mas *Silkie* fazia uma excelente imitação: dois lagos enormes de tristeza que ocupavam todo o seu claro e estreito focinho.

Lá dentro, Tess agarrou no jornal e num pacote de leite. Acenou com a cabeça a alguns dos outros clientes num cumprimento e depois dirigiu-se ao balcão que Seanie Dillon dirigia.

– Grande manhã, não é Tess? – disse ele.

Seanie tinha sempre uma palavra para toda a gente, mas compreendia quando alguém estava com pressa para ir abrir a sua própria loja. Conseguia enaltecer a vila junto dos turistas interessados, narrando-lhes a história do nevão gigantesco que se abatera sobre St Ethelred, em que muitas pessoas haviam ficado presas na sua loja durante a noite e que até tinham feito todos uma festa com frango assado, pão cozido nas próprias instalações e um *cocktail* de emergência feito com vinho, sumo de mirtilo e algumas ginjas fora de prazo.

– Um dia lindo – respondeu Tess. – Suave, como o meu pai gostava de dizer.

– Ah, o seu pai, um grande homem – suspirou Seanie.

Tess recolheu o seu troco e interrogou-se porque teria mencionado o pai. Havia sonhado com ele na noite anterior; o mesmo sonho que tinha sempre com ele, no terraço da antiga casa com os binóculos apontados para os bosques, a observar pássaros.

– Ia jurar que vi um falcão há pouco – diria entusiasmado. Era um apaixonado por todos os pássaros, em especial por aves de rapina, o que era surpreendente, dado ser a mais gentil e meiga pessoa que ela alguma vez conhecera.

Acima de tudo, interessava-se por política, arte, seres humanos. Teria adorado a Something Old, mesmo que tivesse detestado ver a filha trabalhar tão duramente e ainda assim não conseguir realizar dinheiro suficiente no negócio. Também teria gostado de Kevin e, se fosse vivo, nunca a teria deixado considerar sequer a separação experimental.

Com o leite comprado, Tess e *Silkie* percorreram os últimos metros até à sua loja pela praça Church Street. Acenou a Mrs. Byrne e a Mrs. Lombardy, que andavam a fazer as compras da manhã, um acontecimento que a Tess parecia sempre um patrulhamento da área, uma vez que os olhos das duas senhoras inspecionavam tudo e todos ao pormenor. Se um pouco de tinta estivesse lascado numa floreira da praça, elas iriam a correr ao hotel dar conta da situação a Belle.

No que a Tess dizia respeito, o único aspeto negativo de viver numa comunidade tão pequena é que era difícil ter segredos. Desde que se tinha separado de Kevin, contara a história verdadeira a algumas pessoas em quem confiava na esperança que isso travasse alguns rumores. Mas quem saberia? Essa era questão. Já teriam Mrs. Byrne e Mrs. Lombardy percebido o que se passava? Possivelmente não, decidiu Tess. Se não teriam parado para a consolar e tentar sacar mais alguma informação.

Sorriu com a ideia. Era feliz em Avalon. A impaciência do viajante não era para ela. Não como a de Suki, isso era garantido.

A Something Old ocupava metade de baixo de uma antiga padaria. No andar de cima ficava um salão de beleza e o aroma maravilhoso dos tratamentos relaxantes de aromaterapia descia

frequentemente até ao andar de baixo. A loja ocupava as duas salas grandes com uma janela em arco à frente e uma pequena sala de armazenamento na parte de trás, juntamente com a *kitchenette*, a casa de banho e um recanto onde guardava coisas velhas que não tinham valor comercial mas das quais não se conseguia separar.

Assim que entraram, *Silkie* encaminhou-se para a sua cama atrás do balcão. Depois dos seus dois passeios, dormiria, satisfeita, toda a manhã. Tess dirigiu-se à *kitchenette* onde pôs água a ferver para a sua segunda chávena de café.

Tess adorava a loja. Nem todos entendiam essa adoração. Para alguns, podia parecer a mais louca coleção de coisas velhas em exposição. Mas, para os conhecedores de antiguidades e para os que suspiravam de alegria quando encontravam quatro pequenas e estranhas colheres de missionário atadas com uma fita ou uma delicada chávena com pires de porcelana tão fina que deixava transparecer a luz, a Something Old representava um valioso tesouro.

A manhã passava rápida, a ouvir a rádio enquanto abria uma caixa de artigos comprados num lote num leilão. Tess tinha encontrado algumas pérolas desta forma; peças que ninguém tinha percebido serem valiosas no meio da confusão louca da venda. Algumas precisavam de trabalho de restauro para voltarem à sua glória anterior. Era o caso das bugigangas de prata que eram consideradas inutilidades sem graça até ela as polir e atingirem um brilho lustroso, ou as peças de filigrana atiradas descuidadamente para o fundo de uma caixa que podiam ser cuidadosamente limpas com cotonetes e pasta de dentes, para revelar a beleza da marcassita ou o negro brilhante de azeviche.

Naquele dia, Tess tinha duas caixas para abrir, uma série de sacos de um leilão recente e, enquanto as ia juntando, reparou que havia uma luz vermelha a brilhar no atendedor de chamadas.

Às vezes, ligavam pessoas a perguntar se podiam trazer alguma velharia para ela avaliar, ou a informar que tinham antiguidades para vender e a perguntar se ela estaria interessada em vê-las.

A voz no atendedor de chamadas dizia-lhe que a mensagem tinha sido deixada na noite anterior, às nove. «Boa noite, o meu nome é Carmen, estou a trabalhar com Redmond Suarez numa biografia da família Richardson dos Estados Unidos, e estou a tentar contactar Therese Power ou…» A voz hesitou. «Therese de Paor. Desculpe, não sei como pronunciá-lo. Estamos à procura de relações com Suki Richardson. Se puder ajudar, por favor, ligue para este número e nós ligar-lhe-emos imediatamente. Obrigada.»

Tess ficou petrificada por um momento. Todos os instintos no seu corpo lhe gritavam que havia algo de muito, muito preocupante nesta mensagem.

Se Suki soubesse de alguém que trabalhava num livro sobre os Richardson, a abastada família política do homem com quem Suki tinha casado, teria contado a Tess. Os Richardson eram gente poderosa e, se alguém quisesse falar com qualquer pessoa relacionada com a família, teria chegado uma nota no seu fabuloso papel creme, possivelmente até um telefonema da própria Antoinette – não que Tess tivesse tido algum contacto com os Richardson desde o divórcio de Suki. Mas ela tinha a certeza de que, se alguém andava a vasculhar no passado, eles teriam entrado em contacto, pedindo-lhe altivamente para não cooperar. Essa era a forma

como faziam as coisas: uma ordem com modos de realeza.

Mas não tinha acontecido nada disso. Nenhuma correspondência dos Richardson, nem nenhuma menção de Suki quanto ao assunto.

Não, algo estranho estava a acontecer.

2

Suki Richardson encontrava-se numa ala da Kirkenfeld Academy e interrogava-se sobre a razão por que teria concordado em deslocar-se àquele sítio no meio de nada com aquele temporal.

Como em muitas das universidades onde era convidada a falar, os radiadores eram antigos e fazia um frio de rachar. Após anos a fazer discursos em átrios ventosos, Suki sabia que uma camada extra de roupa fazia toda a diferença e por isso, naquela noite, por debaixo do seu fato púrpura, vestia uma camisola térmica preta.

– Onde começa a sua ideia de palestra? – perguntara uma jovem estudante, provavelmente na esperança de ganhar vantagem sobre os alunos do segundo ano colocando uma questão direta a Suki, autora do manifesto feminista do seu curso de Estudos sobre as Mulheres. – Já desenvolveu a ideia nalgum livro ou é algo novo?

Suki sorrira e tivera vontade de dizer a verdade: «Começa com o telefonema a informar-me sobre quanto me pagarão. E a seguir vem a ideia da última conta que tenho para pagar.»

– É uma ideia que eu gostaria de explorar mais – respondeu à estudante com uma voz rouca e endurecida por anos a fumar. Não podia dizer a verdade: que os seus dias a ganhar dinheiro na televisão e a vender livros tinham acabado; que desde Jethro estava falida; que o banco continuava a enviar-lhe cartas ameaçadoras.

A vida tinha completado um ciclo: estava pobre. Tal como estivera há muitos anos, quando crescia no mausoléu De Paor em Avalon e era a miúda com as roupas sempre usadas e as sanduíches de geleia para o almoço na escola.

Suki tremeu. Odiava ser pobre.

A apresentadora no púlpito tossiu para o microfone e começou:

– A nossa próxima oradora não precisa de apresentações…

Debaixo das camadas de base cuidadosamente aplicadas, Suki concedeu um pequeno sorriso. Porque começavam as pessoas com aquela frase e, inevitavelmente, continuavam com uma apresentação?

Apesar de tudo, gostava das apresentações. Ouvir os seus talentos serem enumerados em voz alta levava-a a sentir-se menos fracassada. A litania de coisas que tinha alcançado fazia parecer que fizera algo grandioso na sua vida.

– … aos vinte e quatro casou com Kyle Richardson IV, futuro embaixador dos Estados Unidos em Itália…

Pobre Kyle, não fazia a menor ideia daquilo em que estava a meter-se. O pai sim, lembrou-se ela. Kyle Richardson III tinha percebido logo que Kyle IV não tinha unhas para tocar aquela guitarra, mas por essa altura já o noivado aparecera nos jornais de Washington e eles haviam jantado em casa de Katharine Graham, por isso era acordo fechado. Os Richardson eram

republicanos ferozes, guerreiros políticos empedernidos e muito ricos. Muitas mulheres tinham pairado à volta de Kyle IV, ou Júnior, como o pai gostava de lhe chamar, que herdaria uma soma imensa de dinheiro, a empresa – a maior construtora de armas de combate nos EUA – e, possivelmente, o lugar do pai no Senado. Era assim que se faziam as coisas.

–… a *enfant terrible* da política fez a sua estreia literária com o polémico livro *As Mulheres e as Suas Guerras* quando tinha vinte e nove anos…

As críticas tinham sido fabulosas. O facto de ser bonita ajudara. Como sublinhara Eric Gold, seu então editor: «Mulheres bonitas que escrevem manifestos feministas recebem muito mais publicidade do que as normais. As pessoas assumem que mulheres menos atrativas se tornam feministas porque são amargas devido à sua falta de feminilidade. E quando alguém como tu, deslumbrante, fala em nome da irmandade, ficam intrigadas.»

Ninguém podia acusar Suki Richardson, com os seus volumosos lábios cor de cereja, cabelo loiro e uma silhueta qua parecia acabada de sair da capa de uma revista de modelos, de se sentir amarga relativamente à sua feminilidade.

– … ela era uma das mais respeitadas feministas da sua geração…

O que queria dizer – *era* e *da sua geração*? Aquilo colocava-a no grupo etário de uma série de membros grisalhos, e de axilas peludas, da irmandade que também haviam escrito antes de caírem na obscuridade.

Suki tinha mais expetativas, uma vez que *As Mulheres e as Suas Guerras* estava na origem do curso de Estudos sobre as Mulheres em Kirkenfeld College.

Porém, ao dar-se conta que a reitora da universidade estava a olhar para ela, Suki forçou-se a sorrir de novo. Aquele maldito livro tinha sido publicado havia anos; ela escrevera mais três desde aí e, no entanto, toda a gente falava apenas de *As Mulheres e as Suas Guerras.* Isso e o seu casamento com Kyle Richardson, os seus anos com Jethro e o facto de que era bonita.

Quão irónico era que, apesar de todas as suas credenciais feministas, ela parecia estar condenada a ser definida pelas mesmas coisas contra as quais lutava: os seus homens e o seu aspeto.

Claro que não ajudava nada que os seus dois últimos livros tivessem sido um espetacular fracasso. Promovera o último por todo o lado e mesmo assim ninguém o comprara, apesar das suas intermináveis entrevistas na rádio onde era exaustivamente questionada acerca dos Richardson e de como eles era *realmente.*

Pelo menos, as pessoas ainda queriam ouvir o que Suki tinha a dizer, particularmente quando ela chegava ao seu assunto preferido sobre mulheres e crianças: *O que é este disparate sobre relógios biológicos? São as mulheres mais novas que devem ter os filhos, não as mais velhas. Se há algo que detesto é ouvir dizer que uma qualquer estrela de cinema chegou aos cinquenta, apercebeu-se de que ainda não tinha filhos e entra no jogo da roleta com inseminações artificiais até ficar grávida. Os miúdos precisam de mães jovens que possam rebolar-se com eles no chão e brincar. Não de mães mais velhas…*

Todavia, parecia que as diatribes de Suki Richardson tinham perdido o interesse. Em tempos passados, o público sintonizava canais na esperança de que ela atacasse algum convidado do programa que se atrevesse a questioná-la ou algum colega de painel que não partilhasse a sua

visão. Os produtores costumavam considerá-la dinamite televisivo. Mas não agora. Tinha-se tornado invisível desde a sua relação com Jethro. A isso juntava-se o facto de os livros dela não terem sido reeditados, à exceção de *As Mulheres e as Suas Guerras*, que só estava disponível em livrarias universitárias específicas, e tudo se somava numa equação: penúria.

A vida a que se habituara com Jethro era muito dispendiosa: tinha tomado o gosto por roupas de estilistas e restaurantes caros. Para além disso, o Dr. Frederik custava uma tremenda fortuna: cirurgia plástica invisível, última moda, não era nada barata. Não que um esticão aqui e um pequeno retoque de botox ali não se coadunassem com o feminismo, mas os seus fãs podiam pensar de outra maneira. Era impensável que viesse a público que Suki Richardson recorrera a Sculptra para parecer mais nova. Nunca depois de ter declarado publicamente que *as mulheres devem parar de tentar travar os anos! As rugas são a prova de que vivemos!*

Infelizmente, ela tinha adquirido demasiadas provas de que vivera. Aos quarenta e oito anos parecia ter mais que a sua quota-parte de rugas. Quem podia saber que fumar provocava todas aquelas linhas à volta da boca?

E provavelmente até já tinha contribuído para um novo conjunto de rugas na testa após o telefonema de Eric Gold.

Eric fora sempre sincero com ela. Desejava que ainda fossem amigos, porque era uma das poucas pessoas em quem ainda confiava para lhe dizer a verdade, mesmo quando era dolorosa.

– Recebi uma carta de um tipo que está a escrever um livro sobre os Richardson a pedir uma entrevista.

– Si... im – gaguejou Suki.

Tinha usufruído de uma tarde simpática, a relaxar na sua acolhedora casa em Falmouth, estendida no sofá a ver televisão.

– Está particularmente interessado em ti. Acha que tu és *misteriosa.* Palavras dele, não minhas.

Suki levantara-se para atender o telefone: agora procurava uma cadeira para se sentar.

– Ainda estás aí?

– Estou aqui, Eric.

– Bem, respondi que tinha de ter primeiro a tua autorização, se queria que eu falasse contigo. Sou o teu editor, o livro ainda está a ser impresso, por isso fazemos negócio juntos.

Em tempos, Eric teria dito *sou teu amigo*, mas agora já não usava esses termos. Não que tivesse alguma importância; não havia tempo para pensar em velhas amizades destruídas quando andava alguém por aí com intenção de a colocar numa biografia.

Ou autobiografia, talvez?

– Está a escrever com o Kyle? – perguntou esperançosa.

Se assim fosse, tudo estaria bem. Complicado, mas bem. Kyle não quereria agitar águas, por isso manteria a versão oficial do divórcio: *Nós éramos apenas duas pessoas muito diferentes que se casaram muito cedo. Temos o maior afeto um pelo outro mesmo depois de todos estes anos.*

Havia muitas fotos bonitas do seu casamento para ilustrar um álbum. Faziam um casal fotogénico. Suki adaptara um pouco o seu guarda-roupa numa tentativa de estar em sintonia

com o clã Richardson, mas em vão, como pôde comprovar-se. Ninguém poderia ter impressionado Antoinette, mãe de Júnior, a rainha de gelo.

– Não – A voz melosa de Eric interrompeu a sua fantasia. – É um livro do Redmond Suarez.

Suki quase deixou cair o telefone mas conseguiu manter-se calma. Suarez era o tipo de biógrafo não oficial que fazia tremer qualquer biografado. O seu trabalho nunca era autorizado – ninguém autorizaria as coisas que ele escrevia. Conseguia invariavelmente desencantar *qualquer coisa,* todos os pequenos segredos que uma pessoa desejava que se mantivessem escondidos. Se ele andava a vasculhar no meio da família Richardson, então todos andariam a tremer de medo. Ela não era exceção.

– Oh, meu Deus – agitou-se ela.

– Pois é – concordou Eric. – Acredito que não são boas notícias para ninguém.

– Sabes bem que não… – retorquiu em desespero.

– Sim, sei. Ele diz que agora está a fazer pesquisa para escrever no próximo ano com a intenção de publicar no outono.

– Quase um ano de pesquisa – exalou Suki.

Imagine-se o que ele poderia descobrir num ano! Suki detestava investigações. Esse era um dos obstáculos no meio do livro novo. Isso e o facto de tudo estar dependente dele.

– Vou pedir à minha assistente para fotocopiar a carta e enviar-ta – disse Eric. – Não vou cooperar, mas podes apostar em como outras pessoas o farão, Suki.

– Tenho a certeza que sim – respondeu ela triste. – Obrigada por me teres avisado. Como está a…?

Demasiado tarde, apercebera-se de que se tinha esquecido do nome da mulher dele.

– Keren – disse ele de forma simpática –, está ótima. Tchau.

Suki estremeceu enquanto pousava o telefone. Eric era um dos que tinha queimado durante os anos com Jethro. Tinha parecido tão divertido na altura: viver a vida fantástica das digressões, nunca devolver chamadas, andar demasiado pedrada para se preocupar com velhos amigos. Por sua vez, os velhos amigos continuaram com as suas vidas.

Suki só se deu conta de que Eric não perguntara sequer como estava ou se era feliz depois de ter desligado o telefone. Ao menos, *ela* tinha feito o esforço, ainda que não se lembrasse do nome da maldita mulher dele.

Tess, a sua irmã, conseguia manter amizades para sempre. Mantivera contacto com os seus colegas de escola, ia jantar com eles e conversavam civilizadamente sobre a vida. Suki não conseguiria reconhecer nenhum dos seus colegas num alinhamento da polícia. Era uma nulidade com as antigas amizades. Sempre tinha sido.

De repente, deu-se conta do som de palmas. A sua apresentação terminara. Era altura de se levantar e interpretar a sua personagem, a de Suki que tinha travado a luta feminista, não a de Suki cheia de medo.

Suki optou por não jantar com o corpo docente quando alguém sugeriu um restaurante de comida vegetariana da vila que servia vinho biológico de baixo teor alcoólico. Era só o que lhe

faltava! Que se lixassem os vegans e as suas mães. Ela queria uma massa com molho de natas ou um bife grelhado, muito obrigada.

Além do mais, apostava que pediriam um copo do miserável vinho biológico para cada um. Ninguém bebia mais nada. Duas bebidas e já estariam a dar conselhos sobre desintoxicação e ela estava farta disso até às orelhas.

De regresso ao pequeno e horrível hotel que a universidade lhe tinha reservado, despiu o constrangedor fato de calças e casaco com lapelas de cetim e pendurou-o no roupeiro. O seu traje de palestras assustava os homens; talvez porque a cor púrpura fosse uma cor tão *sexual*.

– Odeio o maldito fato púrpura – dissera Mick quando ela ia a sair de casa para apanhar o comboio para Kirkenfeld.

Estava encostado à ombreira da porta do quarto, ainda com a *T-shirt* com que dormira. Tinha apenas vestido umas calças de ganga e calçado umas botas, como fazia na maior parte dos dias. Mesmo com um aspeto tão desleixado, era incrivelmente atraente: parte irlandês, parte italiano, parte outra coisa qualquer, com intensos olhos azuis e cabelo negro-azeviche. A banda dele não dera nenhum concerto no último mês, por isso passava muito tempo sentado no alpendre, a fumar erva e a mexer no portátil dela.

– Novas ideias para músicas, querida – disse-lhe quando ela tentou perguntar o que estava a fazer.

Ela não acreditou.

Estavam falidos e no entanto ela não podia pedir-lhe para arranjar um emprego normal. Não seria justo: ele não era esse tipo de pessoa.

– A música é uma vocação, miúda – diria ele. – Eu não sou tipo para um emprego das nove às cinco como os gajos normais. Preciso da musa inspiradora.

Não, não valia a pena depender de Mick, pensou Suki enquanto vestia as suas calças de algodão castanhas. Teria de resolver o problema da falta de dinheiro sozinha.

Primeiro, porém, precisava de uma bebida. Fechou o roupeiro e foi verificar o minibar. Estava totalmente vazio.

Se desejar o minibar cheio, telefone, por favor, dizia uma melancólica nota na prateleira de cima. Raios, claro que queria o bar cheio. Uma bebida poderia ajudá-la a descontrair.

Encomendou uma vodca dupla e uma água tónica através do serviço de quartos. Jantaria no restaurante do hotel, beberia vinho e depois, se tudo corresse bem, dormiria. Desde que conseguisse tirar o maldito do livro do Suarez da cabeça.

Subitamente, até uma noite aborrecida com os vegans lhe parecia melhor do que outra noite sozinha cheia de preocupações.

Abriu a mala – nunca desfazia a mala; para quê, se era só por uma noite? –, começou a revolver as coisas à procura do camisolão de lã dourada que tinha pensado vestir no dia seguinte de regresso a casa. Com o camisolão e as calças de algodão castanhas condizia melhor com aquela espelunca de hotel.

Uma empregada jovem e baixa trouxe-lhe a bebida.

– Obrigada – agradeceu Suki, à porta, e rabiscou o seu nome e uma grande gorjeta no espaço indicado para o efeito, antes de retirar a vodca e a água tónica da bandeja que a rapariga

segurava. Dava sempre boas gorjetas, por muito falida que estivesse. Havia trabalhado como empregada vezes suficientes para poder compreender a necessidade delas. A faculdade podia pagar a gorjeta da sua bebida não biológica.

Adicionou metade da água tónica e terminou a bebida em cinco minutos. À medida que a grande dose de *Stolichnaya*, a sua preferida, foi fazendo efeito, começou finalmente a sentir-se mais relaxada. A palestra correra bem, a assistência gostara. Ela ainda tinha *aquela coisa* – porque é que já ninguém se apercebia disso?

Quando Suki entrou no restaurante pacato do hotel, as pessoas começaram a olhar. Olhavam sempre. Era ultraloira desde que começara a usar a sua semanada para aclarar ainda mais a sua cor clara natural. Agora, aos quarenta e oito anos o cabelo chegava-lhe aos ombros numa colagem entrançada de loiros cor de mel. A sua pele também era dourada dos resquícios do bronzeado de verão e dos passeios diários pela praia. As maçãs do rosto e os lábios carnudos haviam sido um canto de sereia para os homens de Avalon tantos anos atrás, mas ainda estavam em boa forma. Se alguém olhasse de perto, observaria o ligeiro enrugado dos seus olhos, mas ela não queria que ninguém olhasse de perto. A camisola de lã dourada pendia sensualmente de um ombro suave e bronzeado. Parecia sempre que a roupa que vestia estava presa ao seu corpo por apenas um fragmento de tempo, como se pudesse cair a qualquer instante.

– És a encarnação do sexo, querida – dissera Jethro, surpreendido, na primeira noite em que a vira, na sala verde do programa de televisão onde apareciam os dois.

«Tu também», pensou Suki, mas não o verbalizou. Afinal de contas, ela tinha sido convidada para ir ao programa falar sobre o tratamento que a banda de *rock* dele dava às mulheres nos seus vídeos.

E depois de o desancar no ecrã, incapaz de deixar de olhar fixamente, ansiosa, para ele durante todo o tempo, ele puxara-a para o seu camarim. Foi o melhor sexo da vida de Suki, o melhor. Depois disso, havia sempre drogas, mas, nessa primeira vez, era só ela e Jethro, puro e duro.

Mick tinha uns ciúmes doidos dos dois anos que ela passara com Jethro, ainda que já tivessem decorrido quatro desde que se haviam separado. Suki compreendia esse ciúme. Michelangelo O'Neill tocava numa banda de *rock* desconhecida que nunca fizera sucesso, enquanto Jethro era membro dos TradeWind, uma das mais famosas bandas dos anos oitenta e noventa. Os TradeWind atuavam em estádios e em Madison Square Gardens e a MTV estava sempre a passá-los nos seus melhores anos.

Mick e os Survivors tinham perdido o trabalho de músicos residentes do bar Clambake por causa da recessão, independentemente do que os tipos de Washington afirmassem.

Os efeitos da vodca diziam-lhe que precisava de outra bebida e algo com hidratos de carbono para o jantar.

– Mesa para uma pessoa – disse à empregada na receção, ignorando o homem que estava de serviço. Apesar da sua aparente sexualidade, Suki Richardson tinha passado muito da sua vida a ser cautelosa em relação aos homens.

Já sentada à mesa, Suki pôs os óculos, pegou num romance, num bloco de notas e numa

caneta – era menos provável que os homens incomodassem mulheres com um bloco de notas e uma caneta – e decidiu-se a tentar procurar uma solução para os seus problemas.

Entre a entrada de massa, um bife tão mal passado que um bom veterinário teria conseguido ressuscitar o animal, e a terrível ainda que deliciosa mistura da tarte de banana com chocolate e caramelo deu o melhor para encontrar uma saída.

Podia sujeitar-se à piedade de Suarez: *Não escreva sobre mim, era tão nova, não sabia o que estava a fazer. Posso contar-lhe tudo o resto acerca dos Richardson…*

Não, provavelmente não resultaria. Lera o seu livro sobre Jackie Kennedy, o livro sobre Nancy Reagan e a série sobre os Bush. Ele teria muitas pessoas no meio dispostas a contar-lhe tudo o que havia para saber sobre Suki Power. E, se revelasse coisas sobre os Richardson, eles descobririam e arrastariam o seu nome pela lama.

Encontrar-se com ele e contar-lhe a verdade…? Bem, parte dela. Deus a livrasse se ela contasse toda a verdade. Só Tess sabia…

Tess. Nesse instante, Suki percebeu que nenhum controlo e danos do mundo resolveria o que fosse se Suarez chegasse a Tess.

Não que a irmã dissesse algo. Tess era leal até ao fim. Não, Tess não falaria: mas era ingénua. Se alguém como Suarez aparecesse em Avalon, conseguiria arrancar-lhe a verdade.

O delicioso jantar de Suki começou a agitar-se-lhe no estômago. Não havia outra forma: teria de ir a casa. Teria de regressar a Avalon.

Mas não já.

Não tinha dinheiro e Mick andava tão em baixo por a banda não ter onde tocar que não podia ir-se embora e deixá-lo por muito que às vezes quisesse escapar. A tristeza dele sugava-lhe a energia, enchia a casa de infelicidade e apatia.

Não, telefonaria a Tess e falaria com ela. A irmã compreenderia. Podiam ser como água e azeite, mas estavam no mesmo comprimento de onda.

Conversaria com a irmã, descobriria o que sabia aquele maldito Suarez e partiria daí. Não suportaria que a sua vida entrasse em queda livre outra vez. Simplesmente não suportaria.

3

Nunca devia ter vindo. *Porque* viera?

No salão de baile de um pequeno e bonito castelo nos arredores de Kildare, Mara Wilson permanecia atrás de um pilar e perguntava-se se não seria tarde de mais para se esgueirar dali para fora. Podia fingir uma enxaqueca. Subitamente indisposta com uma intoxicação alimentar. Uma ferida na perna que podia revelar-se fatal…

– Mara, querida! Vem cá!

A mãe de Jack agarrou-a num abraço e Mara percebeu que o momento para escapar ao casamento do amor da sua vida estava perdido.

Esplendorosa de rosa-cereja com o que parecia metade da plumagem de um flamingo preso na cabeça, a mãe de Jack, Sissy, chorava e ria ao mesmo tempo enquanto despejava os seus afetos em Mara.

– Há tanto tempo que não te víamos e temos tantas saudades tuas. Oh, lembras-te de quanto nos divertimos naquele Natal. És fabulosa por teres vindo hoje, uma num milhão, foi o que disse ao Jack: «A Mara é uma num milhão.»

Infelizmente, pensou Mara, sorrindo entre dentes, Jack Taylor tinha decidido que não queria casar com a única num milhão. Escolhera outra. Tawhnee, de longas pernas, longo cabelo negro e pele morena que ficava fabulosa de branco virginal. Mara mantivera-se discretamente no fundo da igreja durante a cerimónia, na ala lateral, para não ficar no campo de visão dos noivos quando eles fizessem a saída triunfal do altar. Mas, mesmo nesse sítio e com uma mulher de chapéu do tamanho de uma roda de automóvel, tinha conseguido ver a sua rival e o homem que amara.

Jack parecia… bem, Jack. Bonito, desonesto, um pedaço de homem com um sorriso malandro na cara e o cabelo claro cortado de forma a exibir o maxilar liso. Tawhnee lembrava uma modelo de catálogo. Pele mestiça reluzente, cortesia da sua mãe brasileira, longo cabelo preto e um sorriso no lindo rosto. Era a noiva perfeita e, enquanto Mara olhava fixamente para ela, apercebeu-se de que tinha acabado: Jack casara com Tawhnee. A alta e elegante Tawhnee, o contrário da baixa e roliça Mara. Ele nunca mais estaria com Mara. Era tarde de mais.

Quando Tawhnee chegara à Kearney Property Associates saída diretamente da universidade, tinha sido destacada para trabalhar com Mara.

– Não a posso passar a nenhum dos homens – confidenciara Jack a Mara ao pequeno-almoço, num dia em que ela tinha ficado em casa dele e estavam a tomar café com torradas antes de se apressarem para ir para o escritório.

– Porque não? – perguntara Mara.

– É demasiado gira. E nova, muito nova – acrescentou Jack rapidamente quando Mara lhe tocou com um dos pés descalços.

– É apenas uma miúda, certo. Vinte e três ou vinte e quatro. Preciso de uma mulher para tomar conta dela. Preciso que tu, minha querida, o faças.

– Minha querida? – Mara saiu da sua cadeira e escorregou para o colo de Jack.

Ele gostava do corpo dela no dele, das suas curvas aninhadas contra a sua dureza.

Acordavam às seis e faziam amor sonolento e preguiçoso. Ela sentia-se adorada e sensual, como um gato que se banha ao sol depois de um dia quente. Jack não a convidava frequentemente para ficar a dormir e nunca a meio da semana, por isso era um verdadeiro mimo.

– Sim, minha querida – disse Jack e beijou-a nos lábios.

– Eu tomo conta dela – anuiu Mara, visualizando uma jovem inocente licenciada que fitaria com admiração a sua nova superiora. Na realidade, era Mara que tinha de olhar para cima para falar com Tawhnee, que tinha no mínimo um metro e oitenta de altura, sem saltos. Ela era um objeto de pecado num vestido e durante os cinco dias em que Mara a acompanhou, não houve um único homem – desde colegas a clientes – que lhe pusesse os olhos em cima sem ficar de boca aberta.

– É uma atração sexual. Atração sexual pura e dura – contou Mara a Cici, sua companheira de casa.

– E? Tu não és propriamente o Corcunda de Notre Dame – ripostou-lhe Cici. – Ela não passa de uma miúda.

– Tu não estás a ver bem. Esta rapariga é fabulosa. Não faço a menor ideia porque quer ela trabalhar para nós. Podia ganhar uma fortuna se fosse dançar para uma discoteca.

– Pode querer fazer dinheiro usando o cérebro – referiu Cici soberbamente. – Estás a pôr-lhe um rótulo. Estive a ler um artigo na net sobre como as mulheres bonitas não são levadas a sério e as outras têm ciúmes delas.

Cici adorava a internet e tinha de ser arrancada da frente do seu portátil a altas horas da noite para ir dormir.

– É verdade. Estou a ser uma vaca – concordou Mara, suspirando. – Vou-me esforçar mais. Não teve de o fazer. Tawhnee foi súbita e misteriosamente desviada para trabalhar com Jack. Ele era diretor de operações. Era pouco habitual que um funcionário tão pouco experiente trabalhasse com Jack, mas como ele próprio dissera:

– Ela precisa de dominar este lado do negócio. Que filme vamos ver esta noite? Escolhe tu. Fomos ver montes de filmes escolhidos por mim. Hoje é a tua vez de escolher.

Em retrospetiva, ela tinha confiado muito. E o «vamos ver um filme» e «jantamos fora» mantiveram os seus receios à distância. O seu namorado estava a ser superatencioso, logo não era possível que andasse desejoso atrás de Tawhnee, ainda que todos os outros homens do escritório o fizessem.

Seria um disparate pensar nisso!

E depois já era tarde de mais.

Mara encontrava-se debaixo da sua secretária, à procura da sua caneta roxa preferida quando

dois dos colegas entraram no gabinete depois de um leilão.

– Maldito sortudo – disse um deles. – Eu não me importava de dançar o tango com a Tawhnee.

– Pois é, o Jack sempre teve sorte com as raparigas. Eu pensava que a Mara o tinha feito assentar, mas um malandro…

– É sempre um malandro – concordou o outro.

– E ela é boa. Uma super *babe*.

– A Mara é querida e muito divertida, mas...

– Não tem o nível da Tawhnee. Também, *quem tem?* Não me entendas mal, a Mara é gira e pode parecer *sexy*, verdade seja dita, mas veste aquelas roupas velhas malucas e é baixa. Basicamente, comparada com a Tawhnee ela é…

– Vulgar. Enquanto a Tawhnee, *pppffff!* É tão boa, uma brasa.

– Iá, é mesmo isso. A Tawhnee é um *Ferrari*, não é, e a Mara…Bem, não é, ou é?

Debaixo da secretária, Mara queria escavar um buraco tão fundo que saísse noutro lado do mundo. Noutro planeta, talvez. Ficou onde estava por alguns momentos, como um animal, gelada de dor. Era difícil compreender o que doía mais. Perceber que Jack andava de facto a enganá-la com Tawhnee ou a constatação de que os homens com quem ela trabalhava, almoçava e fazia piadas a viam como uma rapariga vulgar, ocasionalmente *sexy*, que gostava de roupas velhas malucas. De todas as vezes que ela pensava que se tinha afirmado e transformado com sucesso em algo diferente – algo chique, elegante, estiloso – com as suas fabulosas roupas *vintage*, estava enganada.

Talento, gentileza, rir-se das suas más piadas… não significava nada comparado com ser alta, magra e boa. Ela era vulgar ao lado do *Ferrari* Tawhnee.

Esperou até o telefone tocar para rastejar até ao outro lado de um móvel que estava ali mesmo a jeito para se esconder e fugiu da sala para ir procurar Jack.

Ele estava no seu gabinete, sozinho, de olhos focados no telemóvel a escrever uma mensagem. À porta, Mara fixou o olhar nele e interrogou-se se não teria sido mais do que uma distração para ele, a rapariga enquanto-espero-que-o-*Ferrari*-chegue.

Ele tinha dito que a amava, adorava as suas formas, a sua pequenez; chamava-lhe a sua Vénus de bolso e afirmara que detestava mulheres magrinhas que debicavam alface.

– Tu agarras a vida com as duas mãos – murmurou quando estavam deitados na cama depois de fazerem amor pela primeira vez.

– E como-a! – respondera Mara triunfante, serpenteando sobre o seu corpo para se lhe aninhar no pescoço. Até o ter encontrado nunca tinha conhecido ninguém que partilhasse a sua sensualidade. Eles encaixavam um no outro de tantas formas, mas não tão bem como quando estavam na cama.

Pela primeira vez na vida, Mara Wilson tinha conhecido um homem qua a amava como ela era – com os loucos caracóis vermelhos, e uma ainda mais louca noção de vestir e um corpo de ampulheta, ainda que pequeno. Jack adorava o seu fetiche pelas roupas dos anos 50. Dissera-lhe que ela ficava fantástica nas camisolas justas de angorá e saias apertadas, de vermelho insolente, saltos altos como a Betty Boop e um *eyeliner* a desenhar um traço *sexy* a sobressair

ao canto dos olhos.

E durante todo esse tempo ela também pensava que era vulgar. Ela era o seu caso vulgar enquanto esperava que algo melhor aparecesse.

– Sim? – disse ele, sem levantar os olhos do telefone.

Mara não disse nada e Jack finalmente lançou um olhar para a porta.

– Ah, olá, és tu.

Rapidamente, premiu alguns botões, apagando ou saindo do texto que estivera a escrever, percebeu Mara. Ela sorriu-lhe com um ar culpado e foi aí que teve a certeza. Bastou um olhar para a cara dele para saber a verdade.

– É verdade? – perguntou ela. – Acerca de ti e da Tawhnee?

– Desculpa – disse ele debilmente.

– Desculpa? É o melhor que consegues fazer, Jack? – perguntou tranquilamente. Não gritaria. Não ali. Ela sairia com dignidade.

– Há eternidades que te queria dizer – insistiu ele.

– E porque não o fizeste?

Ele encolheu os ombros.

Mara sentiu-se curiosamente entorpecida. «Isto deve ser do choque», pensou ela.

– Dói-me a cabeça. Vou para casa.

– Claro – disse Jack. – Tira o dia de amanhã também. Sabes… as dores de cabeça conseguem mesmo deixar-te em baixo.

Ela saiu e pegou nas suas coisas que estavam na secretária. Os colegas estavam a conversar.

– Olá, Mara, como vai isso? – perguntou o que lhe tinha chamado vulgar.

Ela olhou-o através da névoa de entorpecimento e saiu tropegamente do gabinete.

Cici tinha-se oferecido para ir com Mara ao casamento.

– Obrigada, mas não. Vou parecer totalmente triste se for contigo. Sem ofensa, mas ir com uma amiga é como usar um crachá a dizer *Sou uma falhada que não conseguiu um par*. O Brad Pitt deve ser o único homem que eu poderia levar e não parecer uma vaca triste.

– *Okay* então, mas promete-me que vais dançar como se não houvesse amanhã – acrescentou Cici.

– Isso não é um conselho de um íman de frigorífico? – questionou Mara.

– Os ímanes de frigorífico podem ser muito sábios – respondeu a amiga. – *Uma cozinha limpa é sinal de uma pessoa aborrecida* e coisas dessas.

– É verdade.

– Eu sempre dancei como se não houvesse amanhã – retorquiu Mara tristonha. – O Jack adorava isso em mim. Dizia que eu era um espírito livre. Embora não tão livre como Tawhnee.

– Ela era obviamente livre em tudo. Desde os seus favores ao comprimento das suas saias – comentou Cici causticamente.

Mara sorriu. Era isto que uma amiga tinha de bom: defender-te-ia como uma leoa. Se fosse

ferida, ela também seria ferida e lembrar-se-ia de todas as mágoas e nunca perdoaria ninguém por as ter infligido em ti.

– Ela tem umas belas pernas – admitiu Mara.

– Toda a gente com vinte e quatro anos tem umas belas pernas. Só quando chegas aos trinta que os teus joelhos ficam flácidos e a celulite ataca.

Cici tinha trinta e cinco anos, só mais dois que os trinta e três de Mara, e considerava-se uma especialista em assuntos de envelhecimento. Mara conseguia lembrar-se de ficar vagamente desinteressada quando Cici se tinha queixado de a celulite se ter espalhado pelas suas coxas como uma invasão de esponjas. Depois aconteceu-lhe o mesmo e compreendeu. Seria esse o seu destino para sempre – compreender quando já era tarde de mais?

A banda do casamento estava a assassinar «I Only Have Eyes For You» quando Jack apareceu ao seu lado, elegante no seu casaco de jantar.

– Mara, estás fantástica.

Mara tinha atingido o limite do cartão de crédito numa peça de estilista de uma loja cara especializada em mulheres pequenas. Teria vestido um dos seus vestidos especiais *vintage*, mas não teve coragem de o fazer: mostraria a Jack e a todos os outros que também podia vestir roupas «normais». Então, com grande custo, comprou um vestido de gala turquesa com um decote desafiador que vestiu com uns sapatos de salto muito alto e abertos à frente. Arranjou o cabelo em caracóis que prendeu num dos lados com um gancho com uma flor turquesa e rosa. Pintou os lábios com o vermelho icónico da *MAC, Ruby Woo*, e com as suas meias de seda com uma risca perfeita ao longo da parte de trás da perna sabia que estava tão bonita quanto podia. Não na voga, mas bem. Não vulgar, esperou ela.

– Queres dançar?

Dançar com Jack?

«Deve ser um sonho. Um sonho muito estranho», decidiu ela. Em breve, apareceria um grande coelho branco, juntamente com uma mulher louca a gritar «Cortem-lhes as cabeças!» e, possivelmente, o Johnny Depp com lentes de contacto e montes de maquilhagem.

Mesmo assim, se era um sonho, ela alinharia. Ninguém poderia pensar que tinha um mau perder se a vissem a dançar com o antigo amante.

– Claro – disse, sorrindo-lhe.

Sorri o tempo todo. Tinha sido o conselho de Cici. *Se parares de sorrir, nem que seja por um minuto, terão todos a certeza de que vais chorar, por isso sorri como se fosse o melhor dia da tua vida.*

Surpreendentemente, Jack parecia ter acreditado no falso sorriso e sorria-lhe também.

Mara avançou para uma apressada e culpada volta à pista de dança. Tawhnee de certeza que estaria a ver pelo canto do olho. Podia ser jovem e bela, mas não era estúpida.

No entanto, em vez da dança rápida esperada, Jack segurou Mara muito próximo de si.

A capacidade de Mara sorrir apesar da dor que sentia por dentro acabou de repente.

– Não faças isso – disse-lhe rispidamente.

– Não faço o quê?

Ele continuava a sorrir, parecendo perfeitamente feliz.

Jack adorava uma festa e o que adorava ainda mais era uma das *suas* festas. A sua festa de casamento seria, portanto, o auge dos seus momentos.

– Sorrir assim para mim.

– Assim como?

– Como se não tivesses sido o meu namorado durante dois anos e não me tivesses deixado pela Tawhnee.

– Ah!

Nem Jack era assim tão duro que não sentisse estas palavras.

Rodopiaram mais um pouco, mas agora de semblante pesado. Jack soltou-a mais. Mara sabia que não devia dizer nada, mas não aguentava. A sua boca recusava-se a obedecer. Em vez de sussurrar *Seu sacana!* que estava na ponta da sua língua há já algum tempo, perguntou-lhe:

– Porque me convidaste?

– Porque vieste? – respondeu ele.

– Porque, se não viesse, toda a gente no escritório pensaria que estava amargurada e enraivecida.

– Mas…

Se Jack estivera a ponto de dizer «é óbvio que estás amargurada e enraivecida…», alguma parte do seu cérebro despertou e aconselhou-o a não fazer.

– Queria que fôssemos amigos – retorquiu desconsoladamente.

Amigos! Depois de dois anos a pensar que ele era o amor da vida dela, ele agora queria que fossem amigos.

Subitamente, Mara deixou de se importar com o que aquilo parecia.

Afastou-se.

– Adeus, Jack – vociferou e saiu intempestivamente na direção das portas envidraçadas.

Era uma noite fria, mas porque muita da beleza do castelo estava no seu exterior, havia luzes a iluminar os pátios onde os vasos com loureiros estavam dispostos com gigantescos laços de tela.

Se ao menos conseguisse aguentar as lágrimas e a raiva até ficar sozinha, pensou Mara, ficaria bem.

As luzes de fantasia polvilhadas pelas árvores davam ao local um toque de conto de fadas. Era um sítio tão bonito: o velho castelo com os seus torreões e o seu escudo de armas, o gigantesco átrio flamejante com velas, os aquecedores gigantescos na varanda, rodeados de pequenas lanternas. Era o cenário perfeito para um casamento de outono.

Estremeceu enquanto atravessava os estandartes de pedra para se colocar debaixo de um aquecedor.

«Podia ter sido eu», pensou Mara num arrebatamento de tristeza. «Eu podia ser a noiva rodeada pela minha família, vestindo renda antiga, subindo apressadamente para a suíte

nupcial com a sua cama de dossel e fazer amor oficial com o meu marido pela primeira vez.»

Em vez disso, esperava-a uma viagem de táxi para o hotel local, porque a família tinha ocupado todos os quartos do castelo. O seu quarto no hotel era minúsculo e gelado, situado debaixo do beiral, e a cama era pequena e rangia. Havia-se sentado nela durante a tarde e o ranger das tábuas era tão alto que a tinha feito recuar com medo. Se ela tivesse perdido a cabeça e trazido outro convidado para uma noite pontual de loucura, os donos do hotel teriam seguramente batido à porta para os mandar fazer pouco barulho.

– Pensei que estarias feliz – disse uma voz ligeiramente melancólica. Ela voltou-se, chocada. Jack estava ao seu lado.

Mara desviou os olhos da linda vista e interrogou-se se ele teria sido sempre assim tão emocionalmente desligado. Que raio de homem assumiria que ela ficaria feliz por ir ao casamento dele com a mulher por quem a tinha deixado? Mas talvez Jack *pudesse* assumir isso.

Não fizera cenas de fúria quando ele a deixou. Portou-se como uma adulta. Dignidade era o reduto da rapariga vulgar, havia decidido.

– Porque não sou eu aqui esta noite? – perguntou ela enquanto conseguia ouvir a banda a atacar outro tema.

– Oh, Mara, agora não é altura para isto – começou Jack.

Tinha posto a sua cara atormentada. Mara conhecia todas as suas expressões. A bonita cara pálida podia assumir tantos aspetos diferentes, e ela conhecia-os todos.

– Agora é exatamente a altura – disse ela tranquilamente. – Diz-me. O que tem ela que eu não tenho?

No momento em que a pergunta saiu, arrependeu-se. A resposta podia ter sido menos oito anos, mamas falsas e pernas muito mais longas.

Jack procurou no bolso do casaco e tirou um único cigarro. Era suposto ter deixado de fumar. Tawhnee era absolutamente contra o tabaco. Nada tinha convencido tanto Mara de que o havia perdido como o assentimento de Jack em deixar de fumar. Se Tawhnee conseguia isso, conseguia tudo.

– É a tal – murmurou, ajeitando os dedos à volta de um fósforo para acender o cigarro e inalando como um náufrago ao atingir a superfície. – És uma rapariga fantástica, Mara… – acrescentou ele.

– Porque me parece que vem aí um *mas*? – questionou ela com um toque de amargura.

– Conheces-me tão bem – retorquiu ele rindo suavemente.

– Não o suficiente, parece.

– Eu não tencionava apaixonar-me pela Tawhnee – disse Jack, depois de ter fumado pelo menos metade do cigarro.

– Aconteceu – comentou Mara. – Isso é um cliché tão vulgar, Jack.

– Sou eu: Mister Cliché – brincou ele.

– Muito engraçado. Então qual é o MAS? O mas que eu não tenho.

Ela queria que ele o dissesse *Tu nunca foste a tal. Eu andei sempre à procura noutros sítios e depois apareceu a Tawhnee…* Queria que ele dissesse a verdade em vez das mentiras que

claramente tinha apregoado quando estavam juntos.

– Não há um mas. És perfeita – concluiu Jack.

– Se sou perfeita porque não ficaste comigo?

– Não sei. Ela veio trabalhar para nós, é surpreendente, não é que tu também não o sejas – apressou-se Jack a dizer, precipitadamente.

– Afirmaste que gostavas do meu aspeto, e depois apaixonas-te por uma mulher que é o meu oposto total – redarguiu ela. «Exceto as mamas», pensou severamente. A juntar à magreza de supermodelo e às pernas até às axilas, Tawhnee tinha uns seios que desafiavam a gravidade. As mulheres do escritório estavam convencidas de que ela tinha feito uma operação. Os homens do escritório não queriam saber.

Jack não respondeu.

Mara estava decidida a não desistir.

– Quero saber porquê – insistiu. – Só isso. Porque casaste com a Tawhnee quando, apesar de teres estado dois anos comigo, nunca me perguntaste o que pensava eu do casamento. Porque eu não era a *tal*? Não é? Era simplesmente aquela com que te podias entreter enquanto esperavas que ela aparecesse.

Não é que Mara tivesse andado a projetar as suas esperanças num casamento, mas quanto mais tempo passava com Jack, mais pensava que tal podia acontecer um dia. Tinha a certeza de que ele a amava tanto quanto ela o amava a ele. Que Jack Taylor, um homem que podia ter qualquer mulher que quisesse, escolhera realmente a pequena ruiva que durante anos pensara que era vulgar até que o conhecera e ele lhe afirmara que era especial. Começou a acreditar em todas as coisas que ele lhe dizia. Que ela era a mulher mais *sexy* que alguma vez conhecera. E a mais divertida. E a mais bonita… Só que nunca a pedira em casamento.

Quatro meses depois de descobrir que andava a enganá-la, ele anunciou o noivado com Tawhnee. Naquele dia, apenas dois meses depois, estavam casados.

– Tu também nunca falaste de casamento – lamuriou-se ele. – Nunca pensei que fosses o tipo de mulher que se interessa por essas coisas.

– Onde foste buscar essa ideia?

– A Tawhnee disse que se queria casar. Disse-o na nossa primeira saída juntos.

– A sério? – admirou-se Mara, num misto de suspiro e palavra.

Era só isso o que era preciso? Se Mara tivesse informado Jack que era o tipo de rapariga que queria casar em vez do tipo vamos-para-a-cama-divertir-nos, teria sido ela naquele dia a vestir o longo vestido branco?

– Dá-me esse cigarro.

Ela arrancou-o dos seus dedos e deu um bafo longo. Não era propriamente uma fumadora. Quando estavam juntos, ela fumava alguns quando saíam à noite. Gostava do gesto de lhe tirar o cigarro da boca. Era uma coisa tão íntima de se fazer. Mas naquela noite queria fazer algo autodestrutivo e deixar entrar nicotina no seu corpo era a única coisa à mão. Tinha prometido a si própria que não beberia demasiado: tornar-se na ex bêbada num casamento seria demasiado humilhante.

Tossiu e sentiu o estômago a revolver-se.

– *Arghh* – atirou o cigarro para a balaustrada.

– Eu não tinha acabado isso – queixou-se Jack.

Mara deu-lhe uma pancadinha na bochecha.

– Foi precisamente isso que eu disse à Tawhnee, mas, olha, é a vida.

Mara deixou-o ali especado. Recolheu a mala da sua cadeira e sorriu para as pessoas na mesa. Eram colegas seus do trabalho e a maioria tinha sido muito simpática com ela.

– Jack é um parvo – disse Pat da contabilidade pela quinta vez nessa noite.

– Eu sairia contigo amanhã – articulou Henry, que vendia propriedades de luxo porque tinha andado em todas as melhores escolas e ficava imaculado no seu fato azul-escuro de riscas.

A mulher dele, uma loira-platinada que era igualmente queque e muito gentil, deu-lhe uma bofetada ligeira.

– Não sejas tonto, Henry. Então e eu?

– Tu também podias vir – respondeu Henry alegremente.

– Vou-me embora – interrompeu Mara antes que Henry entrasse no assunto dos trios.

– Boa ideia – concordou Veronica, que trabalhava com Mara e tinha o seu noivo médico a reboque. Este dormia na cadeira e alguém tinha-lhe posto uma grinalda de flores na cabeça. – Já fizeste a tua parte – e levantou-se para abraçar Mara. – Achamos todos que foste muito corajosa por ter vindo – sussurrou-lhe. – Ao menos, tens duas semanas antes de eles voltarem ao trabalho. Aparentemente, a Tawhnee vai continuar a trabalhar com o Jack durante o próximo ano, por isso tens algum tempo para te preparares para tudo isso.

Mara inspirou profundamente.

– Ninguém me disse isso.

Era suposto Tawhnee ir-se embora, fora o que Jack lhe dissera no início do doloroso processo da descoberta. Tawhnee sairia por altura do Natal.

– É mais fácil não saber, não é? – concluiu

Veronica. *Não,* pensou Mara subitamente, *não é.*

Toda a sua carreira na Kearney Properties Associates estava a mudar e ninguém se lembrara de a informar. Era a rapariga tonta e antiquada que tinha estado tão apaixonada por Jack Taylor que se havia esquecido de si própria. Entregara-lhe o coração numa bandeja.

– Obrigada por me contares – ironizou para Veronica.

– És tão corajosa – repetiu Veronica outra vez. – Por favor, encontra um grande garanhão nas próximas duas semanas para poderes arrastá-lo para almoçar no escritório connosco no primeiro dia em que eles voltarem da lua de mel. Idealmente, deverias estar praticamente a fazer sexo com ele na receção do escritório quando eles entrarem.

Mara deu uma gargalhada, lembrando-se de filmes em que mulheres desesperadas contratam acompanhantes para levar a casamentos e festas de escritório para não parecerem casos perdidos. Talvez devesse ter alugado um borracho para aquela noite. Alguém que parecesse não conseguir esperar para lhe arrancar o vestido com os dentes – mesmo que fosse pago para isso. Mas pareceria falso e Mara, subitamente, não estava com disposição para falsidade.

Da mesma foram que não estava com disposição para voltar para o escritório e fingir.

Olhava para todas aquelas caras sorridentes à volta da mesa, todos a desejarem-lhe o melhor, e sabia que não poderia continuar a trabalhar lá por muito mais tempo.

– Vejo-vos a todos para a semana – disse alegremente e levantou o casaco – *vintage* com padrão falso de leopardo – da cadeira.

Lá fora, na receção, pediu para lhe chamarem um táxi e depois escondeu-se num enorme cadeirão ao pé da porta, na esperança de que ninguém da festa de casamento a visse a escapulir-se.

Telefonou a Cici, que tinha saído com uns amigos.

Mara sussurrou o que Veronica lhe contara.

– Até a Veronica vai casar – queixou-se ao telefone. – Toda a gente se casa. Saiu alguma lei a obrigar o casamento e ninguém me avisou?

– Não sejas idiota. Na realidade, tu não queres casar.

– Quero.

– Não queres. O Jack é um estupor. Percebeste? O Jack é um estupor. Far-te-ia infeliz. E se tivessem casado e ele tivesse conhecido a Tawhnee depois? Diz-me lá como era?

– Ele teria fugido com ela à mesma – deduziu Mara, sentindo-se como a voz da desgraça no seu próprio coro grego. – Será que amar um homem fútil também me torna fútil?

– Não, simplesmente uma mulher típica – corrigiu Cici, sábia depois de várias garrafas de cerveja. – Vais sentir-te melhor amanhã e pensaremos num plano para nos divertirmos, certo?

– Certo.

– A vila está cheia de jovens mulheres loucas a correr por aí com este frio sem casacos. Não compreendo as jovens de hoje. É bom ver uma jovem sensata como você.

No banco de trás, Mara fazia ruídos de assentimento por boa educação. Não era nada sensata, apenas o parecia e sempre tinha parecido. Até na escola, a parvoíce parecia ser um atributo das altas, maquilhadas, que usavam as saias do uniforme enroladas na cintura e tinham casos na casota das bicicletas. Toda a gente pensava que as raparigas sossegadas e pequenas que faziam os trabalhos de casa tinham de ser boas raparigas sensatas, mesmo que tivessem o cabelo vermelho e uma tendência para gastar a semanada em roupa maluca.

No hotel, a senhoria estava abismada por ver um convidado de um casamento a chegar antes das onze.

– Tenho trabalhado muito e estou exausta – explicou Mara, porque não queria que mais ninguém lhe dissesse que ela era um poço de sensatez num mundo louco.

Depois foi para o seu quarto, trancou a porta e permitiu que as lágrimas se soltassem. Sensata e abandonada – o que mais podia uma mulher querer?

4

Outubro rompeu por Avalon adentro com tempestades sem precedentes que faziam o mar chicotear as rochas no extremo do Vale dos Diamantes, a mais bonita gruta da baía de Avalon. Da casa de Danae, ela podia ver o resfolegar das duras ondas a bater na costa. Os últimos visitantes haviam deixado Avalon que tinha agora voltado à sua habitual população de época baixa de seis mil almas.

Em Willow Street, outro dos velhos salgueiros tinha-se separado das suas raízes durante a noite como uma peça de escultura partida por um furacão. Danae desejava que alguém da Câmara Municipal o removesse e o poupasse a mais sofrimento. Não sabia porquê mas achava que aquelas lindas árvores podiam sentir dor tal como os humanos. As magnólias do seu jardim pareciam ter-se enrolado sobre si próprias, nenhum botão prestes a desabrochar e à noite não havia nenhum perfume da madressilva no ar, apenas o frio gelado do inverno a aproximar-se.

Os passeios de Danae com *Lady* eram agora mais curtos, uma vez que nenhuma das duas conseguia estar muito tempo na rua com tais ventanias. Enrolava um cachecol à volta da boca enquanto passeava, pois parecia-lhe que o vento lhe queria roubar a respiração.

– Tu também não gostas muito, pois não querida? – perguntou a *Lady* numa tarde em que enfrentavam o vento ao subir a colina em direção a Avalon House. Por cima delas, a tabuleta PARA VENDA balouçava periclitantemente ao vento, suja e gasta de estar há tanto tempo ali pendurada.

O passeio preferido de *Lady* conduzia até aos bosques que pertenciam a Avalon House, onde ela podia escavar os troncos caídos à procura de coelhos ou esquilos. Alguns meses antes, os bosques tinham estado cheios dos restos de áster marinha e de urze, com as delicadas cabeças púrpura a formar molhos um pouco por todo o lado por entre as folhas. Mas agora todas as flores tinham desaparecido e um aspeto selvagem dominava o sítio.

Lady avançou em trote, sabendo o caminho que queria seguir, passando por um par de plátanos torcidos até ao chão pelas décadas de ventos fortes. À direita ficavam as ruínas da velha abadia que não era agora mais do que meia parede de tijolo velho. As pequenas pedras espetadas no prado relvado à sua volta eram lápides que datavam da época em que as pessoas deixavam uma marca simples no local de enterro em vez de grandes lajes.

Danae achava estes pequenos marcadores de pedra bastante comoventes: alguns datavam dos anos da Fome e ela podia imaginar os enlutados esganados de fome a enterrar os seus entes queridos, querendo saber onde ficava a sepultura de forma a poderem voltar para rezar, se vivessem para isso.

No outro lado da abadia ficava um poço sagrado, onde os habitantes locais deixavam preces e oferendas desde muito antes de o cristianismo ter reclamado o poço para St. Edel.

Lady virou quando chegaram às ruínas da abadia e correu com delicada leveza por cima das folhas e dos galhos caídos na direção das traseiras da grande casa, seguindo a pista de outro cão, pensou Danae.

Apesar de não haver nada que a impedisse, pois algumas das janelas não tinham vidros e estavam abertas ao mundo, Danae nunca entrara na casa. Achava que era um desrespeito ao sítio. Embora soubesse que a maioria das pessoas não ligava às superstições, era sensível à atmosfera. Sabia que aquela casa tinha conhecido a gentileza e a bondade nos seus tempos. E agora havia um sentimento de tristeza por nenhuma família morar ali, o silêncio sendo apenas quebrado pelo vento nas árvores em vez do som dos cães a ladrar ou das crianças a rir.

Danae chamou *Lady* para junto de si e virou-se para iniciar o caminho de volta a Willow Street e a casa. Apesar da beleza selvagem dos bosques, ficou subitamente ansiosa para sair daquele sítio melancólico. Ou, se calhar, não era o sítio que era o problema mas sim a época do ano.

Tinha sido em outubro que Danae casara e esse mês lembrar-lhe-ia para sempre um vestido de casamento em segunda mão e o quão esperançosa estivera como jovem noiva. Trinta anos antes, sabia tão pouco quando subiu ao altar. Nessa época, o casamento estava imerso na cerimónia da igreja católica, com pós de *glamour* dos filmes, onde raparigas como a jovem Grace Kelly brilhavam no ecrã perante o seu verdadeiro e único amor. O casamento era até que a morte vos separe, o seu lugar era ao lado do marido. As boas esposas sabiam isso.

A partir do instante em que o anel estava no dedo da noiva, a felicidade era garantida – não era?

Com o benefício do conhecimento posterior, Danae admirava-se com a sua inocência. Devia ter sabido: afinal de contas, passara tantos anos a viver com a mãe enquanto uma procissão de «tios» entrava e saía das suas vidas, uns mais gentis que outros. E, no entanto, Danae tinha desejado que *ele* andasse algures, o seu especial e único amor.

Tinha-se convencido de que Antonio era o tal e embrenhou-se no casamento nunca duvidando por um só momento de que ficariam juntos para sempre. Quão idiota se podia ser?

As jovens de hoje eram feitas de outro material e sabiam mais.

Ou não saberiam?

O seu irmão Morris telefonara cedo e tinha-lhe contado as últimas novidades acerca de Mara. A pobre rapariga estava destroçada com a traição de Jack e não havia nada que pudessem fazer para ajudá-la.

Danae tentara o que qualquer irmã mais velha devia fazer: ouvira e oferecera algum conforto.

Morris estava pronto para ir até Galway e dizer umas quantas e boas a Jack ou até mesmo partir-lhe a cara – valentes palavas as de Morris, um homem que nunca batera em ninguém na sua vida.

– Ela finge que está bem, mas não está – dissera ele com pesar. – As raparigas de hoje fingem sempre que são fortes, mas a Mara é um docinho, ainda que dê a entender que é dura como uma pedra. Um docinho completo.

A voz dele vacilou nesse momento, mas Danae resistiu ao ímpeto de se voluntariar com

ofertas de ajuda. Sabia que, se Morris quisesse que ela fizesse alguma coisa, lhe pediria, ainda que fosse muito raro ele pedir-lhe alguma coisa. Tentava não interferir para não arrastar a sua má sorte para Morris e a sua mulher e filhos. E, no entanto, ela gostava tanto deles. Aquela terna e calorosa pequena família parecia personificar o amor no seu melhor e ela tentara arduamente manter alguma distância, de outra forma estaria sempre com eles, o tempo todo, a assombrá-los como uma pessoa fria a tentar aquecer as mãos na lareira. Fazia mais sentido viver sozinha em Avalon com os seus queridos animais. Ela era o homem no barco de pesca, o Jonas: era melhor manter-se à distância e guardar o seu azar para si.

– A Elsie está um caco por causa disto, claro – continuou Morris. – Culpa a rapariga com quem o Jack fugiu. Suponho que não interessa muito de quem é a culpa, é tarde de mais agora. Gostava que falasses com ela, Danae – acrescentou –, a Mara ouve-te. Não vai ouvir o pai dela. A Elsie limita-se a chorar quando fala com ela ao telefone. Pensar que tive aquele jovem aqui em nossa casa…

– Eu telefono-lhe – prometeu ela sem hesitar sequer por um momento.

Assim que chegou a casa do seu passeio, Danae preparou uma chávena de chá, sentou-se em frente à lareira e digitou o número de telefone de Mara.

A sobrinha parecia estar em incrível boa forma, ao telefone, embora Danae suspeitasse de que ela estaria a fazer um enorme esforço para soar no seu melhor.

Era sem dúvida um hábito: estava tão acostumada a dizer «Estou bem» quando alguém lhe perguntava como se sentia que possivelmente ela própria acreditava nisso. Houvera um tempo em que Danae teria feito exatamente o mesmo. Era surpreendentemente fácil convencer as pessoas de que a nossa vida era fantástica quando era exatamente o oposto.

– Vou ter um período de pausa do trabalho em breve – contou Mara displicentemente. – Pedi a demissão no início desta semana. Além de alguns turnos como empregada de café, não há muito para fazer por aqui, mas é bom tirar algum tempo livre. Além disso, eu e a Cici estamos a pensar fazer um fim de semana num campo de treino desportivo. – Antes que Danae pudesse dizer alguma coisa, ela acrescentou. – Não, não digas nada sobre nunca ter feito desporto antes! – depois riu-se, uma gargalhada ligeiramente áspera.

Como diz Shakespeare, «A mulher protesta de mais penso eu», pensou Danae.

Dizer a verdade rispidamente antes que outra pessoa o fizesse era um mecanismo de defesa antigo. Não valia a pena explicar isto a Mara.

Em vez disso, Danae disse:

– Isso parece-me fantástico. Sempre me perguntei sobre o que seria exatamente um campo de treino. São instrutores militares a gritar-te para fazeres flexões?

– Sinceramente, espero que não – respondeu Mara –, não consigo fazer flexões nenhumas e ainda menos se tiver alguém a gritar comigo enquanto estiver a tentar!

Falaram durante mais um pouco e depois, com o pretexto de que tinha de se arranjar para sair à noite, Mara despediu-se, prometendo telefonar à tia em breve.

– Podias vir a Avalon visitar-me – sugeriu Danae. – A *Mara* das penas adoraria ver-te.

Mara riu-se com uma gargalhada genuína.

– Espero que a pobre galinha não tenha sido abandonada pelo seu namorado também.

– Não há galos por aqui – respondeu Danae. – Só trazem problemas. Mara riu-se com a gargalhada áspera outra vez.

– Grande verdade! Irei em breve, prometo.

Danae desligou, convencida de que algo não estava bem com a sobrinha. Mas esperaria até Mara vir ter com ela. Era assim a sua maneira de fazer as coisas.

Cashel Reilly estava a tomar o pequeno-almoço no terraço do trigésimo quarto andar do Sydney Intercontinental quando recebeu o telefonema. Gostava de comer na varanda e contemplar o porto, vendo os *ferries* a cruzar silenciosamente por baixo dele, passando pelas escamas de tatu da Opera House.

Tinha bebido o seu café, comido a sua omelete e lia o *Sydney Morning Herald*, já tendo desbastado tanto o *Financial Times* como o *Strait Times*. Eram apenas sete e meia e, no entanto, o andar do clube já estava cheio de pessoas de negócios a fazer as suas reuniões e telefonemas.

Cashel não gostava de reuniões ao pequeno-almoço. Preferia apreciar a sua refeição e depois conversar em vez de fazer as duas coisas ao mesmo tempo. A sua primeira reunião era às oito e meia no escritório, na George Street, e a sua assistente já lhe tinha deixado umas anotações.

O seu negócio era variado e notavelmente à prova de recessão. Não que não lidasse ocasionalmente com alguns investimentos de alto risco, mas o núcleo do capital estava ligado à firma de nanotecnologia na Califórnia, à investigação de enzimas ali na Austrália, o negócio de inteligência computorizada que abarcava o globo. Dotado com uma mente que ruminava incessantemente, investia no futuro, procurando sempre novos ângulos e novas oportunidades de negócio e isso tinha feito dele um homem muito rico.

A vantagem de ser tão bem sucedido significava que qualquer leve diminuição da sua fortuna por causa da recessão era apenas uma pequena beliscadura no oceano da Reilly Inc. Colocaria o chalé de Courchevel à venda não porque necessitasse de dinheiro, mas porque não ia lá havia muitos anos. Rhona é que era a esquiadora. Adorava mudar-se para o chalé durante semanas, esquiar o dia todo, vestir os seus trajes de festa e celebrar toda a noite.

Cashel tinha gostado de fazer esqui. Era forte e ágil, o que ajudava, mas não conseguia pôr-se em forma como ela fazia, treinando intensamente nas pistas.

Era mais uma das coisas que os separavam. No início declararam alegremente um ao outro que os opostos se atraíam. No fim, aperceberam-se de que os opostos se atraíam, mas construir uma vida comum quando não tinham nada a ver um com o outro era outro assunto.

Ela ainda tinha a casa perto do Claridges, em Londres, o apartamento em Dublin, uma cobertura em Nova Iorque no Upper East Side e o apartamento em Melbourne, um arejado quarto andar perto da Collins, onde ele acordava com o ruído dos elétricos. Melbourne, com as suas árvores e avenidas, fazia-o estranhamente lembrar-se de casa. Na realidade, Avalon não tinha nada a ver com a cidade, mas havia um noção de história que ambas partilhavam e da qual era impossível escapar.

Em nenhum sítio esse sentido da história era mais forte do que na casa De Paor.

Cashel podia lembrar-se muito bem da primeira vez que vira a casa decentemente, quando era um miúdo alto de nove anos, acompanhando a mãe que ia lá trabalhar a fazer limpezas. Ele já lá tinha estado antes, claro. Trepar os muros decrépitos de De Paor era um ritual de passagem para os rapazes de Cottage Row, onde ele e o irmão mais novo, Riach, viviam. Os miúdos da Cottage, como eram conhecidos na escola, estavam sempre prontos para alguma travessura, uns mais do que outros. Cashel lembrava-se da vez em que o irmão mais velho de Paddy Killen fora preso por invasão de propriedade alheia. Paddy ficara deliciado com aquela infâmia, mas a mãe de Cashel sentou os dois filhos nas cadeiras da cozinha e disse-lhes que, se eles alguma vez fizessem alguma coisa do género, a polícia não precisava de os prender: ela matava-os antes.

Quando o seu telefone tocou, ele respondeu sem se sequer olhar para o visor. Poucas pessoas tinham o seu número privado.

– Cashel – disse a voz do irmão.

Soube imediatamente que eram más notícias.

– O que foi?

– É a mãe, ela morreu.

Cashel sentiu-se como se o seu corpo estivesse em queda livre ao lado do gigantesco hotel.

– Como foi isso? – perguntou ele roucamente.

– Um ataque cardíaco durante o sono. A Dolly encontrou-a.

Cashel pagava a Dolly e a três outras enfermeiras para cuidarem da mãe. Tinha querido que Anna permanecesse na sua casa, mesmo que a demência significasse que já não a reconhecia. Ao menos, o seu dinheiro permitia-lhe fazer isso por ela.

– Não parece real – disse Cashel ao irmão –, apesar da demência, apesar de tudo, ela estava lá.

A sua voz soçobrou. A mãe deles tinha sido tão forte, tão corajosa, como uma leoa a proteger os filhos. O pai fora um homem com queda para as apostas e os bares das redondezas. As maleitas das costas mantinham-no longe do trabalho com frequência e o pouco dinheiro que fazia acabava no bar ou na caixa do agente de apostas. Sem Anna, Cashel Reilly sabia que nem ele nem Riach teriam tido uma casa quente, uma educação, nada.

– Eu sei – disse Riach, com uma voz suave –, não parece verdade. Mas sabíamos que este dia chegaria, Cashel, e é o melhor para ela. Teria odiado esta meia vida, nem parte deste mundo nem parte do outro.

Cashel encostou-se na varanda, olhando fixamente para baixo em direção a Macquarie Park, onde as pessoas andavam, as suas vidas incólumes à sua trágica notícia. Queria gritar alto, dizer a toda a gente o que tinha acontecido. Cashel Reilly, divorciado aos quarenta e seis anos, regularmente presente nas listas de ricos e nas colunas de finanças pela sua perspicácia nos negócios, sentia que uma parte de si tinha sido arrancada.

– Estarei em casa assim que conseguir – disse ao irmão. Um dos benefícios de ter um jato privado. – Pões os anúncios no jornal? Podemos falar do funeral e de tudo o resto quando eu chegar.

Deu por si a estremecer com a palavra funeral. O mundo da morte aproximava-se deles com

todas as suas tradições e rituais. Cashel teve uma súbita visão de igreja de St. Mary em Avalon, sentado no banco ao lado dos pais na missa de domingo.

– Está quieto! – ralhava-lhe o pai e a mãe colocava-lhe a mão macia, apesar de todo o trabalho que fazia, na sua, dando-lhe a entender que não tinha feito nada de errado, que estar irrequieto era normal.

E agora jazeria em St. Mary numa grande caixa escura. Ele estaria lá a fazer-lhe o luto sem que alguém lhe pusesse a mão na sua e sabia quanto a deixaria triste – quanto a tinha deixado triste durante tantos anos – que ele estivesse só.

Naquele dia também isso o deixava triste. E fê-lo pensar em Tess Power.

Anna sempre gostara muito de Tess. Nunca tinha havido um problema entre a mulher que limpava Avalon House e a filha da casa. Podia ter havido em muitas das outras casas grandes, mas não naquela. Era devido, em parte, ao pai de Suki e Tess, um homem que verdadeiramente não discriminava entre os que tinham dinheiro e os que não tinham. Ele era muito diferente das pessoas da sua classe, nesse aspeto.

Mr. Power era farinha de outro saco. Preocupava-se com as pessoas, desde os homens que trabalhavam na propriedade, tentando parar a destruição do tempo e do clima sobre a bonita velha casa, até às pessoas como a mãe de Cashel, que fazia as limpezas e às vezes tomava conta de Suki e Tess. Dirigia-se sempre respeitosamente a Anna, tratando-a por Mrs. Reilly e falava com ela como se de uma duquesa se tratasse. E Anna, ainda que viesse da rua mais pobre da vila, respondia-lhe da mesma forma. Por isso não era surpresa nenhuma que Tess e Anna fossem tão próximas.

Mas Cashel não queria pensar em Tess Power depois de tudo o que tinha acontecido. Esperava que ela não tivesse o atrevimento de vir ao funeral da mãe. A senhora proprietária impondo a sua presença no funeral de uma simples pessoa da vila… Estremeceu; não, não a queria ver lá.

* * *

Outubro não era uma boa altura para as butiques das pequenas vilas, pelo menos era o que dizia Vivienne, proprietária da Femme, a loja de alta moda ao lado da Something Old.

O frenesi de Natal de querer algo novo ainda não tinha começado e toda a gente andava a poupar para os presentes.

– A quantidade de pessoas que hoje entraram na loja, remexeram as prateleiras de saldos e depois saíram outra vez. É tão deprimente – suspirou Vivienne. – Nem sequer olham para as novidades.

Ela colocava o aviso «Volto dentro de cinco minutos» na porta e dava um pulo à loja de Tess para uma chávena de café instantâneo e um queixume. Eram vizinhas de loja havia dez anos. Vivienne tinha-se saído maravilhosamente durante os anos do *boom*, quando mulheres ricas nem pensavam duas vezes antes de pagar cem euros por uma mera *T-shirt* brilhante ou o dobro por uma longa saia com pontas assimétricas um pouco por todo o lado. Agora, dizia Vivienne, queriam um fato completo pelos mesmos cem euros.

Tess pôs a água a ferver na chaleira e umas colheres de café em chávenas nas traseiras da

loja e ouviu tranquilamente o lamento de Vivienne. O último par de anos tinha sido duro, não havia dúvida.

Em tempos, costumava fechar a loja durante todo o mês de janeiro e abria outra vez em Fevereiro, com um novo *stock*, o velho *stock* reorganizado e uma leveza de pés depois do descanso. Não o tinha feito nos últimos dois anos. Hoje, não se podia dar ao luxo de fechar de modo algum.

Pelo menos, quando a loja estava aberta, as pessoas entravam e traziam calor com elas.

Trouxe os cafés para a parte da frente da loja, tendo decidido não contar a Vivienne que um cliente tinha comprado um querido camafeu de marcassite de 1910 ainda nessa manhã. Vivienne levaria a peito.

– Não há novidades? – perguntou Vivienne.

– Nem uma – respondeu Tess, sorrindo. Era um truque seu: sorrir enganava as pessoas e levava-as a devolver o sorriso. Era contagioso; um pouco como os bocejos nos cães.

Vivienne empertigou-se.

– Estou a fazer uma promoção no supermercado – contou –, duas refeições instantâneas e uma garrafa de vinho por doze euros. Claro que o Gerard detesta refeições instantâneas.

Gerard era o marido de Vivienne, um homem em quem se podia confiar para suportar as despesas da loja quando os lucros eram baixos.

Tess estava habituada às extravagâncias de Vivienne. Nunca dava a entender que também ela se preocupava com o dinheiro, que não havia ninguém para lhe pagar as despesas, agora que até o capital que o pai lhe deixara diminuira, apesar da sua relativa segurança no posto dos correios. Fixando o olhar na sua cara, dava para perceber que não faltaria muito para que tivesse de abdicar da Something Old e ir trabalhar para uma leiloeira – se conseguisse encontrar alguma que a aceitasse. Ela não tinha um canudo em belas-artes. A sua experiência na universidade um milhão de anos antes tinha sido em história de arte. O seu conhecimento sobre antiguidades não vinha dos livros, mas do seu amor por coisas antigas e uma afinidade por elas, mas tinha um olho de especialista e normalmente conseguia distinguir uma peça autêntica de uma falsificação.

– Estes são os melhores biscoitos que tens? – perguntou Vivienne, olhando os biscoitos simples.

– Desculpa – disse Tess. – Eu tinha um pacote de biscoitos de amêndoa, mas já acabaram.

– Preciso de chocolate – declarou Vivienne, pondo-se de pé. – Dou um pulinho ao Ponti's para ir buscar um pacote dos de chocolates. Volto já!

Passaram-se dez minutos até ela voltar. Depois de todo aquele tempo, Tess esperava que ela trouxesse queques da confeitaria e um par de cafés com leite do Lorena's Café. No entanto, quando Vivienne chegou, ofegante da subida da colina até à Something Old, não trazia nada para além de um pacote de biscoitos de chocolate.

– Fiquei empatada a conversar com Mister Ponti – explicou ela, colapsando na sua cadeira. – Parece que a Anna Reilly morreu. Uma das enfermeiras encontrou-a morta esta manhã. Mister Ponti acha que foi misericórdia, dado que estava tão mal. Suponho que o filho mais velho venha a casa para o funeral. Conheço o Riach, obviamente, a sua mulher, a Charlotte é uma

querida, mas nunca pus a vista em cima de Cashel, exceto nos jornais. É uma boa peça, é. Fica mal dizer isto? Que ele é bonito, quando a mãe dele acabou de morrer: imagino que seja. Podes pôr a água a ferver outra vez, Tess? Este café está um gelo.

Mas Tess já não ouvia nada: pensava na mulher que conhecia desde criança, que tinha sido sua amiga mesmo depois da separação de Cashel.

Haviam-se passado dezanove anos e, no entanto, continuava a ser igualmente doloroso pensar nele. Tess fechou os olhos, como se isso a impedisse de ver o rosto dele.

Via-o na televisão às vezes, a falar sobre negócios. Parecia ter aumentado com os anos, com uns ombros largos a condizer com a sua altura. Tivera uma barba durante algum tempo, que lhe dava um ar de pirata com o seu cabelo escuro de breu e as sobrancelhas oblíquas sobre os expressivos olhos castanhos.

No dia em que ele lhe disse o quanto a odiava, era mais delgado, a sua cara ainda cheia de juventude e de esperança.

Quando agora olhava para fotografias dele, via alguém que tinha sido maltratado pela vida e cujo rosto adquirira uma expressão seca, ligeiramente circunspecta. Os olhos negros estavam permanentemente tensos e tinham rugas à volta que o deviam fazer parecer mais velho, mas que, de alguma forma, só levavam Tess a interrogar-se se haveria alguma felicidade na sua vida.

A mãe dele viera ver Tess um par de anos depois de ela ter casado com Kevin. Zach ainda gatinhava na altura e Anna trouxera-lhe uma pequena camisola que tricotara. Era azul com o contorno vermelho de comboio bordado. Anna tricotava muito bem. Tess lembrava-se de Cashel com uma camisola creme que a mãe lhe tinha feito. Tess costumava encostar-se a ele e seguir os padrões dos pontos, maravilhada tanto com a complexidade como com a sensação do corpo dele através da lã. Tudo era tão simples na altura, sonhando com o dia em qua casaria com Cashel e Suki seria primeira dama… E depois tudo tinha dado errado…

Tess pegara na pequena camisola azul das mãos de Anna, tinha deixado escapar um «É linda» antes de se desfazer em lágrimas. Sem uma palavra, Anna pegara gentilmente em Zach, vestira-lhe a pequena camisola e tinha-o entregue à mãe. Era a única coisa que acalmava Tess nessa época: pegar no seu adorado filho e enterrar o nariz nos finos tufos de cabelo negro na sua cabeça.

Não havia necessidade de se comportarem como estranhos, tinha notado Anna na sua maneira direta. Só porque Cashel partira intempestivamente dizendo que nunca mais voltaria a falar com Tess não queria dizer que Anna fizesse o mesmo.

– Conhecemo-nos há demasiado tempo para isso – afirmara na sua voz forte e firme.

Anna Reilly era diferente de todas as outras pessoas que Tess conhecera. Havia muitas outras mulheres cujos maridos passavam todos os momentos acordados no bar e que pensavam que um emprego era uma ocupação para aquelas pobres almas sem aptidão para apostar em cavalos, mas Anna não permitira que este comportamento a abatesse. Iria criar os filhos o melhor que pudesse, com ou sem a ajuda de Leonard Reilly e, se isso significava limpar as casas de outras pessoas e esfregar soalhos, assim seria. Os trabalhos que fazia não a definiam de forma alguma. A sua força definia-a.

Ao longo dos anos, Tess interrogou-se frequentemente se Cashel saberia que ela e a sua mãe tinham continuado amigas. Subtilmente, Anna dava-lhe a entender quando Cashel estava em casa e Tess compreendia que não era bem-vinda na casa de Bridge Street enquanto ele não se fosse embora.

– Devias ter visto algumas das casas que ele quis comprar para mim – brincava Anna quando mostrou a Tess a casa nova pela primeira vez. Era maior que a casa de Cottage Road onde Cashel tinha crescido, mas não demasiado grande.

Através de Anna, Tess tinha seguido a carreira de Cashel à distância. Anna nunca perguntara a Tess porque tinham as coisas acontecido daquela forma, porque partira ela o coração de Cashel. E Tess nunca tentou explicar, porque sentia que Anna nunca entenderia. Se tivesse sido o coração do seu querido Zach a ser partido, Tess sabia que teria dificuldade em perdoar. E, no entanto, Anna tinha sido parte da sua vida desde criança; parte governanta, parte *babysitter* quando era necessário. Ela tinha percebido que Tess não era insensível nem arrogante, nem nenhuma das coisas que Cashel lhe tinha chamado.

Ficara perturbada da primeira vez que vira sinais da demência de Anna. Para se assegurar de que a velha senhora recebia os cuidados devidos, Tess telefonara a Riach, alertando-o para o problema. Tal como a mãe, Riach não guardava ressentimentos em relação a ela. Era ele que garantia que ela podia continuar a visitar a sua mãe sem revelar o seu apelido às enfermeiras que Cashel tinha contratado.

– Cashel ficaria furioso se soubesse que tu a visitas – disse Riach a Tess.

– Eu sei – respondeu ela, com olhos cinzentos enevoados. – Mas ele não tem nada a ver com isso. É entre mim e a tua mãe. Somos amigas.

Agora, Cashel regressaria seguramente para o funeral e, pela primeira vez em muito anos, iriam encontrar-se cara a cara.

Assumindo que Riach achasse que ela podia ir ao funeral.

Subitamente, Vivienne parou de mastigar, tendo detetado alguém a dirigir-se para a sua montra.

– Desculpa-me, Tess – disse ela –, parece que tenho um cliente.

Assim que ela partiu, Tess foi até à sala das traseiras para fazer um telefonema.

O telefone de Riach tocou durante tanto tempo que ela pensou que teria de deixar uma mensagem, mas assim que se preparava para o fazer ele atendeu.

– Riach, lamento tanto. Acabei de saber da Anna. Deves estar destroçado.

– Estou, estamos – anuiu ele. – Eu sabia que aconteceria, mas mesmo assim dói muito. Quero chorar, mas não paro de pensar que ela detestaria que eu chorasse.

– Era uma mulher muito forte – concordou Tess –, mas teria querido que a chorasses.

– Sim – disse ele e Tess podia ouvir o ligeiro nó na sua voz.

– Riach, eu gostava de ir ao funeral, mas só se achares bem que eu vá – continuou ela –, não quero causar mais dor. Já tens muito com que lidar sem mim.

Riach interrompeu-a:

– Ela gostaria de te ter lá – disse ele.

– Mas e o Cashel?

– O Cashel vai ter de superar – argumentou Riach de forma curta. – Será um dia para a minha mãe e as pessoas de quem ela gostava.

Tess sentiu inesperadamente que tinha um nó na garganta.

– Ela adorava-te, sabes? – lembrou ele.

– Eu também a adorava – respondeu Tess, começando a chorar. – Vou sentir tanto a falta dela. Sei que é melhor que ela não tenha de prolongar o inferno em que vivia.

– Foi o que eu disse ao Cashel – interrompeu Riach. – Não sei se ele concorda. Ela era a pessoa para quem ele podia voltar, sabes? Eu tenho a Charlotte e os miúdos, ele não tem ninguém.

Fez-se um silêncio. Há muito tempo atrás, a *pessoa* de Cashel tinha sido Tess.

– Deves estar lá, no entanto – continuou Riach –, eu telefono-te quando tudo estiver organizado. Terás de o ver, mas eu digo-lhe que tu vais aparecer.

Tess não sabia o que era pior – Cashel saber de antemão que ela iria ao funeral da sua mãe, ou vê-la de repente depois de todos aqueles anos.

Nessa noite, quando Tess estava a fechar a loja, Kevin enviou-lhe uma

mensagem. «Temos de falar», dizia a mensagem. «Estás em casa mais logo?»

Tinha uma ideia do que ele queria discutir. A recessão no negócio da construção significava que mesmo carpinteiros brilhantes como Kevin – Tess tinha de admitir que ele era um génio naquilo que fazia – não conseguiam encontrar trabalho. Antes de ele partir, haviam organizado as finanças de uma forma geral, nenhum dos dois tocando na conta conjunta, mas concordando que, uma vez que Kevin estaria a viver de graça no pequeno apartamento da mãe, ele podia pagar uma parte maior da hipoteca. Isso estava a tornar-se claramente demasiado agora.

Marcou o número dele.

– Olá, Kevin. A resposta à tua mensagem é sim – disse ela ao telefone. – Estarei em casa mais logo. Onde mais poderia estar? – riu-se ela.

E no outro lado do telefone houve uma ligeira risada que não parecia de todo o seu marido.

– Sim. Onde?

– É por causa de dinheiro, não é? – perguntou Tess finalmente. – Vá lá, diz-me. Queres mudar as coisas. Ouve, Kevin, talvez… – Fez uma pausa, à beira de dizer *Talvez tudo isto tenha sido um erro, talvez a separação nos tenha mostrado aquilo que realmente precisávamos de saber: que devemos estar juntos…*

Algo a impediu.

– Mas falamos logo à noite – disse ligeiramente. – Queres jantar? Vamos comer tarte de carne, não é uma grande coisa, mas fiz a mais na semana passada e hoje pus a descongelar.

– Não tenho a certeza… provavelmente já terei comido – disse Kevin.

– Está bem – respondeu Tess, admirada. Kevin adorava a sua tarte de carne: Anna Reilly tinha-a ensinado a fazer com a sua receita. E, ainda que Tess não se pudesse gabar de ser uma grande cozinheira, dominava alguns pratos simples que tinha aprendido a fazer com Anna. – Ótimo – disse ela. – A que horas queres vir? Antes ou depois do jantar? Se quiseres vir depois,

podias trazer alguns biscoitos? Acabaram e não há nada de simpático para tomar com o chá.

– Talvez depois – retorquiu Kevin rapidamente. – E, quando a Kitty tiver ido para a cama, podemos falar.

Tinha sido um dia estranho, pensou Tess enquanto fechava a loja e começava a dirigir-se para casa com *Silkie* a dançar à volta dos seus pés. O tom de voz estranho de Kevin. As notícias da morte de Anna Reilly. A ideia de Cashel regressar a Avalon. Tudo a tinha abalado.

Nos dezanove anos desde que Cashel partira, apenas se tinham encontrado uma vez: uma coincidência horrível na farmácia, ele agarrado ao que deveria ser uma receita dos medicamentos de Anna, ela a tentar escolher uma prenda para o aniversário de Vivienne. Parecia ter sido como um choque elétrico. Tess ficara especada, a olhar para os olhos escuros e tempestuosos de Cashel. Tempestuosos era a única palavra para os descrever. Ele tinha perdido aquele ar de calor e gentileza que tivera quando era novo. Não, tudo isso tinha desaparecido. Enquanto olhava para ela, o seu maxilar rangeu, cada centímetro do seu corpo ficara tenso com raiva reprimida.

Tess quase que dissera algo, para quebrar aquele horrível ciclo. Foi há tanto tempo, queria dizer ela, não podíamos ser amigos? Depois de todo o tempo que passámos juntos e tendo sido o primeiro amor um do outro… Mas, quando ia abrir a boca para falar, ele lançou-lhe um olhar tão raivoso que ela sentiu-o tão intensamente como se lhe tivesse espetado uma espada, depois ele virou-se e foi-se embora.

E agora estaria de volta para o funeral de Anna. Fosse como fosse, ela tinha de ir. Não se sentiria assustada por ele. Anna era amiga dela, muito, muito amiga. Tinha de ir por ela, pelo seu pai. Ele teria querido que ela fosse. Era isso que os Power faziam. Não importava quão desconfortável algo pudesse ser, eles faziam-no.

Por isso, não importava que Cashel a olhasse com os seus olhos tempestuosos, Tess iria ao funeral.

* * *

No caminho para casa, Tess parou em casa da sogra para recolher Kitty. Helen cuidava de Kitty dois dias por semana e Lydia, uma ama, ia buscá-la à escola nos outros três. Ocasionalmente, Kevin terminava o trabalho a tempo de ir deixar Kitty a casa, mas, na maioria das vezes, Tess ia buscá-la.

Kitty adorava ir para casa da avó depois das aulas, porque a avozinha não a pressionava muito com os trabalhos de casa e também porque lhe enchia a barriga com bolos caseiros. Como resultado, chegada a hora de jantar, Kitty não tinha apetite e ficava pasmada a olhar para os vegetais no prato e lamuriava-se:

– Não tenho nem um bocadinho de fome e não vou comer brócolos.

Kitty queria que a mãe entrasse em casa da avó e ficasse um bocado, mas naquele dia Tess sentia-se tão estranha pelo duplo golpe, primeiro a morte de Anna e depois a ideia de Cashel a voltar a casa e fixá-la com o olhar, que não conseguia ficar.

– Desculpe, Helen – disse ela. – Ficaria para uma chávena de chá, mas estou absolutamente derreada esta noite.

– Não faz mal, querida – aquiesceu Helen. – Até amanhã, pintainho – acrescentou, espetando um grande beijo na cabeça de Kitty.

Em casa, Tess verificou os trabalhos de casa da filha, pôs a tarte de carne no forno, arranjou os legumes, fez algumas arrumações e esvaziou a máquina de lavar loiça. O normal de todos os dias. Zach chegou cansado do seu dia de escola, com um saco de livros tão pesado que Tess não percebia como é que todos os estudantes não tinham problemas sérios de coluna.

– Não faz mal, mã – protestou Zach. – Eu sou forte. – E mostrou-lhe um músculo.

Ela riu-se. Ele *era* forte. Era incrível como o seu bebé se tinha tornado naquele gigante de dezassete anos.

– Eu também sou forte – disse Kitty, fletindo os seus músculos inexistentes de miúda pequena.

– És sim senhora, minha querida – concordou Tess. – Superforte. E vais ficar ainda mais forte se te sentares aqui e comeres o teu jantar.

– Mas, mamã, é tarte de carne. Detesto tarte de carne – queixou-se Kitty.

– Ontem à noite disseste que detestavas frango assado e prometeste que ias ser boazinha e comer o teu jantar todo hoje – lembrou Tess. – Vá lá, tu juraste. Se se cruzar os indicadores em frente à boca e jurar, não se pode quebrar a jura.

– Está bem – resmungou Kitty, com todo o ar miserável de alguém a ser obrigado a correr dez quilómetros num trilho às escuras.

Zach devorou o jantar enquanto Kitty empurrava o seu no prato. Tess estava demasiado cansada para discutir com ela.

– Come um bocadinho de brócolos e já está.

– Tem mesmo de ser? – lamuriou Kitty.

Tess desistiu.

Estava a lavar os pratos quando a campainha tocou.

– É o teu pai – disse –, abres a porta, Zach?

Zach apressou-se a ir abrir a porta. Uns segundos depois, Kevin apareceu na entrada da cozinha olhando à volta de forma estranha como se precisasse de ser convidado.

– Entra e senta-te, Kevin. Queres uma chávena de chá? Trouxeste biscoitos?

– Sim. Estão aqui.

Entregou o embrulho a Tess formalmente.

O que se passaria, interrogou-se Tess. Ele parecia desconfortável e infeliz. Tinha de ser dinheiro. Um dos seus trabalhos grandes fora cancelado, só podia ser. Como iriam resolver?

Pagar a hipoteca já era bastante difícil. Agora, com o negócio dela em baixo desde o último ano e o salário de Kevin a desaparecer, era difícil ver uma solução. Talvez ela tivesse mesmo de desistir da loja e encontrar outro emprego.

Kevin sentou-se à mesa e conversou com Zach e Kitty. Ele era igual a si próprio com eles, o que fez Tess sentir-se melhor. As crianças precisavam de um pai e ela precisava de… Bem, gostava de o ter por perto. Não estava apaixonada por ele, mas preocupava-se com ele e talvez

isso fosse o suficiente. Toda aquela conversa sobre amor puro que sobrevive a tudo e que permanece tão forte vinte anos depois eram balelas de contos de fadas ou de filmes. Nos filmes, as pessoas adoravam-se para sempre. Claro que na vida real de Hollywood permanecer juntos durante sete anos era considerado um recorde.

Mas, na vida de Tess, na vida normal de Avalon, talvez respeitar e gostar do homem com quem se era casada fosse o suficiente. Toda a gente de vez em quando se interrogava se não haveria mais nada na vida. Por um breve instante, pensou naquela paixão selvagem que tinha tido com Cashel e depois também se lembrou onde aquilo a levara. A paixão louca não durava. A paixão louca acabava mal. Não, segurança, amor e criar uma família em conjunto eram as coisas que contavam. Decidiu-se a dizer-lhe isto tudo quando ficassem sós. Enquanto fazia o chá, foi ensaiando como lhe iria explicar.

Kevin, lamento, estava errada acerca desta história toda da separação. Foi uma ideia estúpida, mas mostrou-me que devemos ficar juntos, que aquilo que temos é maravilhoso. Por favor, volta e começamos de novo.

Quando o chá ficou pronto, Zach estava a recolher as suas coisas e a preparar-se para fazer os trabalhos de casa.

– Kitty, lá para cima e veste o pijama – ordenou Tess. – E não te esqueças de lavar os dentes. Depois podes descer e ver vinte minutos de Disney Channel antes de ires para a cama, sim?

– Sim, mamã – disse Kitty, correndo para dar um grande abraço ao pai quando ia de saída.

Em vez de avançar para o que quer que o estivesse a preocupar, assim que Kitty saiu, Kevin fixou o olhar no fundo da sua chávena, como se encontrasse ali os segredos da vida.

– Sei do que vieste falar – adiantou Tess. – Eu compreendo. Quer dizer, é difícil, obviamente, vai ser difícil, mas outras pessoas já passaram por coisas piores. Vamos arranjar forma de resolver.

Kevin olhou para ela, com incompreensão nos olhos.

– Tu sabes? – perguntou.

– Bem, sim – disse ela. – Calculei: as finanças. Temos de fazer algo, não é? Acho que vou ter mesmo de fechar a loja e arranjar um emprego noutro sítio.

– Oh, meu Deus. – Ficou pálido, o que não era normal, porque Kevin tinha uma pele sempre corada por passar tanto tempo na rua. – Não era isso que te vinha dizer.

– Diz lá, então. – Tess pegou noutro biscoito. Ele tinha ido buscá-los à confeitaria. Uma senhora chamada Madeleine confecionava-os e ela era de facto a melhor pasteleira da zona. Os seus bolos de Natal tinham muita procura; nos últimos dois anos tinha feito um para Kevin e Tess, maravilhosamente decorado com o Pai Natal, renas e pinguins de açúcar glacé – todo o tipo de coisas natalícias que Kitty e até Zach adoravam.

– Não é sobre dinheiro – esclareceu Kevin. Inspirou fundo. – Conheci outra pessoa.

– O quê? – Tess fitou-o incrédula.

– Eu não quis que acontecesse desta forma – continuou ele –, mas aconteceu. Não quero magoar-te Tess, nem às crianças, mas o facto é que nos separámos e que se conheci alguém significa que a separação foi a escolha certa.

Tess recuperou finalmente as suas capacidades linguísticas.

– O que queres dizer com a escolha certa? Separámo-nos para ver se queríamos estar juntos… – ela mal conseguia juntar as palavras –, não para procurar outras pessoas.

– Eu não procurei. Aconteceu simplesmente.

– Nada acontece simplesmente – sibilou Tess.

– Bem, isto aconteceu. – Passou as mãos pelo cabelo. Estava sempre espetado. Nenhum produto conseguia achatá-lo e crescia selvaticamente. Uma vez por mês ia ao barbeiro e cortava-o todo: três semanas depois, era um arbusto silvestre outra vez.

– Quem é ela, essa pessoa que conheceste? – perguntou Tess. Empurrou o chá e os biscoitos para longe. Não queria nenhuma forma de conforto enquanto apreendia esta reviravolta de acontecimentos.

– O nome dela é Claire. Os pais mudaram-se para Avalon há cerca de um ano. É adorável. É ilustradora, irias mesmo gostar dela.

– Oh, meu Deus, não posso crer que disseste isso! – exclamou Tess. – Eu *iria gostar dela?* Porquê? Ela é como eu? Tem filhos? É casada? Divorciada? O quê? Diz-me.

– Na realidade, é um pouco mais nova – disse Kevin. – E não tem filhos, embora queira. Um dia.

E foi aí que Tess pensou que se ia passar.

– Um pouco mais nova? – questionou, pronunciando cada palavra cuidadosamente. – Exatamente quantos anos mais nova?

Kevin humedeceu os lábios.

– Tem vinte e nove – retorquiu.

– Oh, meu Deus, vinte e nove! – Tess levantou-se e começou a andar de um lado para o outro.

– Ela tem vinte e nove. Chama-se Claire. É ilustradora. Não me digas: tem longos cabelos loiros e usa calças de ganga justinhas e vai a festivais de música *rock*?

– Bem… – começou Kevin.

– É, não é? Porquê? Porque aconteceu isto? – perguntou Tess.

– Fiz uns trabalhos na casa da mãe dela e conheci-a. E quanto ao motivo por que aconteceu… – Juntou as mãos num gesto de súplica. – Não sei porquê. O que sei é que nos conhecemos, tivemos uma ligação imediata e saímos. Já saímos três vezes, não aqui. Nunca saímos juntos em Avalon. Não quis que as pessoas andassem a falar – acrescentou num tom de petição. – Sabes como esta terra é. Fomos até Arklow, mas as pessoas vão ver-nos juntos em breve e queria que tu soubesses.

– E é sério?

– Sim – anuiu –, é sério.

– Sabes, pensei que viesses aqui dizer-me que estavas com mais problemas financeiros do que os que temos tido… ah… – Tess abanou a cabeça. – Não sabia o que ias dizer, mas nunca isso. Isso não estava na lista.

– Lamento –—disse ele. – A questão é como dizemos às crianças?

– O que queres dizer com *dizemos* às crianças? – perguntou ela.

– Bem temos de o fazer.

– *Nós* não temos de o fazer – ripostou Tess, azeda –, *tu* tens. E sabes que mais, Kevin, acho que devias ir embora agora mesmo. Vai. Sai daqui.

Ele levantou-se e atravessou a sala, virando-se à porta para dizer:

– Lamento muito, Tess. Nunca quis que as coisas acontecessem assim…

– Vai-te embora – respondeu zangada.

Depois de ele sair, sentou-se com Kitty durante vinte minutos a ver algo no Disney Channel, embora Tess nunca se fosse lembrar do que era: estava em choque. Segurou a mão de Kitty e tentou não chorar. Não deixaria sair tudo em frente à sua filha, não podia. Iria destroçar as crianças. Zach tinha odiado que o pai saísse de casa e, ainda que Kitty se tivesse adaptado à sua maneira infantil pedindo um gatinho, era como todos os miúdos pequenos e detestava mudanças.

Tess tinha-se esforçado para que a separação parecesse perfeitamente normal dizendo coisas como: «Os adultos às vezes vivem separados durante algum tempo e depois tudo volta ao normal.» Como podia ela explicar aquilo? *Nada* explicaria aquilo. A sua família tinha-se partido em dois pedaços e a culpa era toda dela.

Às duas da manhã, quando finalmente desistira de tentar dormir, telefonou à sua irmã para Massachusetts.

– Não entendo – sussurrou Tess para não acordar as crianças. – O que correu mal? Tentámos terapia conjugal. Todos os livros e revistas dizem que quando as pessoas se amam, a terapia resolve tudo. Quando isso não funciona, li que a separação provoca um choque que te faz perceber aquilo que podes realmente perder. Sabes: é pegar ou largar. O Kevin não queria tentar isso, fui eu que insisti para experimentarmos, a separação podia funcionar.

– Isso é tudo treta e tu sabes – disse Suki que era uma atiradora experiente em acertar em cheio. – Ouve o que te digo, Tess. Posso ter lixado mais relações do que tu cozinhaste jantares, e dei cabo do meu único casamento, mas vejo os dois factos que te têm iludido nos últimos meses: a separação nunca leva a lado nenhum senão à rutura e *as pessoas mudam*. Quando conheceste o Kevin estavas vulnerável.

Ficaram as duas em silêncio e o golfo do oceano Atlântico pareceu gigantesco. Elas eram as únicas que sabiam o quão vulnerável Tess estava naquela altura. Vulnerável quase que nem era a palavra. Tess sentira-se tão horrivelmente só. A irmã estava na América, o pai estava morto, Cashel tinha partido e não havia mais ninguém na sua vida.

– Precisavas de ser salva. Agora és adulta. Se algum salvamento tem de ser feito, tens de ser tu a fazê-lo. Então, mudaste. Quando o Kevin te conheceu, adorava ser o tipo forte e silencioso que podia tomar conta de ti. Mas tu já não precisas dele dessa maneira. É provavelmente por isso que ele se apaixonou por essa Claire. Ela acha que ele é o homem forte que vai tomar conta dela e ele adora isso. E, isso, as tuas revistas e livros não te dizem – acrescentou Suki numa voz ditatorial e Tess podia imaginá-la a dizer aquilo numa palestra sobre as diferenças entre sexos –, é muito menos provável os homens ficarem sós após uma separação do que as

mulheres. Não me lembro das estatísticas exatas, mas uma grande percentagem de viúvos casa novamente no espaço de um ano após a morte da mulher. O mesmo não é válido para as viúvas. Os homens não gostam de ficar sozinhos, querida, e tu mandaste-o para o espaço azul sideral por sua conta.

– Ele estava a viver no apartamento da avó, por trás da casa da mãe – sussurrou Tess –, na mesma vila que eu e os miúdos. Disse que ansiava pelo fim da separação porque no primeiro minuto em que nos separámos ele soubera que devíamos voltar a ficar juntos!

– Mas e tu? –—perguntou Suki. Ela sabia sempre a pergunta certa e difícil para fazer, mesmo quando eram crianças.

– Eu estava a mudar de ideias – admitiu Tess lentamente –, tenho-me sentido sozinha.

– Sei como isso é – admitiu Suki, tranquilamente, no outro lado do telefone, tão tranquilamente que Tess ficou na dúvida se tinha ouvido bem. Em qualquer outra altura, teria perguntado imediatamente a Suki o que havia de errado, sendo a irmã boazinha, tentando ajudar Suki a resolver outro romance complicado na sua preenchida vida amorosa. Mas naquela noite era sobre ela. Naquela noite, Tess precisava que Suki pusesse o seu fabuloso cérebro em ação e a ajudasse a resolver a confusão na sua cabeça.

– Eu estava habituada a ser casada, Suki. Habituada a acordar com o Kevin e habituada às coisas que ele fazia. Agora tenho de fazer tudo… as compras da mercearia, cozinhar, tratar dos assuntos da escola, pagar as contas. E ao Kevin toca-lhe brincar aos casais apaixonados com a sua namorada criança. De quem *eu vou realmente gostar*, parece.

Tess expirou e estendeu-se para trás nas suas almofadas, tristemente.

– Ainda nem acredito que ele disse aquilo.

– Querida, gostaria de te poder ajudar, mas… —

– Mas estás a quatro mil quilómetros de distância e também estás falida. Eu percebo – concluiu Tess penosamente. – Devíamos oferecer os nossos serviços a uma clínica de terapia conjugal. Podiam usar-nos nos seus cartazes: *Conheça as Irmãs Power, faça o que fizer, não faça como elas – assim será feliz.*

– Há uma coisa que não mencionaste – continuou Suki como se não tivesse sido interrompida. – Amor. Não falaste de amor, Tess. Sentes a falta do Kevin e tudo isso, mas o teu coração está partido porque ele não está aí ou porque não há ninguém com quem partilhar as coisa principais e que esteja na tua cama à noite? Só tu podes responder a isso. Se decidires que o amas, então tens de o disputar com a namorada criança.

Pela primeira vez nessa noite, Tess riu-se. Era um riso histérico e, quando começou, percebeu que não conseguia parar. Tentou abafar as gargalhadas com a almofada.

– Desculpa – disse destapando-se para respirar. – Tive uma visão de mim e dessa rapariga de vinte e nove anos num combate mano a mano na praça central. Eu a atirá-la através da janela do bar.

– Diz-me quando essa luta for agendada – pediu Suki divertida – e reservo o primeiro voo de regresso a casa.

INVERNO

5

O café era a droga de eleição de Suki naqueles dias. Um sedoso *macchiato* colombiano com um toque de espuma de soja no pequeno café do bairro. Pegava na chávena e ia para o átrio traseiro da casa. Outrora uma bela, embora pequena, casa revestida a madeira de um ceramista local, estava lindamente decorada e tinha várias lanternas penduradas no telhado do pátio. Havia também uma velha cadeira de baloiço descascada, com uma almofada que devia datar do tempo de há dez governos, mas era o sítio perfeito para ela se sentar com o café e fumar o primeiro dos seus dez cigarros diários.

Na rádio tinham previsto um vento de noroeste forte para essa manhã e no matagal das traseiras as magras árvores abanavam com o vento. A jardinagem não era o ponto forte de Suki.

Em comparação com a velha casa de praia com que tinha ficado do divórcio com Kyle, a vista não era nada de especial. Aí apreciava o belo areal da praia, olhando as ondas a arrastar pedaços de madeira flutuante. Costumava recolher interessantes pedaços de madeira; serviam para complementar o azul pálido das paredes da moradia e ficavam bem com as diversas peças de parafernália náutica com que o decorador da mãe de Kyle havia enfeitado a casa quando para lá tinham ido.

Nesta casa, com as paredes forradas a papel e a pintura cor de mostarda, a madeira flutuante tinha um ar sujo. Era tudo uma questão de composição do cenário.

Uma outra diferença era a linha do horizonte: nenhum Richardson vivera, ao longo de décadas, sem manter uma certa distância dos vizinhos. Ter vizinhos era próprio dos pobres. Os ricos podiam pagar um isolamento glorioso e a sua casa de praia era rigorosamente solitária, a única na praia.

Ali, no extremo de uma pequena propriedade em Falmouth, Massachusetts, havia uma outra linha de casas por trás dela. Em vez de olhá-las, ela observava o céu enquanto fumava e sorvia o café. Era uma boa altura do dia para pensar.

Nesse dia, precisava de ir às compras, pagar algumas contas *on-line* e avançar um pouco no seu livro.

Estava a andar devagar.

– *Escreve todas as palavras*? – perguntara-lhe uma vez uma mulher numa festa. Isso tinha sucedido naqueles dias em que ainda se sentia amada pelo mundo, de modo que se limitou a sorrir e a dizer *Sim, escrevo todas as palavras*.

Agora seria menos simpática.

– Não, a fada das palavras vem de noite e escreve-as. Limito-me a lê-las de manhã para me assegurar que escreveu o suficiente. Por falar nisso, você tem de voltar para a sua cidade, eles estão a precisar de idiotas.

A fada das palavras não estava de todo operacional naqueles dias.

Suki crescera na Irlanda, nunca fora uma pessoa madrugadora, exceto nos dias de verão, quando os raios de sol entravam por entre as cortinas do seu quarto. Por vezes, ia à cozinha buscar uma chávena de chá – o verão era o único período em que Avalon House não era um gelo – e depois subia as escadas traseiras até ao terceiro andar, onde uma janela dava para uma imitação das ameias normandas. Ninguém, além dela e Tess, tinha alguma vez ido lá acima. Suki costumava deixar beatas de cigarro por todo o lado até que Tess arranjou uma lata de feijões vazia e passou a ser o cinzeiro, esvaziado de vez em quando quando transbordava. Haviam levado duas velhas almofadas para colocar na janela e, nos dias bonitos, ela e Tess sentavam-se confortavelmente a olhar a partir daquele ponto elevado no cimo de Willow Street. Podiam ver o movimento em Avalon, a linha de caravanas em Cabana-Land e, à direita, as elevações rochosas onde as crianças adoravam passar o dia e os jovens amantes gostavam de namorar à noite.

Suki apreciava estar junto ao mar. Sentia uma certa claustrofobia quando estava cercada de terra. O mar e as árvores eram os seus ímanes naturais.

A praia em Avalon era tão bela, a curva do areal de um lado, esmorecendo numa pequena enseada coberta de rochas lisas que brilhavam ao sol. Valley of the Diamonds, assim se chamava.

Uma vez, Suki foi até lá levada por um rapaz. Suki não o deixou ir muito longe, apesar do que ele possa ter contado aos amigos. Suki Power podia ser muitas coisas, mas estúpida não era uma delas.

Terminado o cigarro, arrastou-se escada acima para o escritório.

O escritório era, na verdade, um armário glorificado. Dois anos antes, quando comprara a casa, o agente imobiliário descrevera-o entusiasticamente como «o quarto das crianças». Suki deitou-lhe um olhar furioso perante aquela descrição. Pensaria ele que ela, com a sua idade, procurava um lugar para assentar e formar família? Mas percebeu que o agente era um jovem ocupadíssimo, operando em piloto automático, debitando a mesma conversa fosse qual fosse a casa, fosse quem fosse o cliente.

– … Aqui, a cozinha e sala de jantar e, olhe, um forno a lenha original! E, lá em cima, convenientemente situado logo a seguir ao quarto principal o quarto das crianças!

Nunca mais tinha entrado na pequena divisão e pensado nela nostalgicamente como um quarto de crianças. Embora maldissesse as mães mais velhas, continuava a haver um pequeno lugar dentro de si que recordava a sua própria infância.

Mas ela estava para lá de isso alguma vez se tornar realidade. Naqueles dias, o «quarto das crianças» era mais um escritório tornado câmara de tortura. O sítio onde ia penar, olhando para um ecrã vazio, pensando em como faria para o encher de páginas sem fim que lhe permitissem receber o avanço de direitos do seu editor – dinheiro de que precisava tão desesperadamente.

Quando emergira do cenário desolador que tinha sido a sua vida na estrada com Jethro, Suki estava falida. Não sobrara um tostão do divórcio com Kyle; ou devido à má vontade deles ou por ter gasto tudo, satisfazendo um fraquinho por roupas ridiculamente caras, joias, tratamentos cosméticos para fazê-la parecer mais jovem. A bonita casa de praia de Maine, que

tinha recebido como parte da pensão de alimentos, foi vendida para pagar as dívidas que contraíra esbanjando dinheiro, pagando contas em bares com fanfarronice, para mostrar que era uma famosa escritora feminista e não apenas mais uma *groupie* dos TradeWind. Malgrado o facto de que era mesmo isso que ela era – mais uma *groupie*.

O que mais a envergonhava era não ter ganho juízo e saído dali. Foi ficando até Jethro se fartar dela e ter tentado passá-la a outro.

A memória daquela noite continuava a deixá-la doente. Na manhã seguinte, fez as malas e partiu.

Fora de toda aquela desolação, tentou reconstruir a vida. Uma das poucas pessoas que devolveu os seus contactos foi a sua agente, Melissa, que, nem sabia bem como, lhe ofereceu um contrato de publicação de dois livros.

O adiantamento sobre direitos era de cerca de um quarto do que tinha recebido no anterior contrato, e só para um livro.

– Tens sorte em receber tanto – dissera Melissa com a sua habitual franqueza. – Suspeito que eles aceitaram publicar o teu livro de política feminista na base de que, no dia em que escrevesses o sucesso «Entrei no clã Richardson, depois andei na estrada com Jethro e saí pelo outro lado», recuperariam o seu investimento e lucrariam.

– Eu nunca escreverei *essa* história – afirmara Suki calmamente, pensando que não estava completamente certa de ter saído de algum desses períodos da sua vida.

– O *nunca* não te paga as contas, querida – sublinhou Melissa. – Não abandones já essa hipótese. Podemos falar no assunto quando vieres a Nova Iorque para a reunião com os editores.

Suki não tinha qualquer intenção de ocupar nenhuma parte da sua cabeça com esse projeto específico. Mas, entretanto, um outro livro acabou por lhe ocupar o espírito: o livro de Redmond Suarez sobre os Richardson. Se ele estivesse à altura da sua reputação e conseguisse desenterrar todos os seus segredos, ela sabia que se desmoronaria completamente.

Chegara já o final da tarde quando Suki admitiu a derrota, apagando quase tudo o que escrevera. Desceu e encontrou Mick, ainda com a *T-shirt* com que tinha dormido, a que tinha estampado o logótipo da sua banda preferida. Os seus olhos estavam pesados de sono, até porque não se tinha levantado há muito. Mick era musculado, alto e carinhoso – fazia exatamente o género de Suki. Havia também começado a suspeitar que ele estava um pouco mais do que preocupado com a sua relação com Jethro e os TradeWind. Pensava se não seria um troféu para ele: «Ando com a ex de Jethro.»

Talvez não. Mas ele estava a tornar-se bastante possessivo. Na noite anterior, quando lhe dissera que voaria para Nova Iorque para se reunir com a sua agente e os editores, ele começou imediatamente a deixar transparecer que queria ir com ela.

E parecia não ter desistido, as suas primeiras palavras foram:

– Precisamos de umas pequenas férias, querida.

Ele estava sentado na mesa de pinho da cozinha dela, examinando o cardápio do Mr. Chang

Takeout, como se houvesse sequer a possibilidade de escolher algo diferente do que era costume, ou seja, *chau-min* de galinha e massa de amendoim. Suki gozava com ele o tempo todo por causa disso, mas naquele dia achou irritante a leitura cuidadosa do cardápio.

Nenhum deles tinha dinheiro para umas «pequenas férias». Mal lhes chegava o dinheiro para encomendarem comida todas as santas noites da semana. Mick não sabia cozinhar nada a não ser churrasco, que ele achava que devia ser acrescentado como emenda à Constituição:

– Todos os homens devem ter o direito de grelhar no seu quintal enquanto entornam umas cervejas geladas – gostava ele de dizer.

Ele alugara um apartamento de rés-do-chão numa velha casa dois quarteirões abaixo e não tinha um grelhador de exterior, havia apenas um improvisado que estragava pelo menos metade da comida. Um amigo seu, Renaud, baterista da banda à noite e contabilista de dia, possuía um grelhador a gás propano e um quintal decente para o utilizar.

Mick e Steve, o baixista, costumavam queixar-se dele, afirmando que não era um *rocker* a sério por ter um emprego «civilizado». Eles eram verdadeiros músicos: não trabalhavam durante o dia.

Achavam que Suki devia concordar com essa perspetiva, mas quanto mais as contas chegavam e via que Mick vivia com ela noventa por cento do tempo sem contribuir com nada, mais invejava a mulher de Renaud, Odette, que tinha dinheiro para tratamentos faciais, para um *personal trainer* e para arranjar as unhas.

Um mês antes, Mick trouxera muitas das suas coisas para a casa dela. Agora subarrendava o seu apartamento.

Suki sabia que, se ficassem juntos, teria de ser ela a arranjar dinheiro. O que era próprio de um feminismo muito moderno.

Também sabia que nunca seria capaz de mencionar o facto de que era ela quem punha o pão na mesa, nem que Mick e a sua banda não iriam a lado nenhum.

Pelo contrário, dela se esperava que fosse a todos os concertos que eles conseguissem arranjar e que ficasse ao lado do palco a aplaudir e a gritar com entusiasmo. Tudo menos aborrecer Mick.

– Acho que não gostaste do espetáculo – comentara ele uma vez, logo no início, quando Suki e Odette tinham estado a falar junto ao bar em vez de aplaudirem freneticamente.

– Adorei – disse Suki de pronto, uma vez que era isso o que se devia fazer com os artistas. Jethro tinha-lhe dito uma vez que só os promotores e os *managers* podiam dizer a verdade. Considerava-se muito bem informado e estava bem ciente da indústria, de todo o seu consumo de drogas.

– Querido – respondeu a Mick. – Nova Iorque é negócio. Sabes quanto custam lá os hotéis. Eu vou e venho no mesmo dia. Deixemos as nossas férias para outra altura.

Ele pegou no telefone para ligar para o *takeaway*.

– Tudo bem – retorquira ele –, queres arroz cozido ou frito?

* * *

Manhattan tinha sido outrora o melhor lugar do mundo para Suki. O brilho, a excitação, a sensação de que *tudo* era possível. Tinha chegado no verão dos seus dezanove anos, e não

podia esperar pelo seu primeiro emprego como empregada de café, não se importava de ter de partilhar uma casa semimobilada com oito outros colegas irlandeses no Bronx. Estava lá – na cidade que nunca dorme. E ela, Suki Power, ia conquistá-la.

Regressara a Manhattan muitas vezes ao longo dos anos em que *As Mulheres e as Suas Guerras* estava nas listas dos livros mais vendidos e quando vivia com Jethro. Por vezes, ficava no enorme apartamento dele, em Park Avenue, mas, muito frequentemente, saltavam de hotel em hotel. Jethro estava viciado na vida de hotel. Não sabia aquecer uma chaleira e, se chegasse sequer a pensar nisso, provavelmente assumiria que os lençóis eram deitados no lixo todos os dias depois de se levantar da cama. Tivera uma vida normal, mas fora há muito tempo. Era uma estrela há tantos anos que nem se lembrava, ou queria lembrar, disso.

Agora, quando a linha do horizonte, para sempre mudada, apareceu na janela do avião, ela sabia que acabara outro caso amoroso. Nova Iorque tinha partido sem ela. A brilhante cidade estava agora inundada de pessoas mais novas e com os corações limpos e intactos. Estranhamente, isso fê-la sentir-se mais velha do que indiciaria qualquer ruga da sua cara.

O seu encontro com a editora estava marcado para as duas e ia encontrar-se antes com a sua agente, Melissa, para almoçarem.

– Peço alguma coisa para comermos no meu escritório, Suki. Tenho uma conferência por telefone com a Costa Oeste às doze. Não temos tempo para sair – informou Melissa quando combinavam.

Suki sabia o que isso significava. Suki Richardson dava tão pouco dinheiro que levá-la a almoçar já não era financeiramente viável.

A velha Suki teria protestado por ser tão

maltratada. A nova Suki respondera «Tudo bem».

Tinha um longo caminho a percorrer para voltar a ser a Golias que já havia sido, se é que alguma vez regressaria a esse ponto.

Quando a adrenalina fluía, Suki sentia-se à altura de qualquer um: quando passava todo o tempo a ir à televisão, quando os rapazes em Avalon a desejavam, quando era a mulher de Kyle Richardson, quando estava com Jethro… Mas para si, *dentro* de si, não se lembrava da última vez em que se tinha sentido confiante. Aquilo assustava-a mais do que qualquer outra coisa. Se já não conseguisse lutar, o que seria dela?

Os escritórios da Carr and Lowenstein tinham outrora ocupado metade de um grande prédio, de tamanho adequado, mas, quando juntaram forças com uma agência teatral, haviam-se mudado para uma torre de vidro. Suki passou todo o tempo dentro do elevador em direção ao quadragésimo quinto andar a combater as vertigens, um sentimento que piorou quando saiu para o átrio lustroso, todo feito de superfícies brilhantes, de modo a enfatizar a altura a que estavam. A receção tinha umas oliveiras relativamente grandes dispostas em vasos em cada canto e as paredes verde-prata estavam cheias de fotografias dos seus mais famosos e rentáveis clientes.

Nos tempos de Jethro, ele contara-lhe que as pessoas da editora discográfica colocavam

fotos dos TradeWind em todas as paredes e que tocavam o seu último álbum cada vez que eles lá iam.

– Assim que saímos, metem logo o disco de outra banda, meu! – assinalava Stas, o guitarrista-solo da banda.

– Claro que sim – concordava Jethro, despreocupado. – É o negócio, não é nada pessoal.

Suki não viu qualquer foto sua nas paredes da Carr and Lowenstein. Nem uma minúscula que fosse. E sentiu-se ofendida.

A rececionista, uma rapariga que parecia saída da *Cosmo-Girl*, vestida em tons de pele, com unhas *After Dark*, de *Lincoln Park*, nem se preocupou em esboçar um sorriso bem-educado quando Suki disse quem era e mandou-a esperar. A rececionista sabia tudo. Quem estava no cimo e quem estava em baixo.

Nem fotografia na parede nem sorriso da *Cosmo-Girl*. Estava tudo dito.

Suki sentou-se num sofá e sentiu o pânico a crescer. A sua carreira estava acabada. Estava falida. Já não havia para onde ir e o homem mais perigoso do negócio sujo das biografias queria escrever sobre ela e a família Richardson. Suki não queria que todos os erros que cometera na sua vida se transformassem no horror de uma biografia de baixa qualidade. Isso destruiria toda a credibilidade que ainda lhe restasse.

O terror que se instalara desde que Eric Gold lhe dissera que Redmond Suarez pretendia escrever o livro explodiu em pleno no corpo de Suki.

– Onde fica a casa de banho das senhoras? – perguntou à *Cosmo-Girl*.

– Sempre em frente pelo corredor, segunda à esquerda – informou a rapariga, mal olhando na direção de Suki.

Tess ter-se-ia apresentado e feito a rapariga sorrir, pensou Suki. Tess era linda e, ainda assim, possuía aquele dom de ser capaz de impedir que as outras mulheres a odiassem. Suki nunca o tinha conseguido. Os homens amavam-na, as mulheres desconfiavam dela.

Porque pensava tanto em Tess? Teria de ser pela preocupação com o livro e pela forma como tudo estava ligado. O passado, Avalon, todas as coisas que tentava esquecer, todos os segredos.

Na casa de banho, fechou-se num dos sanitários, baixou a tampa da sanita e sentou-se. Um *Xanax* para os nervos, um *Tylenol* para a dor de cabeça que lhe crescia desde a base do crânio e um dos antiácidos para acalmar a bílis que subia tão rapidamente naqueles dias. Tomou tudo com uma garrafa de água. Não ignorava que aquilo estava relacionado com o stresse, mas Suki sabia que não havia uma solução fácil quando se tratava de stresse. Estava falida, por isso o stresse não desapareceria tão depressa. E o livro…

Ouviu a porta da casa de banho bater e levantou-se, demasiado corada para se perceber que não estava a tomar cocaína – o que teria feito noutros tempos – e saiu.

Colocou um pouco de batom de brilho nos lábios e regressou ao átrio como se não fosse nada. *Age como se não fosse nada*, pensou.

Melissa Lowenstein era uma mulher alta e vistosa que ge-ralmente vestia fato de corte justo com uma única grande joia. A daquele dia era uma bonita pregadeira *Perspex* na lapela.

– Suki, que bom ver-te – disse ela, apertando-lhe a mão.

Melissa não cumprimentava com beijos.

– Dá aos homens uma ideia errada – explicara uma vez a Suki. – Beijar pode fazê-los pensar que podem pôr-nos a mão no rabo. Beijar confunde as regras. Por isso, opto pelo mais simples. Não cumprimento ninguém com beijos nem toques e não há confusões se ultrapassarem aquela linha.

Suki achou estranha aquela abordagem. Ela gostava de ver o toque de admiração nos olhos dos homens, gostava de usar a sua sensualidade como parte do arsenal. Mas, concluiu, com Melissa era diferente: Suki era a artista, o talento, ao passo que Melissa tinha de lidar com homens. Totalmente diferente.

Na pequena mesa de trabalho de Melissa havia almoço para as duas: algumas carnes frias, pão, salada e bebidas dietéticas.

Sentaram-se e serviram-se, ainda que Suki não tivesse sequer uma ponta de apetite. O *Xanax* estava a fazer efeito e o que ela queria era um café forte, de preferência um *macchiato* com espuma, e um cigarro e então descontrairia totalmente. Mas acabou por compor um prato de salada com uma bebida.

– Como está a ir o livro? – perguntou Melissa.

– Devagar – retorquiu. Não havia razão para mentir a Melissa. Estava prestes a tornar claras todas as questões que lhe ocupavam o espírito: problemas financeiros, o raio do livro de Suarez e sublinhar que, se estivesse a receber mais dinheiro, poderia concentrar-se…

– O que se passa? – perguntou Melissa asperamente, já sem bonomia, parecendo de súbito ter entrado em pânico. – Tu apresentaste o projeto aos editores, Suki. É para isso que eles te pagam. Ruben é um grande fã do teu trabalho, recusou o *As Mulheres e as Suas Guerras* naquela altura e ainda hoje se arrepende. Há dinheiro no banco para ti, mas os editores não ficarão para sempre à espera. As glórias do passado engordaram-te; agora tens de dar à luz e a tempo. Tenho a cabeça no cepo por isto. O teu prazo termina daqui a três meses e eles ainda não viram nada. O que se passa?

Suki sentiu tremer a mão que segurava o copo enquanto Melissa explodia. O medo voltava a crescer.

– É o Redmond Suarez – admitiu. – Ele está a escrever um livro acerca dos Richardson. Está interessado em mim. Ando tão stressada com isto que nem consigo escrever.

Assim que Suki disse aquelas palavras, Melissa encostou-se para trás e sorriu de alívio.

– Suki, descontrai-te, querida. Isso é bom, é mais que bom. Isso é o sonho de qualquer publicista. Percebo que estejas preocupada. Ninguém quer ter um tipo daqueles a escrever sobre si. Suarez é uma ratazana de esgoto, mas as pessoas interessam-se por ratazanas de esgoto. Independentemente do que ele diga, isso será bom para a tua imagem. Um pouco daquela cena protestante de classe alta só pode fazer-te bem. Além disso, Ruben vai dar pulos de alegria. Ele sempre teve um certo despeito por velhos republicanos do Mayflower, como os Richardson, e nada lhe agradaria mais do que ver aqueles tipos embaraçados. O dinheiro não paga isso! – concluiu, sorrindo. – Tudo isso é bom. Porque não me disseste antes?

Melissa recomeçou a comer o pão e Suki ganhou forças para pousar o copo.

– Preciso de um café – disse. – Não consigo comer.

Melissa pegou no telefone da secretária e pediu café.

– Despacha-te, Jennie, temos de sair daqui às vinte para as duas, para chegarmos à Box House às duas. – Depois voltou-se para Suki. – Então – continuou – o que ouviste dizer sobre o livro de Suarez? Já falaste sobre isso com a família Richardson? Presumo que eles saibam? Aposto que sim.

– Eu não falei com eles – esclareceu Suki –, mas devem saber. Eles sabem sempre tudo.

Isso ela sabia por experiência própria.

* * *

Quando chegaram à Box House Publishing – mais um monólito de vidro reluzente –, Suki já tinha bebido dois cafés, colado um penso de nicotina no braço, em vez de fumar, e tomado mais metade de um *Xanax*. Não sentia dor e o rosto que viu no seu pequeno espelho estava com bom aspeto. Sob o efeito do tranquilizante, mas com bom aspeto. O que interessava de onde vinha a serenidade, certo? Apanhou o cabelo louro para trás, em vez de o pentear, e colocou ainda mais *eyeliner* e batom vermelho vivo.

– O Suarez está interessado nos anos de Jethro? – perguntou Melissa enquanto subiam no elevador.

– Não tenho a certeza – afirmou Suki, despreocupada dentro da sua bolha de felicidade. – Pelo menos ainda não. Os homens de Jethro teriam posto logo os advogados em cima dele. É sempre difícil comprometer bandas com os TradeWind. Os rumores nos tabloides são tão selvagens que ninguém se importa com o que mais uma biografia possa dizer. Jethro nunca fala, nunca nega, nunca pede desculpa.

Ela sabia isso também por experiência própria. Quando terminara a relação com Jethro, nunca mais soubera nada dele, apesar de terem partilhado a cama durante dois anos.

A reunião era com a sua editora, com a equipa de *marketing* e com o departamento responsável pelas capas. Eram todos pelo menos quinze anos mais novos que Suki e Melissa, mas Suki tentou convencer-se que isso não importava. Quando começara a escrever, aqueles miúdos ainda usavam fraldas. O que sabiam eles sobre ela para se porem com aquela conversa sobre capas e sobre o que as pessoas querem?

Ficou claro que toda a gente já tinha ouvido falar do livro de Suarez, e toda a gente estava bastante animada com a perspetiva.

– É o que as pessoas querem ler, a história a partir de dentro – suspirou uma rapariga particularmente nova que usava uns colãs opacos e uma saia tão curta que, nos tempos em que Suki era jovem, se a tivesse usado, alguém lhe teria dito que «estava a pedi-las».

Suki protestara durante toda a sua vida contra aquele mantra do «estar a pedi-las». As mulheres deviam poder vestir o que quisessem, ser o que quisessem. Mas, tal como aprendera sua custa, as coisas não eram bem assim. Quando parece que «estamos a pedi-las», por vezes acabamos por «tê-las» e isso pode destruir-nos.

Tantas décadas depois e as mulheres com responsabilidade política continuavam a ser criticadas por causa do que vestiam, apesar de ninguém fazer isso com os homens. E, no

entanto, ali estavam aquelas jovens mulheres, com carreiras, vestidas com roupas que pareciam dizer *mais um milímetro e vê-se tudo*.

Suki abanou a cabeça para afastar aqueles pensamentos malu-cos e voltou a concentrar-se. Tinham passado para a questão dos *e-books*, *blog tours* e o facto de o interessante passado de Suki a tornar uma pessoa interessante quer para livros quer para a internet.

Continuou a concentrar-se e a abstrair-se da conversa até a reunião terminar. Ainda sob o efeito do *Xanax*, fez o caminho de volta à rua. Quando procurava um táxi, passou por um grupo de raparigas jovens que pareciam mascaradas: colãs pretos, calções de ganga justos, botas rasteiras, camisas largas abertas e *T-shirts* mínimas, deixando ver a barriga com tatuagens. As roupas não revelavam nada, mas, de facto, concluiu Suki, sublinhavam o corpo feminino. Alguns tipos que andavam por ali observavam-nas e Suki observava-os a eles. Ela nunca tinha usado roupas daquelas quando era jovem, mas os vestidos com sentido do corpo e as botas altas que usara nessa altura pretendiam atingir o mesmo objetivo.

Depois do estilo sóbrio de Melissa, que tiraria aquela mesma conclusão, Suki estava quase chocada com as raparigas. E ela era imune ao choque, não era?

Em *As Mulheres e as Suas Guerras* escrevera sobre a capacitação das mulheres e o teto de vidro. Nessa altura era um tópico quente. Deixara de o ser. Embora o teto de vidro permanecesse, já ninguém se interessava. As escritoras feministas dedicaram livros inteiros a questões como a imagem do corpo, a sexualidade, o poder da maternidade – e que diferença fazia?

As raparigas jovens continuavam a escolher roupas que fariam os homens querer dormir com elas. As mulheres mais velhas queriam ter carreira e filhos. Mulheres de todas as idades queriam parecer atraentes para o sexo oposto, sem nunca mostrarem sinais de envelhecimento. Nada mudara.

Suki fez sinal à passagem de um táxi. Quando entrou, viu a sua própria imagem refletida na janela: uma mulher com um emaranhado de cabelos louros despenteados e lábios pintados de batom vermelho brilhante. A imagem perfeita de sexualidade promíscua.

Na parte de trás do táxi limpou o excesso de batom com um lenço de papel.

O avião estava atrasado e teve de esperar uma hora sem nada para ler além das notas das reuniões e de uma revista que comprara de manhã. Gostava daquela coisa da capacitação e de algumas coisas sobre abertura de espírito e meditação. Não *fazia* nada daquilo; para Suki, ler acerca do assunto era suficiente. Os artigos acalmavam-na, como se a informação se infiltrasse nos ossos.

Um dia prometeu a si própria que tentaria ir por aí. Talvez quando o livro fosse publicado e tivesse algum dinheiro. Talvez então fosse a Avalon passar um tempo com Zach e Kitty. Eles estavam a crescer e ela estava a perder esse percurso. Estivera muito próxima de Zach quando era mais jovem: ele era tão doce, tão inteligente, apesar de ser um miúdo. Suki sentia o carinho de Tess e do pai pelo rapaz e adorava estar com ele.

Mas não voltava a casa há muito tempo. Havia telefonemas no Natal e nos aniversários, mas ela sabia que ele estava a afastar-se dela. Quando os miúdos crescem, seguem em frente. Ela não queria perdê-lo. Ainda tinha tempo com Kitty, dado que era nova.

Sim, quando o livro estivesse pronto, assumindo que aguentaria a parada do livro de Suarez, iria a Avalon e ficaria uns tempos em casa de Tess. Praticar ioga, abertura de espírito, meditar na praia, coisas desse género. Riu-se ao pensar nisso.

Depois de mais um anúncio de atraso, ligou a Mick, que lhe pareceu ficar maldisposto quando lhe disse que chegaria tarde.

– Porque não vais ter com Renaud? – perguntou ela, como uma mãe sugerindo um novo brinquedo a um pirralho rabugento. Era melhor tê-lo a beber umas cervejas do que a aborrecer-se à espera dela.

– Acho que vou fazer isso, sim.

Os efeitos secundários das drogas e a energia que tivera de desencantar para enfrentar o dia deixaram-na exausta. Suki, com a mala segura no colo, pôs um xaile leve pelos ombros e recostou-se no banco da sala de espera do aeroporto, pelo menos enquanto o duro encosto o permitisse.

Jethro e a banda tinham o seu próprio jato. Não havia esperas nos aeroportos quando se viajava com os TradeWind. A sua cabeça regressou uma vez mais ao dia em que conhecera Jethro, aquela atração instantânea no programa de televisão e depois aquele beijo no camarim, após ele ter expulsado toda a gente, segurando-lhe o rosto com tanta ternura.

A sua música não era o único atrativo para as fãs; a imagem de Jethro representava uma boa parte da atração. Alto, quase ameaçador na sua beleza, exceto naquele sorriso sarcástico e sinuoso; o cabelo negro penteado para trás e a ossatura Sioux que herdara da sua mãe, definindo o rosto bronzeado. Era tão espantoso que Suki tinha desejado tocar-lhe no rosto e ver se ele era real ou se teria sido alguma maquilhagem inteligente a criar aquelas sombras e os ossos sobressaídos. Mas ele não a deixava tocar.

Era o único autorizado a tocar. As mãos dele no seu corpo, sentindo os seios debaixo da blusa de seda, fazendo-a não querer saber quem estava do outro lado da porta do camarim ou o que pudessem pensar. Apenas desejá-lo.

– Não – disse ele rispidamente, com a cara enterrada nos seios dela. – Aqui não, no meu hotel.

– Pensei que terias de voar para outro concerto – comentara ela, sem fôlego, enquanto ele tirava o blusão de uma cadeira, procurava os cigarros no bolso e lhe segurava a mão.

Mas o jato podia esperar. Havia tempo para irem ao hotel antes de terem de voar para Pittsburgh.

Enquanto saíam do estúdio de televisão, Suki sentiu um estranho zumbido por estar com um homem que todos reconheciam, um deus do *rock*, num tempo em que havia muitos desses deuses. Mas Jethro não tinha modos autodestrutivos. Por baixo de toda a maquilhagem e das tatuagens, incluindo uma serpente a subir por um braço até à carótida, Jethro tinha mais em comum com o seu antigo sogro, Kyle Richardson Sénior, do que com os seus pares deuses do *rock*. Tal como Kyle Sénior, sabia precisamente o que queria e estava determinado em consegui-lo, independentemente de quem ficasse magoado pelo caminho.

Rodeados por guarda-costas de fato – se não fosse assim, dizia Jethro, ninguém distinguiria os trombudos da segurança –, foram escoltados até uma limusina negra. Através do vidro

fumado, Suki viu as fãs aos gritos, atrás das barreiras de segurança e, à medida que o carro entrava no trânsito, ela recostou-se, sentindo-se segura, protegida, *especial*.

Jethro esparramou-se no banco de trás e Suki, naquele momento insegura e pensando se não teria cometido um erro terrível, sentou-se nervosa perto da janela. Sentiu o cheiro da sua própria transpiração através do *Shalimar* com que se perfumara naquela manhã. As luzes do estúdio fazem toda a gente transpirar e ela colou os braços ao corpo firmemente, de modo a que as inevitáveis manchas nas axilas não ficassem à vista.

– As fãs ficam sempre assim quando vocês aparecem na televisão? – perguntou ela, procurando parecer normal. Ainda podia sair dali, daquela *loucura* que a possuiu durante aquele beijo descontrolado no camarim. A televisão enlouquece as pessoas, toda a gente sabia. As luzes do estúdio, a noção de que se está a sorrir para milhões de pessoas; era tudo pura loucura.

E depois ter alguém como Jethro a rosnar que era a coisa mais *sexy* que ele já vira…

Ela olhou-o de relance, o seu perfil romano a olhar em frente, o cabelo negro (pintado?) penteado para trás. Devia usar lentes de contacto, concluiu ela, chegando-se mais perto, pois ele não estava a dar-lhe nem um pouco de atenção. Ninguém tinha uns olhos tão verdes; um verde luzente como cristal do fundo da Fossa das Marianas.

– Ainda estás a pensar recuar? – murmurou ele, olhando para ela. Abriu um compartimento junto a si e tirou uma garrafa de champanhe e copos e serviu-os com a destreza de um escanção.

Quando passou o copo a Suki, o desejo nos olhos dele fê-la sentir de novo todo o calor e a excitação.

– Só um – disse ela. – Tenho uma coisa amanhã…

Ela balbuciava, particularmente enquanto ele deslizava pelo acento de cabedal para junto dela.

– Cancela – ordenou ele terminantemente. – Amanhã estarás em Pittsburgh. Comigo.

– Não posso cancelar – negou ela subitamente irritada. Como se atrevia ele a dizer-lhe para cancelar o que quer que fosse!

Jethro bebeu um pouco do seu champanhe e já se encontrava mesmo ao lado dela. O seu rosto, de linhas bem definidas, estava junto ao dela e então a sua boca abriu a dela e ela pôde sentir a frescura do champanhe a entrar na sua boca. Já tinha ouvido falar de beijos líquidos, mas ninguém lhe fizera aquilo antes e de repente recuou, bebeu o que tinha no copo, deixou-o cair, puxou a cara dele para a sua com as duas mãos e expeliu um repuxo de bolhas frias para dentro da sua boca. Conseguiu sentir a garganta dele, em vez de a ouvir, uma vez que estavam tão perto um do outro, peito com peito, e já não importava se cheirava a transpiração ou a *Shalimar*: ele estava igual, um cheiro a animal selvagem e algo almiscarado e caro.

Ele bebeu o resto da sua bebida e levou a garrafa aos lábios dela.

– Quem precisa de copos? – perguntou ele, aproximando-se da curva do seu pescoço.

No aeroporto de Martha’s Vineyard, ela teve de esperar quinze minutos na fila por um táxi.

– Quer partilhar um? – perguntou um tipo vestido com um fato de negócios que estava à sua frente. Suzi avaliou-o; um homem de negócios, vindo de fora em trabalho, com um jantar caro pela frente e uma garrafa do que quer que gostasse. Talvez imaginasse algum divertimento pelo caminho.

– Não, obrigada – disse ela friamente.

Quando o táxi encostou em frente a sua casa, Suki saiu devagar. A rua estava calma, como estão todas as ruas suburbanas no inverno, com a maioria dos miúdos em casa, sem grupos de adolescentes risonhos a jogar *softball* no quintal de alguém, sem o ruído de um cortador de relva ou o latido de um cão levado à rua por um grupo de miúdas que guinchariam encantadas quando o cão urinasse.

Suki tremeu com o frio de novembro e entrou em casa. Ela passava muito tempo gelada naquela altura, exceto quando tinha afrontamentos e a temperatura corporal parecia atingir níveis de fusão. Estava inchada, por causa do raio daquela coisa hormonal, mas não cederia. Nem pensar nisso.

Iria ultrapassar aquele problema à sua maneira, com *agnus castus* e com o Dong Quai que tinha comprado no centro médico chinês da cidade. Tomar hormonas de substituição era como admitir que tudo tinha acabado: bem-vinda à terceira idade. Não o faria. Ainda era jovem, fértil e linda.

A casa tinha o aspeto que sempre tinha quando Mick passava lá o dia. Havia páginas desportivas de jornais espalhadas no chão junto à cadeira reclinável de Mick, que, por sua vez, estava em frente ao plasma, um artigo que ela não queria e que Mick não conseguia comprar, e por isso pediu um empréstimo ao banco. Podia cheirar a comida de *takeaway* na cozinha e sabia, sem sequer olhar, que ele tinha deixado as embalagens em cima da mesa.

Resistiu ao impulso de arrumar tudo. Primeiro, tinha de despir a roupa que trazia. Deus sabia que ela já não tinha muitas roupas elegantes. As peças feitas por medida que outrora usara estavam todas fora de prazo e demasiado apertadas. Toda aquela confusão com as hormonas tinha-lhe alargado a cintura, coisa que ela odiava.

Subiu ao quarto, despiu-se e vestiu as suas calças de fato de treino aveludadas e uma camisola da *GAP* que uma vez tinha comprado para Mick, não percebendo que a roupa de ganga era a sua preferida.

Havia um recado junto à cama: «Bebé, fui beber cervejas com o Renaud. Devo chegar tarde. Bjs. Mick.»

Sorriu com os beijos e as palavras ternas. *Bebé*. Nenhuma mulher a quem alguém chamasse «bebé» devia estar a chegar à perimenopausa. Ele amava-a, e ela a ele, ainda que ele fosse o pior dono de casa que já conhecera.

Ainda a sorrir, desceu as escadas, ignorou as caixas de cartão em cima da mesa e encheu um copo de vinho branco gelado do frigorífico. Num prego na porta das traseiras estavam penduradas umas mantas pesadas que Suki costumava usar quando se sentava na cadeira de baloiço do pátio em noites de inverno. Pegou numa e foi lá para fora, enrolando-se. Estava-se melhor no pátio quando ela acendia as velas em todas as lanternas, mas demorava muito tempo e ela estava demasiado cansada. Quando Mick se sentava lá fora com ela, assegurava que havia

música a tocar, por vezes *blues*, mais frequentemente *rock*. Para Suki, a música só a lembrava da dor que sentira, por isso quando estava sozinha sentava-se em silêncio.

Fechou os olhos e deixou o vinho e a nicotina entrarem por ela adentro. Quando era adolescente, sentava-se à noite no pomar, fumando um cigarro depois do jantar. Por vezes, a gata, uma pequena criatura preta chamada *Raven*, juntava-se a ela, andando por ali e pedindo atenção.

Tess, um dia, encontrara a gata no bosque, um pequeno pedaço de coisa abandonado dentro de uma saca fechada.

Evidentemente, ficaram com ela. Nada que estivesse em pânico foi alguma vez mandado embora de Avalon House.

Tess salvou a gata e deu-lhe o nome, embora *Raven* tenha escolhido Suki para ser a sua adorada dona. Suki não ligava ao carinho da gata e isso parecia não a incomodar.

Raven há muito que tinha partido, enterrada com todos os animais de Avalon House no pequeno cemitério de animais de estimação para lá do muro do pomar.

Os olhos de Suki encheram-se de lágrimas. Aquilo era ridículo, pensou ela, apagando o cigarro e limpando as lágrimas com a manga da camisola.

Só pensava na sua casa, em Tess, em Avalon, e era estúpido. As mulheres inteligentes não olham para trás, olham para a frente. Certo?

6

Mara achara que ir ao casamento de Jack tinha sido doloroso, mas ir para o trabalho e vê-lo com Tawhnee todos os dias *depois* do casamento era muito pior.

– Sinto-me como se tivesse desaparecido num buraco negro – disse para Cici, miserável. – Estou lá, mas é como se não estivesse, pelo menos não aos olhos de Jack. Acabei de perceber que este não é o emprego mais entusiasmante do mundo. – Sim, tinha sorte em ter um emprego, mas gostava dele por causa do Jack. – Agora é uma tortura.

Era uma tortura ter de ir trabalhar todos os dias, sentindo-se «comum» e tendo a bela Tawhnee de pernas longas a passar, com os olhos de todos os homens em si.

Era uma tortura sentir que todas as mulheres ali – exceto Tawhnee – lhe davam força de modo silencioso, fazendo-lhe sinais da outra ponta do escritório em como tudo estava bem e abraços silenciosos na *kitchenette*.

Era invisível para todos os homens e objeto de pena para todas as mulheres.

Mara nunca se sentira extremamente bela, mas, quando estava com Jack, sentia-se amada por quem era. Quando esse amor lhe foi tirado e colocado à sua frente como algo obviamente falso, sentia-se desolada.

– Tu és fantástica – afirmara Veronica um dia ao almoço, que se tinha tornado uma zona só de mulheres, onde se juntavam todas as pessoas anti-Tawhnee e anti-Jack e se queixavam sobre o tamanho reduzido das saias dela, as suas camisas apertadas, quão ridículas eram as suas pestanas falsas…

– Sim, tipo, completamente exagerado – concordou Sean, que era *gay* e por isso autorizado a estar na zona só de mulheres. – *Ela* usa tanta maquilhagem, parece um traveco.

– Enquanto *tu*, Mara – continuou Veronica –, tens classe, tens personalidade, és inteligente e… – procurava outra palavra.

– Não sou um *Ferrari* – acrescentou Mara. – Aparentemente, a Tawhnee é um *Ferrari* e eu sou… sabe-se lá, mas suponho que seja um carro velho e usado. Um *Ford Cortina* com duzentos mil quilómetros de estrada? Pelo menos algo banal.

Todos olharam para ela.

– É o que os gajos estavam a dizer no dia em que descobri o que se passava entre o Jack e ela. Ela é um *Ferrari*, por isso extremamente atraente, e eu não. Não conseguiram pensar em nenhum carro para mim.

– Ah! – todos perceberam.

– Achas-te vulgar com essa roupa vestida? – perguntou e ele e toda a gente, incluindo Mara, se riu.

Numa tentativa de lidar com a tristeza, fazia um esforço extra com as suas roupas. Nesse dia

escolhera uma saia rodada *vintage* verde-esmeralda, tipo *Dior*, com um cinto aberto de cor preta à volta da sua cintura fina, com uma boina a tapar os caracóis ruivos.

– Sem as roupas sou vulgar – afirmou Mara tristemente.

Sean levou as mãos aos olhos de forma dramática:

– Não quero ver a versão *sem roupas* – dissera. – Tentei uma vez e não gostei nada. Mantém as roupas vestidas, amiga.

Mas, apesar de todo o apoio moral, o ânimo de Mara estava em baixo.

Tinha chegado à conclusão que o seu trabalho e a proximidade diária a Jack eram os culpados.

– Sei que é uma loucura abandonar um bom emprego nos dias de hoje, mas tenho de o fazer – declarara uma noite a Cici, quando estavam no clube de vídeo, andando à volta das prateleiras à medida que decidiam o que alugar.

– Adoro Galway, sabes que sim – dissera Mara à amiga. – Mas tudo neste local me recorda o Jack e preciso de me afastar.

Assim que o disse, Mara sentiu que era a decisão certa. Ir-se-ia embora – e também não era para casa. Tinha lá levado Jack, tinha-o levado com orgulho para o lar familiar com a esperança de que ficassem juntos para sempre. Não, sentia-se demasiado em baixo para correr para os seus pais. Ia para Avalon ter com Danae; Jack nunca lá tinha estado. Seria um território limpo, virgem e não conspurcado por Jack.

– Abandonar Galway? – Cici finalmente apercebera-se do que tinha ouvido, enquanto olhava para uma prateleira de DVD com homens armados, de rostos definidos e *T-shirts* rasgadas a mostrar os músculos em forma. Na verdade, Cici não tinha qualquer interesse em armas.

– Tenho de abandonar o meu emprego – continuou Mara. – É um inferno estar lá todos os dias, vê-la com um aspeto incrível e pensar que se eu fosse assim estaria casada com o Jack.

– Só mostra que ele é um idiota – murmurou Cici. – Mas não podes deixar Galway. O que vou eu fazer?

– Alugas o meu quarto – sugeriu Mara decidida. – Dá-me seis meses para tirar o Jack da cabeça e quem sabe como me sentirei então.

– Mas vou ter saudades tuas – lamentou Cici, começando a parecer em pânico.

– Vou para Avalon ter com a minha tia Danae. Podes vir visitar-me, ias adorar.

– Praias – dissera. – É disso que precisamos. Ou de *O Guarda-Costas*.

– Não – discordara Mara. – Vamos alugar o *Alien*. Quero ver a cena onde a Ripley vai atrás da Mãe Alien com um lança-chamas. É assim que me sinto em relação aos homens. O próximo homem que se aproximar de mim vai levar com um lança-chamas.

– Devo ligar para a esquadra da polícia e avisá-los de que pretendes correr por aí com um lança-chamas? – perguntou Cici.

– Não – riu-se Mara. – Não te preocupes. Eu própria lhes digo. Ou arranjo um aviso para pôr em cima do carro.

Mara estava sozinha naquela noite de sexta e tinha planeado uma noite com um copo de vinho, chocolate e o controlo remoto.

Cici e alguns outros do grupinho iam ver um filme e depois jantar a um restaurante mexicano.

– Tens de sair – aconselhou Cici.

Mas Mara não estava interessada em sair. Mal aguentava estar em casa a ver um sem-fim de séries policiais na TV, onde o perigo espreitava a cada esquina e loucos surgiam com formas cada vez mais inventivas de tortura.

Cici achava que todos os programas sobre assassínios em série eram estranhos e pensava que as pessoas que viam aquilo eram ainda mais estranhas.

– Que prazer tens em ver aquelas coisas? – perguntara, incrédula.

– Conforto – explicou Mara. – Por pior que me sinta, estou melhor que as pessoas perseguidas por assassinos. Além disso, os detetives descobrem sempre quem é o culpado no final, o que também é reconfortante. As más ações recebem punição. Isso é bom.

Às oito horas dessa noite estava sozinha, com uma caixa de biscoitos de chocolate e um copo de rosé quando a campainha tocou.

Com as suas calças e pantufas foleiras, Mara dirigiu-se para a porta e espreitou pelo olho-de-boi.

Jack.

Tinha vindo dizer-lhe que a amava, ela sabia-o.

Graças a Deus, graças a Deus. Ter apresentado a demissão tinha sido claramente a última gota.

Mas ele não a podia ver assim.

– Espera – gritou –, estou ao telefone…

A alta velocidade, correu até ao quarto, arrancou as roupas largas e vestiu o roupão sedoso que estava pendurado num cabide na porta. Ao espelho, passou uma escova pelos cabelos, pôs algum perfume de toranja no decote e passou bálsamo nos lábios. Chegava. De qualquer forma, ele não estaria a olhar para ela, estaria a beijá-la desenfreadamente, dizendo que a amava, que tinha sido tudo um grande erro.

– A caminho! – gritou.

Abriu a porta e sorriu para Jack, que parecia tão familiar que pensara poder chorar apenas com a alegria de o ver.

– Oh, olá, és tu – exclamara. *Relaxa*, disse para si mesma.

– Posso entrar, Mara? – perguntou.

– Claro.

Deixou-o entrar e fechou a porta devagar. Naquele momento adorava a porta. *Adorava-a*, adorava tudo e toda a gente. Com um sorriso que lhe enchia o rosto, acompanhou Jack até à sala. Com Jack ali, até a sala parecia brilhar. Certamente que Mara se sentia a brilhar com uma felicidade que esquecera poder sentir. Ele ia voltar para ela. Tal como sabia que iria acontecer no fundo do seu coração.

A sala estava muito arrumada. Uma das coisas boas de já não estar com Jack é que tinha

mais tempo para as tarefas domésticas. Descobrira em si uma desordem obsessiva-compulsiva que antes desconhecia. Gostava que as revistas na mesa de apoio estivessem num determinado ângulo à beira da mesa e sentia-se muito incomodada quando havia migalhas por toda a parte na *kitchenette*. Não precisava de acender as velas ou de baixar as luzes para deixar o espaço mais bonito: outra vantagem de estar solteira é que tentava deixar o espaço o mais bonito possível para se animar, por isso as velas já estavam acesas. O maior problema era a caixa de biscoitos de chocolate na mesa de apoio, com três quartos já devorados. Mas Jack adorava o seu apetite. Além disso, provavelmente nem ia reparar

– Queres um copo de vinho? – perguntou ela. Tinha conseguido desligar a televisão, fazendo uma pausa a meio do *Mentes Criminosas*. Onde estava o comando para o sistema de som da Cici? Era de música romântica que ela precisava.

– Não, não quero vinho, obrigada – recusou ele e afundou-se na poltrona.

Mara pensara que ele se iria sentar no sofá e que ela se sentaria a seu lado. Apesar disso, ela sorriu, pegou no copo de vinho e bebeu um gole, enquanto procurava o comando do sistema de som. Ali estava. Passeou com o comando à procura de algo lento e romântico, as bandas sonoras românticas da Cici. Perfeito.

Depois, Mara sentou-se no sofá, enrolou os pés de forma elegante à sua volta e dispôs o roupão no que esperava ser o melhor efeito. Quantas vezes não se tinham sentado naquele mesmo sofá, beijando-se languidamente?

– Como tens passado? – perguntou suavemente.

Aquilo ia ser difícil para ele. Ela queria torná-lo mais fácil.

Ele não disse nada, limitou-se a olhar para ela, o que significava que podia olhá-lo de volta e absorvê-lo ao máximo. O seu cabelo louro estava arrepiado de um lado, reparou amorosamente. Devia ter vindo diretamente do trabalho; estava a usar um fato, aquele italiano cinza, a gravata torta. O seu rosto parecia mais magro e os olhos azuis observavam-na cuidadosamente. Ela amava aquele homem, pensava Mara. Como nunca ninguém tinha amado antes.

A descontração fugiu pela janela.

– Tenho tantas saudades tuas, Jack – disse rapidamente. – Pensei que ia morrer sem ti. Sabes, sem ti isto é apenas uma meia vida.

Ela levantou-se e sentou-se no braço da sua poltrona, pronta para se aninhar nos seus braços quando ele dissesse. *Eu amo-te, Mara. Isto foi tudo um enorme engano*.

Levantou o braço para lhe tocar no rosto, mas ele segurou-lhe no pulso de repente, magoando-a.

– Não – disse de forma rude.

Ele saltou da poltrona na pressa de se afastar de Mara e ela deixou-se cair no sofá.

Alisou o cabelo com uma mão. Agora não estava a olhar para ela, olhava para o chão.

– Não vim cá para isto, Mara – disse ele.

Então olhou para o seu rosto e Mara viu o que antes não se tinha permitido ver: o embaraço.

– Lamento muito – retomou ele, ainda a olhar para ela. – Isto não é fácil para mim, mas tenho de o fazer porque é culpa minha. A tua saída pode ser vista legalmente como um

despedimento sem justa causa. Tu percebes: não querias ir-te embora, mas a dor de me ver com a Tawhnee fez-te pedir a demissão. Daqui a seis meses, podes decidir processar a Kearney Property Partners e eu não posso permitir que isso aconteça. O negócio já vai mal como está. Ficávamos destruídos se tivéssemos um processo de despedimento sem justa causa.

Retirou alguns papéis do bolso interior do bonito fato italiano.

Desdobrando-os cuidadosamente, e não a olhando de propósito, Jack colocou os papéis em cima da mesa.

– Não tens de assinar agora. Podes pedir ao teu advogado que dê uma vista de olhos.

– Eu não tenho um advogado – sussurrou Mara à medida que as coisas se tornavam claras.

Ele não tinha vindo para dizer que a amava: tinha vindo para se certificar de que o seu negócio estava protegido.

E ela tinha-se atirado a ele, ignorando a realidade, convencendo-se de que ele ainda a amava.

Apertou o roupão de seda à sua volta. Não era uma peça de roupa feita para esconder algo – era feita para revelar, mas Mara já não queria mostrar-se-lhe. Apertou tanto o cinto que se magoou.

– Vai-te embora – disse com a voz a tremer.

– Ouve, Mara, eu nunca quis que as coisas acabassem assim – começou a dizer.

– SAI!

A sua voz alterada surpreendeu os dois.

Pareceu ter bastado. Jack mostrou-lhe o seu olhar perdido, uma expressão que recordava das vezes em que não tinha conseguido vender uma propriedade. Ela desejava odiá-lo. Seria fácil.

Mas naquele momento só se odiava a si mesma.

– Dás uma vista de olhos aos papéis? – perguntara.

– Talvez – disse calmamente. – Agora vai-te embora.

Mara percebera que a proibição de porte de arma era algo sensato, pois se tivesse uma teria certamente disparado contra Jack naquele momento. Não tinha a certeza *onde* o atingiria, mas teria sido num lugar muito, muito doloroso.

Não o viu a sair embora sentisse o vento gelado quando ele abriu a porta da rua. Era uma noite terrivelmente fria e, para maximizar a vista para o mar naquele velho complexo de apartamentos, cada porta da rua abria para uma varanda que recebia todo o vento vindo do Atlântico. De repente, Mara odiava o apartamento porque cada parte dele guardava em si memórias de Jack.

Quando ele saiu, ela terminou o seu copo de vinho e começou a comer o resto dos biscoitos na embalagem. O *Alien* tinha voltado ao clube de vídeo mas ela tinha algures uma cópia do *Exterminador 2*, onde Linda Hamilton aparecia cheia de músculos e a dar tareias a imensas pessoas. Era mesmo isso de que ela precisava naquele momento.

7

A rotina matinal de Danae aos sábados raramente variava. Pegava no seu cesto das compras e descia Willow Street em direção à vila, parando em vários sítios para comprar comida para o fim de semana e, ocasionalmente, estar um pouco com alguns lojistas. Nada de muito pessoal, apenas conversar sobre o tempo, um assunto que a todos interessava.

– Acha que vai chover?

– A previsão é de tempestade, mas não se pode fiar no que dizem. Estão sempre a enganar-se. A prima do meu marido tem um porco que adivinha sempre o tempo… entra para a pocilga se for chover e fica cá fora se não e se, por acaso, vier neve, ele corre para a porta de casa e tenta entrar.

Havia sempre que conversar no que dizia respeito ao tempo e era o assunto perfeito para alguém como Danae: poderia falar o dia inteiro sobre isso e nunca revelar nada sobre si própria.

Uma das suas paragens favoritas era a nova retrosaria, onde ela entrava e acariciava os macios novelos de lã enquanto imaginava qual seria o seu próximo projeto. Adorava tricotar, adorava a sensação de meditação que lhe trazia o som das agulhas a tocarem-se, a tradição ancestral do sentir a lã a escorregar-lhe pelos dedos.

A retrosaria de Avalon, Rudi & Madison, situava-se numa rua calcetada ao pé do largo e estava pintada de uma linda cor de alfazema agradável ao olhar. A dona, Sandra, que era gentil e bondosa, tinha dado à loja o nome dos seus dois cães. Para Danae, alguém que amasse tanto os cães era uma boa pessoa. Danae sentia que podia ser amiga de Sandra, mas a ideia de uma relação mais próxima, e falar demasiado, deixava-a ansiosa. Não era muito boa com pessoas: era mais seguro manter alguma distância, não era?

– Bom dia, Danae – cumprimentou Sandra enquanto a campainha sobre a porta tocava. – Como está, minha jovem? Temos umas lãs novas, puras e fiadas com prata, perfeitas para camisolas natalícias ou algo do género, ou mesmo para presentes, poderia tricotar lindos cachecóis. Imagine uma camisola de pescador brilhante; não seria um ótimo presente para um amigo?

– Era pois – disse Danae, sorrindo. Era um sorriso verdadeiro, ainda que existissem poucas pessoas no mundo a que ela chamasse amigos e que os presentes de Natal que oferecia fossem para a sua família, que provavelmente já estava farta de coisas tricotadas. Apesar de tudo, fez questão de se aproximar e observar a bonita lã. Era sem dúvida um tom cinzento-estanho lindo, com pequenos fios prata entrelaçados.

Seria perfeito para Mara. Danae poderia tricotar-lhe um lindo cachecol com laços, um ótimo presente que podia deixar-lhe em cima da cama para quando ela chegasse. Estava contente com a vinda de Mara, mas agora que a sua chegada estava iminente sentia-se um pouco

ansiosa. Não estava habituada a viver fosse o tempo que fosse com ninguém e Mara não dissera quanto tempo ficava. Provavelmente não muito tempo, pensara Danae. Iria procurar trabalho noutro sítio – Dublin, Londres ou Austrália: era para esses sítios que as pessoas jovens iam. Não havia realmente necessidade de se preocupar.

Um cachecol seria um ótimo presente para ela. Mara adorava roupas. A rapariga tinha uma verdadeira paixão por tudo o que era antigo. Coisas em segunda mão, como Danae lhes costumava chamar. Ela própria tinha comprado muita roupa em segunda mão ao longo dos anos. Durante algum tempo todas as roupas provinham da loja de beneficência, que fazia esquina com o seu apartamento e o apartamento de Antonio, contando os poucos tostões que tinha para se vestir, de forma a que ninguém soubesse que tinha tão pouco dinheiro na carteira.

– Não é maravilhoso? – perguntou novamente Sandra, estendendo a mão e tocando Danae, como se sentisse a sua dor.

Danae assustou-se. Não estava habituada a ser tocada. E rapidamente se retirou das recordações do passado.

– Claro que é – concordou. – Acho que vou fazer um cachecol, talvez dois. Parece-me que a minha cunhada, Elsie, também iria gostar. Mas possivelmente numa cor diferente. Tem algo em tons de lilás?

Enquanto observava Sandra a arrumar a lã dentro de um saco, Danae pensava em como era ínfima a sua lista de Natal: algo para o seu irmão, Morris, um presente para Elsie, algo para Stephen, o sobrinho, e para Mara, e depois o presente de Belle. E pronto: este era o seu círculo de amigos e família. Sem eles, não teria ninguém. Morris e Elsie eram muito atenciosos com ela, convidando-a sempre para passar o Natal na sua linda casa em Dublin, mas Danae nunca fora. Tinha as suas galinhas e *Lady* para tratar, explicava ela sempre, fazendo questão de demonstrar que estava honrada e agradecida pelo convite. Na verdade, teria adorado passar o Natal com eles, mas sempre tinha achado que era para ela uma altura triste do ano e não queria incomodá-los com a sua tristeza.

O Natal era uma ocasião de extremos, pensava ela. Se fôssemos felizes na nossa vida, o mundo à volta seria um reflexo disso mesmo e sentiríamos apenas felicidade e alegria durante a época festiva. Se a vida fosse solitária e triste, tornar-se-ia dez vezes pior, porque estaríamos rodeados de pessoas sorridentes, enquanto nós estaríamos tristes, à parte de tudo, a sentirmo-nos a pessoa mais solitária do mundo inteiro.

Belle, normalmente, convidava-a para o jantar de Natal no hotel. Danae fora algumas vezes, mas achava a experiência desconfortável: estava demasiado habituada a permanecer de fora dos acontecimentos para participar das festividades do jantar de Natal do hotel. Havia chapéus ridículos, bombons, jogos e, pelo menos, uma pessoa a pedir o microfone para cantar uma música sobre tempos passados, que acabaria por se tornar melancólica. Depois Danae sentiria vontade de chorar e sairia, desejando ter ficado em casa com *Lady*, à frente da lareira.

– Pronto, já está tudo arrumado – declarou Sandra alegremente. – Espero vê-la no acender das luzes de Natal na primeira quarta-feira de dezembro.

– Não sei se posso ir – disse Danae quando na verdade sabia muito bem que não iria.

Saiu da retrosaria com o saco das compras. Só faltava mais uma coisa no seu programa da

manhã de sábado, que era passar pelo Hotel e Spa Avalon para se encontrar com Belle. Tinham-se tornado amigas há muitos anos, quando ambas ainda eram novas na vila. Naquela altura, muitas pessoas mais idosas haviam olhado para as recém-chegadas como forasteiras, que não fariam parte de Avalon até que não tivessem lá vivido pelo menos trinta anos.

– Estamos quase lá – costumava brincar Belle –, já cá cantam dezoito anos. Outros dez e deixam de nos considerar forasteiras.

No entanto, após algum tempo, o facto deixou de a incomodar.

– Na verdade, não me importo com o que os velhos pensam, e tu? – perguntara recentemente a Danae e esta rira-se.

– Sabes muito bem que não me importo com o que *ninguém* pensa – afirmara. – De qualquer maneira, todos pensam que sou louca.

– Sim, isso é verdade – respondera Belle –, és a senhora eremita que administra os correios e vive lá no alto ao fim de Willow Street. Claro, *tu* tens de ser louca. Sem marido, sem filhos… – Ia dizer «sem galo nem filhos» mas estaria errada. – Deus sabe que tens galinhas que bastem. Danae sentiu um golpe no coração quando Belle disse aquilo.

– Não, muitas galinhas – respondeu corajosamente.

Gostava que Belle dissesse o que as outras pessoas tinham receio de dizer. Mais ninguém diria aquilo à sua frente, embora tivesse a certeza que todos a consideravam estranha, vivendo lá em cima apenas com a companhia dos seus animais.

Aos sábados de manhã partilhavam chá e scones no escritório de Belle. Conversavam sobre a semana que haviam tido e Belle normalmente tentava persuadir Danae a sair no fim de semana.

Danae geralmente acedia se fosse para ir ao cinema ou mesmo comer fora só as duas. Mas não gostava de sair com mais pessoas. Nos primeiros tempos, Belle tinha pensado que era pelo facto de ser tímida.

– Como pode uma pessoa tímida chefiar o posto dos correios? – inquirira. Belle gostava de resolver todos os mistérios.

– Não sou tímida – respondera Danae. – Apenas gosto de estar sozinha. Não me sinto bem com multidões. Não gosto de ter muitos amigos.

– Adoro ter imensos amigos – retorquira Belle. – Os amigos são o que nos dá força para continuar, Danae. Quando o pobre Harold morreu, teria enlouquecido se não fossem os meus amigos dizerem-me que eu tinha o direito de estar zangada com ele por me ter deixado. Confirmarem que era normal passar os meus dias de camisa de noite, especada a ver televisão, a comer biscoitos como se não houvesse amanhã. Os amigos ajudam-nos a ultrapassar coisas assim. Como podes dizer que não precisas de amigos?

– Eu não disse que não preciso de amigos – respondera Danae um pouco triste. Harold parecia ser tão amoroso: não era de admirar que Belle sentisse falta dele. – Disse que não me sinto bem com muita gente.

Demorara dezoito anos, mas Belle tinha compreendido. Agora iam pelo menos uma vez por mês ao cinema e depois jantar. Belle desistira de tentar que Danae conhecesse pessoas novas. Quando ela lhe contara a história toda – bem, a maior parte –, compreendera o porquê de a sua

solitária amiga de olhos escuros ser mais feliz sozinha.

– Bem – dissera Belle, quando estavam sentadas no seu escritório com chá e scones de ótimo aspeto à sua frente –, quais as novidades? Aconteceu alguma coisa excitante e selvagem no posto de correios esta semana?

– Nada de novo – respondera Danae. – Já te tinha dito que a Mara me vem visitar dentro de dias?

– Sim, vai ser ótimo – alegrara-se Belle, entusiasmada. Só tinha visto Mara algumas vezes, mas pensava que seria bom para a amiga ter alguém a passar uns dias com ela.

– Ouvi dizer que a Anna Reilly faleceu – continuou Danae.

– Ouvi o mesmo – comentou Belle, que escutara tudo o que se tinha passado pouco tempo depois de ter acontecido. – Pobre Anna – disse. – Era uma grande mulher, forte.

– É verdade – concordou Danae. Anna Reilly era alguém de quem gostava apesar de por vezes a deixar nervosa. Antes de ter sucumbido à demência, Anna sempre lhe pareceu alguém que poderia descobrir o seu segredo. Havia algo na forma como a observava com os seus olhos azuis e astutos, como que dizendo, *Qual é a tua história? O que te deixa triste? Diz-me.* As pessoas assim deixavam-na inquieta. Não queria contar a ninguém os seus segredos. Apenas queria viver em paz e esquecer o passado.

– Ontem à noite conheci a nora dela, Charlotte – disse Belle. – Deus os ajude, estão todos muito consternados, apesar de a Anna já há muito ter abandonado este mundo. A demência é realmente um longo adeus, Deus esteja com ela. Mas é sempre um choque quando alguém morre. – Os olhos de Belle ficaram turvos, Danae inclinou-se e colocou a mão sobre a dela.

– E que tal sairmos hoje, ao cinema? – sugeriu Danae.

– Mãe do céu e de todos os santos! – exclamou. – Acho que nunca sugeriste que saíssemos. Danae Rahill, estás bem? Estás com febre? É a menopausa?

Danae riu.

– Já passei por isso, minha querida – respondeu. – Não, acho que é boa ideia sairmos as duas para deixares de pensar no Harold.

– É verdade – disse Belle –, seria ótimo sair. Mas está alguma coisa boa em cartaz? Só gosto de *thrillers* com atores bonitos. E nada de filmes para chorar. Ou filmes divertidos ou com homens lindos, é disso que gosto.

– Ah, de certeza que há algo em Arklow de que gostes – disse Danae. Não deixava muitas pessoas entrar na sua vida, mas quando deixava, tomava bem conta delas. E ia tomar conta de Belle. – Vamos agora ver no jornal e marcamos, está bem?

* * *

O motorista estava silencioso. Tinha tentado fazer conversa ao afastarem-se da casa de Dublin de Cashel, mas este informara-o que iria trabalhar lá atrás, fazendo telefonemas e lendo documentos, e o homem percebera que se deveria manter calado. Na verdade, Cashel tinha feito os seus poucos telefonemas a contragosto. Não queria falar com ninguém naquele dia. Os seus assistentes nos escritórios de Dublin, Londres, Nova Iorque e Sydney haviam informado

todas as pessoas que ele se encontraria indisponível por alguns dias. Também tinha alguns papéis para ler. Há já algum tempo que aprendera a ler no banco de trás de carros, enquanto acelerava pelas capitais do mundo. Conduzir tinha sido algo que desfrutara, mas agora era raro ter oportunidade para tal. O tempo de Cashel Reilly era demasiado precioso para ser desperdiçado a conduzir-se a si próprio a qualquer lado; em vez disso, outras pessoas conduziam enquanto trabalhava. Tinha pessoas para lhe fazerem tudo. Pensava, com um certo gozo, que era uma questão de tempo até algum génio inventar um sistema em que um magnata da indústria pudesse ter alguém que se treinasse no ginásio por ele enquanto se concentrava apenas em fazer mais dinheiro.

Passado algum tempo desistiu de tentar trabalhar, pousou os papéis e olhou pela janela a paisagem sempre em mudança enquanto o veloz carro preto virava para a saída de autoestrada que os conduziria a Avalon.

Cashel sentiu, como sempre, o lento passar dos anos. Nada parecia mudar aqui e, no entanto, tudo tinha mudado, agora que a sua mãe havia partido.

Falara com Riach de manhã cedo pelo telefone.

– Ficas connosco – dissera Riach. – A Charlotte tem um quarto pronto.

Normalmente, quando Cashel ia a Avalon, ficava na casa da mãe. A casa luxuosa que lhe comprara na vila; uma realidade muito distante da exígua e húmida casa de campo onde tinha crescido. Quisera construir-lhe uma mansão, mas ela rira-se e dissera:

– Cashel, meu amor, não saberia o que fazer num sítio desses! Não, uma pequena casa com um bom aquecimento central e sem humidade, é o que preciso.

E porque a sua mãe era a única pessoa que escutava, em qualquer circunstância, Cashel tinha concordado. Ela tivera a sua pequena casa, um lugar encantador, com um pequeno jardim traseiro lindamente arranjado, onde ela pudesse dar largas à sua paixão por flores e plantas de uma maneira que nunca tinha sido possível na velha casa. Lá, a única coisa que tivera fora um quintal comum rodeado por barracões de carvão e contentores do lixo, onde as crianças jogavam à bola quando se metiam em sarilhos por jogar na rua.

Parecia-lhe estranho não ficar na nova casa à noite, mas não queria ficar lá sem ela, naquele dia queria ficar com o seu irmão e com os seus lindos filhos.

O motorista chegou ao cruzamento e virou à direita, como Cashel tinha indicado. Existiam dois caminhos para Avalon seguindo aquela direção: a estrada serpenteante ao longo da costa e a estrada que subia a colina. Cashel preferia a estrada da colina, com a sua vista sobre a vila, espraiada como uma manta, a beleza da baía em forma de ferradura e as suas areias brancas que brilhavam para eles. À distância, na colina, ficava a velha quinta De Paor e as florestas que cercavam Avalon House. Cashel observou-a durante alguns minutos. Não sabia quem lá vivia agora, a quem pertencia, quem a tinha renovado. Não sabia nada. Nem queria saber. A mãe tinha tido a sapiência de não falar dela e nos últimos anos nem o conseguia fazer. Porque haveria ele de se importar com Avalon House? Porque se haveria ele de importar com os malditos Power? Suki e Tess, que entre elas tinham conseguido destroçar-lhe o coração há tantos anos. Não, ele não se importava com quem raio lá vivia agora. Aquela casa significava azar para todos os que tivessem algo a ver com ela.

8

Tess entrou furtivamente pelas traseiras da igreja, desejando que Cashel não a visse. Tinha falado com Riach pelo telefone no dia anterior e este havia-lhe garantido que não haveria problema se viesse ao funeral da mãe.

– E Cashel, sabe? – perguntara Tess, hesitante.

– Sabe – fora tudo o que Riach respondera. E Tess subentendeu o que quis com aquelas palavras.

Parecia-lhe improvável que Cashel já não se importasse e que, apesar do desgosto, a tivesse esquecido…

A igreja estava cheia, com pessoas em pé ao fundo. Tess percorreu o caminho de modo a poder ver o caixão de Anna, que estava coberto de flores brancas. Antes de a demência a ter levado, Anna adorava flores e o seu jardim. Ela e a velha Mrs. Maguire, que tinha sido dona do talho, haviam sido exímias jardineiras; Tess encontrara-as muitas vezes a discutir plantas e podas no café de Lorena.

Avalon em peso estava na igreja de St Mary. Danae estava resplandecente, vestida de veludo negro e com um chapéu sombrio sobre o pente de tartaruga. Belle do hotel fazia o seu melhor para parecer funesta, mas em vão, pois parecia sempre que tinha caído do palco. Até Dessie do *pub* lá estava, o que não era normal, pois funerais significavam mais trabalho e ela certamente iria ter muito naquele dia atrás do balcão, preparando tudo para que os enlutados se servissem e alegrassem com algumas bebidas fortes, assim que o serviço fúnebre acabasse. O consumo de cerveja parecia ajudar muita gente a ultrapassar a dor de uma morte, dizia Dessie alegremente a todos que a ouvissem.

Tess era alta o suficiente para ver os irmãos Reilly sentados no banco da frente. Sobressaíam dos demais. O cabelo de Riach era negro e o de Cashel… bem, o de Cashel era quase igual ao que se lembrava de há tantos anos, mas agora com algum cinzento espalhado. Era estranho olhar para a cabeça dele em vez de estar ao seu lado, tocando-o.

Tantos anos tinham passado, mas, por momentos, Tess sentiu-se outra vez a rapariga que era quando se apaixonara por ele pela primeira vez. Procurou no bolso um lenço e nada encontrou.

– Tome – disse alguém, colocando-lhe um lenço na mão. – Precisa disto. É um dia horrível não é? Mas, no fim de contas, é um ato de misericórdia que Deus a tenha levado, não é?

– Suponho que sim – concordou Tess.

E *tinha* sido misericórdia. Anna Reilly não era o tipo de mulher que quisesse ter ficado prisioneira num corpo com a mente noutro lado. Era um triste fim para uma mulher tão vibrante e brilhante.

O padre Liam conduzia a missa e Tess pensava que a sua velha amiga teria preferido que fosse o doce nigeriano, padre Olumbuko, a conduzir a cerimónia. Anna nunca fora

conservadora. Teria gostado do padre com os olhos gentis, mas nunca o conhecera profundamente. Nos últimos três anos, não conhecia ninguém, incluindo Tess.

Os funerais faziam sempre Tess pensar em outros funerais, tal como os casamentos a faziam pensar noutros casamentos. Naquele dia, na grande velha igreja, pensou no funeral do seu pai em St Ethelred, ao fundo da rua. Aos visitantes, os funerais irlandeses podiam parecer estranhos, com as suas enormes multidões. Os funerais realizavam-se de maneira diferente nos outros países, com convidados apenas e em que ninguém se atrevia a ir à sepultura. Mas, em Avalon, todos queriam aparecer e oferecer as suas condolências e os cemitérios estavam normalmente cheios de enlutados.

A morte faz tanto parte da vida irlandesa como o nascimento. O ciclo do nascimento, morte e renascimento fazia parte de uma cultura pré-cristã e pré-celta que existe na Irlanda há séculos. Os rituais podem ter mudado, mas as multidões são uma constante.

O seu pai era tão amado que toda a vila estivera presente no funeral, como naquele dia. Tess lembrava-se da irmã a soluçar no banco da frente, enquanto se ajoelhava nos velhos genuflexórios bordados. Suki tinha chorado e soluçado enquanto verificava o rímel no espelho do carro, durante a viagem de volta a casa, onde chá, bebidas e sanduíches estavam servidos.

– O pai adorava uma festa – dissera Suki. – Ia adorar esta. Compraste bebida suficiente, Tess? Pode ser que faça uns gins cor de rosa, não seria ótimo? O pai teria gostado.

Na altura, Tess estava tão angustiada que tinha simplesmente ficado de boca aberta a olhar para a irmã sem nada dizer. Como podia ela pensar em fazer gins cor de rosa quando o pai estava morto? O querido, amado pai. Mas ela era mesmo assim, sempre a tentar encontrar o lado divertido de tudo. O lado divertido significava evitar pensar na realidade triste.

Tess irritara-se imenso com aquilo durante anos. Agora, sentia pena da irmã mais velha. Pensava que Suki nem fizera corretamente o luto pelo pai; nunca tinha feito o luto por nada. Suki não lembrava o passado, estava demasiado ocupada a abraçar o futuro de braços estendidos, como uma criança que quer receber um presente de aniversário.

Tess olhou à volta, pela igreja, para os casais e famílias que iam apresentar as condolências. Ela não tinha ninguém.

Uma soprano começou a cantar o *Panis Angelicus* e Tess sentiu as lágrimas formarem-se dentro dela. A música tinha aquele efeito nela, agarrava o seu coração e contorcia-o. Tinha de parar de pensar daquela maneira. Era estupido, fútil. Pensava antes em Kitty e em Zach. Abraçara Zach de manhã, antes de ter ido para a escola, e ele não se tinha afastado e dito «Oh, mãe» como costumava fazer.

Era como se soubesse que ela estava triste pela morte da velhota demente.

Os adolescentes de dezassete anos são, supostamente, egocêntricos e Zach conseguia sê-lo por vezes. No entanto, era extremamente intuitivo. Nunca lhe perguntara nada sobre Cashel, ou porque representava Anna Reilly uma ligação especial com o passado, mas, de alguma forma, pensava que ele entendia. Zach era uma sábia velha alma, como Suki costumava dizer. Era uma pena que Suki não os fosse visitar há tanto tempo, pensou Tess irritada.

Finalmente, o funeral acabou e os padres, o caixão e a família enlutada desciam a igreja. Tess tentou esconder-se na multidão, não queria que Cashel a visse. Tinha vindo prestar

homenagem à sua mãe, nada mais. É tradição nos funerais locais as pessoas reunirem-se à volta da família enlutada e apresentarem as condolências após o caixão ser colocado no carro fúnebre. Naquele dia havia centenas de pessoas numa grande multidão à volta da entrada da igreja e levou algum tempo até que Tess conseguisse sair. Não tencionava ir ao cemitério. Ia voltar para a loja, que tinha fechado durante a manhã. Era o que estava a pensar fazer depois de finalmente ter conseguido sair e ter olhado instintivamente na direção do carro fúnebre onde estavam Cashel e Riach.

Nesse instante, Cashel viu-a.

Tess encontrava-se no meio de um grupo de pessoas que saíam da capela, e no entanto sentia-se só, apenas com o olhar de Cashel sobre ela. Nunca ninguém olhara para ela da maneira como ele o tinha feito da última vez que se haviam visto, com repulsa nos olhos. E era assim que ele olhava para ela agora. Estremeceu instintivamente, como se tivesse sido atingida.

– Desculpe, desculpe – balbuciou, enquanto tentava escapar do grupo de pessoas que descia as escadas em direção a Cashel e Riach.

Mas a multidão movia-se em conjunto e Tess foi inexoravelmente carregada na direção dos dois irmãos. Vendo-a, Riach sorriu tristemente, antes de se aperceber de que o irmão se encontrava ao seu lado como um pedaço de granito. Riach estendeu-lhe a mão, para além da multidão de enlutados. Tess agarrou-a num gesto de solidariedade, mas sentia a presença de Cashel ao lado dele, olhando-a, e afastou-se sem dizer nada. Ao voltar para o meio da multidão, conseguiu abrir caminho em direção à escadaria da igreja, de onde conseguia vislumbrar uma maneira de fugir. O coração batia e sabia que o seu rosto estava vermelho e corado. Não devia ter vindo. Tinha sido um erro. Podia ter visitado a campa de Anna noutra altura.

Riach podia ter dito a Cashel que ela estaria presente, mas isso não significava que fosse bem-vinda.

Na sua pressa de escapar, Tess mal reparou nas pessoas em que esbarrava até que uma lhe falou.

– Tess, como está? – perguntou Danae, tendo reparado na sua pele corada e expressão de choque. – Não me parece bem.

– Estou bem – gaguejou Tess, embora soubesse que estava tudo menos bem.

Não podia parar agora. Se conseguisse voltar para a loja, *Silkie* estaria lá à sua espera. Poderia abraçá-la e chorar toda a dor do seu coração e então sentir-se-ia bem. Naquele momento, tudo o que queria era estar o mais longe possível de Cashel Reilly.

Cashel tinha pensado muitas vezes no que diria a Tess Power se a visse outra vez, passados todos aqueles anos. Pensara nisso muitas, muitas vezes, imaginando o que lhe diria. Simplesmente não esperava vê-la no funeral da mãe.

E, naquele instante, aquele olhar elétrico mostrara-lhe que não tinha acabado tudo, que ele nunca iria esquecer, nunca.

Não tinha a certeza de como ela lhe parecera: mais velha, mais seca, talvez. Era o que ele

desejava, que ela tivesse sido consumida por o ter rejeitado. E, no entanto, ela não estava assim. Tess Power parecia mais velha, naturalmente, mas, apesar das roupas negras do luto em honra da sua mãe, tinha uma aura própria. O seu cabelo claro tinha tantos caracóis como antes, mas agora era curto, provavelmente um corte chique de um cabeleireiro qualquer, um estilo despenteado que custava uma fortuna.

Estranhamente, parecia-se mais com a irmã Suki do que antes, um pouco como as fotografias da falecida mãe delas, apesar da cor dos Power. Quando eram crianças, ela sempre tivera um aspeto diferente, mais suave que as outras raparigas, e ainda tinha, mas as maçãs do rosto não enganavam, os lábios cheios. A idade ficava-lhe bem: a sua cara perdera a gordura da juventude, realçando a beleza elegante que sempre lá tinha estado.

Ele observara, aturdido, quando ela se havia aproximado do grupo de pessoas que o rodeavam a ele e a Riach. Tinha de reconhecer: Tess Power possuía coragem.

Nessa manhã, Riach dissera algo sobre alguém da vila que vinha, incluindo os antigos colegas de escola…

Agora, Cashel percebia o que quisera dizer: Tess.

Automaticamente, apertou mãos e aceitou condolências das pessoas que formavam fila para cumprimentar.

– Conheci a sua mãe, era uma senhora maravilhosa – diziam todos.

– Toda a vila vai sentir muito a falta dela.

– Foi misericórdia, Cashel, já não era ela própria.

Ele deixou as palavras passarem por ele. As pessoas faziam o seu melhor em alturas de dor, tentavam encontrar a coisa certa para dizer, mas quando se está em sofrimento tudo é tão insignificante.

Recordou Tess e tudo o que acontecera há todos aqueles anos atrás, bem como todas as coisas que a mãe e Riach tinham dito. Deram também o seu melhor para o consolar mas de nada valera.

– Está claro que já te decidiste, por isso vai. Suponho que a esquecerás – dissera Riach há dezanove anos, não muito confiante.

A mãe fora mais prosaica.

– Se te queres ir embora e deixar a Tess assim, Cashel, então deves fazê-lo. Lembra-te de que estou aqui para ti. Avalon está aqui para ti. Onde quer que vás, podes sempre regressar. E onde quer que estejas, terás sempre o nosso amor.

Esse amor estava hoje a ser enterrado.

O responsável pelo funeral, ao perceber quem mandava ali, acenou a Cashel para lhe dizer que estava na altura de sair para o cemitério.

Cashel assentiu. Estava na altura.

Uma pequena neblina começou a descer sobre a campa à medida que a cerimónia acabava. Os coveiros tinham-se aproximado, prontos para a começar a encher de terra. Cashel não se conseguia recordar da última vez que estivera num enterro. Quando era miúdo, muitas crianças

da sua idade iam a todos os funerais em que as mães marcavam presença. Eram os costumes irlandeses: as crianças eram levadas aos funerais, possivelmente numa tentativa de as fazer compreender o ciclo da vida e da morte. No interior não havia como escapar à morte – ela estava por toda a parte. Os animais nasciam e morriam, os porcos com os quais se brincava quando eram pequenos eram mortos e transformados em salsichas, a galinha magricela que nunca fora boa poideira acabava no tacho. E as pessoas voltavam à terra, às cinzas, ao pó.

Anna não era uma dessas mães que levava os filhos ao funeral de qualquer pessoa. Mas, mesmo assim, Cashel fora a um número suficiente; já vira muita terra a ser atirada para cima de caixões. Agora lamentava não ter pensado na cremação. Detestava a ideia de ter a mãe ali deitada na terra húmida, a ser repasto para os bichos. Mas aquele teria sido um dia que ela apreciaria com todos os amigos à sua volta e também os seus amados filhos.

Rhona não tinha ido, embora o seu assistente lhe tivesse enviado um *e-mail* com a informação. Não estava surpreendido; nunca houvera uma proximidade real entre Anna e a sua ex-mulher.

Riach estava ocupado a falar com as pessoas, a dizer o que devia, com a mulher a seu lado. Charlotte estava vestida de preto, como todos; era uma boa mulher, com cabelo escuro e curto e uns olhos pequenos e negros que olhavam o mundo com bondade e sabedoria. Era uma boa esposa para Riach, Cashel sabia-o. No que ao matrimónio dizia respeito, a mãe nunca teve de se preocupar com as escolhas do filho mais novo. Estivera tão feliz no casamento de Riach e Charlotte dez anos antes.

Casaram-se em Roma – algo que foi do agrado de Cashel pois não corria o risco de se cruzar com Tess. Era estúpido, de facto. Casado com Rhona, rico, obviamente feliz, com mais dinheiro do que podia gastar e ainda assim não conseguia parar de pensar na rapariga da vila que deixara para trás. Só a mãe parecia estar ciente disso.

– Está tudo no passado, Cashel – dissera-lhe quando posavam para as fotografias.

Riach tinha feito uma piada sobre o facto de Avalon estar à altura das maravilhas de Roma e imediatamente a mente de Cashel regressara à terra natal e a tudo o que lá estava.

– Não vale a pena olhar para trás. A vida dela seguiu em frente e a tua também – argumentara a mãe astutamente.

– O que queres dizer com «a vida dela seguiu em frente»? – perguntara para logo depois se sentir zangado consigo mesmo por querer saber. – Não, esquece que perguntei. Não quero saber.

– Isso é bom – respondera Anna Reilly. – Seria muito mau estares aqui na Cidade Eterna com a tua querida mulher e a continuar a pensar na Tess Power, não seria?

Sim, pensara ele, mas não o dissera. Ao invés, fizera um magnífico discurso no almoço de casamento, falando dos ótimos tempos que ele e Riach haviam passado a crescer em Avalon, omitindo as referências ao problema do pai com a bebida e a sua paixão por marcadores de livros e deixando de fora a amizade que os dois rapazes tiveram com a família Power. Compreendera que nos discursos de casamento aquilo que se deixava de fora era tão importante como aquilo que se mencionava.

Rhona tinha adorado o banquete no *palazzo* elegante. Não tinha nascido com dinheiro, mas,

ainda assim, adorava gastá-lo. Ele percebera que a sua roupa da *Gucci*, provavelmente custara tanto quanto o vestido da noiva – provavelmente muito mais, se bem conhecera Charlotte –, mas ele tinha dinheiro para mimar Rhona. E mimava-a, de facto. Gastar dinheiro com ela era fácil, mais fácil do que fazer com que o casamento deles funcionasse.

– Não está divino? – perguntou enquanto deslizavam pela pista de dança, a cabeça dela encostada preguiçosamente ao ombro dele.

– Sim, está – respondera ele automaticamente, questionando-se sobre o que se passava consigo, porque não estava feliz?

Quando se divorciaram, os motivos eram óbvios há muitos anos. Ambos se esforçavam por evitar a companhia um do outro até que, finalmente, deixaram de fingir: acabara. Cashel assinara os papéis do divórcio sentindo-se um falhado – sentimento que não costumava encontrar na sua vida profissional.

– Vens? – perguntou-lhe Charlotte.

A cunhada segurou-lhe na manga da camisa e o toque emasculou-o. Cashel sentia as lágrimas a virem-lhe aos olhos. Ali em Avalon sentia-se o homem mais sozinho do mundo.

O lanche após o funeral foi oferecido no Avalon Hotel e Cashel encontrara pessoas que não reconhecia a falarem com ele a cada passo que dava.

– Olá, Cashel, lamento a perda – diziam e ele agradecia-lhes e questionava-se sobre quem poderiam ser.

Tinha-se ausentado por tanto tempo que já não conhecia ali

ninguém. E também não havia como escapar às memórias de Tess.

Uma senhora idosa com óculos de lentes bifocais e uma cabeça com bonitos cabelos loiro-prata abraçara-o e dissera que certamente ele já não reconhecia ninguém, «… com exceção das meninas Power».

Incapaz de continuar a ouvir aquilo, Cashel afastou a cadeira.

– Desculpem, preciso de fazer uns telefonemas – dissera abruptamente, ignorando as expressões surpreendidas à volta da mesa da qual se levantou e saiu.

O motorista que contratara estava lá fora, a ler um jornal no carro. Viu com uma ligeira preocupação o seu cliente a sair cá para fora com um ar abalado. Cashel acenou-lhe e desceu a colina, sem saber para onde ia, apenas sabendo que tinha de se afastar. O aroma a café acabado de moer vinha de um café na praça que não existia no seu tempo. Quem queria enganar, pensava: não existia *nada* no seu tempo. Avalon era uma vila completamente diferente. Embora Riach e a família lá estivessem, Cashel sentira que a sua última e única ligação àquele local tinha partido. O irmão podia visitá-lo em qualquer sítio, em qualquer altura. Ele enviava o jato para o ir buscar. Os miúdos iriam adorar. Não era preciso voltar a pôr os pés naquela casa.

Sentia uma onda de tristeza a invadi-lo pela mãe. Nunca estivera presente para ela. Pagara as coisas, naturalmente, mas não tinha *estado* lá, não era a pessoa a quem ela ligava a perguntar pela caixa de fusíveis ou para falar de um arbusto que precisava de ser cortado. Quem

desempenhava essas funções era Riach. Tess Power tinha-lhe tirado tudo isso quando o rejeitara. Tess Power – a culpa era dela.

Cashel dirigiu-se ao café, alto e melancólico no seu fato formal, um símbolo formidável de riqueza, privilégio e alfaiataria cara. Atrás do balcão, Brian pedia a Deus que não tivesse sido ele a pessoa que fizera alguma asneira.

– Faz favor? – disse ansioso.

O homem pareceu então concentrar-se nele, erguendo as sobrancelhas escuras.

Brian sentiu um arrepio de alívio pelas pernas acima, tal como sentia na escola quando alguém que não ele estava metido em apuros. Afinal não era ele. O homem de fato não estava zangado consigo.

– Um *espresso* – pediu Cashel, sem saber porque estava ali. Nem sequer queria mais café.

– Veio ao funeral – comentou Brian, tentando fazer conversa de circunstância. Lorena, a mãe e dona do café, dizia que ele não conversava com os clientes, mas era difícil. Brian não tinha jeito para fazer conversa.

À menção do funeral, o olhar furioso retornou ao rosto do homem.

– Certo, pois – atrapalhou-se Brian e ocupou-se com a máquina de café.

Cashel pagou o café e sentou-se numa mesa perto da janela. Alguém deixara o jornal local mal dobrado numa mesa próxima da sua e, para se ocupar, pegou nele e deu-lhe uma vista de olhos. As notícias eram as mesmas no mundo todo, pensara, com os longos dedos a folhear as páginas: comunidades a angariar dinheiro para caridade, um político que já não estava no poder a lamentar-se pelo estado do país, jovens atletas a sorrir para a objetiva do fotógrafo enquanto posavam com as medalhas de ouro ou taças…

Os seus dedos pararam quando chegou aos classificados.

Vende-se propriedade: Avalon House.

Após o funeral, Tess retornou à loja, abriu as portas e verificou que os dedos lhe tremiam enquanto tentava abrir a fechadura embutida no fundo da porta.

– *Pssst* – chamou Vivienne da porta ao lado. – Como foi? O filho rico está à procura de alguma mulher mais velha para mimar? Não prometo muito quanto ao sexo, mas eles andam a trabalhar naquele *Viagra* para mulheres, não é? Posso ser a cobaia!

Vivienne finalmente chegara à porta da loja, olhou para o rosto aturdido e pálido de Tess e disse:

– Foi assim tão mau? Entra e senta-te. Podes manter felizes as multidões de clientes e eu arranjo-te um café forte. – A seguir levou Tess a sentar-se numa cadeira junto à caixa registadora, depois fechou a Something Old e deu-lhe as chaves.

– Ninguém se aproximou durante toda a manhã, duvido que um autocarro cheio de turistas cheios de dinheiro apareça nos próximos cinco minutos.

Tess deu-se por feliz por estar sentada.

Vivienne gostava da música da década de setenta. Punha o seu velho CD a tocar sem parar. Em qualquer dia da semana era certo que se ouvia o «September» ou o «Disco Inferno» a tocar

vindo da loja. Alturas existiam em que o som da banda sonora «tranquilizadora» do salão de beleza no andar de cima estava mais alto que o normal, pelo que a batida do disco tinha de competir com o som estranho das baleias ou com canções de golfinhos. Naquele dia, alguém cantava uma canção sobre como lhe podiam tocar à campainha a qualquer hora, em qualquer lado. Apesar do choque, Tess sorriu. Era tudo bastante sugestivo e lembrou-se do quanto detestava as canções que os filhos agora ouviam, pois eram todas demasiado explícitas para os ouvidos de Kitty. Na verdade, era a mudança dos tempos.

Será que iria recordar aquele dia dali a trinta anos, se ainda estivesse por cá, e rir-se com o quão aborrecida ficara?

Seria capaz alguma vez de pensar em Cashel sem sentir vontade de chorar e contar-lhe o que realmente se passara?

Não, achava que não conseguiria.

Vivienne era bem-intencionada, mas não uma pessoa com quem Tess pudesse desabafar. E subitamente ficou cheia de vontade de falar com Suki.

Eram oito horas na Costa Leste, demasiado cedo para telefonar, mas ela não queria saber. Retirou o telemóvel da mala e marcou o número.

Suki já estava levantada.

– Desculpa ligar-te tão cedo – explicou Tess. – Tive um mau dia.

– O que aconteceu, Prímula? – perguntou Suki, usando a alcunha que dera à irmã quando ainda era bebé.

Tess era uma Prímula e Suki a Fleur. Fadas das flores, dizia o pai. Costumavam rir-se quando recordavam aquilo.

Tess explodiu em lágrimas. Já não tinha palavras.

9

A rádio era o maior inimigo das mulheres a quem despedaçaram o coração, concluiu Mara. Canções de amor que faziam suspirar também a faziam chorar; cantoras femininas cheias de força inspiravam-na a ir para o *kickboxing* e chutar Jack para o próximo século; os *talk shows* insistiam em abordar assuntos que só lhe causavam um aperto no peito.

Ela preparara-se para a viagem de três horas de carro entre Galway e Avalon. Tinha o *iPod* pronto para ligar caso o sinal de rádio ficasse fraco e abandonou-se aos seus pensamentos de quando em vez.

Mas o *iPod* era uma faca de dois gumes.

Cedo percebeu que não havia um único álbum na sua coleção que não tivesse a cara de Jack. Existia uma música de Adele que ouvira quando fora a um encontro com Jack no verão passado; outra dos Kings of Leon que tinha escutado na rádio um dia enquanto almoçavam num *pub* perto do escritório e ele lhe tocou no joelho, o que a fez sentir-se felicíssima e muito desejada. Cada nota de música parecia ter os cambiantes do desgosto amoroso.

Ligara o rádio, mas viu-se alvejada por um *talk show* sobre mulheres que jogam roleta-russa com a sua virgindade.

«… as mulheres não têm todo o tempo do mundo», dizia a voz do terror sob a forma de um perito em fertilidade, lamentando-se do destino de mulheres que apareciam na sua clínica aos quarenta convencidas de que um bebé estava à distância do código do cartão de crédito.

Outra contribuição contestou aquela opinião de que as mulheres estavam sempre e deliberadamente a adiar a gravidez até uma altura já tardia, assinalando que muitas eram vítimas de relações acabadas, que se viam abandonadas depois dos trinta anos. Quando não conseguiam encontrar um novo homem e começar a tentar conceber um filho imediatamente, os anos de fertilidade fugiam-lhes sem terem culpa.

«Ninguém planeia tal coisa», afirmara a pessoa com toda a convicção. «A fertilidade tem um prazo de validade e a vida nem sempre o permite. As mulheres não escolhem ficarem nessa situação...»

Mara escutava hipnotizada, sem conseguir mudar de estação.

Estavam a falar dela. Desperdiçara os seus anos de fertilidade com Jack. Pior, deixara que ele lhe causasse um desgosto tão grande que, achava, jamais iria recuperar e apaixonar-se por outro homem. Qual era o tempo de recuperação de um coração? Quatro anos? Nessa altura teria trinta e sete anos, quase trinta e oito, antes de pensar em procurar outro homem. Se Mister Fertilidade estivesse certo, teria de começar a planear ficar grávida no segundo ou terceiro encontro que tivesse.

Veio-lhe à cabeça um cenário louco de encontro amoroso: ela e o homem a conhecerem-se intimamente num restaurante. Exatamente antes de chegar o empregado para tomar nota do

pedido, deixava cair a bomba:

Não, não aprecio muito carne vermelha. Tenho um irmão mais novo. Foste o primeiro ou o último filho? O do meio, que interessante. Sim, sou de Dublin, mas vivi em Galway alguns anos. Diz-me, preferes rapaz ou rapariga?

Surgiu um sinal na estrada a indicar café, quartos e casa de banho.

Mara dirigiu-se para a saída que indicava Avalon e desligou o rádio. Se houvesse uma livraria na cidade, compraria um áudio-livro. Qualquer coisa que parasse a música e a conversa do rádio servia.

Mara esquecera como Avalon era tão encantadora, em especial o monte da Willow Street. A subida ia-se tornando mais íngreme e depois alargava quando apareciam casas mais pequenas. Havia muitas árvores ali, salgueiros elegantes e muitas magnólias que floresciam espalhando um aroma que parecia mel de início de verão, recordava ela. Danae contara-lhe um dia que as árvores junto à estrada descendiam de magnólias dos antepassados de De Paor, que as haviam plantado na avenida de Avalon House há muitos anos.

A ideia de que o proprietário de uma enorme casa antiga doara efetivamente aquele património só em si era fascinante, mas não se encaixava na concessão que tinha dos habitantes da Casa Grande.

– Avalon House tinha uma alma gentil – dizia Danae num tom

místico. Que queria dizer aquilo, pensava Mara.

– O que é mais incrível – continuava Danae – é que as magnólias cresceram. E aqui nem sequer há as melhores condições para elas. E, no entanto, repara, toda a Willow Street é um paraíso de magnólias. Magnólias e salgueiros por todo o lado.

Num dia invernoso como aquele, parecia que as árvores serpenteavam pelas casas, com os galhos perto das janelas como que protegendo-as dos ventos marítimos.

Mara olhou para os enormes portões da Avalon House quando virou para a entrada de gravilha da casa de Danae e foi imediatamente saudada por um bater de asas vermelho e branco à sua direita.

Um grupo de galinhas com os bicos contra a rede da capoeira cacarejava do alto das suas gargantas a assinalar a chegada do visitante.

Só Danae podia possuir um pelotão de galinhas de ataque, pensou com ternura.

Mara saiu do carro e *Lady*, com o seu pelo cinzento-prateado, que se encontrava enroscada no tapete da porta de entrada levantou-se alegremente para saudar a visitante.

As galinhas, indignadas por verem alguém ser saudado que não elas próprias, começaram a agitar as penas até ficarem do dobro do tamanho, cacarejando sonoramente.

Mara entrou na capoeira e foi imediatamente cercada pelo gangue de penas aparatosas, algumas inclinando as cabeças inquisitivamente para ela, outras contentes por debicar as suas botas.

– Entra – aconselhou Danae da porta de trás –, se não vão debicar-te mais acima. São horrivelmente barulhentas e não têm as mesmas restrições das galinhas normais. Também querem vir para dentro de casa com este tempo.

– Qual é a minha? Qual é a *Mara*?

– A vermelha pequenita que está a puxar-te a saia – disse Danae.

– Olá, galinhazinha – cumprimentou Mara, ao apanhar a sua homónima e segurando-a com força debaixo do braço.

As duas Maras olhavam gravemente uma para a outra.

A *Mara* aviária não tinha aspeto de ter sido abandonada publicamente por nenhum macho nos últimos tempos. Parecia mais ter tomado o pequeno-almoço, um inseto ou dois e algumas pedritas. Estava tudo bem no seu mundo.

– Se me desses um conselho, qual seria, *Mara*? – perguntou a Mara humana.

A galinha aproximou-se e deu-lhe uma bicada experimental no casaco. Depois uma segunda, mais forte, que doeu.

– Au! Vai à procura do que queres na vida e não te deixes ir nas cantigas dos outros. – Mara pousou a sua homónima. – Acho que as tuas galinhas descobriram o segredo da vida, Danae – comentou enquanto saía da capoeira para abraçar a tia.

– Quem precisa de um guia zen quando podes ter uma galinha zen? – riu-se Danae.

Ainda que mal tivesse acabado de chegar, já se sentia confortável e descontraída só por estar em casa de Danae. A mala estava no carro, mas não havia pressa de a desfazer ou de saber o que cada uma queria para o chá. Isso era mais em Furlong Hill. Era relaxante estar longe do rebuliço de sua casa.

Danae nem sequer fez referência às malas de Mara. Se Mara tivesse aparecido sem um par de sapatos a mais ou uma escova de dentes, Danae nem sequer pestanejaria. Simplesmente teria arranjado algo para ela.

De manhã, Danae fizera uma tarte de beringela e queijo de cabra, que estava agora a aquecer no forno creme, o que enchia a quinta de aromas maravilhosos, enquanto ela e Mara se encontravam sentadas em cadeiras de ferro cá fora, junto da janela da cozinha, com os animais aos pés, a debicarem alegremente. Danae trouxera alguns cobertores para se agasalharem e protegerem da brisa que soprava forte da costa. Tinham um bule de chá envolto por uma cobertura tricotada à mão sobre uma mesa metálica a condizer. Mara beberia de bom grado um copo de vinho, mas Danae não tinha esse hábito. Mara nunca a questionara sobre isso e não era agora que o ia fazer. Chá em chávenas diferentes de porcelana, feitas à mão, era exatamente o tipo de bebida certa enquanto observavam a maré percorrer, inexoravelmente, a baía de Avalon em forma de ferradura e falavam sobre o mundo.

– Mas serias tu feliz com ele, Mara? – argumentara Danae timidamente.

– Eu era feliz… *Pensava* que era feliz – corrigiu-se Mara. – Ele não sabia que queria casar com ele, ainda que isso pareça mais uma desculpa, não é? – Olhou para baixo e reparou que uma das galinhas se tinha agachado em cima de um dos seus pés, por cima da bota. Era estranhamente confortável e bem quentinha. Esperava que as galinhas não defecassem quando estavam agachadas. – Eu pensava que ele sabia o que eu queria – disse. – Eu sabia tudo o que ele queria. Sabia que o que ele mais queria na vida era ir ao Grande Prémio do Mónaco. Pensei que podíamos ir lá na nossa lua de mel. Já estava a planear com antecedência – lembrara Mara com tristeza. Nunca contara a ninguém sobre o Grande Prémio. Era uma admissão de amor fútil e sentia-se envergonhada por referi-lo.

– O amor transforma o mais sábio no mais perfeito idiota – retorquiu Danae. – Pensamos que precisamos do amor para nos completarmos. Mas não. Acredita em mim, não precisa-mos.

Ao longo da vida de Mara, Danae sempre tivera o dom de dizer as coisas certas no momento certo. Fora ela quem afirmara a Mara que a beleza interior de uma pessoa também podia brilhar por fora, que as raparigas más da escola poderiam nunca sofrer por serem más e que querer que elas sofressem não só não fazia sentido como era demasiado doloroso. Tudo bons conselhos dados de forma algo distante e até reservada, como se tivesse de fazer um esforço extra para dizer aquelas coisas a Mara.

Nunca ocorrera a Mara pensar *como* sabia a tia tudo aquilo. Fazia simplesmente parte da sua personalidade: atenta e sábia e, ao mesmo tempo afastada de tudo, escolhendo manter sempre a distância. Por isso, Mara sempre assumira que Danae gostava da sua vida quase monástica.

Até àquele momento.

Acredita em mim, não precisamos. Ninguém diria *aquilo* sem que o tivesse aprendido da forma mais dura através de experiência pessoal. Subitamente, Mara quis saber de onde vinha a sabedoria de Danae.

Serviu uma chávena de chá com intenção de lhe perguntar a seguir. Apesar da proximidade e afeto mútuo, ela não sabia muito sobre a vida de Danae. Apenas que era a irmã mais velha do pai, a chefe dos correios, calma, simpática, que gostava das suas galinhas: era tudo o que sabia da tia.

– Olha para mim aqui armada em sabichona – gracejou Danae com um riso leve, como que lendo os pensamentos de Mara. – Não ligues ao que digo, Mara, querida. Faz o que bem te apetecer.

Estava a mudar de assunto, mas era mais fácil assim.

– Hei de recuperar do meu desgosto, passear pela praia e escrever poesia – disse Mara de forma dramática. – Poesia muito má que vou enviar ao Jack. Posso lançar-me ao mar umas vezes quando me sentir na miséria…, mas nesta altura deve estar um bocado frio, não achas?

– Frio como o gelo – concordou Danae. – Se calhar, se queres a atenção de Jack, tens de te atirar ao mar mais perto de casa dele, não?

Mara inspirou.

– Bem podia esperar que a vaca tussisse. Já perdi tempo suficiente com ele. Não vou ficar com hipotermia por sua causa.

– Assim é que é – disse a tia. – Sem querer correr o risco de soar como um cliché ambulante, ainda és nova e há mais marés que marinheiros.

– Acho que vou deixar o peixe para sempre. Peixe não.

– Aposto que o teu pai te disse para encontrares um homem bom que gostasse de ti – calculou Danae, inclinando a cabeça para um lado enquanto a observava. Mara desatou a rir.

– Foi exatamente o que ele disse. Como é que ele é tão inocente e eu…

– Sou tão amarga e louca? – concluiu Danae olhando de esguelha.

– Não. Bom, o pai é ingénuo – ressalvou Mara. Era frequente ficar surpreendida com a diferença entre o seu pai e a irmã deste. Morris Wilson era um homem dócil para quem o mundo era um sítio bom e onde havia lugar para a sua felicidade. Danae era sábia, bondosa e

também doce, mas vivia uma existência quase de ermita em Avalon. Aquele sítio sempre fora o santuário de Mara quando precisava de paz e tranquilidade. Bom, por alguns dias, mas não necessariamente um sítio para viver. E, no entanto, era assim que Danae passava os seus dias: com mais ninguém a não ser os seus animais.

Por isso, Mara sentira a necessidade de fugir para Avalon, pensava. Tudo acontecia por uma razão e essa era a razão.

10

Suki estava sentada no salão dos Petersen, na sua mansão de férias no Cape, um copo de *Krug* numa mão, e perguntava-se de onde tinha vindo a ideia de ir à festa. Havia muito tempo que não se incomodava com este tipo de eventos: festas em grandes mansões com empregados, o melhor champanhe à disposição e canapés requintados elaborados pelos chefes mais conceituados.

Pelo menos, encontrara um sítio onde sentar-se – raramente havia lugares suficientes nestas ocasiões e não havia nada mais desagradável do que estar de pé horas a fio. Sentada ali no canto da sala, dava a entender estar a fazer uma pausa. Ali, podia simplesmente observar.

Depois de se divorciar de Kyle, as pessoas continuaram a convidá-la para festas porque ela continuava também a fazer parte do grande clã Richardson. Aos olhos de anfitriões e anfitriãs, a ligação a Kyle Sénior, mesmo que ténue, garantia-lhe um lugar na lista de convidados. Por seu lado, os Richardson não tinham marginalizado Suki, pois sabiam que não seria a melhor política. A última coisa que queriam era uma divorciada amarga a par do que se passava e a contar ao mundo todos os seus segredos.

Nessa altura, Suki gozava do estatuto de pequena celebridade, uma autora celebrada que aparecia em *talk shows* e na imprensa.

Mas desde que ela tinha ficado nas ruas da amargura, deixara de haver cartões com impressão em relevo e contornos dourados sobre a lareira a convidá-la para jantares ou festas elegantes nos enclaves endinheirados de Massachusetts.

Por isso, quando deu de caras com Missy Petersen na loja de produtos naturais em Provincetown, de longe a melhor da zona, ficou surpresa por ela a ter abraçado e ter dito que há demasiado tempo que não se viam.

– Que tens andado a fazer? – perguntara Missy, ajeitando para trás o seu cabelo loiro brilhante, acabado de passar pelo secador, exibindo uma manicura perfeita. O seu anel de noivado, um diamante rosa do tamanho de uma castanha, emitiu um brilho.

– A trabalhar no meu novo livro – respondeu Suki com voz simpática.

Sempre gostara de Missy. Achava-a genuinamente afável, não como algumas mulheres de homens ricos, que viam uma ameaça em qualquer outra mulher.

– Nunca percebi como conseguem vocês – acrescentou Missy. – Vocês, as mulheres com carreira. Não consigo imaginar o que faria se fosse obrigada a seguir uma carreira. Se bem que o Charlie diz que eu daria uma boa *designer* de interiores. Até já me imaginei a fazê-lo, sabes?

As mulheres ricas queriam sempre ser *designers*. É muito fácil fazer uma casa parecer chique quando se tem um orçamento milionário para estourar.

Suki sorriu e começou a encaminhar-se para a saída.

– Gostei muito de te ver, Missy – rematou de forma sincera.

– Sabes, esqueci-me de te convidar para a festa de aniversário do Charlie. Ele já tem cinquenta e nove anos. Incrível, não? Está a planear algo exótico para os sessenta. Sabes como são os homens, gostam sempre de festas. Qual é a tua morada atual?

Suzi deu-lha obedientemente, achando que era um gesto simpático de Missy mas sem esperar que nada adviesse dali. Charlie, um macho alfa que respirava dinheiro, retirá-la-ia da lista de convidados mal visse o seu nome. Charlie só admitia pessoas importantes nas suas festas.

Para espanto de Suki, Missy cumpriu a palavra e enviou um convite: *O 59.º aniversário de Charlie, a preparação para o Grandioso. Venha vestido/a a rigor ou como lhe apetecer.*

Sem perceber bem porquê, Suki decidiu aceitar. Mas não disse a Mick. Não era o seu tipo de festa, pensou: Chopin a tocar na aparelhagem *Bang & Olufsen* ou, se calhar, um quarteto de cordas real. Não, não era o género dele.

«Não é que ele não se integrasse», disse para si mesma. Não se tratava disso, de

todo. Foi ao cabeleireiro e tratou do cabelo, algo que raramente fazia.

– Arranjar e pintar – disse à manicura. Não tinha dinheiro para os dez dólares a mais que custava um trabalho decente nas cutículas.

Dinheiro – porque tinha tudo a ver com dinheiro?

Havia dinheiro mais do que suficiente em casa dos Petersen, uma mansão com estrutura em madeira situada no lado de Hyannis de Cape Cod, com mais quartos que o Louvre.

Uma vez que não se tratava de uma festa «em grande», como Missy explicou quando cumprimentou Suki à chegada, não tinham tenda ou algo parecido.

– Somos só nós em casa.

A «casa» estava recheada de arte moderna e esculturas estranhas em quantidade suficiente para convencer as pessoas de que Charlie e Missy tinham algum gosto artístico. Na realidade, Suki sabia que pagavam a um perito de arte para estar atento a boas «peças» que zelaria para que mantivessem o seu lugar no circuito de arte da moda.

Era esse o truque para os novos-ricos. Os outros ricos podiam ter quadros da casa de família e de tios-avós loucos que casavam quatro vezes, tinham vinte e seis filhos e tinham sido donos de metade de East Manhattan nos tempos em que havia carruagens de cavalos nas ruas.

Os novos-ricos tinham artistas talentosos e uma seleção de peças pornograficamente caras para mostrarem quão ricos eram.

Em casa, os Petersen revelaram-se um grupo de homens ricos a compararem os seus bens – ou mulheres.

«Não devia ter vindo», pensou Suki de novo enquanto aceitava um copo do empregado.

Sentada numa poltrona, copo de champanhe na mão, sondava a sala. Era um mundo que pensava ter deixado para trás. Todos ali eram ricos ou casados com alguém rico. O resultado era uma sala repleta de gente disposta a passar por cima uns dos outros, tentando que as suas intenções não fossem demasiado óbvias.

Durante os anos que passara no circuito social dos ultrarricos, Suki reparara que as mulheres optavam geralmente por uma de duas tribos: as mulheres mais normais, que se safavam com um pouco de manutenção regular, e as mulheres-troféu, as segundas, para quem a manutenção

era uma forma de vida. As primeiras tendiam a evitar estar junto às segundas. A única exceção era uma primeira esposa sofisticada, Delilah Verne, que conseguia parecer mais nova do que os quarenta e oito anos reais, tendo rejuvenescido tantas vezes que seria seguramente possível montar uma segunda mulher com os bocados que lhe tinham sugado por via cirúrgica.

Era Delilah quem se recolhia agora ao seu próprio canto de isolamento, cambaleando nos seus sapatos de plataforma. Não era exatamente uma dondoca de *Prada*, mas não estava longe. Vestia algo de algum costureiro (Balmain?) que Suki sabia ter custado um preço que teria pago as suas contas de casa durante três meses.

– Suki! Olá! – palrou Delilah.

Drogas duras ou antidepressivos?, questionou-se Suki. Ou meramente a ultrafelicidade permanente que se exige a quem se quer manter casada com um multimilionário grosseiro. Clark Verne, como a maioria dos multimilionários, era sempre grosseiro. A acumulação de dinheiro parecia ter esse efeito nas pessoas, um facto que deixava Suki perplexa. Se ela própria fosse rica, ficaria tão contente que nunca deixaria de sorrir.

– Olá, Delilah – disse Suki, inclinando a face para um beijo no ar. Outrora, pensara que fazia sentido ser amiga de pessoas como Clark através das suas mulheres. Agora, não lhe fazia sentido nenhum amizades falsas.

– Você está ótima, querida! – lançou Delilah de forma entusiástica.

Suki enviou-lhe o regulamentar sorriso agradecido e acompanhou-o de um você também!

Não eram amigas e nunca iriam ser. Para começar, Delilah não fazia amizade com mulheres. Depois, Suki não se inseria bem em nenhum grupo. Não era rica, mas também não era uma dessas mulheres ávidas que circulavam pelos meandros do poder. Tinha beneficiado de uma carreira e público e não hesitaria em lembrar os homens disso se se envolvessem numa conversa sobre dinheiro ou política que ignorasse qualquer intervenção feminina. Isso dava-lhe um certo poder, tal como o seu casamento passado. Para estes multimilionários, Kyle Sénior ainda representava uma cadeira de poder e Suki tinha desenvolvido várias estratégias para garantir que soubessem que a separação do seu marido não significava que se tinha separado do clã Richardson.

– Passei pela propriedade em Hyannis, no verão – diria tranquilamente e de repente todos ficariam suspensos de cada palavra que dissesse.

Suki sabia que ela própria era bastante glamorosa. A ligação com Jethro não a tinha afetado nesse aspeto. E os seus olhos protuberantes com *eyeliner* de *kohl* espesso e cabelo ondulado diziam ao mundo que ela era alguém. Mas sem dúvida que os Richardson conferiam um *glamour* extra.

Esta noite, porém, Suki estava farta de toda aquela farsa. Na verdade, já não fazia parte do clã Richardson. Era convidada para a propriedade só muito raramente e apenas porque Kyle Sénior era um grande crente do velho adágio «mantém os teus amigos por perto e os teus inimigos ainda mais perto».

– Recebi um telefonema de um amigo há pouco tempo – disse Delilah descontraidamente. Suki escutou.

– Bem, não exatamente um amigo. Mais um conhecido.

Suki tentou manter uma expressão de interesse por educação. Como se os amigos de Delilah lhe interessassem. Uma conversa com o seu dermatologista sobre um novo tratamento a *laser* era provavelmente a noção de laços femininos para Delilah.

– Ele recebeu alguns telefonemas de alguém que é investigador de Redmond Suarez. Parece que o seu novo livro vai ser sobre os Richardson…

Suki mal pôde ouvir o resto da conversa. Não queria escutar mais nada.

– Disse que éramos amigas e, claro, você conhece-los. Afinal de contas, casou com um deles! Mas teria de confirmar consigo primeiro.

Suki conseguiu manter uma expressão neutra.

– Sim, Delilah, ele está a escrever um livro sobre os Richardson – confirmou com o coração a bater em pânico. É sempre melhor parecer que já se sabe de tudo de antemão. Conhecimento poder. – Não sei muitos pormenores, mas se alguém quer escrever um livro sobre uma grande dinastia americana, é bom não se ser superficial – continuou Suki. – Sabe como Kyle Sénior e Antoinette dão valor à sua privacidade. A *Família* – ela costumava sublinhar a palavra da mesma forma que as pessoas diziam coisas como *Presidente* – quer que nos encontremos para falarmos sobre isso.

Na realidade, Antoinette tinha deixado uma mensagem seca no atendedor de chamadas de Suki, que soava mais a comando do que a convite: «Venha à propriedade terça-feira à tarde. Pode dormir cá. Temos de falar sobre o senhor Suarez e o seu desagradável livrinho.»

Suki pegou na mão de Delilah e segurou-a.

– Eles vão ficar contentes de saber que não os abordou e que preferiu falar comigo primeiro – disse com um sorriso ingénuo.

Mesmo que Delilah estivesse frustrada com a aparente calma de Suki, não o mostrou. Botox, claro. A testa de Delilah estava mais lisa que alabastro.

Estava na hora de ir embora.

– Obrigada – disse de novo, abraçando o corpo esquelético de Delilah. – Tenho de ligar ao Kyle e contar-lhe – acrescentou com um toque de tristeza.

A última vez que tinha falado com ele haviam tido uma discussão violenta. Mas Delilah não precisava de saber disso.

Sempre que ia à propriedade dos Richardson, Suki era acompanhada de uma leve sensação de assombro por ter pertencido àquele sítio. O centro do poder, um pouco abaixo da propriedade dos Kennedy. Muita fama à mistura. Nos tempos áureos, os Richardson tinham sido amigos dos Kennedy, apesar das posições políticas diferentes. Kyle Sénior tinha socializado com JFK e Jackie e Suki adorava ouvir as suas histórias sobre esses tempos distantes antes de tudo ter terminado tão horrivelmente em Dallas. Claro que ela exibia um interesse meramente superficial. Não havia nada mais graxista do que pedidos como «conta mais»…

E, contudo, tudo aquilo parecia ter sido há tanto tempo. Suki já tinha vivido muitas vidas diferentes desde que se casara e divorciara de Kyle Júnior.

Antoinette, a matriarca da família, tinha agora setenta e nove anos, cabelo de um grisalho-metalizado, tal como a sua atitude. O seu vestuário diário jamais variara desde que Suki a conhecia: jogo de caxemira, pérolas e saia de algodão no inverno, blusa de seda ou linho e saia de seda no verão, pérolas a acompanhar também. Para o serão, optava por sapatos de salto alto em pele de crocodilo (nunca durante o dia, o que seria demasiado vulgar), algo em tecido crepe da china da cor de uma joia e um toque de base na face e batom que tinha na secretária certamente desde que Roosevelt estivera no poder.

Suki nunca imaginaria Antoinette no consultório do Dr. Frederik a solicitar um *upgrade* com botox. As suas rugas faziam o que lhes era dito, da mesma forma que os empregados acorriam às suas ordens. As preocupações com a beleza física eram para os comuns mortais.

Quando em jovem, Antoinette fora uma mulher engraçada. Estrutura óssea imponente, queixo largo e um olhar que fazia tremer o filho. Pouco tinha mudado. A graça era mais duradoura do que a beleza, sem dúvida.

Existira uma trégua difícil entre Suki e a sua ex-sogra desde o primeiro dia em que se conheceram. O *background* de Suki – verificado ao mais ínfimo pormenor pelos detetives privados de Kyle Sénior – era de alto nível. Classe alta empobrecida, mas alta em todo o caso.

Até o pai de Suki, o exemplo perfeito do cavalheiro latifundiário irlandês com estudos superiores, tinha encantado Antoinette.

Juntamente com a patine da condição de classe, Suki era grande entendida em antiguidades, graças principalmente ao interesse de Tess no assunto.

– O pai já teve um conjunto completo de gravuras *Audubon*, mas teve de vendê-las – dizia, o que era totalmente falso, mas impossível de confirmar. O seu pai só se lembrava de objetos vendidos com significado especial para a família, por isso, se Antoinette alguma vez perguntasse se tal era verdade, ele podia dar-se ao luxo de não se lembrar exatamente. Suki era esperta o suficiente para saber que as melhores mentiras eram aquelas onde não nos podem apanhar.

O seu pai lamentara ter vendido o retrato de sua avó pintado por Walter Osborne, mas um interesse crescente pelas obras de Osborne e o telhado da ala oeste a precisar de obras fizeram sentido economicamente para a venda. Ela mencionara a venda do Osborne também, juntando-lhe astuciosamente um pequeno Pissarro e igualmente um Watteau menor. Não fazia tenções de deixar os seus novos parentes passarem demasiado tempo com a família, por isso era seguro mentir. Mesmo com toda a ostentação de sangue azul que Antoinette exibia, ela nunca crescera numa casa com boa arte, certo? Foi preciso casar-se com a arte.

Ao longo do casamento com Kyle, Antoinette relembrara constantemente Suki de que não era uma mulher adequada para o seu querido filho.

Por seu turno, Suki enfiava pequenas piadas nas suas conversas com Antoinette. Como quando, com malícia, identificou a encantadora coleção de taças com motivos florais de Antoinette como *Meissen* falsos e não autênticos. Suki não tinha qualquer interesse em antiguidades, a menos que valessem alguma coisa, e *Meissen* certamente valia, por isso conseguia distingui-los tão bem.

Além disso, durante a única visita de Tess à propriedade, dissera a Suki que achava

fantástico Antoinette não se prender a coisas originais e manter itens com valor sentimental como as cópias *Meissen*. Tess, ingénua como era, só quisera ser simpática. Admirava pessoas que colecionavam tanto coisas valiosas, como não valiosas e as colocavam lado a lado. Queria dizer que gostavam do que gostavam e não do que era caro.

Suki conhecia Antoinette demasiado bem para saber que não era esse o caso. Era óbvio que a sua sogra pensava que aquelas taças eram genuínas.

– De facto, gosto de cópias *Meissen* – dissera, apontando com a mão para o conjunto de taças em lugar destacada na formal sala de estar. – Muito bem conseguidos e igualmente adoráveis, não são?

Os lábios de Antoinette tinham-se franzido

impercetivelmente. No dia seguinte, já não havia taças.

A vida com Kyle Júnior tinha muito a ver com saborear vitórias dessas. Sabia que era mesquinho da sua parte, mas a sua sogra era tão ou mais mesquinha e Suki gostava de triunfar. Ela não era a matriarca, pelo menos por enquanto. Mas toma atenção ao teu espaço, parecia querer dizer a Antoinette.

Porém, tudo terminara quando Antoinette descobriu. Ainda que nessa altura os sonhos de Suki se tornar na próxima Jackie Onassis já se tivessem esfumado há muito tempo.

A forte animosidade entre as duas mulheres não diminuíra com o tempo. Suki e Antoinette continuavam a detestar-se, mas atualmente encontravam-se tão raramente que bastava-lhes gerir presenças. Principalmente quando Sénior lá estava para lhes lembrar de manterem a compostura.

– Ninguém tem de saber de nós, percebem, meninas? – rosnava com a sua voz grossa que não aceitava contestação.

E as «meninas» mantinham-se na linha.

A partir do momento em que se aproximasse da porta de entrada, Suki saberia que, pelo menos por aquele dia, Antoinette declarar-lhe-ia tréguas da sua parte. A biografia de Redmond Suarez era uma ameaça para a família e precisavam de juntar esforços para expulsar o inimigo comum. Depois disso podiam voltar às velhas brigas.

Mrs. Lang, a governanta, abriu a porta com um sorriso amarelo.

– Olá, Mistress Suki. É um prazer vê-la de novo.

«Mrs. Suki» passou a ser o título cortês decidido por Antoinette logo que o divórcio se concretizou. Não era tão matreiro como «despromovê-la» a Miss Power, mas era um detalhe significativo.

– Olá, Mistress Lang – cumprimentara Suki, entrando para o *hall*, mala de fim de semana atrás. Sabia que Mistress Lang não gostava dela, mas estava-se nas tintas.

Como era habitual, a casa cheirava a dinheiro e cera de abelhas. As antiguidades – todas genuínas, Suki sabia-o, porque pesquisara – brilhavam de tanto serem limpas, ao passo que os quadros, todos de grandes artistas norte-americanos, estavam iluminados com gosto. Dois sofás em pele antigos – semelhantes aos que deram fama a Ralph Lauren, mas claramente muito mais antigos do que as suas criações icónicas – encontravam-se em cada um dos lados do enorme salão, incluindo almofadas em tapeçaria com temas náuticos e a bandeira norte-

americana.

Suki foi direta para o seu quarto. Foi-lhe atribuído o quarto azul na parte de trás da casa, sem vista para o mar. Era obviamente um dos quartos menos bons. O quarto que atribuíam naquela propriedade correspondia à posição na vida. Ela aprontou-se, vestiu uma camisola rosa e desceu para o salão.

As luzes estavam ao estilo Hyannis para novembro. Antoinette era tão sovina que fazia questão que nenhuma lâmpada tivesse uma potência mais exagerada. Consequentemente, a casa parecia um restaurante a meia-luz e ler era impossível, exceto no escritório de Sénior ou no quarto, desde que se tivesse a feliz ideia de trazer uma lâmpada decente. Há muitos anos que não ficava instalada naquela casa e, em termos de iluminação, nada mudara. Felizmente Suki trouxera uma pequena luz de leitura a pilhas, não fosse o diabo tecê-las. O vinho, por outro lado, era sempre de boa qualidade e ela sabia que iria beber bem nessa noite.

A má notícia era que Kyle Sénior ainda não tinha chegado. Isso não dava jeito nenhum a Suki. Ele seria a única pessoa que podia compreender o que tudo aquilo significava. Era a pessoa com quem ela tinha de falar antes do jantar. Sénior era amante da bebida, por isso logo que o jantar começasse, jamais conseguiria falar com ele.

O silvo de seda e o toque de *Rochas Eau de Parfum* que invadiram a sala de visitas assinalaram a chegada de Antoinette Richardson.

– Boa noite, Suki – disse Antoinette, com um sorriso gracioso na face. – Que bom vê-la. Está com ótimo aspeto.

Antoinette apresentou-lhe ambas as faces para um breve beijo, um hábito adquirido em viagens pela Europa. Apesar de preferir um aperto de mão, Antoinette era acima de tudo uma anfitriã elegante e as suas maneiras quase nunca resvalavam, nem mesmo quando cumprimentava a mulher que considerava que tinha estado perto de arruinar a carreira política do seu primogénito.

Passados os cumprimentos, Antoinette retirou-se, sentou-se nobremente num sofá e com um gesto convidou Suki a fazer o mesmo.

– O que tem andado a fazer, querida Suki?

Suki sorriu-lhe em resposta. O jogo era válido para as duas. A cabra sedenta de sangue sabia exatamente o que ela andara a fazer: a viver naquela casa acanhada, a tentar ressuscitar a sua carreira e a fazer pela vida. Se Antoinette fosse metade da matriarca que fingia ser, faria das tripas coração para que qualquer pessoa ligada à família Richardson não tivesse de andar a esfalfar-se a dar palestras horríveis em salas universitárias frias.

– Isto e aquilo – respondeu Suki, sorrindo como se andasse a receber prémios Pulitzer enquanto chefiava a ONU em vez de andar com problemas de dinheiro. – E como vai a Antoinette? E Kyle Sénior, como está?

– Bem, muito bem. Está fora, hoje. Mas o Júnior deve estar quase a chegar.

O rosto de Antoinette ficava mais simpático quando falava do filho. Sempre fora assim. Júnior fazia sobressair o melhor e o pior nela.

Mrs. Lang aproximou-se com um tabuleiro de xerez. Antoinette não apreciava que houvesse álcool nos seus aposentos, apesar de Sénior insistir em ter um bar completo no seu escritório.

Assim, era servido xerez antes de jantares de família e *cocktails* no início de jantares-festa.

Suki aceitou um pequeno cálice de xerez com um sorriso. Esperava-se longa a noite.

Passada meia hora de conversa de circunstância desesperante, Júnior apareceu no seu *Porsche*. Ao ouvir o motor a rugir, Suki perguntou-se se com ele vinha a sua segunda mulher. Leesa não a afetava. Tinha uma beleza tipicamente WASP, branca, anglo-saxónica e protestante, com nariz direito e uma figura magra algo masculina. Era tremendamente estúpida, simpática para todos e dizia coisas como «não sou nenhum crânio, malta», subjugando-se a Júnior como uma criança ao seu pai. Isso era a única coisa em Leesa que irritava Suki.

Dez minutos depois, Júnior e a sua mulher apareceram, obviamente apressados porque Antoinette não gostava que a deixassem à espera.

– Olá a todos! – saudou Leesa, alegremente, dirigindo-se a Antoinette, a quem deu um grande abraço.

Esta parecia contente por ver a nora, o que surpreendeu totalmente Suki. Havia nela uma expressão de afeto quando Leesa a abraçou. Suki não conseguia perceber aquilo. Sentiu um *frisson* de irritação: Antoinette era o tipo de mulher que nunca aprovaria nenhuma mulher com quem o seu querido filho casasse. Suki sempre achara que era por isso que Antoinette a detestava.

E Leesa, pensava Suki, seria precisamente o tipo de mulher que Antoinette olharia do alto da sua arrogância. Apesar de Leesa dispor dos conhecimentos adequados, vir de fortunas antigas e não ter aspirações para si a não ser tomar conta de Júnior, era totalmente desprovida de cérebro e tinha de ser constantemente mantida longe dos jornalistas em festas de angariação de fundos para o caso de lhe escapar uma gafe.

E, todavia, Antoinette parecia gostar dela. Suki, mal-humorada, engoliu o xerez e desejou que fosse uma vodca dupla com tónica.

Júnior estava com bom aspeto. Era um homem alto, bem constituído, bronzeado devido a muitas atividades ao ar livre, e tinha a mesma juba de cabelo de leão do pai. A diferença era que Kyle Sénior aparentava ser o velho leão astuto que era, enquanto Júnior era uma versão mais lenta e monótona. Não que isso tivesse prejudicado a sua subida inexorável em direção à nomeação para candidato presidencial republicano.

– Boa noite, Suki – disse, dando-lhe um beijo na face. Ela sentiu o gelo no ar.

– Olá, Suki – disse Leesa, estendendo a mão a Suki.

Suki sentiu-se ficar mais mal-humorada.

Ela é que podia ter sido a mulher que levaria Júnior à Casa Branca, não aquela idiota. Pelo contrário, faziam-na sentir-se como uma desconhecida e isso magoava-a.

Como habitualmente, Antoinette não usava rodeios, por isso foi direta ao assunto que todos prefeririam evitar.

– Temos de falar sobre este maldito livro – começou. – Esta semana telefonaram-me já quatro amigos que foram abordados por investigadores. E dizem todos o mesmo: Redmond

Suarez quer ouvir a «verdadeira história» dos Richardson.

Fez uma pausa enquanto Mrs. Lang trouxe as bebidas para Leesa e Júnior. Suki ficou indignada quando viu que receberam *cocktails*. A bebida de Leesa parecia-se demasiado com um martini. A si ninguém tinha oferecido um martini.

– Acho que precisamos de alguém da nossa confiança para se encontrar com ele e descobrir o que sabe – disse Leesa.

– Que ridículo! – disparou Suki. – Isso é como dizer *temos algo a esconder, por isso diga-nos o que descobriu.*

Antoinette interrompeu-as.

– Acho que a Leesa tem razão – concordou. – Não seria um de nós, alguém da família. Mas precisamos de alguém que nos seja leal para se encontrar com este Suarez. – Disse um nome. – Kyle Sénior tem algumas ideias sobre como fazê-lo… – Tossiu e bebeu um gole de água de um copo numa mesa pequena junto a si.

Leesa levantou-se e sentou-se ao lado da sogra, afagando-lhe o braço.

– Não se enerve, Antoinette, querida. Sabe bem o que os médicos lhe disseram. Tem de tomar atenção ao coração.

– Que médicos? – perguntou Suki.

– A mãe teve um pequeno ataque cardíaco no mês passado – contou.

– Devias ter-me dito! – reclamou Suki em choque.

– Quis que se mantivesse segredo – anunciou Antoinette. – Só para a família.

– Eu já fiz parte da família – lembrou Suki calmamente. Olhava para a sua ex-sogra e para o seu ex-marido. Ambos sabiam por que motivo ela já não fazia parte da família. Suki também precisava da ajuda de ambos para manter Redmond Suarez fora da sua vida.

Se calhar precisavam de refrescar a memória.

– Família *direta* – frisou Júnior friamente.

Suki percebeu então que a frieza polar que sentiu quando ele a cumprimentou não fora imaginação sua. Via claramente agora que não fazia parte da família. Obviamente tinham decidido que, já que ela renunciara a tanto, o que ela sabia não os poderia afetar.

Bem, ela recuperá-lo-ia um dia. Ele sabia o que tinha acontecido, claro que sabia que não fora culpa dela. E, se ele lhe tivesse dado um divórcio decente, ela não teria de andar a esforçar-se para sobreviver. Ela podia apostar que Leesa nunca tivera de trabalhar um único dia da sua vida.

– Suki, não fique chateada – acalmou-a Leesa, sentindo a raiva a crescer dentro dela, mas não percebendo o motivo real. – A mãe não queria que ninguém soubesse e a maneira mais fácil de manter o segredo foi não contar a ninguém. É só isso.

Suki fez um sorriso forçado.

– E como está a Antoinette agora? – perguntou da forma mais educada que conseguiu. – O seu coração ficou fragilizado?

Era uma piada. Antoinette tinha um coração de pedra fria e negra que nunca poderia ser fragilizado. De repente, Suki teve uma visão dela própria a revelar a notícia do ataque de

coração de Antoinette à imprensa. E já sabia qual seria o título da notícia: *Antoinette Richardson tem um coração – Médicos espantados.*

Antoinette falou do quão terrível tudo tinha sido e de como estava grata a Júnior e à querida Leesa – sorriu para a sua nora babada – por terem estado a seu lado. Jacqueline e Anastasia, as irmãs mais novas de Júnior, estavam na Europa num casamento quando tudo acontecera, por isso Antoinette tivera de contar com Leesa para quase tudo.

Jacqueline e Anastasia estavam sempre longe de casa. Tinham ambas casado com homens ricos e passavam o tempo a viajar pelo mundo com amigos em férias intermináveis. Suki não percebia *de quê* tinham de tirar férias, dado que nenhuma trabalhara um único dia das suas vidas.

Quando Mrs. Lang voltou ao salão para servir mais bebidas, Suki pediu um martini.

– Faça-me um forte, Mistress Lang – resmungou. – Faça um Kyle Sénior especial.

Era o código para duplicar as quantidades em tudo. Suki nunca antes pedira nada do género em casa dos Richardson – esse era um privilégio de Kyle Sénior –, mas naquele momento não lhe apetecia fazer de ex-nora obediente. Precisava de um martini forte.

Logo que o jantar ficou pronto, os quatro dirigiram-se para a sala de jantar e sentaram-se à mesa enorme.

A comida era boa, mas não havia vinho suficiente. Suki esvaziou o seu copo rapidamente e teve de esperar uma eternidade para que alguém o voltasse a encher. Estavam num prato de queijo e fruta quando o assunto da biografia não autorizada foi de novo referido.

– O pai disse que ninguém – Kyle olhou severamente para Suki –, ninguém deve cooperar com este homem.

Suki replicou-lhe o olhar.

– Não tenho quaisquer intenções de cooperar e sinto-me insultada pela insinuação de que poderia – retorquiu num ápice. – Não é que não saiba em que armários estão os esqueletos nesta família, mas nunca falei com ninguém sobre nenhum deles. – Fez uma pausa e olhou Antoinette nos olhos. Houve um momento de silêncio até que Antoinette interveio.

– Claro que ninguém está a sugerir que faria uma coisa dessas, Suki. Kyle está apenas a reiterar a vontade de seu pai. Nós sabemos que ninguém nesta sala faria o que quer que fosse para prejudicar a família. Mas há outras pessoas, outras pessoas que não têm a mesma lealdade. A lealdade, infelizmente, é algo raro hoje em dia. Já o disse muitas vezes. Quando era nova, a lealdade era uma das virtudes mais respeitadas, mas hoje não, infelizmente.

– O meu avô está sempre a dizer que a lealdade é muito importante – ecoou Leesa, plena de virtude.

– Eu acredito na lealdade – redarguiu Suki, olhando de Antoinette para Kyle. – Desde que as pessoas sejam leais comigo também.

Já estava farta. Não conseguia perceber por que outro motivo a tinham chamado que não o de a intimidarem. Levantou-se.

– Peço desculpa a todos, mas estou demasiado cansada e acho que vou deitar-me.

Incapaz de aguentar mais um minuto que fosse junto daquela gente, despediu-se e foi para o quarto, onde se sentou na cama e tentou não chorar.

Os Richardson eram muito mais poderosos do que ela. Comparada com eles, não era ninguém. Se a verdade viesse a saber-se, eles podiam facilmente distorcê-la para que Suki fosse vista como a vilã. O nome da família continuaria a exalar perfume de rosas, enquanto o seu tornar-se-ia lama, a bem ou a mal.

11

Stanley, um agente imobiliário, já não tinha entusiasmo. Aprendera por experiência que não fazia sentido. As pessoas ou tinham ou não tinham dinheiro. E, se não tivessem, não valia a pena embarcar no êxtase de destacar bonitos realces de lareiras em pedra e ornamentos em estuque pintados delicadamente à mão em tempos idos, em folha de ouro, tudo isso não iria fazer a diferença. Não, o tipo de pessoa que tinha dinheiro para comprar e restaurar um sítio como Avalon House não seria suscetível de ser convencido por um agente imobiliário elogiador.

Esse parecia certamente ser o caso de Cashel Reilly. Um macho alfa com tudo em cima, segundo a avaliação de Stan. Chegara de Dublin num *Maserati Grand*: um *Maserati* brilhante, em cinza-golfinho, de aparência discreta, mas em todo o caso um *Maserati*. Tudo o que ele usava exalava dinheiro e poder… E exatamente paciência zero para não conseguir tudo à sua maneira.

– Já cá tinha estado? – perguntou Stan, cautelosamente, tentando perceber que terreno pisava. Se o que tinha ouvido era verdade e Cashel Reilly realmente tinha vivido na zona, então talvez tivesse vivido na casa num momento qualquer da sua vida. Não é que não houvesse outras casas na cidade que encaixassem no perfil… Mas não, os Power tinham vivido ali. Stanley era um estranho e não conhecia bem todas as famílias. Talvez Reilly tivesse visitado um amigo de infância que vivesse ali. Mas, olhando para a cara impenetrável de Cashel, Stan achou que seria desaconselhável perguntar.

– Sim, já cá estive – respondera Cashel.

Certamente um homem que nunca usava mais palavras do que as que precisava.

– Não vale a pena destacar os pontos principais, então – concluiu Stan.

– Não – concordou Cashel.

Stan costumava adorar mostrar casas irlandesas antigas como aquela nos tempos em que as pessoas tinham realmente dinheiro para as comprar. Dava-lhe alegria indicar todas as características originais a clientes loucos mas com dinheiro para queimar e cheios de vontade de o gastar em estuques históricos preservados e pinturas históricas de tetos. Torravam dinheiro naquelas casas, *torravam-no*. Hoje em dia, não se conseguia vender um sítio daqueles por amor, nem dinheiro. A maioria dos clientes não tinha os recursos e os que tinham não estavam dispostos a gastá-los num monte de escombros sem os benefícios do aquecimento central ou canalização nova.

Stan decidiu arriscar.

– Uma vez que já cá esteve, quer dar uma volta sozinho enquanto espero no *hall*? Foi recompensado com o vislumbre de um sorriso.

– Boa ideia – disse Cashel. – Eu conheço os cantos à casa.

Não restava muita mobília na casa antiga, mas Stan encontrou uma cadeira de cozinha de aspeto frágil e levou-a para o *hall*. Sentou-se e pôs-se a ver os SMS. Aquele fulano Reilly parecia claramente o tipo de sujeito com dinheiro suficiente para comprar Avalon House, mas só os deuses sabiam se ia ou não fazê-lo.

Sabendo de antemão que o que tivesse de acontecer, acontecia, Stan dedicou-se ao seu telemóvel.

Sim, querida, janto em casa, empadão de peixe era ótimo, xx Stan.

O que impressionou mais Cashel foi quão diferente a casa lhe parecia. Em criança, tinha sido como um lugar mágico, a casa da fantástica família Power, classe alta de Avalon. Estarem ou não falidos não tinha importância prática: eram capazes de identificar os seus antepassados centenas de anos atrás no tempo. A maioria das pessoas em Avalon teria sorte se conseguisse recuar três gerações. O clã Reilly não possuía uma história de família particularmente longa ou nobre. Isso tinha-o atormentado em adolescente. Principalmente porque já então tinha conhecido os Power e sabia da sua longa linhagem. E sentia-se ligeiramente diminuído por ela.

Suki e Tess podiam gabar-se de uma linhagem de condes e reis. Ele e Riach eram descendentes de um homem que vivera a sua vida a fazer apostas ou num *pub*.

Hoje tinha orgulho na sua ausência de raízes. Orgulho em não ter parentes ricos. Tudo o que tinha conseguido fora o resultado do seu próprio trabalho árduo. Nunca houvera dinheiro da família para o ajudar a consegui-lo.

Sempre que era convidado para falar perante grupos de jovens sobre como chegara ao lugar que ocupava hoje, concluía dizendo-lhes:

– Não é o que somos que importa. Mas sim o que fazemos com o que somos. O sangue que corre nas vossas veias é o único sangue que importa. Quando vocês se fazem à vida, têm a oportunidade de deixar o passado para trás.

Quando iniciou a sua volta a Avalon House, parecia-lhe estranho como o passado estava agora tão próximo.

Começou pela sala de visitas do rés-do-chão, simplesmente porque era uma das salas que nunca tinha visto em criança. O lado esquerdo da casa estivera sempre fora do alcance, segundo a sua mãe e Tess. Eram os grandes salões, relíquias de tempos passados em que houvera festas e bailes naquela parte da colina. Imaginara elegantes senhoras e cavalheiros com os seus títulos a passearem-se em vestidos de gala, escutando gramofones riscados e falando sobre caça e propriedades nas colónias – como ele vira nos filmes. Para um rapaz cuja mãe tinha de limpar as casas dos outros para trazer comida para casa, era um mundo estranho e misterioso.

Passou junto ao agente imobiliário Stan, que estava sentado e absorto no seu telemóvel, e seguiu para a cozinha. Sempre fora a sua divisão preferida. Era grande e tinha sido construída num tempo em que muitas pessoas viviam ali, senhores e empregados. Os fornos enormes ainda lá estavam, mas os ganchos de onde pendiam frigideiras e panelas tinham desaparecido. Vendidos ou roubados?, questionou-se.

Estar naquele sítio fazia regressar todas as recordações, especialmente ver aquela mesa familiar, tão grande que parecia mais uma mesa de refeitório de um mosteiro. Passou as mãos nela, sentiu a madeira, querendo que uma qualquer faísca de memória eletrificante lhe saltasse para os dedos, mas não havia nada. Depois da escola, ele e Tess costumavam sentar-se ali a fazer os trabalhos de casa, enquanto a sua mãe cozinhava ao enorme fogão a gás. Ela não sabia cozinhar a comida a que o pai de Tess estava habituado, por isso resumia-se à que sabia: comida de camponeses, como *bacon* e couve, cevada e guisado de perna de borrego. A comida com que Cashel crescera.

Ele costumara ajudar Tess nos trabalhos de casa. Tinha cinco anos e divertia-se a ajudá-la. Ela era extremamente doce e grata. Suki, a sua irmã mais velha, nunca a ajudava em nada. Suki não gostava muito de fazer os trabalhos de casa, nem mesmo os próprios. Tinha fama na escola de ser selvagem, indomável e despreocupada. Andava sempre com os rapazes mais perigosos, os que tinham deixado a escola e eram aprendizes num emprego qualquer ou trabalhavam com os pais. Não queria ter laços com pessoas da sua idade, não senhora. Suki Power sempre quisera ser diferente.

Ele entrou na enorme copa, nas traseiras, onde costumavam guardar os ovos num vidro com água, para se manterem frescos. Era onde estava a arca da carne, uma grande gaiola de metal pintada a verde onde pilhas de carne se amontoavam nas prateleiras. Sempre que os cães passavam, montavam em duas patas e começavam um queixume que só parava quando alguém lhes dava uns açoites. Fora naquela copa, o sítio menos romântico da casa, que pela primeira vez beijara Tess.

Havia sido tão inocente e inesperado. Como ela era mais nova, nunca tinha olhado para ela daquela forma. Ele amara-a, mas com um amor daqueles que se tem por uma irmã mais nova. Davam-se muito bem, provocavam-se mutuamente, riam-se, divertiam-se.

E então viera aquele dia de verão.

Ele estivera fora, a trabalhar em Dublin. Quando chegou a casa, esta estava vazia, por isso dirigiu-se a casa dos Power esperando encontrar a mãe. Ao invés, encontrou Tess. Ela tinha feito dezoito anos durante a sua ausência. A rapariga magra com pernas magricelas, olhos curiosos e cabelo amarrado num rabo-de-cavalo desmazelado, desaparecera. Em seu lugar, uma nova Tess: mais alta, com curvas de mulher e o rosto de uma mulher, com belos lábios carnudos. A mãe estava em parte incerta, por isso ficou na copa com Tess, sentindo-se estranhamente sem palavras na sua presença.

Ela comportava-se como se nada se tivesse alterado entre eles, conversando alegremente sobre deixar a escola, os seus planos de ir para a universidade, sobre Suki querer deixar a universidade porque estava farta até à ponta dos cabelos de matérias antigas e chatas.

– Estás a ver – disse, rindo-se –, tudo na mesma. E tu? Como é a vida na grande cidade? Vá, conta tudo. Há por aí namoradas fabulosas? A tua mãe vai ficar radiante! Ele quer que tu assentes, sabes, Cashel? Precisa de acariciar mãozinhas pequenas. Já encontraste a tua mulher perfeita lá na cidade?

Cashel lembrou-se da maneira como olhou para Tess naquele momento e pensou com total espanto que *ela* era essa mulher. Como lhe escapara isso aquele tempo todo? Se calhar fora a

distância que o tornara óbvio. Ela crescera, ele estiver fora: subitamente, via-se regressado a esta nova mulher.

– Não, não há namoradas.

– Oh, vá lá – insistiu ela. – Não acredito nem um bocadinho nisso.

– A sério, não. E se eu estiver a guardar-me para alguém?

– Alguém em Avalon? – perguntou ela. – Diz-me, quem? Não a Suki, por favor. Ele desfez-se numa gargalhada perante tal hipótese.

– Não, não é a Suki. – Não era segredo nenhum que Cashel e Suki não se davam. Discutiam como dois gatos assanhados sempre que estavam no mesmo espaço.

– Acho que há uma rapariga – dissera baixinho, aproximando-se dela, esperando que ela conseguisse ler na sua cara, nos seus olhos. Ele não queria assustá-la, mas certamente ela também estaria a sentir aquela eletricidade no ar.

Ela fugira dele para abrir a arca da carne e tirar uma perna de borrego para o jantar. Parecia ser pesada. Ele ajudou-a, naturalmente. O que haveria ele de fazer? E os seus dedos tocaram-se. Foi aí que ela o sentiu também. Largou a carne embalada, agora segura apenas por ele. Tess olhou para ele e pronunciou o seu nome, apesar de ele já não a estar a ouvir. Viu apenas as palavras na sua boca como se as tivesses estado a dizer ao espelho anos a fio.

Cashel.

Inclinara-se e beijara-a na testa porque não queria de todo assustá-la.

Era irracional comprar uma casa por causa de uma copa, mas não era por isso que ele a ia comprar. Não, Cashel Reilly não se tornara no homem rico e poderoso que era hoje por causa de caprichos. Pelo contrário, convenceu-se de que queria comprar a velha casa De Paor como uma declaração que dizia *Eu não era bom o suficiente para a filha desta casa há dezanove anos quando ela me rejeitou, mas agora voltei e esta casa que os Power perderam, que sempre fez parte da família todos estes anos.* Eu *posso voltar e comprá-la. Com um telefonema consigo ter o dinheiro aqui.*

Isso dava-lhe satisfação. A parte dele que entendia os sentimentos e as emoções e os perigos de deixar a vingança viva dentro para sempre disse-lhe que era um erro. Mas uma outra parte mais profunda, a parte animalesca que ainda estava ferida, disse-lhe que era a coisa certa a fazer.

Stan estava ocupado a ver as suas mensagens. Era um bom momento para adiantar trabalho. Combinar uma hora para uma avaliação, escolher quem ia mostrar a casa antiga dos Moloney no dia seguinte. O negócio estava de rastos naquela altura, disso não havia dúvidas.

– Fico com a casa – informou Cashel.

Stanley sentiu o seu telemóvel a escorregar das mãos e a bater no chão de mármore, onde a bateria se soltou com estrondo.

– Muito bem – retorquiu Stanley, recompondo-se e aos pedaços do telemóvel. *Manter sempre a calma* era um bom mantra para agentes imobiliários. Tomariam um champanhe no escritório logo que a venda fosse feita. Havia anos que não vendiam nada tão grande, anos.

– Vai querer tudo feito com celeridade? – arriscou.

Aqueles homens alfa de negócios queriam sempre tudo para ontem.

– Claro – disse Cashel. – Quero que as obras comecem o mais rapidamente possível.

Stanley pensou em recomendar o seu cunhado, mestre-de-obras e atualmente desempregado, mas depois calou-se. Esperaria que a tinta secasse e só depois mencionaria Freddie.

A cerca de dois quilómetros dali, Kitty estava a fazer os trabalhos de casa na mesa da cozinha, a fazer somas com a ponta pressionada com tanta força no papel que mais um lápis corria o risco de partir. As páginas por debaixo tinham todas as mesmas marcas de somas de páginas anteriores. Nos trabalhos de casa, Tess usava o afiador muitas vezes.

– Como vai isso, amor? – perguntou, debruçando-se sobre a filha para ver como se estava a sair com a multiplicação. Tess nunca fora boa a matemática, por isso tinha de fazer mentalmente cada uma das somas usando os dedos como um ábaco, para ver se a filha estava certa. – Boa. Estás quase a acabar – disse.

Kitty fez um som de *ufff* em resposta.

– Detesto contas de somar – resmungou.

Tess passara horas mais do que suficientes na escola, escutando as mais recentes teorias educativas, para saber que entre as idades de oito e nove anos a criança costumava decidir o que «gostava» ou «detestava», frequentemente a partir das coisas mais aleatórias.

Decidiu embarcar no discurso recomendado.

– Mas tu és tão boa a fazer somas, Kitty – disse-lhe com entusiasmo. – Olha o ótimo relatório que tiveste no verão passado.

Não totalmente convencida, Kitty continuou a espetar o lápis no caderno.

– A que horas vem o pai? Há tanto tempo que não vem jantar connosco. Porquê? Vocês zangaram-se? O que é o jantar? Estou a morrer de fome.

– O teu pai tem andado ocupado, Kitty – mentiu Tess, desejando ter também um lápis para cravar em qualquer sítio. Deixara duas mensagens no *voicemail* a Kevin dizendo que era bom ele pensar no que dizer às crianças, mas ele não respondera. – Vamos ver quando pode vir, está bem?

– Mas já não o vemos há tanto tempo – continuou Kitty. – Esta semana não me foi buscar à casa da avó uma única vez.

Melhor assim, pensara Tess. Teria sido demasiado encontrar Kevin sentado em casa poucos dias depois de lhe ter dito que se tinha apaixonado por outra mulher. Mas supostamente era tudo parte do seu plano de evitar-tudo-o-que-seja-complicado.

Era óbvio que Kitty sabia que algo andava mal. Tess tinha a certeza de que Zach também o sentia, mesmo que não tivesse dito nada. Teria de falar com Kevin e fazer com que concordasse em contar às crianças. Se dependesse dele, Kevin simplesmente não iria dizer-lhes nada.

E iria esperar que ela o fizesse.

– Então vou ligar ao pai – decidiu Kitty.

Tess estava sentada à mesa, sem reação.

Kitty voltou passados dois minutos com o telefone.

– O pai quer falar contigo – disse. – Vai levar-nos a jantar na sexta-feira, ao Mario's! O Mario's era uma pizaria e as sobremesas de chocolate eram as preferidas de Kitty.

– Ótimo – respondeu Tess. Se calhar afinal estava a planear dizer-lhes.

– Tess, preciso da tua ajuda – suplicou logo que ela atendeu o telefone. – Não sei como começar – disse ele, triste mente. – Não quero que passem a detestar-me e não quero magoá-los.

Tess reprimiu todos os pensamentos que lhe diziam «é um bocado tarde para isso agora». Ela também tinha culpa, sabia-o. Mas, apesar disso, era preciso ter lata para querer que *ela* contasse a Zach e Kitty sobre Claire para que pudessem fazer todos parte de uma família feliz.

– Que tal sexta à noite? – sugeriu ela num tom agradável.

– Mas temos de ser os dois a fazer isto – insistiu ele.

Tess hesitou. Se calhar era melhor. Uma frente unida poderia ajudar Zach e Kitty a perceber que, mesmo quando os pais se separam, continuam juntos a ajudar os filhos.

– *Okay* – concordou ela. – Mas tu pagas.

Teria ido para a cama nessa noite e realmente dormido se Helen, a mãe de Kevin, não tivesse ligado logo depois de ter posto Kitty a dormir.

– Tess, não fazia ideia – disse com a voz afetada. – Não fazia ideia, sinceramente. É chocante, tudo.

– Eu sei – consolou-a Tess, perguntando-se por que raio ela a estava a consolar.

– De início, pensei que era uma loucura separarem-se – continuou Helen, a soluçar. – E agora vejam só o que aconteceu: arranjou outra mulher. Oh, Tess, não é justo, não é justo para ti, a Kitty ou o Zach. Já viste o que causou esta parvoíce toda de separação?

– Ambos concordámos em separar-nos, Helen, por isso não é só culpa do Kevin – acrescentou Tess, tentando dizer algo reconfortante porque sabia que Helen a adorava e aos miúdos.

– Sim, mas vocês separaram-se para resolver as coisas – lamentou-se Helen –, não para se envolverem com outras pessoas.

Dado que isso era em grande parte o que Tess também pensava, não tinha coragem de argumentar com a sua sogra.

Durante os dez minutos seguintes, Helen chorou ao telefone enquanto Tess tentava encontrar uma forma de terminar a chamada.

– Ela não passa de uma rapariguinha – choramingou Helen. – Não sei o que lhe passou pela cabeça. Aceitava-lo de volta, Tess, se ele deixasse essa rapariga?

Tess expirou lentamente.

– Helen, querida, já passou essa fase – disse, pensando se realmente passara. Se ele lhe pedisse, aceitaria Kevin de volta?

Como começara a ser hábito ultimamente, a sua mente regressou a Cashel.

Tinha sentido amor e paixão de verdade, apercebia-se agora. Um tornado de emoções quando comparado com o que sentira por Kevin. Se aceitasse Kevin de novo, significaria concordar com uma vida de simpática benevolência para com ele, ambos voltando a partilhar uma casa mas levando vidas separadas em tantos aspetos.

A visão de Cashel no funeral da mãe dele fizera-a relembrar a força do seu amor por ele. Se, ao menos, ele não a tivesse abandonado, tudo podia ter sido tão diferente.

– Mas agora já toda a gente sabe – continuou Helen. – Nunca lhe pus os olhos em cima, mas quando a Agnes Ryan me ligou a dizer que viu o meu Kevin a beijar essa rapariga na rua em frente ao café, fiquei tão chocada que lhe liguei imediatamente e perguntei-lhe. Foi aí que soube de tudo.

Tess tentou acalmar-se. Lá se ia o acordo de não-te-querer-magoar-por-andar-com-a-Claire-na-rua-em-Avalon.

– Bem, parece que é público, agora – comentou Tess. – Helen, querida, tenho coisas para fazer. Podemos falar amanhã? – *Vai ter de me pagar a caução depois de assassinar o seu filho por não contar nada aos próprios filhos, quando há pessoas que o viram na marmelada com aquela mulher na praça.*

Agora tinha de contar a Zach. Notícias daquelas circulariam por Avalon à velocidade da luz. Zach teria provavelmente ouvido de alguém no autocarro para a escola, de manhã. Ele já saberia dos factos.

Por precaução, subiu ao quarto de Zach e bateu à porta.

– Posso entrar? – sussurrou.

Como era hábito, só passados alguns momentos ele se levantou e abriu a porta. Tess não sabia exatamente o que estava ele a fazer, mas o que quer que fosse era privado e era sua obrigação dar-lhe esse espaço. O quarto cheirava a meias, coisas de *teenager* e a um novo desodorizante que ele punha como se não houvesse amanhã.

– Claro – disse ele.

Ele vestia uma velha *sweatshirt* gasta e calças de ganga. Sentaram-se ambos na cama e Tess não disse nada por uns momentos, perguntando-se como iria começar a falar daquilo.

– Que se passa, mãe? – perguntou ele. – Parece que morreu alguém.

– Não! Não sejas pateta – brincou, entrando no modo mamã.

O modo mamã queria dizer que, se o mundo estivesse a acabar, ela diria *Não, está tudo bem. Vamos encontrar uma solução. Tem de haver uma solução de alguma forma.*

– Quando o teu pai veio cá na outra noite, ele tinha coisas importantes para

dizer. Um olhar atento apoderou-se do rosto de Zach.

– Ele quer o divórcio? – questionou.

– Bem, não exatamente. O que te fez pensar isso?

– Ele tem estado diferente no último mês… Mais contente – referiu Zach. – Antes, costumava dizer que tinha muitas saudades de estar em casa e eu tinha raiva de ti por causa da situação. Mas depois ficou mesmo contente. Então percebi. Arranjou outra pessoa.

Quem me dera que me tivesses dito, pensou Tess. *Assim não tinha sido a última a saber.*

– Tens boa intuição – comentou, fazendo uma festa no seu braço e reprimindo a vontade de

se deitar na cama dele e chorar. – Acho que há sempre esse risco quando duas pessoas se separam.

– Mas vocês não precisavam de se separar – acrescentou. – Isso foi ideia tua. Ouvi-te falares sobre isso.

Parecia zangado agora e Tess sentiu o peso da culpa sobre si.

– Pensava que era o mais acertado a fazer – defendeu-se Tess.

– Não para nós – acusou Zach. – Não para mim e para a Kitty. *Antes*, éramos uma família. Agora já não.

– Desculpa.

– Paciência – murmurou ele.

– Queres conhecê-la? – perguntou.

– Não – devolveu logo. Pôs os *headphones*, o que era linguagem de *teenager* para «acabou a conversa». Normalmente, essa era a deixa para Tess lhe dar um leve sermão sobre má educação. Naquela noite deixou-o em paz.

Ficaram sentados na cama um pouco, Zach com os olhos fechados, depois Tess levantou-se e saiu do quarto, fechando a porta com cuidado.

Ele tinha razão. A culpa era dela.

12

Tinham passado quase duas décadas desde que Danae vivera com alguém. Duas décadas a estar por sua conta, na sua quinta em Avalon com os animais e a companhia do seu bonito jardim. Não se tinha apercebido do quanto se habituara a isso até Mara chegar.

De início, fora novidade ter Mara consigo com a sua vitalidade e energia. Ela era uma pessoa alegre e incansável. Ter sido abandonada pelo homem que amava não lhe apagara a luz interior. Isso impressionava Danae, que se perguntava se Mara não choraria secretamente no seu quarto à noite sobre as fotos de Jack. Danae tinha quase a certeza que era o que ela faria se estivesse no lugar de Mara. Sentir-se-ia absolutamente destroçada se fosse rejeitada por um homem tão importante na sua vida.

Mas, mesmo que Mara tivesse o coração partido, não o mostrava. Não, havia uma força incrível dentro da sobrinha. «Deve ser porque foi criada numa família tão feliz», concluiu Danae.

Alguns dias depois, porém, a presença de Mara começou a *irritá-la*. Não havia outra palavra para definir a conclusão a que chegara.

Mara estava sempre tão alegre a usufruir da casa e a partilhar o espaço todo, fazendo as tarefas e as refeições e nunca esperando que fosse ela a fazê-las.

– Bem – afirmava Mara –, eu não trabalho e tu sim, por isso é justo.

Comprava as mercearias com o pouco dinheiro que, aparentemente, teria e Danae ficava preocupada com isso. Sempre se preocupara com dinheiro.

– Não há problema, a sério, Danae – disse Mara. – Eu tenho algumas poupanças no banco, além disso, estou a mandar o meu currículo para muitos sítios, ainda que não haja muita gente a empregar antigos agentes imobiliários hoje em dia.

Nem isso lhe tirava entusiasmo.

– Pensei em procurar trabalho nesta zona. Conheces alguém que precise de um empregado? Um *part-time* para voltar à vida ativa. É uma boa altura do ano para arranjar um *part-time*. As pessoas costumam precisar de mais gente quando se aproxima o Natal, por isso talvez arranje trabalho numa loja ou qualquer coisa. Faço tudo. Não me interessa: limpar chão, esfregar, passar a ferro, o que for preciso.

Danae rira.

– Tu não existes – comentou. – Não se pode dizer que não sabes o que é trabalhar.

– Ai sei, sei – respondeu. – Era uma boa profissional. – Ficou serena e pensativa por um momento. – A Cici disse-me que era uma loucura despedir-me, mas já não conseguia continuar ali. Não fazia sentido. Era o princípio todo da coisa. E… não podia extorquir-lhes dinheiro argumentando despedimento sem justa causa. Não é assim que funciono. O facto de o Jack ter casado com a Tawhnee foi o sinal. Tive de sair.

– Sinal? – questionou Danae interessadamente.

– Ah, pois – respondeu. – Eu acredito imenso em sinais. Tu não? É assim tipo… Não sei. Encontrar um lugar para estacionar é um sinal, certo? Alguém ser muito simpático para nós numa loja: isso é um sinal, não é? Há uma data de sinais de felicidade e de coisas boas por aí. Só temos de estar atentos.

E isso seria provavelmente uma das maiores diferenças entre elas as duas, pensou Danae. Mara era exuberante, cheia de vida, repleta de uma confiança delicada. Afável para toda a gente de uma forma que ela lamentava nunca poder vir a ser.

Danae constatou que havia várias circunstâncias que dificultavam a possibilidade de Mara ficar ali a viver com ela. Uma era a mera questão física de haver outro ser humano pela casa, mesmo que esse ser humano fosse um hóspede maravilhoso, amoroso, bondoso e atencioso como Mara. Outra dificuldade era o grande contraste entre ambas. Mara podia entrar numa sala onde não conhecia ninguém e dez minutos depois já travara amizade com pelo menos metade das pessoas. Ela, se entrasse na mesma sala, ficaria a observar atentamente de um canto. Era isso que sempre fazia: observar atentamente. Fora assim durante muito tempo. Seria talvez tarde de mais para mudar.

Mas o maior problema com a presença de Mara não tinha nada a ver com as diferenças de personalidade ou com o facto de se habituar a partilhar a casa com ela. O grande problema era como esconder a Mara as suas viagens mensais a Dublin.

– Levantaste-te cedo – comentou Danae, surpresa por ver Mara sair do quarto em pijama e cabelo desgrenhado. Contava que Mara ainda estivesse a dormir quando se fosse embora.

– Sim – respondeu Mara. – Deve ser do ar do campo. Em Galway conseguia dormir horas a fio ao fim de semana, mas aqui não. – Bocejou. – A Cici havia de se rir se me visse acordada às… – olhou para o relógio – … sete e meia num sábado de manhã. Onde vais a esta hora?

Seria imaginação sua, pensou Mara, ou Danae parecia mesmo um bocado misteriosa naquele dia de manhã? Definitivamente havia algo de diferente nela. Nos dias em que não ia para o posto dos correios, os trajes de Danae consistiam geralmente de uma saia e camisola confortáveis, talvez uma echarpe ou um casaco com botões como acessório. Naquela manhã de sábado apresentava-se muito mais formal, calças impecavelmente engomadas, blusa e *blazer*.

– Tenho uns assuntos a tratar em… *humm*… Arklow – retorquiu Danae, aparentando perturbação e pouco à-vontade.

Não, não era imaginação de Mara. Passava-se algo. A sua mente criativa explorou as possibilidades: Danae estava doente e tinha uma consulta no hospital… Ná, isso era uma estupidez. Que hospital ou médico davam consultas ao sábado? Chegava. Estava a ficar paranoica.

– *Okay* – disse Mara. – A que horas voltas? Queres que faça alguma coisa?

– Estava a escrever-te um bilhete, a perguntar se te importavas de dar de comer às galinhas às cinco da tarde. Junta-as antes de ficar escuro e mete-as na capoeira. Devo chegar… por

volta da hora de jantar.

Cada vez mais misteriosa.

Mara assentiu com a cabeça.

– Tudo bem – disse. Não havia problema para ela se Danae tinha segredos.

Dez minutos depois, Danae saiu no carro e Mara ficou sentada à mesa da cozinha com *Lady* a mirá-la em adoração com os seus olhos de lobo hipnotizantes. Ela também adorava *Lady*. Era uma cadela muito bonita, extremamente afável, feliz por se sentar junto de Mara e Danae e, ocasionalmente, assumia ares de importância, mesmo para um pequeno animal, como só ela sabia assumir. Enquanto engolia o café, pensava no que andava a fazer a tia, o que escondia. E aconselhou-se a si própria a meter-se na sua vida. Toda a gente tinha direito aos seus segredos.

Danae sentia-se apreensiva quando apanhou a estrada de Avalon para Dublin. Detestava mentir. Sempre achara feio mentir. Até agora conseguira não precisar de mentir. Bastava não contar às pessoas e isso funcionava. Mas Mara estava a mudar a situação e a tornar tudo mais difícil. Viver com outra pessoa era complicado. Era essa a palavra, concluiu Danae.

Agora que Mara vivia com ela, Danae achava que devia explicações à sobrinha. Mas não podia, era impossível falar sobre aquilo. Ainda a magoava demasiado. Não, era mais fácil manter segredo. Mara em breve partiria. Andava a planear ir uns tempos para Londres e então Danae podia ficar de novo à vontade. Porquê passar por toda essa dor desnecessária? Não, não, era melhor para ela manter-se calada até essa altura.

Mas havia outro problema. Mara era muito sociável e queria vivamente que Danae também fosse. Nas poucas semanas em que Mara estava a viver com ela, já haviam ido cinco vezes ao cinema com Belle.

– Convidamos a Belle, é a tua melhor amiga, não é? – perguntara Mara um dia ou dois depois de ter chegado. Danae ficara chocada. Como reparara ela nisso? Não que Danae tivesse uma melhor amiga, mas, se a tivesse, seria Belle.

– Bem, acho que pode ser – concordou Danae, tentando parecer normal.

– *Okay*; há um filme bom em Arklow. Que dizes, reservamos bilhetes para sexta à noite? Se calhar, comemos qualquer coisa antes, piza, chinês? Que achas? – questionara Mara e tudo parecia tão terrivelmente normal.

Belle ficara satisfeitíssima.

– Não sei como arrastaste a *madame* para fora de casa duas vezes no mesmo mês – comentara, sentando-se à frente no carro, enquanto Mara conduzia até Arklow.

Mara fez um sorrisinho. Dissera a Danae que Belle era muito divertida, mas não queria irritá-la. Belle tinha um aspeto duro.

– Então, diz lá, fizeste voto de castidade desde que esse desgraçado do Jack te deixou?

Mara não parecia importar-se pelo facto de Belle falar acerca de Jack. Talvez porque ela não excluiria a possibilidade de lhe dar uma joelhada nas jóias da coroa se lhe pusesse os olhos em cima.

– Não, mas há muito a considerar num voto de castidade – assinalou Mara. – Quer dizer,

com a castidade não temos de nos haver com os homens, o que neste momento me parece um plano muito sensato.

– Não concordo. Os homens são ótimos desde que depois os possamos devolver à mamã – afirmou Belle com um riso divertido. – Estou a brincar, Mara – acrescentou. – Não me interessam os que têm menos de quarenta anos. Não sabem nada. Antes dos quarenta não estão formados. Não é, Danae?

Sentada no banco de trás, apertada porque não havia espaço para as pernas, Danae assentiu, como se soubesse.

– Completamente, sim, é isso – disse.

Depois, acontecera aquela saída de improviso porque Mara entrara no café e encontrara a doida da Vivienne da loja de roupa. Aparentemente, esta dissera que Tess Power precisava de uma saída à noite como devia ser porque andava a gastar a beleza em casa a ver televisão. Tudo junto levara a que Belle, Mara, Danae, Vivienne e Tess fossem acabar no restaurante italiano da vila e mergulhassem em risos e conversas até à uma da manhã.

Jacinta Morelli e a irmã, Concepta, sentaram-se com elas à hora do fecho e juntaram-se à conversa, trazendo cafés e pratos com *biscotti* deliciosos. Danae não se lembrava bem da última vez que saíra para além da meia-noite. Parecia-lhe estranho encontrar-se com pessoas como Tess ou Vivienne fora da loja. Estava tão rígida no início que se sentia como a chefe dos correios por detrás do balcão de *plexiglas*. Sem a proteção desse vidro separador, havia uma sensação de vulnerabilidade posta ali a nu perante olhares. Mesmo que mais ninguém ali se sentisse da mesma maneira ou sequer reparasse. Mas fora difícil para Danae.

Desde o princípio que Tess e Mara se tinham dado como se fossem amigas de longa data.

– Então não andas a murchar lá em cima em casa, a ver televisão? – começara Mara, já tocada com três copos de vinho.

Tess rira tanto que quase chorava.

– Foi isso que ela te contou? Vivienne, tens de deixar de dizer às pessoas que ando a destruir a minha vida só porque o Kevin arranjou uma linda namorada.

– Que ele conheceu quando ainda estavam em processo de divórcio – acrescentou Vivienne alto e bom som.

– Grita mais alto – sugeriu Tess. – Acho que as pessoas na outra ponta do restaurante ainda não ouviram! Para a próxima trago-te um megafone.

E Danae pusera uma mão no braço de Tess e apertara-o, porque sabia que, mesmo que ela conseguisse troçar daquilo, ainda a magoava insuportavelmente. Tess olhara para ela como que agradecendo *Sim, posso brincar, mas tenho dentro de mim ainda muita dor.* Danae, que percebia um pouco de dor, devolvera um sorriso de cumplicidade.

Danae entrou na autoestrada em direção a Dublin. A sua vida era totalmente diferente agora que Mara fazia parte dela. Estava mais preenchida, muito mais divertida. Fazia-a aperceber-se do que tinha perdido e da solidão a que se remeteria assim que Mara partisse. Mas era mais fácil não lhe contar, mais fácil não contar a ninguém.

– É estranho, mãe – comentou Mara com a mãe ao telefone uma noite. Danae tinha saído para um dos seus passeios solitários com *Lady*, monte acima, que fazia sempre quer chovesse ou houvesse sol. Não interessava que estivesse escuro como breu naquela altura do ano. – Gosto muito dela e sei que gosta de mim, mas não se sente confortável com pessoas à volta e nunca tinha reparado nisso antes. Nunca fiquei cá mais que um fim de semana, mas agora que estou cá há algum tempo, percebo a pessoa reservada que é. Quando me ofereço para lhe fazer um mimo, como arranjar-lhe o cabelo, sabes como tenho jeito para cabelos, ela nunca aceita. É como se não gostasse que as pessoas a ajudassem. E no sábado passado saiu de casa e não me quis dizer onde ia. Foi muito estranho.

Do outro lado do telefone apenas silêncio.

– Mãe, estás aí?

– Sim, estou – respondeu Elsie. – Mara, sabes que nem tudo tem sido um mar de rosas para a tia Danae.

– Estás a ver, é isso mesmo – explicou Mara. – Eu sei que algo de terrível aconteceu no passado com o marido dela quando morreu, mas nunca cheguei a saber porque não nos contaste. Ela é um livro fechado, seja lá o que for que lhe aconteceu. Mas o que aconteceu realmente, mãe?

Seguiu-se novo silêncio, o que era já de si bastante invulgar porque Elsie não era uma mulher dada a grandes silêncios, como o resto da família podia comprovar.

– Mara, não sou eu que tenho de te contar essa história – retorquiu Elsie. – A Danae é que tem de te contar e ela é uma mulher muito reservada. Sinceramente, ela ficaria extremamente magoada se mencionasses isso.

– Mas se chegar o aniversário da morte dele enquanto cá estiver e não disser nada, ela vai pensar que estou a ser horrível e a ignorá-lo? Quer dizer, se tivesse sido casada e o meu marido tivesse morrido, gostaria que as pessoas se lembrassem. Vá lá, tens de contar-me.

Elsie fechou-se em copas.

– Querida, não posso fazer isso, é tudo o que posso dizer.

– Então tenho de ser eu a perguntar-lhe, é isso? – quis saber Mara. – *Que queres para o jantar, Danae? Podemos fazer esparguete à bolonhesa ou talvez uma boa quiche vegetariana como a que fiz ontem, ah, já agora, podes contar-me sobre o teu marido?*

– Por amor de Deus, Mara – resmungou Elsie. – Ouve, não tenho jeito para este tipo de coisas. Pergunta ao teu pai. E como é com o Natal? Vens cá? – Havia um ligeiro tom de súplica na voz da mãe.

– Bem, *eu* de certeza que vou – confirmou Mara. – E vou tentar levar a Danae desta vez. Danae nunca fora antes, apesar de sempre a convidarem.

– Mas ajudava se eu soubesse…

– Deixa a Danae em paz… Se ela não quiser vir, não vem – retorquiu Elsie rapidamente. – Basta que saiba que é sempre bem-vinda.

– Olha que eu vou mesmo fazer com que ela vá este ano – avisou Mara. – Deixa as coisas comigo.

Não ia conseguir extrair mais nada da mãe. Quando desligou o telefone, Mara já tinha

ouvido os últimos acontecimentos em Furlong Hill e como os O'Brien tinham arranjado uns loureiros exatamente iguais aos de Elsie, que estava muito irritada com eles.

– Eles imitaram-nos na cobertura de pedra e agora nos loureiros também! Bem, já estão a passar das marcas – disse Elsie ameaçadoramente.

Mara esboçou um sorriso. A batalha de uma vida da mãe com Mrs. O'Brien do outro lado da rua sempre a fizera sorrir. Acabaram a conversa a seguir e Mara voltou para os pensamentos sobre Danae.

Rafe Berlin estava sentado à janela do café numa esquina da praça principal de Avalon e observava a rapariga de chapéu de feltro verde a sair do carro. Para ele, aquilo eram roupas estranhas: uma provocante saia vermelha bordada, botas de montanha, casaco verde cintado e justo e aquele chapéu. Parecia uma panqueca enfiada na cabeça. Mas a cara dela compensava o vestuário tresloucado. Era como um anjinho matreiro, com a franja ruiva nos olhos, que eram grandes e impressionantes, com imensa maquilhagem escura à volta, o que os fazia brilhar como joias naquela cara sardenta.

E agora encaminhava-se para o café.

Estava obviamente concentrada na sua música, abanava, mexia as ancas e ombros ao som de um ritmo que ele não conseguia escutar. Não se importava de andar e dançar ao mesmo tempo. Rafe sorriu. Bela miúda, sem se preocupar com o que os outros pensavam: exatamente o tipo de rapariga de que gostava.

Ela entrou e dirigiu-se ao balcão.

Achando que precisava de nova chávena, bebeu o seu café e foi atrás dela.

Até o cheiro dela era bom, concluiu ao abeirar-se por detrás. Algo a canela? Já se faziam perfumes com canela? Era baixa e ele gostava disso também, pois ele próprio não era muito alto.

Basicamente gostava de tudo nela.

– Olá – saudou ele.

Voltou-se, mirou-o e ele recebeu um raio fulminante daqueles olhos. Verdes, concluiu, brilhantes de raiva.

Os olhos raivosos disseram: *Não me dirijas a palavra, desconhecido.*

Ela virou-se de novo para o balcão com um movimento acompanhado pelos caracóis ruivos escuros e prestou mais atenção aos bolos.

Rafe estava agora entusiasmado. Ele *adorava* aquilo. Não conhecera nenhuma rapariga tão atrevida desde que saíra da Nova Zelândia.

– Disse olá – retomou.

Os caracóis abanaram e ela olhou-o de novo. Os olhos verdes desfizeram-no e ignorou-o mais uma vez.

– Belo dia – continuou.

Desta vez ela virou-se devagar.

– Querido – disse com o mesmo brilho intenso e olhar direto. – Não estou. Com. Vontade.

Nenhuma. *Okay? Capisce?* – Olhou-o de alto a baixo de novo, observando a camisa usada do trabalho e o avental de criador de porcos. – Seja lá o que for que quer dizer «não» na tua língua, cobói.

– Vulcano – sussurrou.

– O quê?

– Vulcano é a minha língua.

Os olhos estreitaram-se.

– Como o doutor Spock?

– Não, Mister Spock. «Vida longa e próspera», como ele costumava dizer – acrescentou. – O doutor Spock era mais do aconselhamento materno.

– Se é de conselhos que precisas, tenho um para ti: deixa-me em paz – concluiu com um sorriso capaz de arrancar tinta a uma porta.

– Menina, posso ajudar? – perguntou o tipo do balcão, tentando ignorar o ambiente.

– Um *cappuccino* grande com uma dose extra de café para levar, por favor – pediu educadamente.

Rafe não podia concordar mais. Nada de porcarias de *cappuccinos* de dieta.

– És turista? – perguntou. Tinha a certeza porque nunca a tinha visto antes.

– Não – respondeu –, sou uma assistente social que trabalha no centro comunitário e estamos a reunir todos os anormais da zona, especialmente aqueles que metem conversa com mulheres em cafés.

– E precisam de algemas para isso? – quis saber Rafe em tom de conversa.

– Tenho aqui pólvora – disse, batendo na anca como que sugerindo uma arma debaixo do casaco. – E, se isso não chegar, tenho uma pistola de agrafos na mala. Há poucos homens que aguentem uma pistola dessas.

– Ui, que medo.

– Ah, pois é.

– Que pedaço de mulher, Brian – suspirou Rafe ao vê-la deslizar para a porta, de café na mão. – Comia-a toda.

– Seria como comer uma piranha – comentou Brian que nunca tivera sorte com as mulheres.

– Brian, ela pode ter *dito* que não. Mas dentro dela havia interesse. Tenho a certeza.

– Não sei como percebes isso – retorquiu Brian. – Nunca tive a menor ideia sobre o que as mulheres dizem. É tudo em código.

Mara saiu fula com o café na mão, irritada pelo homem do café. Estava farta da parte masculina da espécie: sempre à caça, mesmo que fosse só por divertimento. Que pena a Cici não estar ali. Ele era precisamente o tipo *dela.* Barba por fazer de *designer*, cabelo desmazelado e, tendo em conta aquela fatiota, não era o tipo de homem que se preocupasse muito com a roupa. Jack farejava sempre a última moda, geralmente à procura das calças mais

*sexie*s, o relógio do momento. O tipo do café provavelmente escolhia a roupa de manhã chafurdando no cesto da roupa suja para ver o que ainda podia usar. Ainda assim…

Virou a cabeça quando entrou no carro para ver se ele ainda estava a observá-la. Estava mesmo. Ele não era um qualquer, lá isso era verdade. Provavelmente, tinha as meninas da zona todas na mão com os seus comentários de engate. Mas ela não. Estava farta de homens até à ponta dos cabelos.

Fez-lhe um último olhar antipático.

Não estou interessada, disse-lhe telepaticamente. *O próximo homem que se aproximar de mim vai acabar com ferimentos graves.* Okay*?*

Deu à chave, ligou o áudio-livro que arranjara na biblioteca e seguiu para Dublin.

A casa de Mara era um duplex numa rua sossegada de Dublin. A ponta de Furlong Hill onde os Wilson viviam era sítio de habitação para famílias que lá estavam há imensos anos, enquanto a outra ponta tinha lojas, bares e lojas de *takeaway* que Mara adorava quando era mais nova. Ainda agora avaliava o peixe com batatas fritas pelos padrões do Rizzoli's e o sabor aveludado dos aros de cebola panados. Ninguém lhes chegava aos calcanhares. E molho de caril para as batatas. Era engraçado como muitos dos seus encontros tinham acontecido no Rizzoli's. Não tinha conhecido rapazes muito aventureiros em termos de engate durante a escola secundária. Ou era no *pub* – onde se tornava difícil entrar quando se era menor – ou no Rizzoli's, onde uma pessoa podia sentar-se à mesa com uma *Fanta* e partilhar um miniprato de batatas fritas e salsichas horas a fio, porque Mrs. Rizzoli não os expulsava. Ela tinha sentido o amor da juventude.

Mara sentiu uma fome súbita quando estava a passar pelo Rizzoli's. Ao ouvir as aventuras de Becky Sharpe na *Feira das Vaidades*, a sua mente afastou-se de Jack e do facto de só ter bebido um café e comido pão doce ao pequeno-almoço. Pensou por um segundo no homem que vira no café. Ele *era* giro, sem dúvida, mas ela não queria saber de homens.

Mara estacionou à porta de casa da família, desligou *A Feira das Vaidades*, sorriu, como sempre, para a cobertura de pedra para a qual os pais tinham poupado durante meses para ser feita na parte da frente da casa. Era de um cinza pálido e «com classe», como a mãe de Mara gostava de dizer. Não como o revestimento dos O'Brien, amarelado e totalmente desadequado para Furlong Hill, na opinião de Elsie Wilson.

– Andam a imitar-nos – dizia Elsie havia anos.

O pai de Mara simplesmente fazia-lhe uma festa no braço e dizia:

– Não ligues, Elsie, que a imitação é a forma mais sincera de elogio. Tens um ótimo gosto e mais nada. Deus abençoe os O'Brien. Como seria a vida deles se não te tivessem como modelo?

Este raciocínio nunca convencera completamente a mãe de Mara. A mais recente novidade no frontispício dos Wilson era uns loureiros em vasos. Elsie pedira ao marido para pregar os potes, pelo seguro. E depois observara pela calada como os O'Brien de repente decidiram que loureiros eram a nova moda.

Mara agarrou na mala e serpenteou para fora do carro.

O número 71 continuava orgulhosamente imutável e na mesma, como sempre. Uma vez passada a porta, vinha um aroma de comida ao lume. No *hall*, sobre uma mesa pequena, havia um bonito arranjo de rosas de inverno de cor carmesim. Mara sabia que a mãe comprara as rosas a bom preço numa florista da cidade ao final do dia, arranjando-as com gosto com pedaços de verdura do seu próprio jardim. O facto de nunca ter tido muito dinheiro nunca fora um obstáculo para Elsie embelezar a casa. Por uns momentos, Mara teve vontade de chorar. Ali estava ela, na sua casa de infância, e a dor do abandono de Jack e posterior casamento regressou.

Casa é onde voltamos para poder chorar.

Mara nunca dissera aos pais que ela e Jack se iam casar. Mas tinha tal certeza de que acabariam juntos que aquela firmeza invadira toda e qualquer conversa que tivera com os pais no último ano.

Jack fora ao 71 de Furlong Hill para conhecer os pais dela e o irmão mais novo. Chegaram a dormir juntos no antigo quarto de Mara, um acontecimento sem precedentes nos domínios dos Wilson. Não importava que Mara tivesse trinta e três anos e o namorado trinta e oito. Não, era mais o princípio de haver uma filha a dormir com o namorado sob o teto dos Wilson.

Elsie ia todos os dias à missa e gostava de rezar o terço uma vez por semana. Nunca impôs a religião na família, mas todos compreendiam a devoção de Elsie pela Virgem Maria. Tinha aberto uma grande exceção ao deixar Jack dormir lá.

E agora Mara estava de volta a casa, sem namorado, tendo dormido com o dito-cujo, mas com o coração despedaçado. «Bonito serviço», pensou Mara. Ficou contente por ter decidido ir para Avalon uns tempos antes de voltar para casa: ter-se-ia desfeito em lágrimas se voltasse logo para ali. Aqui, o abandono de Jack parecia pior do que nunca.

Ouviu o som da televisão na sala de estar. Quando Jack lá estava, vira o seu olhar de desaprovação face à quantidade de tempo que a família passava em frente àquela caixa. Servia-se as refeições em tabuleiros para que pudessem ver ao mesmo tempo as telenovelas. Os Wilson não iam ao teatro nem frequentavam galerias de arte. Não faziam nada do que a família de Jack fazia.

Ele não dissera nada, exceto talvez um comentário de que o pai dela era «o sal da terra».

Mara estivera uma vez em casa da sua família em Galway, uma casa moderna, afastada, relvado aparado por um homem sorridente da Eslováquia, onde havia sempre convidados para jantar, as paredes cobertas com livros e alguém a tocar piano depois do jantar ou então uma conversa que começava sobre um espetáculo que todos teriam visto, sobre um livro nomeado para o Booker Prize, sobre uma peça estreada.

– Ninguém alguma vez ultrapassará o génio do *Campeão do Mundo Ocidental,* de Synge – diria a mãe de Jack depois do seu único martini com uma azeitona.

Um martini. Mara olhara boquiaberta da primeira vez que reparou no jarro de martini e como toda a gente apenas bebia um. O pai dela apreciava um copo de *Guinness* à noite, mas nunca o tomava em casa. Fazia-o no Fagan's, mais abaixo na rua, onde ia com os seus compinchas para falar sobre as corridas ou o estado do país e de como era tudo diferente no

seu tempo.

A mãe não bebia, tendo feito um voto de abstemia aos doze anos. Tinha orgulho no seu código de escuteira: um sinal de abstinência.

Mara tinha pena de ela própria não ter um código de abstinência de homens.

– Já vi vezes suficientes o que a bebida faz às pessoas – resumia Elsie. Mas ela não se importava que Mara abrisse uma garrafa de vinho para Jack quando este lá estava e nunca disse nada sobre os novos copos de vinho que haviam entrado em casa dos Wilson. Eram maiores e mais delicados do que os que Elsie tinha guardados na cristaleira, exatamente iguais aos do salão de bingo, onde Elsie pediria um sumo de laranja.

Mara recordou-se, envergonhada, de sentir que a sua família era algo inapropriada ao lado de Jack. Não havia martinis antes do jantar, conversas sobre livros ou peças, nem sequer copos de vinho decentes.

Sentia que tinha sido burra e desleal. A sua família era maravilhosa enquanto Jack se revelara uma farsa completa.

Abriu a porta da sala de estar.

– Mara, minha querida! – A mãe levantou-se e um segundo depois Mara estava envolvida por um abraço familiar e reconfortante.

Elsie cheirava a perfume *Blue Grass*, o único que usava.

– Gosto. Para quê mudar? – dizia sempre.

– Vi há pouco o *Doutor Phil* e ele estava a falar sobre a família. Que coincidência, hein?

– Ó mãe – disse Mara com a voz trémula. – É bom estar em casa.

Nessa noite, falou-se muito sobre Jack, Tawhnee e o que tinha corrido mal. As opiniões divergiam em casa dos Wilson sobre se Jack era um porco vigarista e intriguista (pai) ou um homem inocente raptado por uma beleza arrebatadora (mãe). Mara, ela própria, via-se a tentar conservar a paz entre as duas fações em combate. Desistiu de se esforçar quando o irmão, Stephen, disse que conhecera Tawhnee numa viagem a Galway onde estivera com os colegas de trabalho de Mara no *pub*. Ele achava-a «sensual».

– Como podes dizer que ela é sensual? – perguntou Mara, ofendida. – Ela arruinou a minha vida!

Avalon tinha-lhe acalmado a dor: ali, parecia mais fresca do que nunca.

– É isso mesmo – concordou Elsie, debruçada sobre o forno para ver os seus scones. Nada como comida caseira para curar a dor.

– Não estejas a desculpar o Jack agora – insistiu o pai de Mara. – Ele é que levou a nossa filhinha e a destruiu.

– Bom, ele não me destruiu exatamente – minimizara Mara, com ansiedade crescente. «Destruiu» soava a reminiscência dos tempos em que os homens maus se aproveitavam das meninas e depois as deixavam desamparadas. E depois já nenhum outro homem se aproximava delas.

Se calhar tinha sido um erro contar-lhes tudo. Mas como teria ela evitado que soubessem?

– Nunca gostei dele – acrescentou Stephen, sentado no chão a tirar lama das chuteiras.

– Mas nunca me disseste isso! – atirou Mara.

– Não é o género dele, de certeza – disse o pai num tom sombrio, lançando um olhar grave a Stephen.

Aparentemente, depois da visita de Jack a Dublin, na casa dos Wilson não se tinha feito mais nada que não especular sobre se Jack ia ou não pedir Mara em casamento.

– Bem, mas ela é *mesmo* sensual. Não podes negar, Mara – insistiu Stephen.

Tinha a cabeça dobrada, concentrado nas botas, sem noção dos olhares de condenação dos pais.

Mara conseguia perceber pelo tom de voz dele que estava a visualizar Tawhnee. Já vira tal acontecer a muitos outros homens, muitas vezes. Inclusive a Jack. Por que razão mulheres altas, magras e com grandes mamas tinham aquele efeito nos homens? A parte masculina da espécie era assim tão facilmente obcecada com coisas físicas?

– Ela tem irmãs...? – perguntou Stephen.

– Valha-me Deus – murmurou Mara de mau humor. Afinal de contas, ele só tinha vinte e três anos. Os jovens com vinte e três anos não pensavam necessariamente com o cérebro. Também não primavam pela lealdade.

– Pronto, desculpa, desculpa – apressou-se Stephen, emendando. – Foi sem pensar. A sério, desculpa, Mara.

– Não faz mal, Stephen – suspirou Mara. – Não és o único. Não deve haver um único homem na Kearney Property Partners que não a tenha cobiçado. No início, Cici disse que eu não estava a ser justa porque ela era bonita. Ela acha que as mulheres bonitas passam um mau bocado porque todas as outras mulheres suspeitam que elas vão roubar os seus homens.

– Essa Cici é uma moça inteligente – disse Elsie com segurança. – Ela sabia de quem estava a falar, isso é certo, pelo menos no que toca àquela vaca.

Os três membros da família ficaram em choque: Elsie Wilson nunca dizia palavrões nem ordinarices de nenhum tipo, por isso exprimir-se assim constituiu grande surpresa.

– Oh, mãe – disse Mara, consciente de que a dor que sentia por compaixão a desconcertava. – Não vale a pena ficar zangada. A Cici não estava a defender a Tawhnee. Ela disse isso antes de o Jack ter fugido com ela. Além disso, ele também não era homem para mim.

– Lá que não te merecia, não merecia – declarou o pai com raiva velada.

– Eu sei – concedeu Mara, apercebendo-se que ao invés de ser a família a consolá-la, era ela quem os consolava. Sempre fora assim em casa dos Wilson: ferido um, feridos todos.

À noite, na cama, Mara resolveu que tinha de fugir dali, se não enlouqueceria. Durante toda a noite, o pai tinha alternado entre tratá-la nas palminhas e dizer-lhe que todos os homens eram como peixe no mar.

– Ou autocarros – acrescentou. – Há sempre um logo a seguir.

Mara lembrou-se do 45, que subia a rua. Aquela carreira sempre tivera fama de não cumprir horários. Se os homens eram como o 45, então ela estava em apuros.

– Pai – começou Mara, desejosa de mudar de assunto. – Queria perguntar-te uma coisa. É sobre a Danae… – Vendo os olhares que os pais trocaram, Mara percebeu que não ia conseguir

arrancar mais do que arrancara à mãe…

* * *

– Tens cinco minutos? – perguntou Danae a Belle ao telefone na manhã seguinte. – Preciso de falar contigo.

– Claro – disse Belle, com a confiança de uma mulher que sabia que os subalternos a podiam substituir na sua ausência. – Apareço aí, é isso?

– Não, aqui não – respondeu Danae.

– Está tudo bem contigo? – perguntou Belle desconfiada.

– Estou bem, mas preciso de falar contigo.

– Pareces preocupada – disse Belle, cada vez mais desconfiada. – Tens a certeza de que não se passa nada?

– Não – retorquiu Danae.

– Pronto, está bem – disse Belle. – Algo *não* está bem, mas não mo vais dizer pelo telefone. Certo, quando podes passar cá?

– Estava a pensar em fechar agora o posto dos correios – referiu Danae.

– Valha-me Nosso Senhor Jesus Cristo, Nossa Senhora e todos os santos! – exclamou Belle alarmada. – Deve ser algo muito grave. Vamos para um canto do café. Não, melhor ainda, do bar. Eu peço logo um bom bule de chá verde. Ninguém nos incomoda lá.

– Por acaso, acho que preciso de um café forte – disse Danae.

– Nosso Senhor e Nossa Senhora! – disse Belle outra vez. – Nunca te vi beber café em toda a minha vida.

– Hoje é um desses dias.

Danae não se sentia nada normal. Despachou-se a fechar o posto. Eram dez e meia da manhã, horas antes do habitual encerramento para almoço. Em todos os anos de chefe dos correios, nunca pensara que um dia faria algo do género. Nem mesmo quando estivera com uma gripe horrível e tivera de ir a correr para a casa de banho a toda a hora. Nada conseguia impedi-la de cumprir o seu dever. Mas naquele dia ela simplesmente não conseguia aguentar. Principalmente depois do telefonema de Morris.

Tivera um pressentimento do que Mara andava a cozinhar quando lhe dissera com a maior das calmas «vou até Dublin hoje, a casa, ver os meus pais e fico lá a dormir. Sinto-me um pouco culpada, sabes, porque vim diretamente para aqui de Galway e sabes como a minha mãe é, preocupa-se e precisa de me ver».

– Claro que sim – concordara Danae, pensando que era uma excelente ideia e que boa filha Mara era, sempre a pensar nos outros, tão bondosa e generosa e sempre contente.

Além do mais, seria bom voltar a ter uma noite sozinha.

E então Morris ligara nessa manhã. Mesmo antes de ele falar, ela tivera uma estranha sensação de ansiedade, como um formigueiro, e de que havia algo de errado. Morris quase nunca ligava para o número privado do posto.

– Olá, querida – disse-lhe.

– Olá, Morris – respondeu ela. – Porque acho que não estás a ligar só por ligar?

– Bem, é verdade – respondeu ele. – A Mara está cá, como sabes, e tem feito perguntas sobre ti. Nada de mau. Sabes que ela te adora, idolatra o chão que pisas, Danae. Mas sabe que há algo de errado e quer que eu lhe conte.

Danae fechou os olhos e encostou-se à parede para não cair, se não ter-se-ia afundado no tapete do escritório.

– Oh, Morris, ela tem realmente de saber, mas eu preferia que não soubesse, preferia que ninguém tivesse de saber.

– Mas tu não fizeste nada de mal – disse Morris. – Fizeste o que tinhas a fazer, Danae. Ninguém te pode culpar por isso.

– Mas eles culpam – respondeu de imediato. – Eles culpam. Os irmãos dele. A mãe dele. Ela culpou-me até ao dia da sua morte. Nunca me perdoou. E os irmãos dele… esses odeiam-me, nem me querem ver. E ele… Oh, Morris, não quero que a Mara saiba, não quero mesmo. E, se alguém lhe tem de dizer, esse alguém sou eu.

– Bem, devias ter pensado nisso antes de ela ter feito este caminho todo até cá. Ela agora quer a todo o custo que eu ou a Elsie lhe contemos.

– Disseste-lhe que me ias telefonar? – perguntou Danae imediatamente.

– Não, não disse. Não sou assim tão idiota – retorquiu o irmão para desanuviar. – É o teu segredo, tu é que deves contar.

– Caramba – disse Danae. – Deixa-me pensar sobre isso. Consegues entretê-la um bocado?

– Vou fazer o melhor que posso – prometeu Morris.

– Está bem – disse ela. – Depois ligo.

E a seguir ligou a Belle.

Belle cumprimentou-a no *hall* de entrada do Hotel e Spa Avalon, com um aspeto resplandecente no seu elegante fato habitual de hotel, de cor preta, blusa de seda creme e um broche floral de tamanho grande na lapela. Mesmo aquele pormenor de feminilidade infantil não afastava a dureza do sorriso de Belle.

– Vá lá, já para o bar – exigiu Belle enquanto a guiava até

lá. Chegou café de filtro num bonito bule de prata.

– Achei que não ias querer um expresso forte ou algo do género – explicou Belle. – Ainda para mais tendo em conta que nunca te vi tocar numa gota de café toda a minha vida.

– Pois – disse Danae –, não costumo beber. Mas sinto-me tão abalada que talvez ajude.

– Não sei se ajuda – duvidou Belle. – Podes ficar agitada. Podes começar a trepar pelas paredes daqui a cinco minutos com toda essa cafeína a mais no sistema… Mas parto do princípio de que sabes o que estás a fazer.

Belle tratou de servir café e Danae só teria de juntar um pouco de leite, se quisesse.

– Muito bem. Desembucha – incitou Belle. – Só tenho quinze minutos. Há um casal a chegar e querem falar sobre o casamento deles, que é daqui a dois anos. A gerente não está cá hoje. Está com dores de garganta. Eu é que lhe dou as dores de garganta quando a vir! Enfim, mas não temos muito tempo. O que se passa?

– É a Mara – começou Danae com dificuldade. – Sabes que a adoro e que tem sido fantástico tê-la comigo, mas…

– Mas difícil – interrompeu Belle. – Claro que tem sido difícil! É óbvio. Tu vives sozinha no cimo do monte desde o tempo da maria cachucha. É claro que é sempre difícil teres outra pessoa a viver contigo. Era sobre isso que querias falar? Achas que seria mais fácil se ela não vivesse contigo? Se ela se mudasse para outra casa em Avalon? Podemos tratar disso.

– Não, não é nada disso – respondeu Danae. – Está bem, é difícil viver com alguém quando sempre se viveu sozinha tanto tempo, mas a Mara é muito acessível e amorosa. Está sempre a tentar levar-me chá à cama e à noite cozinha e insiste em lavar a loiça. Sinto-me mimada. É estranho.

– Claro que é estranho – concordou Belle – porque não tens ninguém que tome conta de ti há muito tempo. Então se não é a Mara, qual é o problema?

Apesar de estar ansiosa, Danae sorriu. Independentemente da situação, Belle era de confiar porque ia sempre direta ao assunto. Não havia rodeios com ela.

– Ela quer saber do Antonio.

– Estou a ver – disse Belle pausadamente. Olhou atentamente para a cara da sua amiga. – E o que achas disso?

– Não quero que ela saiba – disse Danae como se fosse a coisa mais óbvia do mundo. – Não quero que ninguém saiba.

– Eu sou a confirmação disso – atirou Belle com severidade. – Há quantos anos já nos conhecíamos quando consegui finalmente arrancar-te a verdade?

– Dói muito e as pessoas ficam a pensar coisas más de mim. É mais fácil se ninguém souber.

– Claro – disse Belle com um tom diferente na voz. – É mais fácil se os teus amigos não tiverem a mínima ideia sobre o que tem sido a tua vida e o que sofreste e como é difícil viver com isso todos os dias da tua vida. Isso é mais fácil se ninguém souber. Aí tenho de concordar contigo. Aliás, deve haver psicólogos neste momento a dizer *Claro que sim, coisas de importância vital e dolorosas nas vidas das pessoas deveriam ficar enterradas para sempre, pois só assim estaríamos todos bem.*

– Por amor de Deus, Belle, não comeces – redarguiu Danae. Pôs mais um colherinha de açúcar no café e deu mais um gole.

Esquecera como era bom o sabor do café. Que riqueza na língua. Antonio, um típico italiano, ou meio italiano, meio irlandês, adorava o seu café. Já bebiam expressos e abatanados muito antes de entrarem na moda por todo o país.

– O problema é que – disse Danae, tentando ignorar o leve sarcasmo da amiga – a Mara correu para Dublin para saber da verdade junto do pai e eu não quero que ele lhe conte. Antes de vir ter contigo, o Morris ligou-me e disse-me que a Mara queria saber o que tinha acontecido. É tudo culpa minha. Eu nunca a devia ter deixado ficar lá. Nem devia tê-la convidado.

– Eu digo-te o que tens de fazer – avançou Belle com firmeza. Aproximou-se e pegou numa das mãos finas de Danae. As mãos de Belle eram grandes e fortes e tinham num dedo um anel com uma pérola, noutro o anel de noivado e noutro ainda uma aliança do seu casamento com o último marido. O seu primeiro casamento fora um desastre. Daí as suas opiniões levemente cínicas sobre o amor na juventude e casar cedo. Já o segundo marido, esse ela tinha amado,

Harold, e muito, apesar dos rumores que circulavam na vila sobre as circunstâncias misteriosas da sua morte, um rumor que enfurecia Belle cada vez que lhe chegava aos ouvidos.

– Há muito mistério no cancro, lá isso há – costumava dizer cruelmente. Qualquer pessoa que mencionasse esse boato junto dela nunca mais o voltava a fazer. Belle certificava-se disso. Segurou a mão de Danae. Era um aperto firme.

As mãos de Danae eram compridas e esguias e as suas joias eram de um tipo completamente diferente. Numa mão tinha um anel de prata estranho com uma bela turquesa a meio. As unhas nunca estavam pintadas, apenas limadas. Tinha mãos sensíveis, de trabalhadora, e frias. Má circulação, diriam alguns. Belle preferia o velho adágio «mãos frias, coração quente» porque sabia que a sua amiga tinha das mãos mais quentes que conhecia. Mas que haviam estado congeladas durante tantos anos por causa do passado.

– O que vais fazer é telefonar ao Morris, pedir-lhe para chamar a Mara ao telefone e dizer-lhe que quando ela voltar lhe vais contar tudo.

– Não consigo – queixou-se Danae.

– Ai consegues sim. Já é tempo de partilhares esse peso. Bem me parecia que era boa ideia teres a Mara a viver contigo. Já sabia que ela não ia descansar enquanto não descobrisse.

– Pareces uma bruxa – acusou Danae zangada.

– Estás a chamar-*me* uma bruxa? – riu-se Belle. – Tu com esse cabelo comprido às madeixas grisalhas e as tuas joias estranhas! Tens noção de que metade das pessoas que vivem no monte pensam que tu é que és a bruxa, a viver sozinha lá para cima, com um cão que parece um lobo e as galinhas.

Pela primeira vez Danae vibrou com uma gargalhada forte e verdadeira.

– Meu Deus – disse –, seria ótimo ser uma bruxa para lançar feitiços para sermos felizes e feitiços para fazer toda a gente feliz? Infelizmente não sou nenhuma bruxa, como bem sabes. Só alguém um pouco triste neste momento.

– Sabes o que diz o ditado «dor partilhada é meia dor»? Há muito de verdade nisso. Tens evitado que as pessoas saibam há demasiado tempo, Danae. Agora tens de deixar a Mara saber. De que tens medo? Que te deteste? Te desrespeite? É claro que não! Ela conhece-te. E, se lhe contares a história toda, mas toda a verdade mesmo, a que dói, acredita, ela vai perceber.

Danae acenou com a cabeça. Retirou a sua mão e começou a procurar um lenço na mala. Já quase não chorava. Já não sabia como chorar: era como se todas as suas lágrimas tivessem secado com os anos.

Belle deu-lhe um lenço.

– Tenho uma caixa disso sempre preparada para os casais de noivos. Ficavas surpreendida se te dissesse quantas futuras noivas começam a chorar quando pensam no dia do casamento. Os noivos geralmente começam a chorar quando veem o preço da boda, mas as noivas ficam todas melosas e delirantes quando veem o salão de baile e falamos dos pormenores todos. Depois, quando lhes mostro a suíte nupcial, bem, é só escolher: ou desfazem-se em lágrimas ou desmaiam de emoção. A maioria quer logo reservar nessa mesma noite e experimentar tudo. O banho de jacúzi é incrível. Ainda bem que o instalámos. Bom, já tens as tuas ordens, certo? Tu podes não saber o que é melhor para ti, mas eu sei. Por isso vais fazer o que te digo, não vais?

Danae perguntou-se como resistiria alguém a não fazer o que quer que fosse que Belle dissesse para fazer.

– Sim, minha senhora – respondeu e estava a falar sério. – É isso mesmo que vou fazer. Ela teria de saber um dia de qualquer maneira. E mesmo que fuja de Avalon a gritar… Bem, a gente habitua-se.

– Se pensas que a Mara vai fugir a gritar quando lhe contares a verdade é porque não sabes nada que tipo de mulher a tua sobrinha é – afirmou Belle.

De volta ao posto dos correios, Danae ligou para o telemóvel de Mara e deixou uma mensagem.

– Mara – proferiu com voz cansada. – Eu conto-te tudo. Mas dá-me algum tempo para me habituar à ideia, está bem? Com o tempo conto-te, está bem?

Nessa noite, Danae deitou-se na cama a pensar no passado. Passara tanto tempo a tentar com todas as forças não pensar nele, mas estava lá sempre, todos os meses que viajava para Dublin: como se lhe fizesse uma emboscada.

Danae não era mulher para confusões. A sua casa tinha algumas peças de bom gosto que havia escolhido ao longo dos anos, um pouco de madeira flutuante da praia, um jarro de barro feito por um ceramista local, uma jarra azul onde punha flores por vezes no verão, mas nada de quinquilharia. Era o legado de uma infância passada a mudar de casa, nunca ficando no mesmo sítio por muito tempo. A mãe ensinara-lhe que não fazia sentido ter muita coisa porque isso só atrapalhava quando a pessoa se tinha de mudar à pressa.

– Mais vale pegar na trouxa, enfiá-la numa mala e sair – dizia Sybil como se tal fosse uma grande dádiva.

Danae não conhecia mais nenhuma maneira de viver. A casa com vários apartamentos em Summer Hill fora o sítio onde viveram mais tempo. Não que tivessem criado raízes lá ou feito amigos entre os vizinhos.

– Somos melhores que esta gente – costumava dizer Sybil –, nunca te esqueças disso.

Ela nunca ia à lavandaria com as outras mulheres no dia próprio. Pelo contrário, lavava a sua própria *lingerie* de seda, pendurando-a numa cadeira em frente à lareira.

– Eles nunca na vida viram uma gaveta com camisas interiores – dizia Sybil, segurando uma peça cor de pera e renda requintada.

Danae sabia o que as outras mulheres pensavam da mãe. Tinha-as ouvido a comentar:

– Deve pensar que é a Cinderela – diziam. – É só casacos de pele, mas depois nada nas gavetas.

Mas estavam enganadas. Apesar do que dizia, Sybil não se considerava realmente estar acima de toda a gente. O motivo pelo qual tentava desesperadamente agarrar-se a um sentimento de superioridade era porque se tratava do pouco que lhe restava. Já tinha perdido a dignidade há muito. Os homens tinham-na levado.

Big Jim fora o primeiro de que Danae se lembrava. Ela devia ter três ou quatro anos então. Pensara que era o seu pai porque pareciam viver juntos e as outras crianças tinham pai. Uma

noite foi para casa com os copos. Agredira a mãe dela com tal força que ela voou pelo quarto e aterrou na janela como a boneca de trapos de que Danae tanto gostava antes de se anichar no chão.

– Pai! – guinchou a pequena Danae.

– Não sou teu pai, miúda estúpida – foi o que lhe silvou. Depois saiu.

Danae foi logo a correr ver a mãe. Mas Sybil era daquelas mulheres que não choravam, que não precisavam de nada. Que se levantava sozinha.

– Eu estou bem – sossegou-a, arrastando-se pelas cortinas, limpando o sangue da boca com a mão. – Sabes, acho que está na altura de sairmos daqui.

– Mas, mas… até gostamos – disse Danae receosa. Era pequena, mas ela tinha a sua camita a um canto, por detrás da cómoda, com uma cortina à volta. E tinha a boneca de trapos, o seu único brinquedo.

– Não – explicou a mãe. – Com ele fora, não podemos pagar a renda. Está na hora de partirmos.

Duas malas de viagem e uma maleta depois estavam prontas. Danae tivera de arrastar uma delas com o seu corpo pequeno.

– Faz pouco barulho – dissera a mãe, enquanto desciam as escadas com cuidado. – Se acordares o senhorio, vai ser o diabo para pagarmos. – Sybil rira-se em silêncio. – Seja lá o que haja para pagar, não temos dinheiro.

Dessa vez conseguiram safar-se a tempo. Depois outro sítio, outra cidade.

Sybil era melhor do que aquilo, dizia ela à filha. Havia muitas histórias sobre os bons velhos tempos. Tempos maravilhosos com empregados, belas roupas e refeições sumptuosas. Sempre comida suficiente.

– Demasiada comida – contava Sybil. – Demasiada comida mesmo. Até se desperdiçava!

Danae ficava com água na boca quando pensava em comida que até se podia desperdiçar. Nessa altura, comiam uma sopa aquosa feita de ossos que a mãe tinha suplicado ao talhante, dizendo que era para o cão. *Mas nós não temos cão,* Danae teria querido dizer, mas a mãe é que sabia. A mãe também era especialista em desenterrar uns quantos vegetais de quando em vez em jardins alheios.

– Não lhes vai fazer falta – dizia. – Não é uma simpatia partilhar com os outros a nossa sorte?

De cada vez que se mudavam, Danae levava os seus poucos livros com ela. Dois sobre as vidas de santos – a mãe tinha ido deitá-los fora, as malditas freiras é que lhos tinham dado.

– Atira-os ao fogo – dissera –, assim sempre têm mais uso.

– Não – gritara Danae –, eu gosto deles. Gosto de ler.

Por isso as vidas da Pequena Flor e de Maria Goretti foram salvas juntamente com a história de Edel Quinn e um exemplar do *Monte dos Vendavais.*

– És uma menina muito engraçada, aí com a cabeça enfiada no livro – comentara Mr. Malcolm, um dos homens mais simpáticos que a sua mãe conhecera.

– Eu gosto de ler – respondera Danae com cuidado, não olhando diretamente para os olhos dele, porque nunca se sabia que tipo de homem a mãe tinha trazido para casa. Sybil também

nunca sabia. Era esse o problema que Danae começava a perceber.

Sybil nunca fora o que se podia chamar de uma narradora credível. Todas as histórias do seu passado não deviam ser levadas muito a sério, porque ela tinha tendência para aumentar ou diminuir a importância do seu papel nelas, dependendo das circunstâncias.

Bastava dizer que quando Danae caíra do berço, tinha ela um ano, Sybil nem sequer estava no quarto, por amor de Deus! Uma mulher não podia passar o tempo a vigiar um bebé: precisava dele para tratar do cabelo. O gato arcara com as culpas nesse episódio. Quando uma fritadeira pegara fogo e a casa estivera em risco de arder, Sybil arriscara a vida para salvar a sua querida filha. Qualquer referência aos bombeiros era esquecida, juntamente com a repreensão destes por haver duas fritadeiras e uma frigideira com o lume no máximo no fogão a gás e as cortinas da cozinha a abanarem mesmo ao lado.

O facto de Danae ter ficado com um pequena queimadura numa das pernas era algo pelo qual devia estar grata. Não fora a rapidez da mãe e podia estar muito pior agora.

Sybil adorava ser a heroína da história. Nunca ficava satisfeita enquanto não estivesse no centro das atenções. Danae só percebera isso anos depois.

E então eis que entrara nas suas vidas o simpático e jovial Bernie Wilson. Ele queria casar com Sybil. Casar com ela e dar-lhe uma vida honesta, agora que vinha aí outra criança.

Danae ouvia as mulheres nos apartamentos comentarem que viúvas com filhos casavam mais facilmente de novo do que viúvas sem filhos.

– Os homens gostavam daquelas que já tinham sido vergadas, que já sabiam o que a casa gastava. E quando tinham crianças já sabiam o que a casa gastava.

Mas Bernie não era assim: ele era especial.

Sybil queria nomes pomposos para o bebé, algo que rivalizasse com Danae.

– Não podemos dar-lhe um nome simples e bonito? – perguntava Bernie. – Pensei em Morris, se for rapaz. Era o nome do meu pai, que Deus o tenha em paz. E se calhar Alice, se for rapariga.

O bebé nasceu Morris. Deitada na cama, na sua pequena quinta em Avalon, Danae recordou esses anos em que vivera com Bernie e Morris como os mais felizes da sua vida. Houvera estabilidade nessa altura, uma estabilidade que ela nunca tinha conhecido.

Mesmo não gostando de confusão, Danae tinha por cima do seu velho roupeiro grande três caixas de coisas do passado.

Na primeira caixa, o diário que lhe pediram para guardar.

Na segunda, o seu vestido de casamento, cuidadosamente embrulhado em papel de seda, que ela nunca fora capaz de deitar fora.

Na terceira, os sapatos de cetim brancos do casamento e o buquê, também embrulhados no mesmo papel. Não chegara a atirá-lo. Não sabendo bem como, na loucura e entusiasmo daquele dia e o grande drama de entrar na família Rahill, acabara por não atirar o buquê.

«Se calhar isso foi o azar que manchou o dia», pensou Danae. Se bem que o azar já muito antes tivesse sido predestinado para a sua vida. O azar significava que escolhia homens da mesma forma que a sua mãe, pelas piores razões. Só que a mãe tinha finalmente encontrado um bom, Bernie, enquanto Danae fizera a pior escolha desde o começo.

Quando chegou a casa vinda de Dublin, Mara abraçou a tia e disse:

– Quando quiseres, conta-me, Danae. Eu adoro-te e quero que saibas isso para que não corras o risco de eu te magoar inadvertidamente. A última coisa que quero é magoar-te.

Danae mantivera-se no abraço da sobrinha e fechou os olhos.

– Não me magoaste, querida. Tenho é medo de falar disso. Não tive um casamento feliz, nem uma infância feliz. Por isso é que o teu pai e eu somos tão diferentes, porque temos pais diferentes. O teu avô, Bernard, era um bom homem. O Morris teve sorte. Foi diferente comigo quando era criança. A vida foi dura e o meu casamento também foi duro. Isso ainda não te contei. Dá-me algum tempo para me habituar à ideia e contar-te-ei. Não devia… – Fez uma pausa, pensando no que Belle tinha dito – … ser um segredo.

Mais tarde, pegou na caixa com o diário e os recortes e todos os vários bocados de papel relacionados com o que tinha acontecido e colocou-os em cima da cama. Estavam amarrados com uma fita preta e Danae nem sequer tivera vontade de abrir o embrulho. Abri-lo seria como deixar sair um espírito mau. Como se a caixa fosse a lâmpada do génio e desatar as fitas fosse o feitiço que o libertaria para o mundo.

Não, Mara que o fizesse. Logo que Danae ganhasse coragem para lhe dar a caixa poderia ler tudo e assim ficava a saber.

Danae achava que não tinha coragem para contar à sua querida sobrinha toda a história.

13

Tess perguntava-se, enquanto fazia as compras para o jantar na mercearia, se toda a gente em Avalon saberia. Estariam as pessoas a olhar para ela e a pensar *coitada da Tess, o marido deixou-a e encontrou outra pessoa*? Ela própria nunca fora dada a mexericos. Herdara isso do pai. Nunca fora o tipo de homem que gostasse de bisbilhotice. Podia entrar calmamente numa loja da vila de manhã com coisas loucas a acontecer à sua volta e ignorá-las. Suki dissera uma vez que, se metade da vila começasse a beijar loucamente a outra metade, ele não repararia. Entraria simplesmente e diria:

– Bom dia, está um dia bonito, não está? Sou capaz de jurar que vi um papagaio vermelho hoje de manhã. Estranho. Pensava que já não os havia na Irlanda. Muito curioso! – Depois sairia com o jornal sem sequer olhar para as cenas de orgia báquica à sua volta.

Assim, Tess acreditava na teoria de que a vida era difícil e que nunca se sabia o que se passava nos bastidores. Tinha aprendido aquilo em parte por ter vivido na casa grande toda a sua juventude, em que os de fora julgariam que a família Power comia nas mais requintadas porcelanas de Sèvres com talheres de prata, quando na verdade se sentavam todos à mesa da cozinha, como cães ao frio, esfomeados, a devorarem o guisado de Anna Reilly.

Quando finalmente venderam a Avalon House e ela viera viver para a vila numa bela casa pequena, onde ainda vivia, sabia que as pessoas falavam sobre ela, mas havia pena nos seus olhos quando a olhavam porque a estimavam. E agora havia de novo pena nos seus olhos. Tinha a certeza disso sempre que alguém olhava para ela.

Pobre Tess Power, a última a saber. Separada do marido. E que história foi aquela de uma separação experimental com a qual ambos concordaram? Isso foi de certeza um estratagema. Não, o Kevin deve tê-la deixado e encontrado uma jovem modelo.

As mulheres sentiam pena dela e os homens… talvez pensassem que Kevin tinha feito bem em trocar a Tess quarentona por uma modelo jovem.

No talho, olhava para vários pedaços de carne, sabendo que só podia escolher o mais barato para o almoço de domingo. «Talvez perna de borrego», pensou. Barato e se fosse bem cozinhada a carne ficaria tenra e faria um belo guisado. «Sim, perna de borrego», pensou.

– Como estás, Tess? – perguntou Joe, o talhante, no seu normal tom amigável.

– Bem – respondeu Tess, sabendo que soava a frágil sem o querer.

– Ainda bem – disse Joe. – Em que posso ser-te útil hoje?

Fez-lhe o pedido, sempre a perguntar-se se ele já saberia e o que pensaria.

Na confeitaria, comprou bolo de *Rice Krispies* para o almoço de Kitty. Às sextas, as crianças podiam levar algo doce e Tess geralmente cozinhava qualquer coisa durante a semana. Mas não conseguia concentrar-se. A sua mente estava sempre a fugir quando procurava concentrar-se em algo mais normal. A fugir para a loucura de Kevin e Claire e o que tudo aquilo

significava. O que fizera ela? Era tudo culpa sua. Ia deixá-lo ir. Alguma vez o teria amado?

– Olá, Tess – cumprimentou a rapariga do balcão da confeitaria.

A mente de Tess teve uma branca. Como se chamava ela? *Humm…* Sophie, sim, Sophie.

– Olá, Sophie – disse agradecida. – Quero dois desses bolos de *Rice Krispies* e uma baguete, se faz favor.

Era desagradável comprar aqueles bolos, que eram a coisa mais fácil do mundo de fazer, mas sentia-se tão cansada à noite, tão fatigada. Depois do jantar, e de lavar os pratos, só tinha energia para se sentar impávida em frente da televisão sem sequer prestar atenção. Ficava a olhar para o vazio. Fazia o melhor que podia pelos filhos. Quando estava com eles, não demonstrava que algo de errado se passava, não demonstrava que a sua vida estava virada do avesso. Não, Tess Power não iria desiludir os seus filhos queridos. E, independentemente do que as pessoas dissessem, manteria a coluna vertebral severa dos Power.

– Obrigada, Sophie – agradeceu com um sorriso largo.

As pessoas que falassem. Iriam ver como ela era capaz de aguentar tudo o que a vida lhe desse. Feitas as compras, voltou para cima em direção à loja. No caminho viu Danae e cumprimentou-a com um aceno. Isso era o que havia de bom em pessoas como Danae. Não falavam muito. Não se punham a dar opiniões. Não comentavam uma palavra. Tess decidiu que Danae era provavelmente a única pessoa em toda a vila com quem alguém se podia sentar a beber um chá que nunca faria uma pergunta mais íntima nem falaria de si própria. Ainda assim, pensou Tess, Danae sempre lhe parecera uma figura solitária, alguém à margem, não fazendo realmente parte de Avalon. Era mais fácil ser falada e viver numa vila como uma pessoa normal, ainda que o marido a tivesse trocado por uma ilustradora de vinte e nove anos. Mais fácil do que viver na penumbra da solidão.

Vivienne tinha-lhe ficado a tomar conta da loja enquanto Tess fora comprar o jantar.

– Veio cá uma pessoa que estava muito interessada na mesa redonda com o embutido escuro – informou Vivienne excitada. – Disse-lhe para voltar daqui a meia hora. Ela disse que voltava.

– Oh, meu Deus – agitou-se Tess. – Costumam dizer isso, mas não estão a falar a sério. – Era costume entrarem, observarem as coisas, jurarem pela vida da mãe que iam levantar dinheiro e voltariam dentro de meia hora e depois nunca mais apareciam.

– Não, esta parecia que estava a falar a sério. Deu para ver – discordou Vivianne. – O dia não correu assim tão mal, sabes? Vendeste essas chávenas de chá e eu vendi quatro, *quatro* dessas saias novas que trouxe, por isso foi um dia bom.

«Sim», pensou Tess. «Foi um dia bom. Vamos concentrar-nos no lado positivo e não mencionar Claire nem pensar que alguém na vila sabe que o Kevin está apaixonado por ela.» Sabia demasiado bem que se Vivienne começasse a falar de Kevin e Claire ninguém a parava.

Vivienne tinha uma opinião clara sobre como lidar com Claire.

– Ignora-a – dissera quando Tess lhe contou. – Não vás conhecê-la. Ela é inferior a ti. É uma criança.

– Ela tem vinte e nove anos – respondera Tess, achando-se na posição invulgar de defensora de Claire. – E não é uma criança. Com a idade dela, já tinha um filho e era casada – acrescentou.

– Devias roubar-lho, dar-lhe a provar um pouco do seu próprio veneno – aconselhou Vivienne mais acaloradamente.

Tess teve de intervir de novo.

– Ela não mo roubou, Vivienne – disse cansada. – Ele… – Fez uma pausa. Não tinha a certeza do que Kevin andara a fazer durante a separação experimental. Seria ele como um livro que acabara de ser devolvido à biblioteca, ainda na prateleira das devoluções onde os leitores pareciam ir primeiro, como se o facto de outras pessoas o terem escolhido o tornasse mais interessante? Kevin tinha estado na prateleira das devoluções recentes e Claire escolhera-o. Tess só podia realmente culpar-se a si própria.

– Já sei o que devias fazer – declarou Vivienne –, devias começar a sair com aquele borracho do Cashel. Kevin ficaria cheio de ciúmes. Aliás, esquece fazer ciúmes ao Kevin. Vai mas é sair com o Cashel. Era o que eu fazia.

– Já te disse – Tess respondeu –, eu e o Cashel temos uma história comum. Há tantas hipóteses de ele sair comigo como de sair com um marciano ou uma marciana em qualquer lado de Marte.

«Não», pensava Tess, «é melhor não deixar Vivienne entusiasmar-se com o assunto.»

– Obrigada por tomares conta da loja – disse simpaticamente. – Tenho de arrumar as compras e preparar-me para quando aparecer Mistress Mesinha Redonda.

– Boa – disse Vivienne e voltou para a sua loja.

Sozinha, Tess pensava que estar zangada era muito mais fácil que estar triste. Se caísse na tristeza, ir-se-ia abaixo. A raiva era muito mais produtiva. Fora a raiva que a ajudara a contar a Kitty as novidades.

Kitty tivera uma reação melhor que a do irmão.

– Isso quer dizer que já não estão casados? – perguntou. – Vocês vão divorciar-se?

Tess sabia que muitas crianças da turma da filha tinham pais divorciados, o que era útil agora, mas nunca planeara pertencer a esse grupo.

– Ainda não – disse alegremente. – O pai diz que a Claire é uma excelente pessoa.

Não fazia ideia como tinha conseguido dizê-lo sem tremer, mas era capaz de tudo para não atormentar a filha.

Kitty inclinou a cabeça, pensativa.

– Eu gosto que o pai viva cá – declarara. – Ele não se pode mudar para cá com a Claire?

– Não, querida, não pode. Não é assim que funciona. Ele vai viver com a Claire. Vais ter uma segunda casa, com outro quarto e tudo.

– Posso levar o *Mu Mu* comigo quando for lá dormir? – perguntou Kitty.

Tess sentiu a raiva a invadi-la perante a perspetiva de outra mulher a adormecer Kitty e a aconchegar o *Mu Mu* a seu lado.

– Claro, querida – respondeu.

– *Okay* – disse Kitty prudentemente. – A Claire é bonita? Tão bonita como tu,

mamã? A raiva deu lugar ao amor.

– Não sei – respondeu Tess enquanto aconchegava a roupa da filha –, mas o pai e eu amamos-te como ninguém, não te esqueças. Vamos amar-te sempre como ninguém. É o que as

mães e os pais fazem.

Tess e Kevin comunicavam através de SMS. Parecia mais fácil. As mensagens faziam com que Tess não quisesse tanto matar Kevin pela sua incúria ao não repreender Zach, que andava mal-humorado e como se fosse tudo culpa da mãe. Eles querem conhecer a Claire, escreveu Tess.

Acho excelente ideia, respondeu Kevin.

Eu quero estar presente, devolveu Tess.

Ela não queria realmente estar presente, mas queria de facto inspecionar a mulher que ia passar a ter acesso aos seus rebentos.

Combinaram uma data e, num assomo de génio, Tess decidiu que seria melhor um local neutro para o primeiro encontro com Claire.

Boa ideia, devolveu Kevin.

Ele diria «boa ideia» mesmo que ela tivesse sugerido um encontro em Marte, pensou Tess num acesso de humor. Ficou combinado que ela, Kitty e Zach iriam conhecer Claire no Hotel Avalon ao almoço de domingo.

– Ao almoço é um bom plano – concordou Vivienne. – Aquilo é um bufê e assim estarão ocupados a servir a comida, o que vai permitir quebrar o gelo. – Tess torceu o nariz. – *Okay* – corrigiu Vivienne –, pelo menos não vai ser *tão* estranho. E assim poupam em contas de limpeza: há menos hipóteses de mandares um prato de comida ao Kevin num restaurante do que em casa.

Até Tess teve de rir perante a imagem evocada.

E eis que Kevin lhe ligou, com uma voz preocupantemente grave.

– Preciso de falar contigo, Tess – disse. – Pessoalmente.

– Está bem – retorquiu cautelosa. – Vem cá esta noite. Depois do jantar.

Tess pôs-se de imediato a prever o que ele lhe iria dizer: *Quero mudar-me para Reno e despachar o divórcio porque eu e a Claire queremos casar-nos.* Os divórcios na Irlanda tinham fama de ser lentos: cinco anos. Ou seria: *Quero trazer a Claire para viver connosco. Decerto que podemos viver em paz.*

– Pai, pai! – gritou Kitty, lançando-se nos seus braços nessa mesma noite.

– Olá, pai – disse Zach, interrompendo a mensagem que escrevia para cumprimentar o pai com um toque de punhos.

Falaram de como Kitty ia na escola, se se sentava ao lado de Tamara, uma menina má que lhe roubava os lápis e que Ms. Stein não fazia nada para resolver o assunto. Depois falaram com Zach sobre futebol até que por fim Tess expulsou os filhos para a cama, dizendo que ela e o pai tinham de falar a sós.

Num gesto simpático, fez chá e pôs as bolachas mais simples que tinha num tabuleiro sem sequer se preocupar em abrir o pacote ou trazer um prato.

– Então – disse Tess.

Kevin, sentado do outro lado da mesa, contorceu-se um pouco.

– Bem, é… É muito difícil – começou. – Não sei bem como dizer-to e ao telefone não era a melhor maneira, claro.

Meu Deus, estaria ele falido? Se calhar, queria *mesmo* mudar-se para Reno e despachar o divórcio para casar com Claire. Zach e Kitty ficariam destroçados.

– O que é? Manda cá para fora – incitou. – Pior do que estamos é impossível. Além disso, tenho de meter a Kitty na cama dentro de uma hora e sabes como é difícil.

– A Claire está grávida – desembuchou.

Houve um silêncio breve em que Tess pensou: *sim*, era uma coisa difícil de contar e depois a informação foi do seu cérebro até ao plexo solar e sentiu como que um murro no estômago.

– A Claire vai ter um bebé? – perguntou, o que, mesmo sendo ela a dizer, continuava a soar estúpido. A Claire estava grávida.

– Sim – disse ele num suspiro pesado. – Não foi planeado nem nada. Ela toma a pílula mas uma noite estava doente e…

– Não quero saber pormenores – cortou Tess. – De quantos meses está?

– O médico diz que de oito semanas – respondeu Kevin.

Tess ficou em silêncio. Oito semanas. Há oito semanas que um bebé crescia no ventre da nova namorada do seu marido, o que queria dizer que Kevin e Claire já tinham um caso há mais tempo do que o que ele tinha dado a entender inicialmente. *Okay*, conseguiria acalmar-se e lidaria com aquilo.

– Como vamos dizer-lhes? – perguntou. – O Zach já mal fala comigo. Ele culpa-me.

– Bem, não sei – respondeu ele. – Achei que podias sondá-los, sabes, antes de anunciarmos, porque isso vai significar o nosso *fim* e vai ser difícil para eles aceitarem.

– Pensei que, quando começaste a andar com a Claire, *isso* tinha sido o nosso fim – redarguiu Tess com firmeza.

– Bem, um bebé torna o fim absolutamente final, não é? – disse Kevin.

– Oh, meu Deus – exclamou Tess lentamente. – Compreendes que isso quer dizer que temos de apresentar Zach e Kitty a Claire e explicar que ela está grávida, tudo ao mesmo tempo?

– Não temos de dizer-lhes que ela está grávida. Podemos apresentá-los e talvez umas semanas depois contar que ela está grávida.

– Como se o Zach não soubesse somar um mais um. Ele já tem dezassete anos. Vai perceber que ela está grávida no momento em que a conhecer e ficará muito zangado com subterfúgios. Já não é uma criança, Kevin – lembrou Tess. – A Kitty pode ser ainda demasiado nova para perceber os meandros da questão, mas o Zach não. Temos de lhe contar. Devemos-lhe isso. Não – retrocedeu ela de repente. – TU deves-lhe isso. Aliás, podes dizer-lhe já. Vou levar a cadela a passear.

Ela não aguentava estar ao pé de Kelvin nem mais um minuto.

– Vemo-nos no fim de semana – declarou, levantando-se. – Adeus.

No *hall* de entrada, pegou no casaco, na trela de *Silkie* e disse para o andar de cima:

– Kitty, vou dar um passeio com a *Silkie*. Zach, toma conta da tua irmã. O pai quer falar contigo e depois vai-se embora. Eu não demoro.

Precisava de estar sozinha alguns minutos para chorar.

Silkie ficou excitada com aquele presente inesperado, mesmo que tremesse quando saíram para uma noite gelada de inverno e sentisse o gelo no ar.

Na escuridão da rua, Tess permitiu-se chorar. Enquanto as lágrimas lhe corriam pela face, derretendo o frio que o ar cortante lhe trazia à cara, deixou de tentar conter-se.

Tess não queria ter mais filhos. Afinal de contas, tinha já o seu querido Zach e a sua bela Kitty. Contudo, ao aproximar-se do seu quadragésimo segundo aniversário, começou a aperceber-se de que as suas hipóteses de voltar a ter um filho desapareciam.

Esse pensamento trouxe-lhe uma dor, um lamentar de algo precioso que perdia.

Para juntar a essa dor, ali estava Kevin, capaz de ter um filho com Claire. A jovem e fértil Claire. Tess nunca se sentira tão velha.

Subiu Willow Street quase sem pensar, como se um íman interior a puxasse em direção a casa.

O céu da noite estava límpido e as estrelas brilhavam no firmamento. Tess pensou nas noites em que subia a colina com Cashel a seu lado, rindo de braço dado, parando a todo o momento para se beijarem, porque era doloroso não o fazerem. Alguma vez fora tão jovem e inocente?

14

Suki tinha corrido o mundo e acumulado coisas nas suas viagens. Não aquele género de bugigangas que outras pessoas colecionam. Não, Suki juntara amuletos e pedras preciosas, talismãs de outras culturas. Minúsculos budas de jade, uma pequena deusa de bronze que encontrara no Extremo Oriente e que alguém dissera que viera do Butão.

– Trata-se da deusa da esperança e da fertilidade – afirmaram-lhe. Não tinha a certeza se precisava da fertilidade, mas de esperança precisava certamente.

Da América do Sul trouxera amuletos dourados pré-colombianos.

– Mostre-me as femininas, as deusas femininas – pedira ao tipo que vendia amuletos numa loja. Ele pareceu surpreendido, provavelmente nunca lhe tinham feito aquele pedido. Habitualmente, os turistas procuram lagartos coloridos e aqueles homens com formas estranhas, que parecem dançar músicas de outro mundo. Mas Suki pretendia algo específico, algo para a alegria.

Mas não havia.

– Este – decidiu Suki, apontando para um objeto que se assemelhava a um coração com bonitas volutas no cimo.

– Este é para a longa vida – informou o homem.

– Levo-o – disse Suki.

Possuía bonitos apanhadores de sonhos inuítes do Canadá com pequenos lobos cravados, feitos com conchas, e plumas pendentes, e da reserva de nativos americanos junto a Four Corners, nos Estados Unidos, bonitos colares turqueses e pulseiras de couro.

E quando, nas suas viagens, não andava a comprar amuletos, procurava videntes. Ao parar numa aldeia rural, num périplo por livrarias, perguntaria a quem encontrasse – o porteiro, a empregada do hotel, o pessoal da livraria – se conheciam alguma. Os homens ficavam frequentemente surpreendidos com essas perguntas, as mulheres nem por isso e compreendiam melhor a necessidade de perceber o que o mundo planeara para elas. Perceber se tudo correria bem, se viveriam muitos anos com prosperidade – o que soava como algo que Mr. Spock poderia dizer.

No café onde entrara algumas vezes quando visitara o outro lado de Falmouth, onde ficava uma boa livraria, Suki dera com um anúncio de uma nova vidente. Tratava-se de uma mensagem clara, nada complicada, nem sequer bem escrita. Uma viajante, suspeitou Suki, no parque de caravanas, fora da cidade. Definitivamente, no lado marginal da cidade. Tinha saído há tempos com um tipo de um parque de caravanas; ele sentira que a diferença entre eles era abismal, mas Suki não pensava assim.

– Passei muito tempo num parque de caravanas na minha vila natal – contara-lhe ela. – Cabana-Land. – Dissera-o como sempre o dissera, como se fosse levemente perigoso, até

porque tinha sido. Para a Suki Power de dezasseis anos, filha de Avalon House, Cabana-Land significava perigo, mas ela conseguira muitas vezes esquivar-se dos problemas.

– Tu apenas gostas de experimentar a miséria, não passas de uma ricaça – respondera o tipo e abandonara-a com o orgulho seriamente atingido. Isso fizera com que Suki se sentisse feia e mal-amada. Se os seus encantos eram insuficientes para superar a sua insegurança básica, então definitivamente devia estar a perdê-los.

O parque de caravanas nos arrabaldes de Falmouth, Massachusetts, era do género tranquilo que se esperava: escondido por detrás de muitas árvores, separado da autoestrada. Quando Suki ligou para perguntar a morada, foi um jovem que atendeu o telefone, talvez o filho da mulher. A morada era bastante simples: segunda fila, última caravana do lado direito. Pelo menos, o seu carro por esses dias não era dos que chamavam a atenção. Conduzia um utilitário dos antigos. Ninguém olharia para ele duas vezes. E, quando encostou ao lado da caravana da vidente, que exibia nada mais nada menos que um *Thunderbird* vermelho, o seu carro enquadrava-se bem.

Quem abriu a porta da caravana foi um jovem, a voz do telefone.

– A minha mãe está lá atrás – disse ele antes de passar por ela para sair.

Suki tinha-se muitas vezes questionado por que razão tantas videntes e cartomantes eram pobres, quando, teoricamente, tinham um dom que lhes permitiria enriquecer. Bastaria que adivinhassem que cavalo venceria uma corrida ou que números sairiam na lotaria. Tinham-lhe dito que as coisas não funcionavam assim; quem tinha o dom da adivinhação não o podia usar para si, só para outros. E, se conseguir, com essa atividade, ganhar a vida, ótimo.

Aquela mulher tinha provavelmente a mesma idade de Suki, embora parecesse mais velha. O cabelo mal pintado ficara ruivo e com as raízes grisalhas. A mulher olhou para Suki, observando a sua cara e a sua roupa. Suki, instintivamente, tinha-se vestido informalmente. Naquele dia não queria ser uma mulher fatal, nem usar nenhuma das suas roupas sofisticadas, coisas que tinha comprado há muito tempo. Os utentes dos parques de caravanas podiam não ter dinheiro para comprar *Michael Kors* originais ou vestidos *Donna Karan*, mas isso não significava que não os reconhecessem.

Suki tocou no talismã da longa vida do seu colar pré-colombiano.

– Sente-se, por favor – disse a mulher.

Estavam na zona da sala da caravana, tudo madeira envernizada e almofadas aos quadrados. Não havia bolas de cristal à vista. Embora tivesse muitas cartas de tarô velhas e usadas ao seu lado, a mulher não lhes tocou.

– A sessão custa cento e dez dólares – informou ela.

– Muito bem – respondeu Suki e entregou-lhe o dinheiro.

– Quando foi a última vez que lhe leram o futuro? – perguntou a mulher.

– Não me lembro – disse Suki sinceramente. Ela, de facto, não se lembrava. Quando deixara Jethro, visitara várias pessoas: angelologistas, cartomantes, videntes, xamãs… Uma vez, depositara muita esperança numa mulher que, supostamente, era «fan-tás-ti-ca», como se dizia em Los Angeles. Sabia-se que ela trabalhava num pequeno estabelecimento em Hollywood Boulevard, usava um abafo de pele cor de rosa, botas de cobói e calças de ganga com

brilhantes.

No dia em que Suki lá fora, a vidente estava claramente drogada.

– Ena, você hoje está um pouco triste. Há uma névoa triste à sua volta. Gosto disso – sussurrara a mulher. – Você gosta?

Nessa altura, Suki estava tão desesperada para perceber as coisas, tão desesperada para saber quando é que a dor a deixaria, que esteve quase a ficar. Mas percebeu que a mulher, obviamente a alucinar, podia não lhe dar o que ela queria: clareza quanto ao futuro. Que havia uma névoa triste à sua volta não era exatamente o tipo de revelação que ela procurava.

– Penso que a última vez foi há pelo menos um ano – respondeu então.

– Você tem um vício – dissera a mulher sem rodeios.

Suki olhou-a fixamente, pensando nos anos com Jethro e as drogas. Tinha havido muitas drogas. Suki nem sabia bem o que eram, pois parecia-lhe uma atitude muito pouco *rock'n'roll* perguntar. Engolia todo o tipo de pequenos comprimidos e, bom, sabia-se lá que raio eram, limitavam-se a aparecer, juntamente com linhas de coca e grandes charros de haxixe, gordos como charutos. Mas conseguira livrar-se das drogas. Desistira delas no dia em que, finalmente, recuperara algum do seu orgulho. No dia em que saiu do belo hotel de Memphis, apenas com um conjunto de malas que resumiam dois anos da sua vida, e ninguém para a ajudar a apanhar um táxi, além de um porteiro desinteressado que claramente já tinha visto muitas mulheres em desalinho deixando bandas de *rock* para trás.

– Não – disse a mulher –, nem drogas nem álcool, mas homens. Homens poderosos, eis a sua droga.

Suki olhou para ela, assombrada. Nunca ninguém lhe havia dito aquilo. A mulher era tão louca como a rapariga do abafo de pele cor de rosa. Não fazia qualquer sentido.

– Não veio aqui à procura de palavras complicadas, pois não? – perguntara a mulher.

– Vim para tentar saber se consigo terminar o meu livro, ganhar algum dinheiro e voltar a pôr a minha vida nos eixos – declarara Suki bruscamente, mas sem intenção. Ela tentava não lhes dizer nada: desse modo, era mais fácil perceber se eram mesmo videntes ou apenas mentalistas espertas.

– Vai conseguir – respondera a mulher com um ar pensativo –, mas não da forma que espera. Tem de começar por enfrentar os seus demónios. Você tenta suborná-los com joias – dissera, apontando para o amuleto de Suki, que instintivamente o agarrou. – Isso só funcionará quando o seu espírito estiver bem. Há dois lobos dentro de si. O lobo que a conduz à dor e o lobo que a conduz à felicidade. Qual dos dois terá êxito? – perguntara a mulher, sorrindo como se se tratasse de uma história que já tinha contado uma centena de vezes. – Aquele que você alimentar.

– Mas como posso fazê-lo? – perguntou Suki, sentindo o desespero a crescer. As coisas não estavam a correr como ela esperava. O que ela queria ouvir era que tudo correria bem, que *era* suficientemente forte, que encontraria o sucesso, e talvez um pouco de respeito por si própria, e, quem sabe, alguma fama e dinheiro. Raios, ela queria dinheiro porque odiava ser pobre, já tinha sido pobre tempo de mais. E agora voltava tudo, roendo por dentro como poucas dores seriam capazes. Não queria envelhecer na pobreza, tinha consciência do que isso significava.

Regressar a Avalon, na melhor das hipóteses, arrastando uma existência à custa do estado, pensando em como poderia ter sido.

– Vejo muitos futuros para si – continuara a mulher –, mas tem de enfrentar o espírito interior. Largue o vício e poderá ser a mulher que quer ser. O que esperava ouvir? Que tivesse cuidado com morenos estranhos? Que vestisse sempre de verde?

A mulher pegara num maço de cigarros, tirara um, acendera-o e inspirara o fumo com a prática de alguém que fuma dois maços por dia. Por uma vez, Suki não se sentira como um cigarro.

– Você não é uma vidente vulgar, pois não? – perguntou.

– Sou uma vidente que não é capaz de seguir os seus próprios conselhos – retorquiu a mulher laconicamente. – Olhe para este sítio – convidou, gesticulando em volta. – Não é um palácio. Homens maus: é tudo o que sempre me calha, e não me têm trazido senão problemas, apesar de tudo o que consigo ver. E vejo, querida. Mas pensamos sempre que desta vez é que vai ser diferente, não é? É isso – concluiu a mulher. Com a mão que segurava o cigarro fez um gesto dizendo a Suki que estava na hora de sair.

Suki já estava junto à porta quando a mulher falou novamente:

– Ah, sim, deve telefonar à sua irmã.

– O que se passa? – perguntara Suki, ansiosa.

A mulher respondeu com um encolher de ombros.

– Foi tudo o que vi. Telefone-lhe.

Suki saiu. Não viu o rapaz e perguntou-se se seria ele a única coisa que restara de uma vida inteira de homens maus. Bateu com a porta, tirou as chaves do carro, fez-se à estrada e acelerou pela autoestrada de volta à cidade.

Telefone à sua irmã e *afaste-se dos homens poderosos*. Só isso?

Bem, o que se poderia esperar por cento e dez dólares?

Depois de vinte e seis anos de pobreza, Suki Power Richardson tinha adorado ter dinheiro. Na verdade, não era seu, era do marido. Mas ela podia usá-lo, gastá-lo. E gastou-o mesmo. Tinha conta em todas as grandes lojas: Saks, Bloomingdales, Bergdorf Goodman. Percebeu que não gostava verdadeiramente das velhas roupas de adolescente que usara durante anos, que andara a enganar-se quando dizia que preferia as velhas *calças de ganga* e os blusões de cabedal coçados. Tornou-se claro que adorava roupas novas e elegantes, tecidos luxuosos, que assentavam perfeitamente na sua silhueta de cintura fina e que custavam mais do que um mês de renda no seu antigo apartamento. As suas calças pretas apertadas e seguras de poliéster foram para o lixo e comprou calças de corte bonito exclusivas na Donna Karan, com casacos maravilhosamente confecionados em pele. Os sapatos eram italianos e já não precisava de aplicar os produtos que comprava no supermercado para tornar *sexy* o seu cabelo loiro; ia a um cabeleireiro chique onde as pessoas vulgares não conseguiriam sequer *arranjar* uma marcação.

Kyle adorava vê-la gastar dinheiro com a sua aparência.

– Tens de ter estilo, querida – afirmava ele. – O pai diz sempre «Se tiveres estilo, filho, eles

pensarão sempre que estás no lugar certo.»

No primeiro ano de casamento, Suki nunca se preocupara em saber o que era «ter estilo», sentia-se simplesmente bem a satisfazer-se numa orgia de consumo. Depois de uma infância a contar tostões em Avalon House, era como se se visse liberta da prisão e a saborear a liberdade. Comprou quadros para as paredes da casa de D Street, acompanhava de perto os leilões de antiguidades e pintara o salão quatro vezes até conseguir atingir o tom certo de cinzento-claro. Comprava flores – por vezes demasiadas para aquela casa. Mas não se preocupava com os excessos: os Richardson tinham mesmo muito dinheiro; nada que ela pudesse gastar os colocaria minimamente em risco.

Ela e Kyle frequentavam bailes de caridade, jantares e festas de angariação de fundos do Partido Republicano, onde as mulheres dos figurões do partido usavam fatos *Chanel* e vendiam bem a sua imagem. Até Antoinette parecia estar mais gentil com ela. Suki tinha sido educada numa importante mansão irlandesa, era da classe alta e sabia comportar-se.

Mas como Tess lhes devia ter dito, Suki aborrecia-se facilmente. Fartou-se de tudo o que implicava o pai de Kyle. Ele tinha uma opinião sobre tudo: dissera que era ridículo comprarem uma casa em Taos, onde Suki havia sugerido, em vez de uma casa de campo em Newport, onde ele queria que comprassem.

– Não é da conta dele o sítio onde compramos a casa – gritara Suki a Kyle, na casa de banho coberta de mármore da sua suíte.

– Ah, vá lá – ripostou Kyle, zangado. – Não és assim tão ingénua, pois não? Pensei que te orgulhavas das tuas capacidades intelectuais, Suki. É como ouvir um pintor do Renascimento dizer que não quer pintar o que o seu patrão quer que ele pinte. O meu pai paga tudo!

Aquela última frase, e a forma como Kyle a tinha pronunciado, ficou-lhe na mente: seria que o controlo absoluto do seu pai sobre toda a família exasperava Kyle ou teria ele simplesmente ficado irritado com a forma como ela ameaçara estragar tudo?

Ignorando-os, viajou para Taos para ver propriedades e recebeu um telefonema irado de Antoinette.

– Se for para a frente com este disparate, Suzanne – só Antoinette se recusava a utilizar o diminutivo Suki, que ela tinha desde os três anos –, vai aborrecer o meu marido. E não queremos isso agora, pois não?

– Não queremos, pois não? – respondera Suki, truculenta. – E que me importa se ele fica aborrecido?

Houve um silêncio do outro lado da

linha. Finalmente, Antoinette falou.

– Kyle avisou-me que diria isso. Pessoalmente, pensei que era mais esperta, mas vejo que a sobrestimei. O pai de Kyle e eu controlamo-la, quer queira quer não. E isso vale para tudo: seja a escola onde andam os seus filhos, seja a decisão sobre se passam as férias na Europa ou em Cape com o resto da família.

Suki sentiu-se completamente dominada pela raiva. Não sabia bem que parte da conversa a enfurecera mais: se o facto de o seu marido ter contado tudo à mãe, se a ameaça velada de Antoinette e do pai de Kyle poderem impedi-la de ir à Irlanda no verão, uma vez que queria

voltar a Avalon e estava farta de Massachusetts e do seu meio social.

– Ah, e a casa no Novo México, nem sequer se preocupe. Não receberá um cêntimo para isso. Vai passar o verão connosco. Talvez, com o tempo, possa vir a ter a sua casa de campo em Martha's Vineyard. E é tudo. Agora é uma Richardson, Suzanne, e tem de cumprir as nossas regras.

* * *

O tédio não era algo a que Suki estivesse habituada, mas na jaula dourada que os Richardson construíram à sua volta, o tédio dominava o seu quotidiano. De si não se esperava mais nada que estar deslumbrante nas suas funções, conhecer as pessoas certas, fazer um pouco de caridade, gastar muito dinheiro e ir ao cabeleireiro, aprender a fazer conversa de circunstância nos jantares elegantes e nunca, como lhe explicou Antoinette, dizer nada controverso, mesmo que por piada.

– Não há piadas em Washington.

Perante aquilo, Suki atirara a cabeça para trás e largara uma grande e sonora gargalhada, mas Antoinette olhou-a com dureza.

– Não estou a brincar – afirmou. – Kyle tem muito boas hipóteses de chegar ao Senado e precisa de uma mulher ao seu lado, não de alguém desbocado e irresponsável. É isso que eu vejo em si, Suzanne, uma certa impetuosidade. Deve ser do sangue irlandês.

Suki aguentava os insultos de Antoinette, porque sempre conseguia lançar as suas pequenas farpas. No entanto, ouvir o que quer que fosse sobre a sua origem irlandesa inflamava-a.

– Os meus antepassados viviam num castelo enquanto os seus continuavam… – Suki procurou a réplica mais adequada – à procura de vegetais num campo qualquer e ajoelhados à noite a rezar pela redenção.

Antoinette olhou-a, furiosa.

– Não me rebaixo ao nível dos seus insultos – declarou.

– Ah, mas pode insultar-me e fica tudo bem, é isso? – ripostou Suki. – Todos sabemos a verdade, não é, Antoinette? Sou eu quem tem sangue azul nesta família.

Na verdade, Suki não se preocupava com o nome Power nem com o que significava. O seu pai sentia orgulho na sua ascendência De Paor, mas um orgulho sereno. Sentia orgulho por poder conhecer as suas origens familiares, mas, ainda assim, uma profunda tristeza por uma sucessão de Powers tíbios ter desbaratado a fortuna da família. Em consequência, os Power tinham deixado de conseguir manter a sua adorada casa e de olhar pelas gentes da sua terra. O pai teria sido um filantropo, se tivesse tido o dinheiro necessário para tal. Por isso, Suki não tinha sido educada para pensar que ser um Power significava ser melhor do que os outros. Mas se isso exasperava Antoinette, então lembrá-la-ia a cada oportunidade.

Furiosa, foi inscrever-se num curso de estudos sobre mulheres e, ostensivamente, deixou os livros à vista de toda a gente. *A Mística Feminina* e *Uma Reivindicação dos Direitos das Mulheres*, de Mary Wollstonecraft.

Incrivelmente, deixou-se fascinar pelas escritoras, pelo seu trabalho. Sempre tinha pensado que levava uma vida muito diferente de outras mulheres por ter saído de casa e por ter de

ganhar a vida na América. No entanto, tornou-se claro que só fazia o que inúmeras outras mulheres haviam feito antes dela. E, tal como inúmeras outras mulheres, tinha conseguido casar bem, mas não com sensatez.

Kyle não gostava dos seus estudos.

– Por amor de Deus, o que andas a fazer com toda essa porcaria de livros? – perguntou-lhe. – Já terminaste a escola, não tens de lá voltar.

Kyle não era, de modo algum, dado à leitura, apesar das tentativas do pai para que se mantivesse atualizado acerca do que acontecia no mundo. O seu pai era um leitor voraz de livros de não ficção, em especial biografias e diários de guerra. Nunca tinha estado no exército, mas, ainda assim, Suki percebeu que pensava como um chefe militar. Se não fosse um perfeito filho da mãe, talvez tivesse sentido admiração por ele.

O facto de o lento percurso de Kyle em direção ao mundo da política começar a dar frutos não ajudou.

– Filhos – disse o pai de Kyle –, vocês precisam de filhos. A mulher não é suficiente.

Suki estava na sala enquanto aquela conversa decorria e sentou-se bastante aturdida.

– Fala de mim como se não estivesse aqui – ironizou. – Muito bem. Sou uma égua parideira, não é?

O pai de Kyle riu-se.

– Sim, querida, acho que sim. E nós precisamos de filhos homens.

Nessa noite, Suki saiu sozinha, foi a um bar do outro lado da cidade e embebedou-se. Chegou a casa às duas da manhã, depois de dançar toda a noite num clube de jazz e de se livrar com alguma dificuldade de um bom dançarino que teria desejado levá-la para sua casa.

– Não posso, o meu marido não ia gostar – desculpou-se Suki, o que era estranho, uma vez que a velha Suki não teria desperdiçado a oportunidade.

– Estás bêbada – disse Kyle, enquanto ela se atirava vestida para cima da cama, com a maquilhagem a escorrer pela cara.

– Sim, estou – concordou ela. – E depois?

No dia seguinte, pediu desculpa. Ela amava Kyle. Ele não era culpado por os seus familiares serem uns porcos que a tratavam como se não fosse nada além de um acessório numa campanha política.

– Talvez devamos ter um bebé – sugeriu ela.

Os planos para engravidar aproximaram-nos no início. O facto de não haver gravidez seis meses depois era uma outra questão.

– Talvez devêssemos consultar o doutor Kennedy – sugeriu Suki. – Hoje em dia há muitos testes que podes fazer e coisas que…

– Não vamos ao médico discutir um assunto destes – decidira Kyle com as narinas a dilatar. Por um segundo, ele pareceu exatamente o seu pai. Estranhamente, Suki achou isso excitante.

– Certo – disse ela. – Vamos esperar mais alguns meses.

Mas nada aconteceu. Kyle começou a passar as noites num quarto separado, dizendo que não

conseguia dormir e que não a queria acordar, mas Suki sabia qual era a verdadeira razão. Ele já não conseguia fazer amor com ela. Mal conseguia ter uma ereção quando se aproximava dela. No seu desejo por um filho, Kyle tinha ficado, de algum modo, emasculado.

Ela começou a sair mais vezes sozinha e a encontrar-se com as suas colegas de curso. Nenhuma delas tinha dinheiro, mas Suki pagava-lhes bebidas e *cocktails*.

– Vais adorar este – dizia. – É um *Long Island Iced Tea* e é fantástico.

Carlotta, uma latina fogosa do curso, queria escrever uma tese sobre racismo e estereótipos sobre os hispânicos na cultura americana. O pai ameaçou deserdá-la.

– Ele quer que nós nos adaptemos – contara ela, com os olhos negros a brilhar. – Eu não quero adaptar-me, quero ser eu mesma. Não quero ser colocada numa caixa em que tenha de caber.

– Nem eu – disse Suki.

– E tu bebes demasiado, Suki – notou Carlotta –, para ser franca.

– Sim, obrigada por me informares, querida – ironizou Suki. – Tu também beberias se tivesses a minha vida.

– Tu beberias se tivesses a *minha* vida – ripostou Carlotta. – Eu pago o meu curso limpando casas à noite. Se calhar, limpo a tua casa.

– Ah, poupa-me, Carlotta! Nós estamos nisto juntas.

– O dinheiro separa-nos – observou Carlotta. – Não te esqueças disso, *chica*.

– Quero que pares imediatamente com este curso ridículo – ordenou ele. – Pelo que ouço dizer, não passa de um conjunto de disparates sobre os direitos das mulheres, tretas gastas. Tu tens todos os direitos, não tens de trabalhar, tens dinheiro para comprar roupas. Que mais queres?

– Uma vida – respondera Suki sarcasticamente. – Uma vida em que não seja a égua parideira da família Richardson.

– Se não consegues ter um filho, não tens muito de égua parideira, pois não? – perguntara o pai de Kyle.

– O que quer dizer com não consigo ter um filho? – questionou Suki. – Quem disse que o problema é meu? O miserável do seu filho nem consegue pô-lo de pé quando me vê.

Questionou-se se não teria ido longe de mais, mas o pai de Kyle manteve a compostura.

– Teremos então de assegurar que ele o consegue fazer – disse. – Mas não quero que andes por aí à noite com as tuas amigas, pelos bares. Já se ouvem rumores de que te divertes em bares. Inevitavelmente, mais cedo ou mais tarde, alguém pega nos rumores e começa a pensar se não terás amantes. Nenhuma mulher de um Richardson tem amantes. Portanto, tem *muito* cuidado, estou de olho em ti.

– Não há nada para ver – exclamou Suki e desligou-lhe o telefone na cara, mas ficou com medo. O pai de Kyle não era homem para permitir que o contrariassem.

15

Nos dias que se seguiram à revelação de Kevin, Tess continuou, exteriormente, a levar Zach ao autocarro e Kitty à escola e a tratar dos seus assuntos do dia a dia. Por dentro, Tess perguntava-se se todo o desastre da separação teria acontecido apenas por culpa dela e pensava que, se ao menos conseguisse manter a boca calada, se ao menos se tivesse contentado com o tipo de amor *amo-o a maior parte do tempo*, então ela, Kitty, Kevin e Zach ainda seriam uma família. Zach não teria de despejar o lixo para mostrar que era o homem da família, Kevin não se teria apaixonado por Claire e ela não estaria consumida pela mais incrível raiva que alguma vez experimentara.

Sem prejuízo das suas melhores intenções, uma imensa fúria em relação a Kevin e a Claire fervia dentro dela.

– Estou tão furiosa por ele ter feito isto aos miúdos e a mim – confidenciou a Vivienne. – Como foi capaz? – Fez uma pausa porque agora vinha a pior parte. – E estou furiosa comigo, porque praticamente os empurrei para os braços um do outro! *F*iz isto acontecer. Eu! Zach deixara de falar com ela de todo, como se a culpa fosse exclusivamente dela.

«Eu não disse nada à Kitty. Antes de mais, é preciso que se habitue à ideia de que existe a Claire», escreveu Kevin numa mensagem.

«Que lindo», pensou Tess. «*Agora* quer passar por pai preocupado.»

Depois sentiu-se culpada – Kevin sempre fora um bom pai. E amava Zach e Kitty. Provavelmente, dava o seu melhor em circunstâncias difíceis. Precisava encontrar-se com ele para discutirem o que fazer a seguir.

O problema era que Kitty estava impaciente para se encontrar com Claire.

– Ela teve de se ir embora – mentiu Tess, o que provocou um olhar furioso de Zach.

– A culpa não é minha – disse Tess mais tarde ao filho.

– Ai não?

– Se o Gerard me fizesse uma coisa destas – comentou Vivienne –, deixava-o na miséria no divórcio, em tribunal. Mais do que amarga, ficaria furiosa.

Naquelas circunstâncias, Tess sentia que a amargura era legítima, tirando o facto de que não tinha pressa em juntar-se às fileiras das várias mulheres divorciadas amargas que conhecera.

Essas eram as mulheres que dividiam a vida em duas partes: antes do divórcio e depois do divórcio. Tudo na categoria «depois do divórcio», fosse o aquecimento global ou um *crash* na bolsa, podia ser atribuído ao ex-marido.

Não havia quaisquer buracos na camada do ozono antes de ele me deixar!

Muito do *stock* da sua loja provinha dessas mulheres perpetuamente enraivecidas. Era impressionante a quantidade de maridos que não conseguiam levar as suas coisas quando

partiam.

– Isto era da mãe dele – disse uma ex-mulher furiosamente, segurando uma peça de porcelana chinesa particularmente elegante.

De modo a cumprir a lei, Tess perguntou se a mulher estava autorizada a vender a peça. Era muito valiosa. Talvez devesse contactar os advogados do ex-marido.

– Fiquei com a casa e tudo o que lá está dentro – ripostou a mulher, fazendo Tess pensar, não pela primeira vez, que o negócio das antiguidades não era o mais agradável.

Era quase mais fácil negociar execuções por falência, por muito que Tess as detestasse.

Tendo passado ela própria por isso, achava insuportável tentar lucrar à custa de pessoas que haviam sido forçadas a vender tudo o que tinham.

– Não, Vivienne, vou concentrar-me no negócio – afirmou Tess. – Preciso disso, agora que já não voltaremos a ficar juntos. Tenho de contratar alguém para trabalhar aqui de vez em quando, de modo a que possa ir a mais leilões e vendas de execuções por esse país fora.

– Devias arranjar outro homem. Isso mostraria ao miserável do Kevin o erro que está a cometer – aconselhou Vivienne. – Há aquele adorável Cashel Reilly, ele não é casado. Um milionário agradável, ou será multimilionário? Seja como for, podia ser pior.

– Já te disse, nós saímos há uns anos e tudo terminou horrivelmente – lembrou Tess com tristeza.

– Ah, mas isso foi há muitos anos. As pessoas evoluem. Ele esteve casado entretanto, já não se lembra do que se passou entre vocês. E além disso – continuou Vivienne, retomando um tema já gasto –, basta fazeres um pequeno esforço para ficares fabulosa. Nunca conheci uma mulher tão pouco preocupada com a sua aparência.

Tess não se sentia nem um pouco insultada por aquelas palavras, pois Vivienne andava a dizê-las há anos. Desde que tinham as suas lojas lado a lado, ela não deixava de pressionar Tess para que fosse ao cabeleireiro, usasse maquilhagem e obviamente – um conselho próprio de uma proprietária de loja de roupa –, que se vestisse bem.

– O que eu faria contigo, Tess – queixava-se Vivienne. – Olha bem para ti, és magra e alta. A maioria das mulheres daria tudo para ter as tuas longas pernas e uma cintura tão estreita. Céus, Tess, o teu cabelo! Tens de deixar de cortar o cabelo na Eileen. Ela só usa produtos baratos. A sua versão do corte curto faz-te parecer uma ovelha tosquiada.

– Para com os elogios – determinou Tess secamente. – Não acho que consiga fazer melhor.

– Estou só a pensar nos teus interesses – disse Vivienne. – Agora que voltaste a ser uma mulher solteira, tens de fazer um esforço. Pelo menos, vai ao salão de beleza pintar as pestanas, já que não usas *eyeliner* nem rímel nem coisa nenhuma. Pareces a minha cunhada Gladys, que decidiu viver a sua vida sem tocar num batom.

– Tu odeia-la! Passas a vida a dizer que é uma autêntica vaca – comentou Tess por fim ofendida.

– Ah, tu sabes o que quero dizer – suspirou Vivienne. – Tu és tudo menos uma vaca. És uma das minhas melhores amigas e eu adoro-te, querida, mas não percebo porque insistes em ter essa aspeto que não lembra a ninguém. Tu és linda; podias ser estonteante apenas com um pequeno esforço. É como se quisesses parecer uma velha bota para que nenhum homem volte a

olhar para ti.

E eis a última gota, aquilo que realmente magoou Tess.

Mudou rapidamente de conversa, pois Vivienne tinha tocado num ponto sensível. Kevin nunca reclamara, durante todos aqueles anos de casamento, acerca da forma como se vestia ou da maquilhagem para os olhos, e isso servia-lhe perfeitamente. Servia-lhe até de mais, percebia agora.

– Claro que o belo Cashel vai andar muito mais por perto agora que comprou a casa.

– Que casa?

– Avalon House – respondeu relutantemente.

Tess quase deixou cair a chávena de chá.

– Não ouviste dizer? Que chatice, desculpa, Tess… – Vivienne agitava-se, à procura das palavras certas. – Pensei sinceramente que sabias, que alguém te tinha dito…

– Por que razão alguém me diria? – perguntou Tess. – Há anos que não é a minha casa. Já não é nada para mim. – Pousou a chávena e abraçou Vivenne levemente. – Desculpa, querida, vou fechar a loja. Estes dias têm sido duros.

Saiu e entrou na sua loja quase a correr. *Silkie*, que a seguira até à loja de Vivienne, correu atrás dela, alarmada.

– Vamos, querida – disse Tess, ajoelhando-se e enterrando a cabeça no pelo sedoso, como fazia com os seus animais em criança –, vamos para casa.

Já bastava para aquele dia.

O negócio tinha de seguir em frente e, no dia seguinte, Tess sabia que não podia perder o maior leilão do ano. Tinha de encontrar novo *stock* – e o mais barato possível.

Nos últimos anos, havia-se habituado a fechar cedo quando precisava de ir a um leilão, uma vez que já não tinha condições para contratar alguém. Mas com o Natal apenas a um mês e com as contas em tão mau estado, ficava nervosa com a hipótese de perder um dia de vendas. A bela sobrinha de Danae, Mara, que ela *adorara* quando saíram, parecia a solução perfeita: estava à procura de trabalho e ficaria feliz por substituí-la por um dia.

Mara contara-lhe que trabalhara no ramo imobiliário e Tess rezou para que ela conseguisse segurar o barco num pequeno e invulgar negócio de antiguidades. Ajudaria bastante se tivesse uma vaga ideia acerca de antiguidades, mas Tess tinha descrições de todos os objetos da loja em pequenas etiquetas de bagagem que utilizava para os preços.

Haviam combinado às nove. Pontualmente, bateram à porta.

Tess ficou espantada com o que viu à porta da loja.

Mara vestira-se de uma estranha forma *vintage*, pensando que se tratava de um emprego em que as roupas antigas constituiriam uma vantagem. Apresentava-se com um vestido dos anos 1950 amarelo-manteiga, gola redonda, um pequeno corpete e saia rodada, um casaco de malha branco sobre os ombros e na mão uma bolsa branca.

– Mara, estás linda – elogiou.

– Obrigada, Tess – agradeceu Mara, entrando na Something Old.

Naquela noite, no restaurante, Tess havia concluído que Mara resplandecia de felicidade, como se tivesse sido acesa por dentro. Não sabia exatamente porquê, se por causa do esplêndido cabelo avermelhado de Mara ou pelos enormes olhos verdes que observavam tudo com tanto interesse. Naquele momento estava igual: luminosa e sorridente, olhando tão deslumbrada para a possibilidade de um dia de trabalho como se tivesse sido contratada por alguma loja chique.

– Tu és bastante sobrequalificada para este trabalho – comentou Tess. Ela já conhecia o percurso profissional de Mara, mas teve a confirmação olhando para o seu *curriculum*.

– Ah, então devias ler a minha carta de recomendação – retorquiu Mara animadamente. – O ex-namorado de que te falei: foi ele quem a escreveu. Estavam cheios de medo que os processasse, ou a ele, e por isso, se leres a carta de recomendação, vais ficar a pensar que dirigi toda a empresa sozinha durante três anos.

Parou, pensativa.

– Podia ter acontecido, podia ter dirigido a empresa. Mas o ramo imobiliário não é o emprego certo para os dias de hoje. Há muitas pessoas a vender as suas adoradas casas num estado miserável por metade do preço por que as compraram e ainda temos de pedir comissão.

horrível. Teria, provavelmente, acabado por ser despedida depressa.

– Temo que o negócio das antiguidades não esteja muito melhor – disse Tess. – Muito do meu *stock* atual vem de pessoas que foram forçadas a separar-se de objetos pertencentes às suas famílias há décadas e que acabam por sair daqui a chorar.

– Portanto, a simpatia é uma necessidade quando alguém entra com algo para vender – concluiu Mara rapidamente. – Confia em mim, consigo ser simpática.

Um vago suspiro insinuou-se na sua voz.

– Teria enlouquecido, nos últimos meses, se não fosse a simpatia de outras pessoas. Henry James dizia que a simpatia é a palavra mais importante da língua inglesa. E tinha razão.

– Sabes alguma coisa de antiguidades? – perguntou Tess bruscamente. Não queria falar da simpatia das pessoas, de como se desfizera em lágrimas quando a experimentara. Era fácil ser forte quando ninguém dizia nada meigo, mas, se tal acontecia, abriam-se as comportas. Havia, definitivamente, algo mágico em Mara: fazia uma pessoa abrir-se. Tess não chorara muito nos últimos dias: treinara para não chorar.

– Ah, olha! – De repente, Mara arrebatou um mostruário de joalharia em pau-rosa, uma peça demasiado boa para servir para expor joias, mas para vender se alguém oferecesse o preço justo – e apontou para uma elegante pregadeira *art nouveau*, exposta numa gargantilha de veludo, num antigo busto de papel *machê* dourado.

A pregadeira era tão pequena que se perderia usada de outra forma, mas as linhas de prata sinuosas constituíam um adorno perfeito para uma gargantilha, precisamente como a que se via num velho retrato a óleo da tia trisavó – Tess não tinha a certeza se era de uma geração ainda mais antiga –, Tatiana, de Avalon House, embora no quadro Tatiana ostentasse uma enorme gargantilha de diamante que viera da corte do czar do século XIX. «É uma pena que nunca se tenha encontrado aquele colar em Avalon House quando tiveram de vender tudo», pensou Tess

melancolicamente. Tratava-se de uma das peças sem preço, com um diamante de marajá no centro e toda uma vida cheia de histórias. Devia valer muito dinheiro. Mas ainda que ela e Suki o tivessem procurado, nunca o encontraram, nem o local onde, alegadamente, a tia trisavó Tatiana escondia as suas coisas.

Assim que viu a bonita pregadeira, no meio de outros objetos leiloados, Tess imaginara como haveria de ficar bem como gargantilha e colocada sobre veludo preto.

– É *tão* bonita – suspirou Mara. – E fica perfeita no sítio onde está. É como se estivesse em cima da cómoda de uma senhora e ela se preparasse para despir um roupão de seda, para se vestir para uma grande festa, cobrindo-se de *Chanel N.º 5* e… ah, não sei, o que vestiria para algo deste período?

Tess sorriu.

– Retiro o que disse – afirmou. – Não precisas saber nada sobre antiguidades se lhe consegues dar vida dessa maneira.

– Não sou eu! – exclamou Mara. – És tu, a forma como expões tudo. Parece uma sala numa bela casa, onde se pretende vaguear por cada canto e descobrir…

Vendo tudo através dos olhos de outra pessoa, Tess olhou em volta para o seu pequeno reino.

Sem se aperceber, tinha criado um microcosmo de Avalon House nas duas salas da Something Old. Havia a secção de biblioteca dos cavalheiros, onde estavam as imagens de caça, toda a parafernália necessária para servir vinho e os velhos livros de capa de couro, exatamente como a biblioteca do seu pai, ainda que os livros mais valiosos houvessem sido vendidos. Havia a salinha das senhoras, onde as escovas com cabo de prata e as jóias se juntavam aos frascos de vidro com todos os perfumes da altura e onde os antigos espelhos desbotados, maravilhosamente matizados, tornavam o reflexo de toda a gente indistintamente adorável. Mesmo Tess, que não tinha muito tempo para se admirar em frente a espelhos, olhava duas vezes quando passava em frente deles.

E as peças de mobiliário maiores na parte de trás da loja: as estantes, os retratos, as gigantescas jarras vitorianas, as velhas arcas de viagem, as cadeiras ornamentadas. Cada peça caberia perfeitamente na sua antiga casa e aí pareciam pertencer.

Tess sentiu os olhos a lacrimejar. Pensou que tinha deixado Avalon House e as suas memórias para trás quando o que havia feito era recriá-la na sua loja.

Animou-se e prosseguiu com a explicação a Mara.

No dia seguinte, Mara subiu o último troço de Willow Street e atravessou os enferrujados mas imponentes portões até à avenida que levava a Avalon House. Danae tinha dito que era como caminhar sob uma abóbada de folhas reluzentes no verão, como se os ramos de cada um dos lados se encontrassem no meio. No inverno, os poucos ramos estendiam-se aos seus pares, como se aguardassem pacientemente que surgissem os primeiros rebentos de verde-ácido. Mara nada sabia sobre jardinagem além de admirar tudo o que Danae fazia no seu jardim, mas mesmo ela era capaz de perceber que os vastos terrenos onde assentava Avalon House não

tinham visto um cortador de relva ou um soprador de folhas durante muitos anos. Era um lugar selvagem, com arbustos emaranhados e grandes braços de hera subindo pelas árvores acima, estrangulando-as.

Como seria viver ali? Seria a vida infinitamente melhor tendo nascido patrão ou patroa naquele lugar em vez de uma rapariga vulgar de Furlong Hill? Uma rapariga que ali tivesse nascido não teria, provavelmente, de batalhar muito para construir uma vida. Alguém assim teria percebido imediatamente que Jack não era sério. Mas ela conhecia Tess, sabia um pouco da sua história. Parecia que o facto de se nascer numa família tão nobre e entre paredes tão nobres não significava nada. As pessoas continuavam a ser pessoas, fosse qual fosse o seu berço.

Cashel Reilly estava à entrada envergando um casaco de caxemira azul-escuro. Era muito alto e bem-parecido, para quem gostasse de morenos de ar sombrio. Mara já tinha gostado, mas essa fase já lá ia. Além disso, era demasiado velho.

– Olá, chamo-me Mara Wilson, estou aqui para a entrevista – explicou ela.

– Veio a pé? – perguntou Cashel, surpreendido.

O ar de pessoa profissional à procura de emprego de Mara foi imediatamente substituído por um sorriso irónico.

– A minha tia vive a seguir ao seu portão – disse. – A casa dela é a última de Willow Street. Estamos no campo, não em Los Angeles: aqui anda-se a pé.

– É verdade – concordou Cashel, recompondo-se. – De facto, é o que vamos fazer agora: andar por aí.

Começou a caminhar a passos largos, apesar das botas de borracha que trazia calçadas. Mara, que usava botas rasas, lutava para se manter de pé.

– Gostei do seu *curriculum* e da sua carta de candidatura – comentou ele.

Não tinham surgido muitas candidaturas adequadas. Se tivesse escolhido uma empresa numa grande cidade para encontrar alguém, teria sido inundado, mas ele queria preservar aquele local. Sentia-se bem a agir daquele modo e Mara Wilson tinha sido a única candidata local.

– Consegue tomar apontamentos decentes? – perguntou ele, começando a acelerar e abrindo a porta de casa.

– Sim, se não estiver a correr como uma lebre atrás de si – ironizou Mara. – Teria de andar sempre a segui-lo por todo o lado?

– Geralmente ando de um lado para o outro num escritório – admitiu Cashel. – Temos de encontrar um escritório na vila.

– Precisamos de um escritório, ponto final – disse Mara. – Não consigo funcionar aqui.

Tinham chegado ao velho salão, que Cashel examinou rapidamente. Não imaginava que a internet tivesse alguma vez sido instalada em Avalon House.

– Bem visto. Vá à procura. Algo na vila, suficientemente grande para nós. Não passarei lá muito tempo, mas vou precisar do meu próprio gabinete.

– Tem alguma exigência especial no que respeita a secretária ou cadeira? – perguntou Mara. – A sua cadeira deve ser de pele e de altíssima qualidade?

Cashel olhou para ela, desconfiado. Estaria a gozar?

– Surpreenda-me – respondeu e ficou ele próprio surpreendido com a sua resposta. Normalmente, era ele quem assumia o controlo. Muitas pessoas que com ele haviam trabalhado em diversas empresas tinham-no acompanhado o tempo suficiente para conhecer as suas preferências e sabiam que não deviam importuná-lo com pormenores, embora ele detestasse quando se enganavam.

– Quer então dizer que o lugar é meu?

Cashel olhou para a sua nova assistente executiva encarregue de Avalon House. Parecia esperta, vivida e dizia o que pensava, que era uma qualidade que ele apreciava.

– Sim – respondeu ele. – Não me desiluda. Gostei de si instintivamente e raramente me engano. Veja se não me engano desta vez.

– Combinado – retorquiu Mara animada. – Vou começar a procurar um escritório, arquitetos, a não ser que tenha alguém em mente, e construtores. Os melhores, suponho.

Ele anuiu com a cabeça.

– De qualquer forma, não gosto de ser enganado – disse em tom severo.

– Compreendido, claro como água – redarguiu Mara.

Continuaram a andar pelo piso térreo e Cashel deu por si a falar mais devagar, de modo a que Mara tirasse notas em vez de disparar instruções como fazia habitualmente. Não sabia se isso se devia àquela irascível e invulgar rapariga, que tinha esse efeito sobre ele, ou ao facto de estar em Avalon House – a casa de que agora era proprietário.

Ali, na vila onde crescera, sentia-se diferente, menos como o capitão de indústria que esperava que os seus lacaios saltassem quando lhes ordenasse. Se tivesse para com Mara uma atitude intimidatória, sem dúvida que ficaria, na vila, com a reputação de ser um filho da mãe rico, uma daquelas pessoas que a riqueza torna irreconhecíveis. E ele não queria que pensassem isso até porque não era verdade.

O dinheiro tinha-o mudado até certo ponto. A falta dele era um pesadelo, e ele sabia-o, porque crescera dessa forma. Mas ter dinheiro não mudava necessariamente a pessoa que sempre fora.

Um amigo multimilionário suíço tinha colocado a questão brilhantemente quando afirmara que ter dinheiro apenas enfatizava o que verdadeiramente se era.

– Se és um filho da mãe pobre, tornas-te num filho da mãe ainda pior com dinheiro. Mas se tens um fundo de decência, então continuarás assim, simplesmente com uma conta bancária mais simpática – concluira.

– Uma pergunta – quis saber Mara, quando já tinham passado uma hora a andar pela casa, conversando, com ela sempre a tirar apontamentos. – Esta vai ser a sua casa ou a sua intenção vendê-la?

Cashel não olhou para ela.

Parecia estar a quilómetros dali, na verdade. Foi como se tivesse de se arrastar de volta ao presente quando finalmente respondeu:

– Não sei. Ainda.

Depois de Mara sair, Cashel caminhou pela casa e olhou para ela. Pouco importava a quantia de dinheiro que se tinha se não se era feliz, e ele sabia-o muito bem.

E sabia também que os elementos da família Power se adoravam, mesmo não tendo dinheiro. Nunca haviam sido demasiado orgulhosos para serem amigos dos vizinhos. Bem, talvez Suki não fosse amiga de nenhum deles, mas isso devia-se ao facto de ter sido sempre selvagem. Ainda assim, essa característica não decorria de qualquer pretensiosismo por se sentir acima dos outros. Quando muito, era o desejo intenso de fazer sempre melhor que a tornava selvagem. O desejo de sair de Avalon. De ser rica e famosa.

Mas o velho Mr. Power e Tess – incomodava-o só o facto de pensar no nome dela –, nunca haviam pensado que eram melhores que os outros. Talvez os seus antepassados pensassem assim. Estava-lhes na massa do sangue De Paor: *Somos melhores que todos os nossos conterrâneos. Eles servem para cumprir as nossas ordens*. Mas o velho Mr. Power e Tess não eram assim.

Ele lembrava-se como Tess, há uns anos, ficava furiosa com ele quando passavam pela galeria onde estavam os quadros. Ela reparara que ele caminhava cautelosamente, como se pudesse arranjar problemas por estar naquela parte da casa.

– Fazes o favor de parar de comparar as nossas origens, Cashel? – dizia ela. – A tua mãe sabe *que não temos nada*. Mal conseguimos pagar a conta da eletricidade nos últimos três anos. Não há dinheiro nesta casa. Para de olhar para ela como se fosse diferente. É uma casa grande, nada mais. Que importa se o meu pai identifica os seus antepassados por décadas? Que quer isso dizer na realidade? *És tu* quem faz a diferença.

Parecia não conseguir deixar de pensar nela – não surpreendia, uma vez que estava a comprar a casa em que ela tinha vivido. A casa em que ela vivia quando a beijara pela primeira vez. A casa em que ela vivia quando o traíra.

Disse para si que falaria com Mara na manhã seguinte. Não pouparia um tostão no que respeitasse a Avalon House. Iria comprar o melhor. Só o melhor.

* * *

Cashel descobriu em algumas semanas uma estranha calma ao caminhar em volta de Avalon House. Mara contratara uma empresa local de tratadores de árvores, que examinavam diligentemente as da avenida. Algumas das mais belas magnólias teriam de ser derrubadas, disseram a Cashel, porque estavam doentes.

Mara havia também encontrado uma paisagista especializada na recuperação de jardins antigos e Cashel, embora tivesse planeado estar em Londres numa reunião no dia em que ela chegou, cancelou a ida para poder acompanhá-la.

A paisagista, uma mulher formidável chamada Judy, andava pelos sessenta anos e usava *tweeds* e um casaco encerado que parecia pelo menos tão antigo como a casa. Tinha maneiras bruscas e um cãozinho a ladrar junto aos calcanhares e Cashel deliciou-se a seguir atrás dela e de Mara, com botas de borracha e um casaco pesado.

– Há aqui muito trabalho para fazer – afirmou Judy. – Mesmo trabalho a sério. Dá ideia que nada disto é tocado, nem de perto nem de longe, há trinta anos. – O seu tom fazia transparecer a repugnância que sentia pelos responsáveis por aquela situação.

– É verdade que este lugar tem sido negligenciado – respondeu Mara, que começara a

pesquisar diligentemente a história da propriedade e sabia como, graças aos seus antepassados irresponsáveis, Tess perdera a sua casa. E agora a pobre mulher lutava para manter a sua loja, além de ter de enfrentar o abandono do marido. Embora Judy fosse claramente o género de mulher que não tolerava qualquer oposição às suas ideias, Mara sentia que devia à sua nova amiga uma descrição mais simpática da história recente de Avalon House.

– Ao longo dos últimos dezoito anos, a casa esteve vazia. Os antigos proprietários, os Power, que eram donos de Avalon House desde o início, perderam tudo o que tinham e por isso não possuíam os recursos necessários para impedir que a casa se tornasse cada vez mais decrépita.

Cashel viu-se compelido a intervir, embora não percebesse porque estava a defender a família de Tess.

– Estas casas enormes são um pesadelo para gerir – argumentou ele. – Acontece o mesmo por todo o país: grandes casas antigas, que antes eram motivo de orgulho para toda a gente, passando de geração em geração até que não sobre um tostão para as manter, por mais que consigam identificar os seus antepassados até aos tempos imemoriais e que tenham os retratos no salão para o provar. Saber quem foram os nossos antepassados não serve para nada – concluiu.

– Sim – concordou Judy, mantendo o passo apressado. – Eu sei disso. Já conheci diversos casos semelhantes no meu trabalho. Presumo que deseja que este jardim seja recuperado de acordo com o resto da propriedade.

– Absolutamente – afirmou Cashel e deu consigo a pensar porque diria alguma coisa positiva acerca de proprietários de terrenos falidos.

Era como se estivesse a colocar-se do lado de Tess, de Suki e do seu pai apenas porque não tinham um tostão. Bizarro. Continuou a caminhada com Mara e Judy, diminuindo a passada para que elas o pudessem acompanhar. Mara deitou-lhe uns quantos olhares, mas ele ignorou-os. Podia ter alguma ideia em mente, concluiu. Mara não era como as assistentes que tivera antes. De facto, era provável que já tivesse despedido qualquer assistente que se comportasse com ele como Mara. Não por insubordinação ou incapacidade – muito longe disso, ela era maravilhosamente eficiente, esperta, capaz de pensar pela sua cabeça e tinha sempre ótimas ideias –, mas não o bajulava de todo. No entanto, Cashel mudara nos últimos tempos; achava a atitude de Mara refrescante. Era como se ela dissesse: *Pode ter muito dinheiro e ser o meu patrão, mas não é melhor do que eu, querido*.

Cashel Reilly, que crescera sentindo exatamente a mesma coisa, admirava aquele espírito.

Ainda que gostasse muito de Judy, não aguentou estar presente em muitas reuniões sobre os problemas da arquitetura da casa. O arquiteto, um jovem esbelto e respeitável chamado Lorcan Reed, tinha sido vivamente recomendado pelo seu envolvimento no restauro de muitas casas daquele período. Mas após ouvi-lo dissertar longamente sobre a necessidade de assegurar que todas as renovações e melhoramentos se deviam coadunar em absoluto com os diversos períodos do edifício, Cashel concluiu que Reed era um perfeito chato. O arquiteto queria fazer tudo à sua maneira, o que colocou imediatamente Cashel de sobreaviso, uma vez que estava habituado a que tudo fosse executado de acordo com as suas preferências, especialmente quando era o seu dinheiro que estava a ser gasto.

Quer se tratasse da escolha de um tipo particular de revestimento do chão ou um certo tipo de madeira ou pedra, a opção de Cashel seria invariavelmente diminuída por Lorcan como historicamente desadequada.

– Com o devido respeito, nesta parte da casa só pode ser soalho parquê – dizia atabalhoadamente, tornando-se ainda mais sério quando tentava argumentar. – Estou a falar a sério, não pode haver outra escolha.

Mara olhou para Cashel, levantando uma sobrancelha, com um leve sorriso a insinuar-se nos lábios, que estavam naquele dia com uma cor vermelha e selvagem. Ele perguntava-se onde seria que ela comprava aqueles batons estranhos. Pareciam nunca desaparecer. Era como se Mara decidisse: *Hoje vou usar vermelho vivo e vai ficar vermelho vivo de manhã até à noite*.

– Paga-me a caução quando eu matar o estupor do Lorcan? – perguntou Cashel depois de o arquiteto sair. – Ele quer fazer tudo à sua maneira.

– Conheço mais alguém assim, mas não posso dizer quem…

– Faça-me um café e não me provoque. Depois de um par de horas a ouvi-lo, acho que preciso de uma sessão de *kick boxing*.

– *Kick boxing*? – perguntou ela. – Não fazia ideia que se interessava por isso. Via-o mais como um halterofilista ou um maratonista. Sim, consigo imaginá-lo a correr a maratona, nunca desistindo. *Uh*, o homem de ferro, alguma vez fez uma destas?

Desta vez, ele riu-se com vontade.

– É mesmo atrevida – disse.

– Passei das marcas? – perguntou Mara. Por vezes, perguntava-se se não ultrapassaria as fronteiras profissionais na sua relação com Cashel, mas davam-se tão bem que a questão nem se colocava. Deixar a Kearning Property Partners depois do que sucedera com Jack tinha-a feito mudar. A parte de Mara que sempre fora irreverente e determinada a ser ela própria tinha vindo à superfície. Não importava qual fosse o emprego, seria ela própria no seu modo mais genuíno. Não se reinventaria apenas para se adaptar à noção que as pessoas tinham do que ela devia ser, do que devia vestir, de como se devia comportar, nem se preocuparia, por exemplo, se o seu namorado aprovava ou não a sua forma louca de vestir. Abanou a cabeça para afastar aqueles pensamentos. Não, não iria por ali.

– Vai regressar à terra dos vivos? – perguntou Cashel. – O meu *espresso* está pronto.

– Desculpe – disse ela. – A minha cabeça estava noutro lado. A imaginá-lo a correr a maratona depois de uma longuíssima corrida de bicicleta.

– Os seus olhos brilhavam a olhar para ele. – Esgotado, pedindo clemência.

– Sim – retorquiu ele –, acredito.

Recuperado depois do seu *espresso*, Cashel foi à procura de Freddie, o encarregado da construção.

Freddie, com as suas botas de borracha e um grande chapéu, caminhava em enormes passadas à volta da casa, olhando para tudo e retirando o lápis de trás da orelha para ajustar os cálculos. Era um homem que vivera toda a sua vida em Avalon e era um prazer trabalhar com ele. Apesar de ser mais novo que Cashel, conhecia Riach e dizia bem dele.

Era menos entusiasta quando se tratava de Lorcan.

– Ele é capaz de levar um homem sóbrio a beber – dissera algumas vezes, concordando com Mara. Nunca o disse na presença de Cashel, porém. Não, Freddie não era assim tão estúpido. Seria um erro trágico insultar um cliente dizendo que o arquiteto devia ser fechado algures. De preferência num sítio com paredes almofadadas.

– É uma bela casa – dizia Freddie melancolicamente, quando estavam lá fora a olhar a vastidão de Avalon House. Depois, viravam-se e olhavam para a avenida, onde os tratadores das árvores trabalhavam arduamente, e para o vasto brilho de Avalon Bay. Por ser inverno, o duro trabalho que Judy orientava tinha de terminar cedo, mas Cashel e Freddie ficavam ali depois de os trabalhadores terem ido para casa para poderem apreciar o espetacular pôr do Sol ou a beleza da vista sobre Avalon House.

Embora Cashel fosse um homem muito rico e o novo proprietário de Avalon House, nascera e fora criado em Avalon e por isso Freddie considerava-o como um igual.

– Claro que eram outros tempos – diria Freddie –, tempos em que os latifundiários tinham terra e dinheiro, enquanto nós, os outros, não tínhamos nada, certamente. O meu pai costumava ficar furioso com toda essa injustiça – continuou –, a divisão entre ricos e pobres fez dele um homem amargo. Um homem amargo – repetiu. – Estava sempre a pensar no que nós, lá em baixo, tínhamos e no que os ricos, cá em cima, tinham. E, claro, apesar de tudo o que ouvi, perto do fim, não tinham um tostão furado.

– É verdade – concordou Cashel –, é verdade.

– E não interessa se se vivia num castelo ou numa cabana. O que interessa é ter algo para comer, lume para nos aquecermos e um pouco de amor. Como era aquele velho ditado da Bíblia...? – Freddie podia continuar a recordar durante horas e Cashel percebeu que gostava de ouvi-lo. – «É melhor um jantar de ervas e amor do que um boi e ódio no interior», penso que era assim – disse Freddie. – Por mais que os professores tentassem entrar na minha cabeça dura, não consigo lembrar-me de muita coisa da catequese, mas era algo assim.

Cashel sorriu.

– Percebo o que dizes. A minha família também não tinha muito – recordou.

Queria ver o que sabia Freddie sobre as suas origens humildes, todavia, se conhecia Riach deveria saber tudo. Mas o que quer que soubesse, Freddie era demasiado inteligente para o mencionar.

– Ah, nós éramos todos a mesma coisa nessa altura – foi tudo o que Freddie disse. – Sem rabo para encher as calças – e riu-se. – Olhe bem para nós agora, dois bons homens com emprego, não estamos a safar-nos bem?

«Sim, estamos», pensou Cashel. «E à superfície tudo parece ótimo.» Então, porque não se sentia ele ótimo?

16

O vício de tomar chocolate quente com um caracol no lanche da manhã teria de parar, decidiu Mara enquanto conduzia por Willow Street em direção ao Lorena, o melhor café de Avalon. Já sentia a cintura apertada e, agora que o Natal se aproximava, não queria preocupar-se com o que comia. Mara adorava o Natal. O único problema era resolver onde o passaria.

Danae ficava mais confortável com ela por perto e Mara ponderava ficar em Avalon no dia de Natal, seguindo para Dublin no dia seguinte.

No fundo do seu pensamento estava o segredo de Danae: o desejo de conhecer o passado da tia consumia Mara. Alguma vez ela lho contaria?

Todos aqueles pensamentos passavam pela cabeça de Mara enquanto se dirigia, à procura de lugar para estacionar, para a praça central, que já estava cheia de carros em segunda fila na azáfama das compras natalícias. *Já só restam duas semanas de compras!*, diziam cartazes colocados na montra do talho, onde fitas de Natal e ilustrações de perus felizes em travessas estavam pintadas em cores primárias por cima de nacos de carne verdadeiros.

– Tenho saudades tuas – dissera Cici melancolicamente ao telefone na noite anterior. – Passámos momentos tão bons juntas.

– Também tenho saudades tuas – retorquira Mara. – Mas não podia ficar. Era tudo muito doloroso, tudo me lembrava o Jack. Seja como for – acrescentou, determinada a afastar a conversa daquele território perigoso –, aposto que te estás a divertir bastante com todas as festas de Natal.

– Não é a mesma coisa sem ti – respondeu Cici com tristeza. – Toda a gente o diz.

Mara sentiu-se laconicamente grata com aquela informação. Pelo menos, os amigos com quem ela e Cici andavam tinham saudades dela.

– Ninguém quer ir dançar, dizem que sair é muito caro. Apesar disso, todos vão andando pelas casas uns dos outros, a beber cerveja rasca ou grades de vinho do Lidl. No dia seguinte, é ver as ressacas e os bolsos ainda mais vazios por todo o lado. Pelo menos, dançar não dá ressaca.

– Isso é porque nós dançávamos sem ter de beber seis *cocktails* cada uma – disse Mara virtuosamente. Não bebera quase nada desde que estava em casa de Danae, só bebia água e chá verde.

– Na semana passada vi o Jack com *ela* em Eyre Square: a Tawhnee – Cici dissera o nome a correr, como se só o conseguisse pronunciar daquela forma. – Não ia contar-te, mas estavam a discutir. Pensei que ias gostar de saber.

– A discutir? – perguntou Mara, agastada. A não ser que houvesse uma arma, sangue e um corpo na valeta, seria preciso mais do que uma «discussão» para a fazer feliz. Na verdade, a

única forma de ficar feliz seria Jack ter sido visto a arrastar-se para a estação dos comboios, a dizer *Mara, preciso de vê-la, ela é o amor da minha vida, cometi um grande erro, se ao menos ela me perdoasse e voltasse para mim…*, enquanto Tawhnee guinchava *Não!*, pendurando-se nele e, de alguma forma, ficando muito menos bonita.

De facto, concluía Mara, Tawhnee tornava-se *Scrawnee*. Os seus implantes mamários descaíam e deixava de ser magra com um busto enorme, para passar a ser magra com um busto descaído...

– Sim, ele estava a fumar e ela gritava com ele, dizendo que já devia ter parado.

– E ouviste isso tudo? – por um momento, Mara questionou-se se Cici não teria enlouquecido.

– Eles estavam aos gritos.

Mara ficou surpreendida. Ela e Jack nunca tinham gritado um com o outro, ele não era esse género de homem. Levantar a voz não fazia parte do repertório de Jack. Quando queria levar a sua avante, lançava o trunfo do seu sorriso charmoso e Mara fazia tudo o que ele queria. O seu outro truque era encolher os ombros e desaparecer por um dia, o que desesperava Mara, pensando que ele a tinha deixado por causa dos seus caprichos – não que ela fosse muito exigente. Quando ele regressava depois, ela pedia-lhe desculpa por tudo – o afundamento do *Titanic*, uma erupção vulcânica na Islândia, *qualquer coisa* –, pois sentia-se completamente aliviada por tê-lo de volta.

– Pareceu-me que nem tudo é um mar de rosas no mundo do Jack – disse Cici, confiante.

– Ah, isso não significa nada, Cici. Não me admira que o Jack tenha voltado a fumar. Ela habitua-se. As mulheres habituam-se a tudo com o Jack.

Ela tinha-se habituado a tudo.

– Mas isso prova que eles não estão felizes... – começou Cici.

– Prova que discutem – acrescentou Mara calmamente. – Os casais discutem.

– Devias voltar – sugeriu Cici. – A cidade é aborrecida sem ti e tenho saudades tuas.

– Também tenho saudades tuas, mas preciso de distância por algum tempo – afirmou Mara.

Ela não conseguiu dizer a Cici que nem sabia se conseguiria alguma vez voltar a viver em Galway, deliciar-se com uma atmosfera que era ao mesmo tempo medieval e muito, muito moderna. Galway fora o sítio onde finalmente encontrara o amor apenas para vir a perceber que, afinal, não tinha sido amor, não por ele pelo menos.

Fugir da zona de perigo não era exatamente a atitude de uma fêmea guerreira, mas sentia uma paz vivendo em Avalon que sabia que não sentiria em Galway.

E estava a curar-se em Avalon. E curar ocupava tempo. Tal como o seu emprego, que ela adorava.

Um carrinha de distribuição preparava-se para deixar um lugar vago à sua frente e Mara sorriu. Era um sinal. Lugares de estacionamento que ficam livres quando precisamos são sempre um sinal.

Saltou do carro, pagou o estacionamento e seguiu para o Lorena num passo primaveril.

Avalon tinha abraçado a época festiva com aquilo a que Danae chamava a sua habitual exuberância. Não havia um beiral que não estivesse adornado com luzes ao estilo estância de

esqui austríaca e um produtor de Hollywood a fazer um *remake* de *Cântico de Natal* não ficaria dececionado com a quantidade de vermelhos e brancos a ornamentar cada montra de loja.

Mara sorriu ao passar pelo bar de Reagan, que marcava a diferença com uma única estrela dourada defeituosa cravada na porta, como se precisasse de uma dose de *Viagra* decorativo para se animar.

– O Billy Reagan odeia o Natal – explicara-lhe Danae. – O dia de Natal é um dos dois dias no ano em que ele tem de fechar. Se conseguisse colocar um par de camas nos fundos e fingisse que o local era um hotel de modo a obter uma licença e poder servir bebidas, ele estaria no céu. A única razão por que pendura aquela estrela dourada é uma concessão a Belle, a nossa primeira dama enviou a cada estabelecimento um memorando sobre a importância das decorações de Natal.

Não havia fila no Lorena naquela manhã, mas o café estava movimentado e Mara tirou o seu feio mas quente chapéu com duas coberturas pendentes sobre as orelhas. Uma rapariga só podia aceitar ser escrava da moda até ao ponto em que estivesse prestes a congelar. Ajeitando a sua cabeleira flamejante, procurou um lugar para se sentar. Havia uma cadeira vaga numa mesa para quatro, onde duas mulheres, sentadas frente a frente, conversavam, enquanto na terceira cadeira estava sentado um homem, de cabeça baixa, enfiado na sua revista. Perfeito.

Brian, por detrás do balcão, balbuciou um «olá», o que equivalia a um cumprimento efusivo da sua parte. Ele era tão dolorosamente tímido que Mara sentia pena, embora sempre fizesse conversa suficiente pelos dois.

– Bom dia, Brian. Está um belo dia, não está? Adoro quando aparece o sol fraco de dezembro. Eleva-nos o espírito, não é?

Brian murmurou algo em resposta e os olhos de Mara fixaram-se nos bolos de canela que Lorena, a mãe de Brian, tinha começado recentemente a vender. Desistir dos caracóis não significava que não pudesse experimentar os bolos de canela, pois não?

– Acho que também vou querer um desses bolos, Brian – prosseguiu Mara. – Péssimos para mim, estou certa. Ou esta é a versão sem calorias?

Os olhos de Mara brilhavam quando olhavam para Brian e ele sorriu com nervosismo, voltando-se rapidamente para se ocupar da máquina de café.

– Vou aproveitar o lugar vago antes que alguém o apanhe – acrescentou Mara e esgueirou-se através do café cheio de gente para a mesa.

– Está aqui alguém? – perguntou Mara.

– Não, pode sentar-se – respondeu uma das mulheres, voltando-se para a amiga para terminar a conversa.

A pessoa em frente baixou a revista de motos que estava a ler quando Mara colocou a mala na cadeira e começou a despir a parca de inverno, uma peça parecida com um edredão, que tinha um aspeto feio mas era aconchegante. Do nada, apareceu uma grande mão masculina para a ajudar a libertar-se do casaco.

Ela piscou os olhos quando percebeu de quem se tratava. O atiradiço cobói kiwi. Não trazia o seu habitual chapéu ridículo, o que justificava que não tivesse dado por ele antes.

A ideia de transformar o seu lanche da manhã num *takeaway* tornou-se de repente uma hipótese apelativa, mas Mara decidiu que não sairia do café por causa de um homem. Já tinha tido a sua conta de fugas a caprichos de homens, muito obrigada.

– Eu sou capaz de tirar o casaco – disse secamente e continuou a lutar com a parca.

O café estava tão cheio de mesas próximas umas das outras que o grande casaco-edredão incomodou pelo menos três pessoas das mesas ao lado antes de Mara o ter despido.

De mau humor, pousou-o na cadeira e foi buscar o café, procurando outro lugar que ficasse entretanto vago.

Ao balcão, pagou a Brian, sorriu agradecida e levou, com má vontade, a bandeja para a mesa.

Ajeitou-se e estava prestes a dar a primeira dentada no bolo de canela quando as duas mulheres decidiram sair. Mara e o cobói kiwi ficaram sozinhos na mesa.

Ele fechou a revista e sorriu-lhe.

– Olá, ruiva – disse com aquele sotaque aveludado do hemisfério sul.

Sinceramente, pensou, iria ele atirar-se a ela? Estava fechada para homens.

– Nem te atrevas – ripostou ela.

– Tu odeias todos os homens ou é só a mim? – perguntou ele com um ar encantador.

Mara esteve quase a responder *É só a ti*, mas conteve-se. Ignorando-o, optou por se concentrar na doçura do seu chocolate.

Definitivamente, Cici gostaria dele, pensou Mara. Fazia muito mais o seu estilo. Mara gostava de tipos esguios e elegantes como Jack, homens que usassem fatos bonitos e tivessem uma aura de elegância, mesmo quando vestiam roupa informal. Cici sempre tinha preferido os tipos machões, com grandes músculos: o género de homens que transpiram um magnetismo animal e que, provavelmente, fazem desporto de manhã, à tarde e à noite. Como aquele tipo.

Tinha esse género de cara, marcada por rugas de sorrir e pelo ar puro. Provavelmente, nunca tinha usado um creme hidratante na vida.

– Estou só a tentar ser simpático – sublinhou ele.

– Então não tentes – voltou a ripostar ela, interiormente chocada consigo própria. Tinha sido dura. Tudo bem, Jack era um filho da mãe, mas isso não queria dizer que todos os homens fossem como ele. Passara de ligeiramente brusca a firmemente rude. – Desculpa – disse. – Saiu sem querer.

O cobói não respondeu, mas continuou a sorrir-lhe. Ela esforçou-se para pensar em algo para dizer – um fenómeno raro no que a Mara dizia respeito.

– Decididamente não és de cá – comentou ela. – Vives por aqui ou estás só de passagem?

– Vivo por aqui – respondeu ele.

– O que fazes? – perguntou Mara.

– Dirijo um negócio com o meu irmão: motos personalizadas – explicou Rafe.

– Ah! – exclamou Mara. Ela não sabia absolutamente nada sobre motos personalizadas. Tinha uma vaga ideia de Jack, uma vez, ver um programa de televisão sobre o assunto. Mas não era um homem de motos. Não, Jack era o homem dos *Porsches*. Era isso que realmente queria: um *Porsche*. Queria um *911*. Vermelho, com o interior em pele preta.

Mara não sabia se se entusiasmaria com um carro vermelho, em particular um carro desportivo. Parecia-lhe um pouco berrante. Ruidoso. Mas quem era ela para comentar a cor de um automóvel quando era uma proprietária orgulhosa de um *Fiat Punto* verde vivo? Verde vivo era muito mais uma demonstração de felicidade do que um carro desportivo vermelho reluzente. Aquilo era um pouco cliché de machão, certamente.

– E como se chama o negócio? – perguntou ela.

– Motos Berlin – referiu ele. – É esse o meu apelido: Berlin. Rafe Berlin.

– Ah, como a cidade! Fixe! Gosto disso – disse Mara.

– Podia mostrar-te – ofereceu Rafe.

– Estou muito ocupada – disse Mara rapidamente e percebeu que tinha voltado ao território da ultrarrudeza. Quando se tratava de homens, parecia que as suas boas maneiras tinham sido removidas no dia em que Jack a deixara. A doença das mulheres abandonadas. – Desculpa, foi sem querer. Simplesmente, tenho muitas coisas para fazer. Arranjei um emprego louco.

– O que fazes? – perguntou Rafe, o que era um pergunta razoável, dadas as circunstâncias. Mara pensou, por piada, numa série de respostas: trapezista de circo, dançarina, agente secreta, mas, se lhe dissesse isso, teria de o matar. Decidiu contar a verdade.

– Eu… era vendedora de casas, trabalhei numa agência imobiliária. Agora trabalho para o homem que acabou de comprar Avalon House e vivo com a minha tia, que dirige a estação dos correios.

Raios! Já dera informação a mais. Jamais serviria para agente secreta. Bastaria um chocolate quente para revelar tudo. Os agentes secretos têm de ser capazes de beber vodca, martinis triplos e, ainda assim, continuar a mentir brilhantemente.

– Uma senhora simpática, de longos cabelos negros, muitas jóias giras, é a tua tia? – perguntou Rafe.

A maioria do material para as motos era entregue por estafetas e chegava em grandes carrinhas ou camiões de carga. A estação dos correios não era exatamente o local com que ele estava mais familiarizado, mas estava preparado para se tornar o seu melhor cliente se isso o ajudasse a conhecer aquela rapariga louca de quem gostava mais a cada momento. Gostava da sua rudeza, da sua diferença. Rafe tivera raparigas a atirar-se a ele desde os quinze anos, mas aquela era excêntrica e diferente.

– Rafe Berlin, prazer em conhecer-te – disse ele, estendendo-lhe a mão.

– Mara Wilson – respondeu antes de o olhar de forma penetrante. – És casado? Comprometido? Sais com alguém? Pai de um rancho de filhos, talvez a tentar escapar ao pagamento da pensão de alimentos?

– O que é um rancho, exatamente? – inquiriu Rafe.

– Não sei – respondeu Mara. – Muitos. Então, és algumas dessas coisas ou estás ligado de alguma forma a outra mulher?

– Não – disse Rafe com sinceridade.

Mara semicerrou os olhos.

– Diz-me a verdade – exigiu, representando o seu agente secreto interior.

– Essa é a verdade – retorquiu Rafe. – Porquê? Foste recentemente vítima de algum tipo casado, com um rancho de filhos, que não paga a pensão de alimentos?

A leve sombra de dor por detrás dos olhos de Mara disse-lhe que não estava muito longe da verdade.

– Desculpa – disse ele –, não quis ser metediço.

– Não – respondeu Mara, desculpando-se –, a culpa foi minha. Eu é que meti a pata na poça.

– Porque dizem meter a pata na poça? Toda a gente diz isso por aqui – notou Rafe. – Não entendo.

Mara encolheu os ombros.

– É mais um dos costumes irlandeses a que te habituarás – disse. – Nós, os irlandeses, somos uma raça misteriosa, com uma orgulhosa tradição de sermos poéticos e dados às asas da imaginação.

Aí estava, tudo aquilo soou suficientemente louco para o desencorajar.

Ela gesticulava quando falava e ele gostava de olhar para ela. Gostava da forma como os olhos brilhavam. Gostava da forma como aqueles caracóis balançavam à volta dos lábios, naquele vermelho vivo e lustroso, e se moviam quando falava, como se estivesse a criar uma história a partir do nada.

– Como vieste aqui parar, Rafe? Parece um lugar fora de mão para se abrir um negócio.

– É uma longa história – começou Rafe, com os seus olhos alegres a ficarem mais sombrios. – O meu irmão ficou seriamente ferido num acidente de moto. E vim para aqui para o ajudar a levar o negócio para a frente. – Puxou a cadeira para trás. – Tenho de me despachar, ruiva. Queres jantar comigo?

Mara ficou outra vez momentaneamente sem palavras. Olhou para ele.

– Jantar? – repetiu.

– Sim, jantar – confirmou ele. – Trata-se de uma refeição que nós, os kiwis, fazemos tradicionalmente à noite. Haverá, talvez, uma misteriosa forma celta de o dizer?

Ela sorriu, desta vez com sinceridade. O sorriso de Mara fazia qualquer um apaixonar-se por ela. Rico, quente, maravilhoso.

– Estás a convidar-me para jantar? – perguntou ela como se a ideia fosse simultaneamente inesperada e totalmente deliciosa. – Jantar.

Uma certa loucura apoderou-se dela. Jantar com outro homem: sim, era uma forma de tirar Jack da cabeça.

– Jantar… acho que ia gostar.

– Assim podes contar-me tudo sobre o homem casado, com o rancho de filhos.

– Não era casado na altura, embora seja agora, e esse é o problema, ele não me escolheu para noiva – esclareceu Mara. – Por favor, não falemos dele.

– Por mim, tudo bem – disse Rafe. – Alguma alergia estranha a algum alimento, antes de eu decidir o que vou cozinhar?

Mara ficou perplexa.

– Vais cozinhar para mim?

Jack não sabia fazer nada senão aquecer refeições pré-cozinhadas no micro-ondas ou

cozinhar bife com batatas assadas. Carne vermelha ou «tire a película e leve ao micro-ondas durante quatro minutos no máximo». Nada no meio.

– Eu adoro cozinhar – disse Rafe com um sorriso que revelava uns dentes brancos e alinhados. Os seus olhos eram de um azul-acinzentado hipnótico.

Ir a casa dele era, porém, um pouco arriscado.

– Não, vamos comer fora – sugeriu ela. – Se fores mesmo simpático, podes cozinhar para mim na próxima vez.

Como se viesse a haver uma próxima vez.

Rafe conduziu o jipe pela estrada e estacionou junto à oficina. Sentia sempre uma ponta de orgulho quando olhava para a grande placa por cima do portão: MOTOS BERLIN – MOTOCICLOS PERSONALIZADOS.

No que aos habitantes da zona dizia respeito, tratava-se apenas de um pequeno negócio gerido pelos irmãos Berlin. Mas para os *aficionados* das motos, a Motos Berlin estavam ao nível da Orange County Choppers. Os irmãos Berlin tinham mais clientes nos Estados Unidos e no resto da Europa do que alguém em Avalon poderia imaginar.

O jipe de Jeff estava no seu lugar e o carro de Karen encontrava-se estacionado ao pé da casa iluminada. Karen tinha o dom de saber tratar de uma casa. Quando ela e Jeff se mudaram, a casa não era senão uma casca oca; cinco anos depois, era um lar. Com o Natal a aproximar-se, as luzes de Natal piscavam nos beirais enquanto as decorações de tipo escandinavo tornavam o interior de madeira acolhedor e brilhante.

Ainda no outro dia, a mãe de Karen aparecera com mais um saco de corações em tecido vermelho para pendurar na árvore, provocando uma troca de sorrisos divertidos entre Jeff e Rafe.

– Nunca vou conseguir compreender estas mulheres de Avalon – murmurou Rafe.

– É melhor não tentares entendê-las, limita-te a amá-las, é esse o meu conselho – disse Jeff.

O amor de Jeff por uma mulher de Avalon era a razão para eles ali estarem. Ela estava grávida do primeiro filho quando ele tivera o acidente. Não havia muita gente a sobreviver a colisões de moto com condutores bêbados, portanto, Jeff tinha muita sorte por estar vivo, mas a lesão que sofrera na coluna deixara-o paralisado da cintura para baixo.

As suas vidas mudaram. Jeff e Rafe tinham inicialmente planeado estabelecer o seu negócio na Califórnia, a terra da cultura das motos personalizadas. Mas com um marido confinado a uma cadeira de rodas e um bebé recém-nascido, Karen precisava do apoio da família em Avalon. Por isso, Rafe desistiu do sonho de viver em Los Angeles e os irmãos optaram por estabelecer a Motos Berlin na pequena cidade irlandesa.

– Pareces muito contente – comentou Jeff, com o lápis numa mão, ao mesmo tempo que manobrava com destreza a sua cadeira de rodas personalizada à volta da mesa baixa onde trabalhava numa nova encomenda de um tipo da Suíça.

Rafe riu-se.

– Bem o podes dizer, mano. Conheci uma rapariga fantástica no café…

No sábado de manhã, Mara deliciou-se a ficar na cama até tarde. Naquela soalheira mas fria manhã de dezembro, calçou as meias fofas e foi à cozinha à procura de café. Não havia sinal de Danae. Devia ser um dos seus misteriosos sábados, pensou Mara, com alguma irritação. Porque não confiava nela Danae? Que segredo poderia ser tão mau?

Reparando num livro em cima da mesa da cozinha, pegou nele e abriu-o.

Danae estava numa viagem habitual, que ela cumprira todos os meses nos últimos dezoito anos.

Geralmente, conduzia diretamente até ao hospital. Quando chegava, ia à cozinha, onde preparava uma chávena de chá e o cozinheiro dava-lhe uma tigela de sopa, ou o que quer que os doentes comessem nesse dia. Todos a conheciam muito bem, ela já lá ia há muito tempo.

Naquele dia estava demasiado cansada para fazer toda a deslocação sem um intervalo. Parara para tomar uma chávena de chá e um scone, que cobriu com manteiga e doce, para consumir um pouco de açúcar. Algo que a despertasse. A ideia de que a sua querida Mara poderia ler o seu diário deixou-a absolutamente destroçada.

Era uma condutora lenta e já era meio-dia quando chegou à entrada de Refuge House. Tratava-se de um lar da Misericórdia, por isso todo o dinheiro pago pelos residentes ia direito para o edifício com ar antigo, mas com duas alas modernas de cada lado. Maravilhosamente cuidado, acolhedor, simpático, amoroso. Se uma pessoa precisasse de assistência, aquele era o melhor dos lugares. Danae sabia-o. Muito do seu salário servia para assegurar que Antonio era bem tratado.

Enquanto a sua mãe, Rosa, fora viva, ela contribuíra. Quando morreu, deixou de entrar dinheiro da família Rahill. Danae sabia que isso se devia ao facto de os irmãos de Antonio quererem que *ela* arcasse com o custo de o manter. Afinal, fora por causa dela que ele acabara ali.

No átrio da frente, o cheiro era o mesmo de sempre: o vago odor a couve e a produtos de limpeza. Todas as superfícies a reluzir. O chão envernizado. Cada degrau da escada até ao primeiro andar tinha sido polido até resplandecer. Lá em cima, viviam os residentes de ambulatório e os mais velhos, ainda com plena lucidez. Havia um odor a cera misturada com óleo de limão no ar.

Antonio estava lá em baixo, numa zona a que ninguém chamava enfermaria fechada. Era simplesmente «lá em baixo».

«O meu marido está lá em baixo», podia alguém dizer se encontrasse Danae na sala de espera e ela acenaria com a cabeça, sabia do que se tratava.

Lá em baixo era onde viviam as pessoas que precisavam de cuidados vinte e quatro sobre vinte quatro horas. Eram os pacientes com demência ou problemas cerebrais; nunca seriam capazes de viver por si próprios. Só saíam para o jardim acompanhados. Leves passeios com simpáticos membros da equipa. Por isso, para sua segurança, a parte de baixo estava fechada,

mas ninguém o mencionava; fazia parte do *ethos* de Refuge House.

Havia uma rececionista de serviço que controlava quem entrava.

– Danae, que bom vê-la – disse ela, antes de fazer soar a campainha que dava acesso ao resto do edifício.

O código para aceder à parte de baixo era rotativo. Havia três códigos de quatro dígitos separados; se se tentasse o primeiro e não funcionasse, tentava-se o segundo e depois o terceiro. Naquele dia era o segundo. A porta abriu com um estalido e Danae entrou.

Havia sempre muito movimento lá em baixo. Música a tocar, por vezes jazz, por vezes canções de dança dos anos 1950 e 1960. Os doentes com demência adoravam aquelas canções. A música era, muito frequentemente, o último sentido a desaparecer. Doentes que não conheciam os seus familiares nem se reconheciam ao espelho – os seus olhos iluminavam-se quando ouviam Elvis Presley cantar «Wooden Heart». Sorriam e tentavam dançar uns passos desajeitadamente à volta do quarto.

Havia sempre muita dança. Pinola, uma pequena enfermeira loira, era ótima a animar as pessoas e a proporcionar-lhes um rodopio pelo chão. Toda a gente adorava Pinola, com o seu sorriso esfuziante e o seu carinho. Naquele dia, Pinola estava a dar comida a uma das mais antigas residentes, uma senhora chamada Gwen, que parecia tão pequena e encolhida que era difícil acreditar que era de facto capaz de respirar. Sentada numa cadeira, o seu corpo aconchegado contra as costas duras por uma grande manta. Danae tinha muitas vezes pensado que os muitíssimo velhos eram como os muitíssimo novos. Os bebés eram acomodados por mantas em bonitos carrinhos e os velhos débeis precisavam de ser acomodados quando estavam perto da morte.

– Olá – disse Danae apressada, continuando a andar. Não queria parar naquele dia. Sentia-se incapaz de sorrir e tagarelar com qualquer das pessoas que se tinham tornado suas amigas ao longo dos muitos anos de visitas.

Não havia sinal de Antonio. Estava muito frio para ele andar no jardim. As portas que lhe davam acesso estavam fechadas, de qualquer forma. Num canto, o terapeuta da dança estava a dar uma pequena aula; tinham castanholas e tambores e agitavam-nos descontroladamente seguindo o ritmo. Pareciam tão felizes, concentrados no rosto do terapeuta.

Danae virou para o corredor que levava ao dormitório de Antonio. Espreitou para não ser intrusiva. Uma privacidade adequada era importante num sítio como lá em baixo. As pessoas eram lavadas, alimentadas e levadas à casa de banho, e tinham fraldas, que eram mudadas quando necessário, mas a dignidade de um pessoa era importante, como sempre dizia o diretor, e Danae concordava com ele.

Só havia um homem no dormitório, deitado na cama, de olhos fechados, embora Danae soubesse que ele provavelmente não estaria a dormir.

Na sua cama, de costas para ela, estava aquele que era seu marido havia trinta e cinco anos. Ela pegou numa cadeira, sentou-se ao lado de Antonio e pegou-lhe na mão, exatamente como tinha feito tantas vezes antes.

A sua lesão cerebral fora tão catastrófica que Antonio não a reconhecia. E nunca mais a reconheceria. As pancadas que destruíram completamente uma grande parte do seu cérebro

roubaram-lhe qualquer capacidade cognitiva. No entanto, quando dormia, parecia exatamente o Antonio dos velhos tempos, só que numa versão mais idosa. O cabelo era grisalho nas têmporas, onde antes tinha sido negro lustroso. As rugas cavaram-se-lhe no rosto. À parte isso, estava na mesma.

Foi quando acordou que a lesão se tornou óbvia: a boca descaiu para um dos lados, os olhos observaram-na sem qualquer compreensão.

Ela sentou-se, segurando-lhe a mão, afagando-a, esperando que a morfina levasse alguma da dor que devia estar a sentir. Não havia droga para a dor que ela sentia. Nunca haveria. A ciência não tinha chegado tão longe. A culpa e a agonia eram tão grandes que nenhum fármaco podia sequer tocar.

Era difícil explicar o medo às pessoas que nunca tinham tido aquela experiência. O verdadeiro medo não era saltar da cadeira perante uma tarântula ou a coisa debaixo da cama num qualquer filme de terror. Isso nada tinha a ver com o medo. Até certo ponto, Danae tinha experimentado o medo na sua infância. Um medo bem profundo de que ela e a mãe não tivessem a comida e o teto de que precisavam para sobreviver. Isso estivera sempre presente na sua infância.

Mas o medo em relação a Antonio era diferente: era, um tipo diferente de medo, um medo que se entranhava nos ossos.

Antes de casarem, ele parecia um homem diferente do habitual – feliz, carinhoso, simpático, bem-humorado, cheio de vida, o homem que qualquer pessoa gostaria de ter na sua festa.

– Vamos chamar o Antonio, ele vai cantar-nos umas canções e tocar piano – diriam as pessoas.

Danae adorava isso. Ela era a namorada, e depois a noiva, desse homem maravilhoso. Antonio Rahill, meio italiano meio irlandês, com olhos negros brilhantes, cabelo negro de cigano, pele branca. Irlandês negro, chamavam-lhe. Graças à mãe, falava fluentemente italiano. O seu segundo nome era Luigi. Um nome da família Calzone há décadas. O pai de Antonio, irlandês, tinha desejado que o primeiro nome do seu filho fosse o de um bom santo irlandês, como Anthony. A mãe resistiu. Como solução de compromisso foi batizado Antonio.

Podia ter nome de santo, mas Antonio não era um santo. Danae não soubera isso até ao dia em que ele a pedira em casamento, colocando o anel com um pequeno diamante embutido no seu dedo. A felicidade que sentira nesse momento era inexcedível. Aquele homem amava-a o suficiente para casar com ela. Não havia lugar para a dor de uma sucessão de homens por que a sua mãe havia passado. Ela construiria a sua vida apenas com aquele homem, o homem que a amava.

Depois de casarem, como não tinham dinheiro, foram viver para um último andar que tinha uma decoração pelo menos vinte anos fora de moda. Mas era limpo e seco e com uma boa vista sobre a cidade.

Ela era uma péssima cozinheira, como dizia Antonio.

– Pede à minha mãe que te ensine – sugeriu ele e ela prometia que o faria.

Danae sabia cozinhar algumas coisas com ovos, pois nos piores dias da sua vida com Sybil a única coisa que podiam comprar era alguns ovos. Por isso, omeletas e ovos mexidos eram a sua especialidade. Com a ajuda de Rosa, mãe de Antonio, começou a alargar o seu cardápio e a sua futura sogra estava encantada com o facto de a mulher do filho querer aprender a cozinhar como uma verdadeira esposa italiana.

A primeira vez que demonstrara os seus recentes talentos na cozinha italiana, Danae forrara a mesa de fórmica com uma folha a fazer de toalha, de maneira a que não tivessem de olhar para aquele padrão azul e amarelo. Acendera duas velas e fora buscar os seus melhores copos – um presente de casamento do tio de Antonio, que era dono de um restaurante. Os *cannelloni* tinham dado luta. Para a sobremesa, havia *tiramisù*, a preferida de Antonio. Ou melhor, a sua segunda preferida. O que ele adorava mesmo era *cannoli* doces, mas isso não era para as mãos de Danae, insistia Antonio. Nem havia discussão. Nunca atingiria os dotes culinários da mãe. E Danae, que estava habituada a ser relegada para segundo lugar, concordou humildemente.

Danae pedira a Antonio que trouxesse vinho para aquela ocasião especial. Ela raramente bebia, mas os copos estavam na mesa bem como um jarro de água. O forno estava no mínimo para conservar quentes os *cannelloni*. Depois de verificar e voltar a verificar se estava tudo em ordem, Danae aguardou pacientemente.

Chegaram as sete horas, depois as oito, as nove… Ela começou a ficar preocupada, pensando que podia ter acontecido algo. Ligou para o restaurante, com medo de se ter enganado e que aquela não fosse a noite em que tinham combinado jantar, talvez ele estivesse ainda a trabalhar. Mas não, saíra há várias horas. Sentou-se então no sofá em segunda mão que pertencera a outro dos tios de Antonio e acabou por adormecer.

E então acordou sobressaltada vendo-o à sua frente. O seu primeiro instinto foi sorrir e atirar-se-lhe nos braços dizendo:

– Oh, querido, estava preocupada, nunca mais chegavas.

E depois, algo no seu íntimo, uma espécie de reação instintiva, fê-la recuar.

O homem que ali estava a olhá-la não parecia o seu marido. Não tinha carinho nos olhos, nem sorriso na cara. Não, aquele homem era diferente. Era Antonio, mas no entanto não era ele.

– Onde está o meu jantar? – rosnou ele.

As palavras *Estava pronto às sete, quando supostamente devias ter chegado* morreram-lhe nos lábios. Sabia que aquilo não era o mais correto para dizer. Memórias antigas de medo vieram à superfície.

Danae esgueirou-se cuidadosamente do sofá, afastando-se dele, como se o mínimo contacto pudesse enfurecê-lo. Nunca chegara a perceber de onde viera aquele instinto, a noção de que ali havia perigo.

– Vou aquecê-lo, querido – respondeu ela.

E desejou ter ela própria comprado uma garrafa de vinho. Talvez isso o acalmasse. Mas, a julgar pelo seu hálito a álcool, já estivera a beber. Mais vinho talvez tivesse piorado as coisas; não sabia.

Colocou o prato na mesa. As bordas estavam quentes. Com as mãos a tremer, serviu-o

cuidadosamente.

Ele mantinha-se sentado no sofá. Continuava a observá-la, seguindo todos os seus movimentos.

– Aí está – disse ela, colocando na mesa uma salada de toma-te temperada com azeite, precisamente como a mãe dele fazia. – Espero que gostes.

Os fósforos estavam em cima da mesa e ela tentou acender as velas, mas as mãos tremiam-lhe tanto que não foi capaz.

– Não consegues fazer nada bem? – atirou ele.

E Danae ficou assustada, um medo gelado que subia da barriga, revirando-lhe as entranhas, fazendo o estômago encolher, queimando-lhe tanto o peito que cada músculo do seu corpo endurecera, cada parte de si se enrolara, pronta a fugir.

– Talvez possas tu acendê-las, querido – disse ela, virando-se para o marido.

– Não olhes para mim – sibilou ele.

Moveu-se tão rapidamente que ficou junto a ela num instante. A primeira pancada foi num dos lados da cabeça e a dor que imediatamente se seguiu misturou-se com um estranho zumbido nos ouvidos.

Não conseguia raciocinar, a cabeça não entendia o que se passava.

Batera-lhe, mas como? Não tinha sido o homem que a amava, ele não podia ter feito aquilo. Devia estar enganada, aquilo devia ser um pesadelo e, a qualquer instante, acordaria.

A segunda pancada foi no estômago, fazendo-a cair. Ele era mais alto e muito mais forte. O soco fê-la voar para trás contra o fogão e ao cair a cabeça embateu no forno. Estatelou-se no chão, uma perna estendida, a outra dobrada por baixo do corpo, o estômago em espasmos de dor. A cabeça zunia-lhe com a força das pancadas. Continuava sem entender o que se passava. Então olhou-o de novo e ele começou a pontapeá-la.

Quando voltou a si, não sabia que horas eram, embora a Lua brilhasse nas janelas e o forno continuasse aceso no mínimo. Tentou levantar-se do chão, mas era impossível. Cada parte do seu corpo estava dorida. Como se alguém tivesse permanecido em cima dela, tentando esmagá-la como uma formiga. As náuseas eram enormes, maiores que a dor que lhe martelava a cabeça. Apelando a todas as suas forças, elevou-se. Um olho não conseguia focar devidamente e piscava sem parar. Estava tudo escuro, a única luz era a da Lua, lá fora, mas ela sabia que não estava sozinha no apartamento – sentia a presença dele.

Quando conseguiu pôr-se de pé, cambaleou até ao lava-louça e lavou a cara com água fria, esperando reanimar-se e que a dor desaparecesse.

Não conseguia mexer bem o tornozelo e não soube porquê até perceber que estava inchado e que tinha a marca de uma bota. Movendo-se devagar, para não o acordar, saiu da cozinha e passou pelo corredor até à casa de banho. Ao olhar-se no espelho foi como um filme de terror. Tinha um dos lados da cara inchado, o lábio aberto devido a algo que ele lhe fizera depois de desmaiar. Tirou a blusa com cuidado e viu o início de uma enorme nódoa negra à volta do estômago, nódoas negras nos braços e, à luz da casa de banho, observou também as marcas nas pernas. Os tornozelos estavam abominavelmente inchados.

Mesmo com a porta da casa de banho fechada, conseguia ouvir Antonio a ressonar. A forma

como o fazia fora sempre motivo de piada entre os dois.

No jantar que celebrara o noivado, a sua mãe anunciou:

– O meu Antonio ressona sempre! Até nos acorda. Agora vai passar a acordar-te a ti.

A família rira-se. Parecia que aquilo acontecera há milhões de anos. Como se tudo tivesse sido um sonho. Ou seria um sonho? Mas Danae sabia que aquilo não era um sonho; era o início da sua nova e horrível realidade e o medo do que aconteceria quando ele acordasse tomou conta dela, bem como o medo de contar a alguém.

E, se contasse a alguém, quem acreditaria? Antonio era o exemplo do bom compincha, um sedutor. Toda a gente o adorava. Ninguém acreditaria que ele pudesse fazer algo assim. Até ela mal podia acreditar.

Estremecendo de dor, pegou numa toalha de rosto molhada, passou-a sobre as nódoas negras e tentou estancar o sangue da cara. Além do rosto, ele não lhe batera noutras zonas visíveis. A tremer, procurou o frasco de aspirinas que costumava tomar quando estava menstruada e tomou duas, receando deixar cair o copo de água de tanto que as mãos lhe tremiam.

Levou as toalhas para a sala, fez uma cama no sofá e deitou-se, o mais confortável que pôde, com as dores que sentia. No dia seguinte seria diferente. Não seria?

Em Avalon, Mara sentou-se cá fora, com as galinhas aos pés e *Lady* encostada a ela, a lutar para encontrar as palavras no meio das lágrimas. O diário de Danae era a coisa mais triste que lera em toda a sua vida.

O psiquiatra quis que escrevesse isto. Não confio assim tanto nos psiquiatras. Habituei-me. Eram médicos e os médicos eram deuses.

Como costumava pensar, alguém com um curso superior era mais brilhante que eu. Não fui para a universidade. Mal fui à escola, o que se explica pela forma como nos mudávamos de um lado para o outro quando era criança. A minha mãe não tinha muita fé na educação.

– A vida é a melhor universidade – dizia ela enquanto afagava o

nariz. O primeiro psiquiatra era muito novo.

O último era mais velho, um homem, simpático e gentil, irradiava inteligência. Tinha até uma daquelas grandes testas, como se a inteligência precisasse de mais espaço do que na maioria das pessoas. E, no entanto, ele não sabia realmente. Disse-me coisas, mas pude ver nos seus olhos que ele sabia que eu era esperta e que não havia absolutos. Disse-o, uma vez. Foram essas as palavras exatas. «Não há absolutos.»

Isto foi quando percebi que ninguém tinha a certeza de nada. Era tudo trabalho de adivinhação. Trabalho de adivinhação feito de história e ciência, experiência de casos passados e estudos, mas, em qualquer circunstância, trabalho de adivinhação.

Ninguém sabia o que passara na minha cabeça ou na de Antonio. Eles podiam postular até as galinhas terem dentes, mas ninguém tinha a certeza. Então comecei a perceber que estamos agarrados às rochas à espera. Toda a gente era igual. Algumas pessoas tinham rochas melhores e um melhor ponto de apoio, mas é tudo uma questão de esperar. Assim que percebi

isso, comecei a melhorar, embora não o soubesse na altura.

Não tenho ninguém para me visitar. Há apenas uma pessoa que gostava que viesse, o meu irmão, mas disse-lhe para não vir. Não quero que ele veja este lugar, nem que me veja a mim nele. A ausência de dignidade ia chocá-lo.

Dormia numa enfermaria com outras mulheres, sem privacidade, usando uma série de roupas velhas, porque havia sempre alguém que roubava as nossas. Alturas houve em que pensei que não havia dignidade para quem vivia assim, mas é coisa que agora não me preocupa. Sei que nada disso tem a ver com dignidade.

As pessoas aqui tentam ajudar-nos. São duras, mas boas. Ninguém nos bate. Ninguém da equipa nos grita. Estão a tentar devolver-nos a nossa verdadeira dignidade, o que significa devolver-nos a nossa mente e a nossa alma.

Isso é dignidade. Tudo o resto, como fazer chichi com a porta da casa de banho aberta, não tem importância. Sabem que quando a vossa mente se vai, a vossa alma vai junta? Como um dente-de-leão soprado no vento, vai-se embora.

Tive uma visitante do abrigo hoje. Mary. Veste-se muito de vermelho, é o que me lembro melhor: grandes casacos de malha vermelhos e colares vermelhos. O seu cabelo é amarelo, pintado em casa, algo que a minha mãe desprezaria. Mary é a mulher mais simpática que alguma vez conheci. Abraça-me e eu tento afastá-la. Não penso merecer abraços. Fico rígida nos seus braços e sei disso. Tento, é verdade que tento, mas esta gentileza quase magoa. Está errada, não a mereço.

Quando choro, ela tem lenços no bolso. Ela é sempre uma fornecedora sem fim para as lágrimas sem fim.

– Mereces ser amada – diz-me ela. É precisamente o que tem dito o psiquiatra mais velho. Mary não tem formação, além de gerir o abrigo, mas sabe tanto como ele.

Quando Mary se vai embora, eu durmo. Eles estão a tentar acertar com a minha medicação e isso significa muitas mudanças nas doses. Esta semana, as drogas estão a deixar-me mais cansado do que o habitual. Tenho de fazer sestas a toda a hora. Deito-me na cama com os olhos fechados. Consigo anular os ruídos à minha volta. Aqui estou segura. Até aquela mulher que bate com a cabeça em todo o lado só quer magoar-se a si própria. Uma outra rapariga chegou hoje, enlouquecida e com dores. Ficou num quarto com câmara de vigilância, não vá ela tentar alguma coisa. Portanto, estou segura. Segura na casa dos malucos. Rir-me-ia, se conseguisse.

No abrigo, onde me senti segura pela primeira vez em vários anos, falamos das nossas vidas e dos nossos homens. Eu disse que nunca me habituaria a apanhar pancada. Habituei-me à ideia, claro, mas a dor e o medo eram tão maus como sempre. Mas eu merecia. Ele dizia que eu merecia. Dizia que eu não podia gastar dinheiro. Deixava-me o dinheiro racionado semanalmente para as coisas da casa. Nada para gastos, nada para que pudesse comprar um batom:

– Para que queres o batom? Pensas que algum outro homem olharia para ti mais do que uma vez? Vou certificar-me que nenhum homem olha para ti, cabra.

Uma mulher viveu com o seu marido durante vinte e sete anos até que fugiu para o abrigo.

O filho não a aceitou em sua casa. Culpava-a por não ter deixado o pai mais cedo, culpava-a por tê-lo sujeitado a crescer com medo na sua própria casa.

– Não consegui dizer-lhe como me sentia presa – disse, a

chorar. Todas a confortámos e todas a compreendíamos.

Ficamos presas, como o rato com que o gato brinca. Paralisadas pelo medo. Acreditamos nas coisas que eles nos dizem.

Acreditamos que não valemos nada. A certa altura, chegamos a um ponto em que já não é necessário ele estar lá para nos dizer isso. Uma pequena voz na nossa cabeça diz-nos sem parar: «És um pedaço de merda que não vale nada. Tu mereces isto. Tu levaste-o a fazer isto. A culpa é toda tua.»

Uma mulher perdeu dois bebés à custa das botas do marido. Já tinha seis crianças, foi tudo o que conseguiu fazer para se safar e não sabia o que faria com o sétimo. Convenceu-se que era uma forma que Deus tinha encontrado para que não tivesse de lidar com mais um filho.

Eu nunca tive de criar o meu próprio bebé. O primeiro que perdi, pensei que seria um rapaz. Senti-o. Ninguém fez o truque do anel num pedaço de fio na minha barriga nem disse que a barriga estava mais empinada ou mais redonda, significando isso que seria um rapaz ou uma rapariga. Não tinha amigas para dizerem ou fazerem essas coisas. Antonio não queria que tivesse amigas. As amigas eram um entrave.

Era tudo uma questão de controlo, comecei a perceber.

Controlo e medo, eis como eles nos mantêm sob as suas botas e os seus punhos. As tareias eram apenas uma forma de reforçar o seu controlo.

Estávamos casados há seis anos quando perdi o primeiro bebé. Ele queria ter sexo e eu estava tão cansada, derreada. Julgava estar grávida de três meses. É a altura em que estamos mais cansadas, diziam os livros da biblioteca. Eu não tinha ido ao médico por causa da gravidez. O nosso médico odiava tratar-me, porque via as nódoas negras e as cicatrizes e eu nada fazia.

– Mas o meu marido é um bom homem, doutor – dizia eu. Não acrescentava que era eu a responsável por ele fazer aquilo e que tinha de ficar com ele, tomar conta dele.

Nunca tinha recusado sexo ao Antonio, nunca me atrevi. Quem sabe o que faria? Também não o rejeitei nessa noite. Mas não conseguia fingir, como ele gostava, e começou a dar-me bofetadas.

As bofetadas podiam ser o pior. Não parava de me esbofetear. E nem sequer tinha bebido. Estava completamente sóbrio.

– É o cabrão do fedelho que tens aí dentro, não é? – rosnava ele.

O medo nessa noite foi o pior. Já não era só eu, era o meu bebé. Sabiam que, mesmo aos três meses de gravidez, as nossas mãos não são suficientemente grandes para proteger o ventre?

Devo ter desmaiado com os pontapés. Quando acordei, ele tinha ido embora e eu estava deitada na cama, com a dor de ter perdido o meu filho nas profundezas do meu ventre.

O segundo bebé foi no final. Não sabia que ainda podia engravidar. Ele deu-me um soco na barriga e perdi-o.

Essa foi a noite em que algo em mim mudou. Como uma luz que se acende.

O taxista disse que não cobraria nada por me levar ao abrigo.

– Não, minha amiga – disse ele, enquanto me ajudava a entrar e carregava as poucas coisas que tinha trazido do apartamento. – É por minha conta. Ele devia ser preso, minha amiga. Preso.

No abrigo, Mary foi a primeira pessoa que vi e ela levou-me de imediato para o hospital. Segurou-me na mão todo o tempo e, quando acordei, quando rasparam tudo o que restava do meu segundo bebé, ela continuava lá.

Mary não me disse:

– Se o tivesses deixado, podias ter salvado bebé. – Mas era o que eu pensava e pedia desculpa ao bebé.

A polícia foi à procura dele, mas Antonio sempre fora esperto. Alguém o avisou e não o conseguiram encontrar.

Eu sabia que ele viria atrás de mim, mas Mary afirmou que eu estava segura. Costumávamos sentar-nos na escada de emergência, olhando a cidade, e ela dizia-me que ele nunca mais me tocaria.

Eu acreditei nela. Acreditei em

todos. E então ele encontrou-me.

Depois, a polícia quis saber como tinha ele conseguido localizar o abrigo, visto que pouca gente sabia onde ficava, mas quando estava enraivecido Antonio era capaz de tudo.

Foi um pesadelo quando ele chegou. Estava frio e eu encontrava-me sentada com outra rapariga na sala grande com lareira. De repente, ouvi-o gritar o meu nome e pensei que devia ter enlouquecido.

– Danae, sua cabra, onde estás?

Ali estava ele, a outra rapariga correu a pedir ajuda, eu estava no chão, com ele em cima de mim, a estrangular-me.

– Vou matar-te, cabra – rosnou ele. Por um momento, pensei: «Deixa.» Então lembrei-me do bebé a sair de dentro de mim e agarrei a pá do carvão da lareira.

Bati-lhe até as suas mãos me largarem.

Mary entrou na sala a correr, com um taco de basebol, mas não precisou dele. O que quer que fizera a Antonio fora bem feito.

Mara aguardava o som do carro de Danae a aproximar-se. Era de noite quando finalmente chegou. Foi até à porta, insegura, procurando Danae com ansiedade nos olhos.

Mara atirou-se à tia e envolveu-a com um abraço.

– Oh, Danae – disse –, quem me dera ter sabido. Como deve ter sido horrível viver com isto durante tanto tempo.

– Não devia ter tentado defender-me – argumentou Danae, fechando os olhos aliviada. Mara não a odiava, afinal. – A polícia teria chegado, ele teria sido levado para a prisão.

– Para depois sair e magoar-te de novo – contrapôs Mara, zangada. Não era capaz de pronunciar o nome de Antonio. – Fizeste a única coisa que poderias ter feito. É por isso que

tens vindo a castigar-te ao longo de todos estes anos, não é? A viver sozinha, longe das pessoas…

Danae assentiu com a cabeça.

– A culpa mata-me. Culpa por não o ter deixado mais cedo, de modo a que os meus bebés tivessem sobrevivido. Culpa pelo que fiz a Antonio. Independentemente do que ele me fez, eu estava viva e ele estava como morto. Não consegui viver com isso.

– Alguma vez puseste a hipótese de recorrer a aconselhamento?

– Além de seis semanas num hospital psiquiátrico, por ter entrado em estado de entorpecimento, catatonia, é como lhe chamam, não – disse Danae. – Lá eram gentis comigo, mas ninguém conseguia compreender. Eu praticamente tinha tirado a vida a Antonio. A sua família nunca me perdoou. Nunca. Disseram que a culpa fora toda minha. Os teus pais foram sempre maravilhosos. Compreenderam a minha necessidade de estar sozinha.

Mara abraçou a tia ainda com mais força.

– Minha querida. Agora tens-me a mim, darei o meu melhor para te ajudar daqui para a frente. Não devias ter tido de enfrentar toda esta dor sozinha.

17

Não há qualquer protocolo adequado para um encontro com a nova namorada grávida do nosso marido. Não há livro de instruções. Tess tinha pensado fazer uma pesquisa na internet, mas que palavras-chave colocaria no motor de busca?

Azedume dos quarenta e tal contra felicidade núbil dos vinte e tal?

O que vestir, e não como agir, estaria certamente na lista da sua irmã Suki.

Mas Suki sabia sempre o que vestir em cada ocasião.

Tess era ao contrário. Em caso de dúvida, faria inevitavelmente a escolha errada.

E assim foi naquele domingo à tarde. Tess acabou por vestir umas velhas calças bege de bombazina e uma camisola de gola alta castanho-escura que, de certo modo, lhe abafava o tom do rosto, menos as manchas berrantes nas faces. Puxou o cabelo para baixo, percebeu que não o tinha lavado nessa manhã e que as raízes estavam oleosas e, portanto, apanhou-o de novo. Por que razão queria ficar com bom aspeto? Kevin e Claire eram um assunto encerrado.

Mas Tess perguntara-se há pouco se não seria altura de fazer um esforço. Tinha alguns cabelos brancos na cabeleira loira e o stresse provocava-lhe olheiras.

Lá em baixo, no corredor, observou-se de relance ao espelho. No conjunto, e com o cabelo apanhado, sentia-se como a ameixa seca que perdera o seu marido para depois o ver a fugir para climas mais soalheiros e jovens. Não havia um conto de fadas assim? O *The Stupid Older Woman*? Todas as mulheres mais velhas são estúpidas nos contos de fadas. Só as mulheres novas e bonitas são bem tratadas. Tess teorizava sobre se essa podia ser uma boa ideia para o novo livro de Suki quando Kitty apareceu com o seu casacão de lã vestido, uma bolsa de pelo roxa na mão e uma expressão de excitação na cara.

– Vamos comer *marshmallows*, não é? – perguntou Kitty pelo menos pela quinta vez nesse dia. Estes eram muito importantes. Kitty gostava de misturá-los com o chocolate quente, mergulhando-os com a colher até ficarem uma massa espessa cor de rosa e castanha para depois os sugar.

– Sim, *marshmallows* – concordou Tess simpaticamente, uma vez que, por mais perturbados que estivessem os seus pensamentos, não ia expô-los aos filhos.

– Fixe – rejubilou Kitty, feliz. – Achas que a Claire também tomará chocolate quente? O bebé deve gostar. – Apesar do horror que Tess sentira ao ter falado a Kitty acerca do bebé, ela ficou encantada e contou a novidade a toda a gente.

– É uma boa ideia – disse Tess calmamente. – O leite é bom para os bebés. Bebi muito quando estavas dentro da minha barriga.

Improvisou um sorriso. Doía-lhe muito sequer pensar naquilo, mas aquele bebé seria meio irmão, ou irmã, de Kitty.

O que a fez sentir-se malévola. Não era o género de pessoa para sentir raiva de uma criança

que ainda nem nascera, pois não?

E no entanto, de algum modo, sentia-se preocupada a um tal ponto que nem queria imaginar.

Reprimiu esse sentimento. Naquele dia, não se tratava dela, tratava-se de Kitty e Zach.

Recaía sobre os ombros de Tess a responsabilidade de assegurar que Kitty e Zach viam o bebé como algo de bom e não como uma criança que poderia receber mais amor do seu pai pelo facto de ele estar a viver com a mãe da criança.

Na internet leu imensa informação sobre famílias mistas e sobre receber novos irmãos ou irmãs numa mistura complexa. Estava determinada a não estragar tudo com azedume. Estava separada de Kevin. Não podia culpá-lo por ter arranjado alguém ou por ter um filho com outra pessoa. *Como* conseguiria agir assim era um outro problema.

Olhou para o relógio. Faltava um quarto para as cinco. Tinham de ir.

– Zach – gritou lá para cima. – Está na hora.

Zach, Kitty e Tess deviam encontrar-se com Kevin e Claire no bar do hotel às cinco.

Colocou o chapéu de malha branco na cabeça de Kitty.

– Já vou – resmungou Zach, descendo os degraus dois a dois.

As antiguidades eram mais fáceis do que pessoas e relações. Nunca faziam perguntas pessoais nem diziam «Não estás à espera que alguém pague cem euros por este velho pedaço de lixo?». Infelizmente, as antiguidades estavam difíceis de vender por aqueles dias.

Felizmente, Zach tinha voltado a falar com ela. Tess suspeitava que isso se devia à sua nova namorada, uma pequenina fada da sua turma que se chamava Pixie e fazia jus ao nome. Pixie tinha o cabelo escuro e curto, vestia roupa de rapaz e uma leve maquilhagem gótica e era bonita e muito simpática.

A cereja no topo do bolo era que os pais de Pixie eram divorciados e tinha dois conjuntos de novos irmãos, um de cada lado, coisa que achava perfeitamente normal.

Tess conseguia imaginar Pixie a dizer a Zach que a sua mãe devia estar a passar por uma situação muito difícil e que o facto de o pai ter uma namorada grávida não era culpa sua.

Tess queria ajoelhar-se e agradecer a Pixie pelo que quer que tivesse dito a Zach, pois ele tinha regressado à sua habitual doçura.

– Desculpa, tu sabes, pelo que tem acontecido, mãe – foi tudo o que ele dissera. – Tem sido muito duro.

Tess abraçou-o.

– Eu compreendo – afirmara ela. – Também tem sido duro para mim, meu amor.

Agora dirigia-se para a zona de luxo do bar do hotel, onde o chá da tarde era servido, e olhou em volta, sentindo um pequeno nó na garganta. O sítio estava movimentado e não conseguia vislumbrar Kevin. Se calhar, acobardara-se. Se calhar, ela devia ter-se acobardado.

– Mãe, olha o pai!

A pequena e quente mão de Kitty separou-se da da mãe e correu pela sala cheia de gente em direção ao pai. Ele estava sentado numa mesa de canto com uma rapariga que parecia nervosa e incrivelmente jovem. Muito magra, reparou Tess, e sem qualquer sinal de gravidez por baixo da camisola de lã cor de rosa com lantejoulas. Claire era bonita; aquela bela combinação de cabelo loiro, olhos azuis e uma pele que bronzeava com facilidade. Quando se levantou para

cumprimentar Kitty e Zach, que seguia à frente da mãe, Tess concluiu que Claire parecia um DJ de uma estação de rádio num festival.

Era fácil imaginá-la com as pernas bronzeadas, calções de ganga curtos e um chapéu largo na cabeça num qualquer festival.

Kevin estava sentado ao lado dela e abraçou a filha e depois Zach.

– Tess, estás aqui.

Tess sabia que avançava para a mesa, mas era como se o seu corpo tivesse ganho vontade própria. Toda a cena parecia um pouco irreal. Aquela rapariga seria a madrasta de Kitty e Zach.

«Sê forte», disse Tess para si. «Tens de ser adulta.»

– Olá, Claire – cumprimentou ela, com uma calma inabalável, e estendeu-lhe a mão. – Sou a Tess.

– Que bom conhecer-te – disse Claire, levantando-se e derrubando o seu copo de sumo. – Oh, merda. Desculpa!

Com a mão à frente da boca, por ter dito um palavrão diante de uma criança, Claire corou.

– Não há problema – sossegou-a Kitty, instalando-se ao lado de Claire e olhando com interesse para a sua camisola.

– A mãe passa a vida a dizer isso, não é, mãe? Já a ouvi – acrescentou Kitty em tom conspirativo – dizer aquela palavra começada por F.

Zach riu-se enquanto Tess não sabia se devia rir ou chorar.

– Kitty – admoestou –, porta-te bem.

Enquanto Kevin, também corado, tentava limpar o sumo, Tess sentou-se do outro lado da mesa. Era capaz de fazer aquilo.

– Então – começou claramente com um ar de professora a falar aos seus novos alunos –, agora que já conheces o Zach e a Kitty, fala-nos da gravidez. Deves estar muito entusiasmada.

Não era a atitude que tinha planeado, mas agora que ali estava parecia a única coisa a fazer. Direta ao assunto.

– Bem… não temos de falar disso agora – comentou Kevin, que corava ainda mais, embaraçado.

Tess olhou para o seu marido e sentiu-se terrivelmente aborrecida com ele. Era o responsável por aquilo – ela podia ter querido a separação, mas a namorada grávida era apenas da sua responsabilidade. O mínimo que ele poderia fazer em relação a toda a situação era agir de modo mais maduro.

– Kevin – disse ela –, vamos manter as coisas simples e sinceras. Já são suficientemente duras.

– Desculpa – interveio Claire bruscamente –, eu nunca quis que isto acontecesse. Não sabia, a sério… – Os seus bonitos olhos azuis encheram-se de lágrimas.

«As hormonas da gravidez», concluiu Tess.

– Tu não fizeste nada de errado – retorquiu Tess, enfatizando a palavra *tu*. Em relação a Kevin, já não tinha tanta certeza. Tinha ou não ela uma velha espada no fundo da sua loja? Podia trespassá-lo com ela um daqueles dias.

– Bebidas? – perguntou uma empregada que se aproximara de bandeja na mão.

– Sim, obrigada. Estamos todos com sede – disse Tess com clareza à empregada.

– Chocolate quente com *marshmallows* – pediu logo Kitty.

– Chá, para mim – escolheu Tess. – Não, pensando melhor, um copo de vinho tinto. – Iriam a pé para casa. Um bom copo de vinho podia ajudar.

– Para mim também – disse Kevin apressadamente.

– Querido – começou Claire, virando-se para ele com os seus grandes olhos. – Tu disseste…

– Traga-me antes uma água mineral – emendou Kevin.

– Ele não vai beber durante a gravidez. Nunca se sabe se alguma coisa corre mal e ele tem de me levar para o hospital e não pode beber e conduzir.

Tess assentiu com a cabeça, pensando no muito que teria para contar a Suki ao telefone à noite.

– Muito sensato – murmurou.

De certo modo, tudo correu bem. Kitty bebeu o seu chocolate quente sem mergulhar os *marshmallows*, ocupada que estava a discutir os bonecos dos *Sylvanian Families* e o seu amor por coisas cor de rosa com Claire, que também adorava coisas cor de rosa.

– Tenho muitas *Sylvanian*, não é, mãe?

– Eu também tinha – contou Claire. – A minha irmã mais nova ficou com elas, mas vou buscá-las para o meu bebé.

– O bebé pode ficar com algumas das minhas! – ofereceu Kitty. – Podes vê-las quando fores visitar-nos a nossa casa.

Tess concluiu que um segundo copo de vinho tinto ajudaria.

Até Zach estava descontraído, depois de algum tempo na companhia de Claire.

Ela era tão doce, e estranhamente inocente, que era impossível sentir qualquer animosidade para com ela. E porque haveria de sentir alguma animosidade, ponderou Tess, ao olhar para Kevin e Zach a falarem de futebol, enquanto Claire entretinha Kitty falando-lhe das bandas de que gostava. Claire, de facto, não tinha feito nada de errado.

No final, Kevin pagou e Claire abraçou toda a gente, incluindo Tess.

– Foste tão compreensiva comigo – disse, parecendo que começaria novamente a chorar.

Assim de perto, a pele de Claire era tão clara e lisa e cheirava a um perfume doce e floral. Ao lado dela, Tess sentiu que tinha noventa anos.

– Os filhos têm o condão de resolver tudo – concluiu Tess.

E era verdade. Uma nova pessoa estava a chegar a este mundo e tinha uma ligação consigo e com os seus filhos. Faria o que estava certo. Tess Power era assim.

Uns dias depois, já não se sentia tão bem impressionada com Claire. Kitty não parara de falar dela e Zach estava sempre a dizer que ela era «muito fixe», o que era de facto um grande elogio.

Família, pensou Tess, determinada a fazer o que estava certo, tinha de criar uma nova

família: uma família mista, uma vez que seria nisso que se tornariam quando Claire tivesse o bebé. Que bizarro era ter uma família assim. Até àquele momento, só tinha lido umas coisas sobre o assunto em revistas. A revista preferida de Tess tinha um psicólogo a responder a perguntas; lembrava-se bem da carta de uma mulher que recusava a ideia de ter os seus queridos filhos a passar tempo com a nova mulher do seu marido, ou melhor, a nova mulher do seu ex-marido. Agora era a vez dela. Não sonhava, naquela altura, vir a encontrar-se numa situação daquelas e por isso lera a carta e o aconselhamento de uma forma calma e desapaixonada. Nunca descarregar nos filhos, eles deviam ser autorizados a ver os dois pais, sem azedume, sem rancor – essa seria a perspetiva da velha Tess sobre tudo aquilo.

Mas agora era ela a viver a situação, tudo era diferente. Embora, por um lado, tivesse gostado de Claire, imaginá-la a passar fins de semana com Kitty era como ter uma bala a explodir dentro do estômago. Aquele tipo de bala que nos deixa a sangrar devagar no interior, até à morte.

Kitty adorava Claire e estava muito excitada com a ideia do nascimento do bebé.

– Mãe, tens de fazer coisas para o bebé, é mesmo importante. A Claire não sabe costurar, não sabe fazer casacos e coisas para bebés. Tu sabes, aquelas coisas que agora coloco nas minhas bonecas. Por favor, diz que farás algumas coisas. Sei que andas ocupada, mas podíamos tratar da lã juntas. A Claire disse-me ao telefone que o amarelo e o branco estariam bem, pois não sabemos se nascerá um rapaz ou uma rapariga.

Tess era daquelas pessoas que não conseguia estar quieta: estava sempre a fazer alguma coisa, mesmo em frente ao televisor. Zach costumava dizer, a gozar, que a sua casa era a única sem meias rotas. Ajeitava-se na tapeçaria, e até tinham algumas almofadas em tapeçaria, mas costurar era um amor antigo. Era verdade que as bonecas de Kitty tinham um guarda-roupa cheio de bonitas pequenas peças, feitas com amor por Tess quando Kitty tinha ainda o tamanho de um pequeno feijão dentro do seu ventre.

– Caramba – disse Tess, sentindo a dor da bala dentro dela –, estou muito ocupada agora. Achas que a avó Helen poderia fazer isso, ou mesmo a mãe da Claire?

Outra avó. Tess tinha esquecido por completo todo o conceito da família de Claire e o facto de que, com ela, viriam os seus pais. Kitty teria uma espécie de nova avó.

Era como um labirinto: complexo e sem fim.

– És muito inteligente, mãe! – exclamou Kitty, encantada.

Kitty era tão cheia de amor, sempre a revelar o primeiro pensamento que lhe passava pela cabeça. Era do signo Leão, como o pai, e nenhum deles tinha segredos. Kevin nunca fora capaz de mentir para se safar, uma qualidade que Tess sempre achara admirável. Zach era mais ou menos igual: conseguia adivinhar sempre o que ele estava a pensar só de olhar para o seu rosto.

Ela era do signo Peixes: opaca, como Suki costumava dizer.

– Nunca ninguém sabe o que estás a pensar, mana.

Naquele momento, Tess estava contente por ter essa qualidade. Não queria que a sua querida Kitty soubesse o que ela estava a pensar: era tão horrível e amargo, Tess sentiu vergonha de si própria. Que género de carta escreveria ao psicólogo da revista? *Tenho quase quarenta e dois anos, a namorada do meu ex-marido está grávida e os meus dois filhos estão encantados com*

isso. Ah, sim, e estou falida e mais falida ficarei quando o meu ex-marido e a sua namorada procurarem uma casa para viver.

«O dinheiro», pensou Tess: ia sempre tudo ter ao dinheiro. Por mais contas que fizesse, o seu cada vez mais reduzido rendimento e o que quer que Kevin lhe desse de pensão de alimentos nunca chegariam para pagar as contas.

Já ninguém tinha dinheiro para gastar em ninharias antigas. Manter a loja aberta durante o inverno, quando não havia turistas por perto, era simplesmente inviável. As poucas viagens que fizera a vendas de execuções e a casas de leilões não tinham rendido nada que dissesse «Vaso *Ming* – fortemente subvalorizado». Pelo contrário, tinha o triste sentido das pessoas a vender as suas coisas valiosas para pagarem as contas e comprarem comida.

Estava a começar a pensar se não valeria mais vender a casa em Avalon e mudar-se para outro sítio mais pequeno. Não era algo que desejasse fazer, mas podia não ter outra opção.

– Não podes mudar-te – afirmara Suki ao telefone nessa noite. – Tu adoras esse sítio. É especial.

– O banco não se importa que seja especial – respondeu Tess, com tristeza.

Na manhã seguinte, Suki sentou-se na cama com um sobressalto. Não sabia bem o que a despertara, mas estava bem acordada. Um olhar para o relógio mostrou-lhe que eram sete e meia da manhã. Sete e meia e continuava escuro. Saiu da cama devagar, para não acordar Mick, que estava mesmo ao seu lado. «Devia pagar uma renda», pensou ela; ele ficava lá muitas vezes. Não que ela o convidasse, ele limitava-se a aparecer e depois era demasiado tarde para ir para casa, após umas quantas cervejas. O acordo já não lhe servia. Ela sentia-se usada por Mick. A ideia dele de contribuir para as contas da casa servia apenas para pagar alguns *takeaways* por semana e comprar cerveja. Nunca comprara vinho ou algo que ela gostasse de beber. Bolas, como lhe diria isso? Outrora, não teria tido qualquer problema em ver-se livre de um tipo. A velha Suki juntaria simplesmente as suas coisas, atirava-lhas à cara e dizia «Sai». Mas a nova Suki, a nova Suki mais velha e cansada, não tinha energia para a luta.

Desceu as escadas cuidadosamente. O aquecimento ligara-se, por isso pelo menos não estava a congelar. Previam-se tempestades de neve, mas ainda não haviam chegado. Suki não tinha qualquer gosto num Natal nevado ou em qualquer coisa nevada. Não gostava de neve, fazia-a sentir-se presa.

Depois de preparar uma chávena de café, acendeu um cigarro e sentou-se na mesa da cozinha. Tinha de trabalhar no livro, mas sentia-se muito cansada. Talvez devesse voltar para a cama, acender a luz da mesa de cabeceira e ler. Tinha tanto trabalho de pesquisa para fazer.

Voltou novamente para cima, entrou calmamente na cama, acendeu outro cigarro, sorveu o café e pôs-se confortável. Era, de qualquer forma, uma bela maneira de começar o dia. Mick mexeu-se, talvez por causa do cheiro a tabaco. Ela olhou para ele, um braço musculado e tatuado por baixo dos cobertores procurou o dela, como procurando-a no seu sono. E, nesse momento, prendeu-se a uma memória do passado, um momento do tempo em que estava com Jethro, perto do fim. E, embora estivesse agora na sua cama quente, arrepiou-se.

Na casa de banho maravilhosamente iluminada da grande suíte do hotel em Memphis, Suki olhou-se, ensonada, ao espelho. A maquilhagem da noite anterior estava esborratada. Nessa altura nunca a tirava – para quê preocupar-se? Era mais fácil limpar o excesso na manhã seguinte, pôr um pouco mais e ficar pronta para o novo dia. O seu cabelo estava mais curto do que quando conhecera Jethro: mais curto e mais loiro. Tinha um ar jovem.

Examinou-se de perto ao espelho. Sim, definitivamente jovem. Aquelas coisas que lhe avolumavam as faces tinham resultado. Estava atraente, definitivamente, *e* magra; quem precisava de comida quando se podia ter todas as drogas imagináveis? Ultimamente, o estômago dava-lhe problemas. Sentia-se sempre como se quisesse desistir, tudo era bílis e ácido dentro dela. Não conseguia mesmo suportar o álcool e as drogas. Na noite anterior, só Jack a conseguira fazer beber aquele *Jack Daniels* com *Coca-Cola*, enfiando-os praticamente pela garganta abaixo. Sentiu-se novamente mal. Alguma outra coisa poderia atenuar o que sentia? Umas linhas de coca, um *Bloody Mary*… qualquer coisa.

Ou chá. Riu-se de si, ao espelho, apenas com umas cuecas de seda pretas vestidas. De repente, uma chávena de chá pareceu-lhe uma coisa maravilhosa. Como o chá que a mãe de Cashel costumava fazer, com alguns scones. Ena, isso seria fantástico. Suki pensou se podia chamar o serviço de quartos. Sim, podia, ainda que fosse de madrugada. Para que mais servia o serviço de quartos?

Olhou para o enorme relógio que trazia: de ouro, com diamantes incrustados. Jethro tinha-lho oferecido. Era muito vistoso, não o género de coisas que geralmente gostava de usar, mas, agora era uma miúda vistosa do *rock*. Voltou ao quarto e viu Jethro deitado na enorme cama, esparramado como uma estrela-do-mar, como sempre dormia.

– Ocupas a porcaria da cama toda – costumava ela dizer-lhe.

– Pois, o melhor é comprares a tua própria cama – dizia ele.

E então viu a rapariga: um grande cabelo castanho emaranhado e umas costas nuas, lindas e bronzeadas. Um dos braços de Jethro repousava sobre as costas, e ele devia estar quase a acordar, pois a sua mão começou a deslizar para cima e para baixo na pela sedosa da rapariga. Suki ficou estática à porta da casa de banho. Não se lembrava de nenhuma rapariga. Lembrava-se… sim, tinha ido para a cama mais cedo sozinha e ouviu Jethro a entrar, mas estava tão cansada que pôs uma almofada à volta da cabeça. Ele não a acordou, como era costume depois de um concerto, quando chegava todo animado e a precisar de sexo, para se lembrar que era um deus do *rock*.

– Então, querida – disse ele finalmente, sentando-se na grande cama. Só que não estava a falar com Suki, estava a falar com a misteriosa morena. Ela virou-se para ele. Era tão bonita e jovem. Suki sentiu-se como se os saltos dos seus *Manolos* se estivessem a espetar no coração.

– Bom dia, querido – disse a rapariga, chegando-se a Jethro. Ele afagou-lhe o seio e gemeu com gosto.

– Não, querido – disse a rapariga –, permite-me – e deslizou para debaixo dos lençóis enquanto Jethro se virava, gemendo.

Suki não conseguia aguentar aquilo: ele trouxera outra mulher para a sua cama.

Tinha ouvido rumores de que havia outras mulheres naquela *tournée*.

– Jethro não é o género de homem que permaneça fiel por muito tempo – dissera-lhe Leona, uma das assistentes. Suki não lhe dera ouvidos. Ela era tudo o que Jethro queria. Tudo bem, não era uma miúda de vinte e quatro anos, mas era famosa por si, inteligente, intensa, apaixonada. Ela era *alguém*, e era isso que ele queria, não uma cabra artificial com grandes seios e longas pernas.

Nessa altura, Jethro abriu bem os olhos e viu que ela estava ali. O seu rosto, aquele rosto famoso que enfeitava milhões de capas de discos e de cartazes, abriu-se num grande sorriso.

– Ei, Suki, querida, onde foste? Anda, junta-te a nós! Tenho uma pequena surpresa.

– Juntar-me a vocês? – perguntou ela, sentindo uma inacreditável dor de cabeça a invadir-lhe as têmporas. – O que estás a fazer com essa mulher na nossa cama?

– Ah, vá lá, querida, não fiques assim comigo. Vai ser divertido, vais gostar.

– Não vou gostar. Não entro nessa merda – tentou dizer-lhe.

Mas Jethro não estava a ouvir, estava perdido na terra da fantasia erótica.

Suki virou-se e correu de volta para a casa de banho, batendo com a porta e fechando-se. Pôs-se debaixo do chuveiro, lavando-se. Estava certa de que tinha alguns tranquilizantes na bolsa de *toilette*; se não, Jethro teria algo na dele. Nunca muitos, ele nunca levava muitos, tinha quem fizesse isso por ele na estrada para o caso de ser parado e alguém lhe revistar as coisas. Isso não podia acontecer. A *tournée* tinha tudo a ver com dinheiro e Jethro era a máquina do dinheiro. Alguém assumiria o risco de transportar as suas drogas e seria bem recompensado por isso. Era assim que faziam as estrelas do *rock*.

Encontrou os tranquilizantes e engoliu dois. Não havia nada na bolsa de Jethro além dos restos de um saco de coca vazio. Enrolada na toalha, saiu da casa de banho, tentando não olhar para a cama nem ouvir os gemidos. A suíte tinha um quarto de vestir separado e ela agarrou nalgumas roupas. Depois, com o cabelo molhado e arrastando o esqueleto, saiu, tomou o elevador e desceu ao décimo quinto andar, o piso do bar, onde havia pequeno-almoço durante toda a manhã. Ninguém da equipa da *tournée* lá estava, exceto o *manager*: um magricelas astuto chamado Nico.

– Olá, Suki, o que se passa? – perguntou ele.

Nico gostava de Suki, gostava do facto de Jethro estar apenas com uma mulher. Era bom para a banda. Tinha havido algumas vezes em que surgiam raparigas de idades duvidosas, miúdas de dezasseis anos que pareciam ter vinte e cinco, e era difícil lidar com isso. Mas agora Jethro estava com Suki, era bom. Ela parecia mantê-lo no bom caminho. Bom, pelo menos tanto quanto seria possível com Jethro, dadas as grandes quantidades de álcool e drogas que consumia.

Mas Suki não estava com bom ar naquele dia. Sem o cabelo arranjado e as pinturas de guerra adequadas, parecia ter a idade que realmente tinha. Definitivamente, quarenta e qualquer coisa, apesar de todo o botox e das plásticas.

– Olá, Nico – disse Suki, pegando num copo de água que bebeu de um trago.

– Levantaste-te cedo – surpreendeu-se Nico. – Queres sentar-te aqui comigo?

Suki olhou para ele, pensando se lhe podia contar. Ela e Nico davam-se bem. Além de que ele sabia que ela não era o género de pessoa que deixasse Jethro para ir vender a sua história aos tabloides, como outras raparigas haviam tentado fazer.

Sentou-se na cadeira em frente a ele.

– Café? – perguntou uma empregada.

– Sim, muito, e forte, por favor – rosnou Suki. E começou a acender um cigarro.

– Receio que aqui não possas fumar – avisou Nico.

– Ah, merda – disse Suki. Colocou um par de pacotes de açúcar no café.

– Pareces cansada – comentou Nico.

– Jethro está com outra mulher na nossa cama – disse bruscamente, sentindo-se estúpida a seguir. Não devia ter dito nada. Agora pareceria uma triste derrotada incapaz de manter o seu homem.

– Ah! – Nico despejou um pouco mais de café na chávena. – Isso é o que tende a acontecer com Jethro. Gostava de te ter dito… mas, sabes, muitas vezes as pessoas não gostam que lhes digam essas coisas. Têm de descobrir por si próprias – concluiu Nico delicadamente. – As coisas são assim. Conheço-o há vinte anos e esse é o padrão, Suki. Podes ficar ou partir, mas, se ficares, tens de viver com isso.

– Mas ele nunca o fez antes, pelo menos a mim. Quer dizer, porquê agora? – lamentou-se ela. – Nós estamos tão felizes, é tudo ótimo.

– Ele aborrece-se.

– E ele às vezes gosta… de raparigas mais novas. Não de adolescentes, mas das que têm vinte e poucos anos: essas fazem tudo para poder dizer que foram para a cama com Jethro.

O pior era a expressão «mais novas».

– Mulheres mais novas – suspirou. – Eu pensei que era suficiente para ele.

– Nada nem ninguém é suficiente para Jethro – disse ele. – Se queres ficar na *tournée*, tens de te lembrar disto. Ele quer tudo.

Uma hora depois, voltou à suíte, entrou devagar e foi para o quarto. Jethro estava deitado na cama, com um ar satisfeito, a fumar um charuto. Ela odiava o cheiro do fumo do charuto. Ele não fumava muito, mas, quando fumava, isso significava que estava particularmente bem-disposto. E naquele dia não fora ela que o pusera bem-disposto.

– Jethro – disse ela, determinada a manter a calma –, precisamos de conversar.

– Sobre o quê, querida? – perguntou ele com um brilho perigoso nos olhos.

– Sobre o facto de estares na nossa cama com outra mulher. Não consigo viver com isso – declarou Suki. Sentia-se a ficar mais forte a cada palavra. – É simplesmente inaceitável, Jethro. Nós temos uma ótima relação; não podemos estragá-la com outra mulher. E isso foi desrespeitoso para mim, trazê-la para a nossa cama.

– Querida – disse ele, e agora a sua voz tinha aquele timbre grave que a havia atraído logo quando se conheceram –, esta não é a *nossa* cama, é a *minha* cama. Eu deixo-te cá dormir.

Quem eu quero cá trazer é da minha conta. Se não gostas, podes ir embora. O Stas diz que até gostava de dar umas voltas contigo.

Suki olhou para ele, horrorizada. Stas era o guitarrista da banda. Ela considerava-o um amigo, mas, por mais que gostasse dele, não fantasiava com ele nem um pouco. Stas brincava sempre dizendo que se não estivesse nos TradeWind ainda seria virgem.

Deitou-lhe um olhar de horror.

– O que queres dizer, passo para o Stas? Depois de tudo por que passámos? Depois deste tempo todo, depois destes anos todos?

Jethro olhou para ela, desinteressado.

– Estou farto, querida – retorquiu. – Por isso, ou aceitas o que te estou a oferecer... ou sai.

Suki tentou reunir todo o sentido de dignidade que tinha. Olhou para o homem estendido na cama, para o rosto e o corpo que tanta gente desejava, e percebeu que tinha acabado. Não podia ficar com ele se ele trouxesse outras mulheres para a sua cama.

O efeito do tranquilizante permitiu-lhe não desatar a chorar.

– Muito bem, Jethro, se é assim que queres, tudo bem. Adeus. – Dirigiu-se para o quarto de vestir e começou a arrumar as malas, ainda com uma ligeira esperança que ele dissesse *Não, querida, não quis dizer isso, ficaria perdido sem ti. Nenhuma destas miúdas de vinte e quatro anos fala comigo pela noite fora. Elas não são como tu – superbrilhantes, inteligentes, engraçadas…*

Mas ele não disse nada.

Quando juntou tudo, levou as coisas para o átrio. Eram dez malas ao todo. Tudo o que acumulara durante o tempo em que estivera com ele. Por fim, tirou o enorme relógio. Era uma das poucas coisas que ele lhe tinha comprado que era realmente valiosa e atirou-lho para cima da cama.

– Fica com ele, para ofereceres à tua próxima miúda – ironizou ela.

E depois saiu de cabeça erguida.

Suki saiu da cama e foi lá abaixo preparar mais uma chávena de café. Depois, sentou-se lá fora, no alpendre, embrulhada num cobertor, e pensou na vidente do parque de caravanas.

Viciada em homens poderosos, dissera ela.

Suki tirou um cigarro e acendeu-o. A mulher estava certa. Suki estivera sempre à espera que chegasse um tipo que pusesse tudo em ordem – e continuava à espera. Mesmo sem qualquer esperança em Mick, rezava para que ele arranjasse um trabalho decente e que a apoiasse. Era de mais para os seus princípios feministas. Podia ter grandes ideias, mas não as aplicava a si própria. Pelo contrário, saltara de homem para homem durante toda a sua vida. E isso tinha de mudar.

18

Mara estava a inserir Danae na vida social de Avalon como se a sua própria vida dependesse disso.

Numa primeira tentativa, havia a reunião municipal para discutir os esforços de última hora para salvar o Natal, com os lojistas aflitos por causa da recessão. Realizava-se na Câmara Municipal e, na sua qualidade de primeira dama, Belle assumiu a sua condução.

Na agenda havia um conjunto de noites de compras temáticas. Vinho quente com açúcar e petiscos e um coro cantando canções tinha funcionado na perfeição no Natal anterior. Nesse ano, tinha havido resistência à ideia, sobretudo por parte de Dessie, que temeu que as suas vendas fossem prejudicadas se a bebida fosse oferecida gratuitamente.

– Não gerimos hotéis sofisticados, não fazemos fortuna – protestou Dessie, lamuriando-se. – Não consigo certamente mais do que pagar as despesas. Não tenho dinheiro para este embelezamento natalício. Tenho uma decoração antiga e isso tem de chegar. Não largo um tostão para pagar mais fitas ou outras coisas malucas.

Outros disseram que, com as vendas em baixo, não poderiam contribuir. Enfim, com os lojistas de fora, parecia não haver solução.

Danae, que não estava com grande disposição nessa noite e que não tinha razões para se envolver, mostrou-se relutante, mas Mara insistiu que fosse à reunião.

– Nós fazemos parte desta vila – argumentou ela – e vamos.

Danae estava completamente surpreendida por perceber que começava a gostar de sair. Não vacilou quando levantou a mão para dizer que doaria dinheiro para vinho e especiarias.

– Obrigada, Danae – agradeceu Belle, que pensava em formas de atacar a posição de Dessie. – Pelo menos, *algumas* pessoas entendem o conceito de comunidade.

– O Dessie não é o pior, Belle – disse Danae. – Ele não vê o conjunto, pelo menos não da mesma forma que tu. Isto é uma ótima ideia para a vila, tu és uma grande organizadora.

Belle ficou mais calma.

Depois da reunião, viu-se sentada no café, com um café e um scone, cercada por pessoas com quem se tinha cruzado durante anos, mas que nunca havia realmente conhecido. Mara estava lá no meio, a conversar.

– … Bem, para ela é diferente porque a Brenda *trabalha*! – disse alguém e toda gente largou numa gargalhada.

«Uma piada que só eles entendem», pensou Danae. A vida era toda feita desse género de piadas e entrava-se ou não no jogo. Ela tinha estado sempre fora, de uma forma ou de outra. Mas estava determinada a entrar nele no futuro.

Percebendo que Danae não entendera a piada, Lorena, do café, explicou-a.

– É uma coisa que o marido da Margaret uma vez disse. Segundo ele, não se podia esperar

que a Brenda fizesse coisas normais porque trabalhava. Como se nós não trabalhássemos.

– Digam-me, a Brenda é gira? – perguntou Mara com perspicácia. Danae admirava a sobrinha por estar tão integrada.

– Meu Deus, sim! É fabulosa.

– Só podia ser, tem tempo e dinheiro para arranjar o cabelo!

Tess tinha ido à reunião, mas sentia-se uma intrusa. Dentro em breve já nem teria a loja. Não valia a pena iludir-se: a Something Old estava à beira da falência. Em todo o caso, deu consigo arrastada na grande leva para o café. Nessa noite, Danae, da estação dos correios, e uma série de outras mulheres da zona, incluindo a querida Mara, conversavam animadamente numa mesa junto à porta. Tess passou por elas e pediu um chá e um scone.

Tinha alguns catálogos de casas de leilões na mala, mas não estava com disposição para lê-los. Para quê? Estava quase falida. Só a ideia de que teria de manter a loja e a família até passar o Natal a fazia continuar. O Natal era a última barreira. Por eles, manteria a loja aberta por mais umas semanas. Depois, no novo ano, poderia considerar as várias opções e tomar decisões.

Comeu o scone, bebeu o chá e deu com os olhos a perscrutar de novo. Era estranho como Danae parecia estar em todo o lado, agora que tinha ultrapassado a barreira da cordialidade que condiciona tantas relações. Anos a dizer olá e a acenar com a cabeça, e de repente eram amigas, e ali estava Danae, a encher o espaço.

Como se sentisse que alguém a observava, Danae levantou a cabeça. Sorriu assim que viu Tess.

– Não estava a evitar-te – explicou Tess quando Danae se sentou ao pé dela.

– Eu entendo – respondeu Danae. – Às vezes é bom estarmos sozinhas, não é?

Tess assentiu com a cabeça. Se falasse com aquela mulher amorosa começaria a chorar.

Como se tivesse percebido como Tess se sentia, Danae levantou-se de novo.

– É melhor levar a menina Mara para casa – comentou. – Ambas temos de trabalhar amanhã de manhã e ela ficaria aqui toda a noite se eu a deixasse. Vai ter connosco sempre que estiveres com vontade de conversar – acrescentou Danae, sentindo-se audaciosa. Gostava daquele novo sentimento de sair e encontrar pessoas.

Tess voltou a enterrar a cabeça no scone, tocada pela simpatia de Danae. Não ia chorar, não ali. Não choraria por causa do colapso do seu negócio, pelo facto de o seu marido ter arranjado um novo amor, nem pelo facto de o primeiro homem que amara ter regressado à cidade no mês anterior e não a ter tentado encontrar, nem que fosse uma vez.

Danae era amorosa, mas não tinha marido nem filhos que lhe causassem ansiedade. Vivia completamente satisfeita a maior parte do tempo; como poderia ela compreender a dor de Tess?

Mara descobriu que adorava o mês de dezembro em Avalon, ainda que o chão estivesse

coberto de geada e que Freddie, o construtor, resmungasse que faltava muito até Avalon House estar pronta, com a geada, a chuva e a perspetiva de neve. Ela adorava. Havia uma pureza no ar junto ao mar e, quando se estava perto da casa, com o círculo protetor das árvores de Avalon a toda a volta, podia-se ver lá em baixo a curva da baía, com a areia dourada e a água com as ondas a bater sob o vento forte.

A sua casa em Galway era mesmo junto ao mar – o Atlântico, essa grande força da natureza –, mas nunca sentira nada parecido com o que sentia naquele momento. Em Galway, vivia num bloco de apartamentos, de certa forma afastada da natureza. Ali, estava no meio dela.

O seu carro não tinha sido feito para fazer aquela subida escorregadia até Avalon House no período frio, por isso optara por deixá-lo ao pé da casa de Danae e pôr-se a caminho a pé, avenida acima, com as suas botas de motociclista, para se encontrar com os arquitetos e os decoradores.

Era divertido trabalhar para Cashel – maníaco, mas divertido. Ele exigia o melhor e podia pagar o que fosse necessário, o que significava que geralmente conseguia o melhor. Claro que aquelas pessoas, brilhantes nas suas áreas, tinham pontos de vista muito fortes. Desde o primeiro dia, Lorcan, o arquiteto, e Freddie, o construtor, discutiam acerca do projeto. O decorador e a sua equipa ficavam fora disso, sensatamente, e assim fazia Mara.

– O melhor é serem eles a discutir entre eles – disse a Danae à noite, confortável na bela moradia no fim de Willow Street. – Ele só escolheu homens. Não é interessante? À parte Judy, a jardineira, eu sou a única mulher na equipa.

– Ele escolheu-te por seres competente – assegurou Danae. – Essa é simplesmente a resposta.

– Sim, bem, competente e sensível – acrescentou Mara – e mantenho-me fora das discussões. Bem podem discutir entre eles que é sempre Cashel que chega e decide como fazer, não eu. Afinal, não vou morar ali. Embora gostasse – concluiu, pensativa.

A casa ficaria linda quando estivesse acabada. Já era linda, mesmo naquele estado bruto, sem condições para se viver e mal-amada.

– Imagine-se o que deve ter sido viver ali há trezentos anos – disse ela, pensando alto. – Deve ter sido algo do género Jane Austen, tudo vestidos bonitos e bailes…

– Sim – Danae acabou a frase por ela – e os arrendatários vivendo apenas de batatas.

– Não dês cabo do meu mundo de fantasia – pediu Mara. – Tudo bem, não temos de ir lá tão atrás. Vou perguntar à Tess – disse Mara.

No dia seguinte, cumprindo a sua palavra, foi à Something Old e perguntou.

Por um momento, Tess não respondeu, limitou-se a expirar devagar.

– Eu vivi ali há muito tempo – disse finalmente. – E… prefiro não falar disso. Desculpa.

Outra pessoa deixaria as coisas assim, mas não Mara. Acabada de ter sucesso em fazer a sua tia abrir-se acerca do passado, Mara decidiu insistir. Recusava-se a deixar Tess esconder-se por detrás da fachada de não querer falar no assunto. Reprimir as coisas nunca ajudara, por isso insistiu, pediu mais e mais informações, até que Tess finalmente cedeu.

– Tudo bem, eu conto-te. O que queres saber? – perguntou-lhe.

– Bem, primeiro podes ser-me útil contando-me como era nos velhos tempos. Não temos

muitas imagens para seguir, além de um par delas no interior que Lorcan identificou, e seria fantástico ter alguém a trabalhar connosco que soubesse como as coisas realmente se passavam quando a casa era amada e habitada. Ajudaria muito Cashel, na verdade.

O riso de Tess foi um pouco áspero.

– Mara, um aviso: ninguém pode saber de onde vieram as informações que te der. Compreendido?

– Sim, palavra de escuteira – prometeu Mara.

– Foste escuteira? – perguntou Tess, desconfiada.

– Não – respondeu Mara. – Mas consigo acender uma fogueira esfregando um escuteiro no outro.

Tess não se riu.

– Não, a sério – insistiu –, não podes contar a ninguém, particularmente a Cashel. Nós não nos damos bem. Ele ficaria muito aborrecido se soubesse que me pediste conselhos acerca da casa. Está compreendido?

– Completamente – disse Mara. – É tão misterioso que tu e Cashel não se deem bem. Nunca te ouvi falar dele, e certamente não o vês desde que ele partiu, por isso todo esse problema é do passado.

– Por vezes – retorquiu Tess – é melhor deixar o passado no passado. Agora, vou falar-te da casa, mas não penses que vais esmiuçar o meu relacionamento com Cashel Reilly. Certo? Além disso, não faço ideia se ainda nos daríamos, uma vez que não o vejo há muito tempo.

Mara sabia que havia ali uma história e estava determinada a conhecê-la a fundo.

Não faria sentido perguntar a Cashel: era demasiado astuto, mesmo para as suas melhores artimanhas. E Danae não podia ajudar.

– Não sei, realmente – dissera ela. – Deve ter sido antes do meu tempo.

Belle, no entanto, era muito mais próxima. Belle, Danae e Mara estavam uma noite a jantar na cervejaria do hotel e Mara puxou o assunto.

– O que se passou exatamente entre Cashel e Tess Power? Há qualquer coisa, consigo sente-lo.

– Ah, bem – hesitou Belle –, há uma longa história.

– Como sabes tudo isso? – perguntou Danae. – Quero dizer, tu vieste para aqui ao mesmo tempo que eu.

Mara e Belle olharam uma para a outra, divertidas.

– És uma tonta, Danae, sabes? – disse Belle com doçura. – A diferença entre nós é que *eu pergunto*. Tenho de saber o que se passa. Quando diriges um hotel, isso é muito importante. Quero dizer, preciso de saber quem se chateia com quem, que famílias estão zangadas, de modo a que quando vierem jantar eu não as sente perto umas das outras. A última coisa que quero é clientes a pegar na espada e a iniciar duelos! Quando diriges um negócio formal, tens de ser muito cuidadosa. Quando as pessoas bebem, são capazes de decidir que é tempo de soltar ressentimentos antigos.

Mara acariciou a sua tia afetuosamente.

– Perdeste o gene da mexeriquice. Ao contrário de mim e de Belle.

– Eu não tenho o gene da mexeriquice – protestou Belle, orgulhosa. – Eu tenho a mãe de todos os genes da mexeriquice. – E começou a explicar tudo o que sabia acerca de Tess e Cashel. – É tudo um pouco misterioso, e ninguém sabe exatamente tudo o que se passou, mas as coisas, durante algum tempo, pareciam muito sérias entre Tess e Cashel. Então, de repente, um minuto depois de ficarem noivos acabou tudo.

Mara recordou a forma como Cashel olhara para ela com os olhos semicerrados, a testa franzida, mal ela mencionara que tinha trabalhado na Something Old.

– A loja de Tess Power? – perguntara ele.

Pela primeira vez, Mara tinha tido a sensação do que devia acontecer a um subordinado que desagradasse a Cashel Reilly fazendo algo terrivelmente errado. Ela não fizera nada errado e ficara com medo dele.

– Sim, trabalho para ela de vez em quando. Uma mulher adorável, muito bonita – comentara Mara inocentemente. – E anda triste porque se separou do marido. Acho que se sente só, sabe…

– Podemos parar de falar disto e prosseguir com o trabalho? – dissera Cashel, ríspido.

Portanto, não seria inteiramente verdade se ela dissesse a Tess que Cashel tinha evidenciado um interesse especial em visitar a Something Old. Por outro lado, ele também *não* dissera que não queria visitar a loja. A via do amor nunca fora fácil.

Por um segundo, Mara pensou no que diria Cici se estivesse ali.

– Estás a meter-te onde não és chamada, sua louca – diria Cici.

Mara não achava que fosse uma intromissão. Parecia-lhe errado deixar andar e não fazer nada enquanto duas pessoas que se amaram tinham vidas separadas, tristes e sozinhas, especialmente quando era óbvio que ficavam tão perfeitas juntas. Desejou ter uma varinha mágica que consertasse todos os romances estragados do passado. Mas então, se ela tivesse uma varinha, poderia ter consertado o seu.

Ultimamente, Danae dera consigo a mudar. Começou a falar com as pessoas que entravam no posto dos correios; como o padre nigeriano, que entrava a tremer de frio apesar de ser um tipo robusto e musculado. O padre Olumbuko era um recém-chegado, e era uma alegria. Falava inglês como se fosse formado em Oxford e tinha um rosto simpatiquíssimo. Rapidamente se tornou claro para Danae que ele compreendia as pessoas e sentia um grande afeto por elas. O anterior sacerdote preferia mostrar-se moralmente superior em todas as ocasiões. Do que podia ver, o padre Olumbuko parecia partilhar a sua visão de que, lá em cima, no plano moralmente superior, não havia oxigénio suficiente para as pessoas sensíveis.

Dera a benção a um jovem casal, que fizera a cerimónia no registo civil, por causa de um processo antigo e desafortunado de casamento e divórcio. Danae não devia saber disso, mas sabia.

O padre Olumbuko não devia saber que ela sabia, mas sabia.

– Você é os olhos de Avalon – disse a Danae, quando fora ao posto dos correios comprar selos para os seus postais de Natal.

– Tal como o senhor, padre. – Danae sorriu-lhe por detrás do guiché.

– Mas há muito a aprender por aqui – continuou ele. – O padre Liam é um homem ocupado.

O padre Liam controlava uma enorme paróquia, dividindo recursos por quatro igrejas decrépitas.

– Temos tantas áreas de preocupação pastoral – continuou o padre Olumbuko.

Tinha uns olhos muito quentes, pensou Danae: como luzes grandes e inteligentes naquele rosto aberto.

– O desemprego entre os homens da zona subiu – disse Danae, convicta, de que, há pouco mais de mês, não se atreveria sequer a dar uma opinião. – As mulheres são melhores a enfrentar esse género de problemas do que os homens. Li algures que podia ser uma ótima ideia os homens reformados ou desempregados trabalharem em pequenas parcelas de terra. Sentem-se melhor quando estão a fazer alguma coisa.

Os olhos do padre Olumbuko acenderam-se ainda mais. Ele era um pensador, Danae conseguia percebê-lo. Uma vez pronunciada, uma ideia não desaparecia daquela mente inteligente até encontrar uma solução.

– Estes meses de inverno não são bons para jardinar neste país – comentou ele com um pequeno arrepio. – Mas talvez possamos trabalhar nas áreas comuns da vila antes de avançarmos para as parcelas de terra.

– O terreno em volta da grande cruz está um pouco abandonado neste momento – concordou Danae. – Não há dinheiro no erário público para flores, mas podíamos plantar bolbos para o ano novo.

– Açafrão e campânulas brancas – sugeriu o padre Olumbuko, sonhador.

– Maravilhoso – concordou Danae.

Nunca tinha tido uma conversa como aquela com o padre Liam, cuja mente estava ocupada com planos mais cerebrais, sem se preocupar com as finanças da paróquia. Oferecia-se-lhe um copo de xerez e o padre Liam podia passar horas a discorrer sobre anjos a dançar.

O padre Olumbuko fixou de repente os olhos nos dela.

– Porque não está na nossa comissão pastoral, Mistress Rahill?

– Eu não sou sociável – respondeu Danae simplesmente. Ela usara aquela frase muitas vezes nos últimos dezoito anos. Mantinha as pessoas à distância, ao mesmo tempo que não dizia nada sobre ela. Mas, afinal, talvez fosse tempo de se tornar sociável. Talvez no novo ano considerasse a hipótese de se envolver nalguns grupos locais. – E pode tratar-me por Danae.

– Ah, a deusa grega que deu à luz Perseu, filho do próprio Zeus – respondeu ele e acrescentou pesarosamente: – Os benefícios de uma educação clássica.

Danae estava impressionada.

– A minha mãe adorava os mitos gregos – recordou ela. – Se tivesse nascido rapaz, chamar-me-ia Ulisses. Agora que sabe o meu nome, qual é o seu?

– Edgar – disse formalmente e Danae deu consigo a pensar que era uma vergonha que os padres católicos estivessem condenados a uma vida de celibato. Este simpático e interessante homem teria dado um marido amoroso para alguma jovem mulher. Mara veio-lhe à cabeça. Mas ela insistia que estava fechada para homens, determinada a obliterar o passado. Os jovens

gostavam de fugir do passado até ficarem mais velhos e perceberem que o passado anda sempre connosco.

– Voltaremos a falar, Edgar – retorquiu Danae. – Aqui estão os selos. Preciso de uma chávena de chá.

Tinha de contar a Mara. Ela ficaria maravilhada. Mesmo que Danae tivesse recusado consultar um terapeuta, «Já me chegou quando estive no hospital, Mara. Não aguentaria consultar outro...», nunca se abria tanto ao mundo como acontecia naquele momento.

Mas, claro, nessa noite havia a saída de Mara com o homem da Nova Zelândia. Lá se ia o afastamento dos homens!

– Não é uma saída – argumentava Mara enquanto se preparava para o jantar com Rafe. – É apenas um serão com alguém que conheci num novo lugar, e é só. – Depois, vinha-lhe à cabeça a voz de Cici a dizer *Estás a ter muito trabalho com uma coisa que não é uma saída!* Mara tinha de admitir que era verdade.

Tinha aplicado o amaciador, que tornava o seu cabelo sedoso e brilhante, e gastara algum tempo a maquilhar-se, colocando o *eyeliner* com muito cuidado, o que, ainda que tivesse prática, exigia tempo e uma mão firme.

Perfumada com uma deliciosa combinação de limão e um creme de alfazema, estava pronta para sair vestida com um conjunto que comprara quando estava com Jack.

– Já não tens qualquer poder sobre mim – tinha dito furiosamente à blusa pendurada inocentemente no cabide. Era de seda verde, ajustada na cintura, suficientemente decotada para deixar adivinhar os seios. Fazia conjunto com uma saia travada escura de *tweed*. Jack tinha adorado.

– Meu Deus, era capaz de te arrancar já isso tudo – dissera ele quando ela chegou ao restaurante. – Quem precisa de comida? Vamos para minha casa. – E foram. Saíram do restaurante quase sem comer. Jack atirara o dinheiro para cima da mesa e levara-a rapidamente para sua casa, onde lhe tirara de facto a roupa e fizera amor com ela.

Sair com Rafe era um exorcismo para aquela roupa. Deixara de pensar tanto em Jack como antes; desde logo porque andava muito ocupada. Ninguém que trabalhasse para Cashel tinha tempo para se aborrecer. Mas, por vezes, a recordação de Jack chegava sorrateiramente quando ela estava na cama à noite e perguntava-se se alguma vez voltaria a haver alguém que a acariciasse, a beijasse, que se chegasse ao seu pescoço e dissesse que adorava o seu cheiro.

Mara colocou um chapéu castanho de feltro em cima dos caracóis e vestiu o casaco, acrescentando um lenço antes de regressar à cozinha.

– Bem, Danae, eu não demoro, é só um jantar.

– Diverte-te – respondeu Danae, sorrindo-lhe. – Hoje estou cansada, já devo estar na cama quando chegares.

Só depois de ter dado um beijo a Danae, acariciado *Lady* e entrado no carro lhe ocorreu que a tia lhe dissera subtilmente: «Chega quando quiseres, querida, ninguém vai estar aqui à tua espera, isso é contigo.»

O restaurante Morelli, em Avalon, estava movimentado quando Mara entrou. Atrasara-se dez minutos; tinha sido difícil arranjar estacionamento e aqueles sapatos, apesar de bonitos, eram um pesadelo para caminhar – bem, para manter o equilíbrio.

Já estivera no Morelli com as raparigas e Belle tinha-a posto a par de tudo. Gino Morelli casara com uma mulher de uma enorme família irlandesa, abrira o restaurante e tivera bastante sucesso, pois as pessoas adoravam a combinação de comida italiana muito boa e a simpatia da sua mulher, Laura, e das duas filhas, Concepta e Jacinta.

Mara estava atrapalhada, pois não sabia bem qual das duas irmãs estava naquela noite ao balcão. As mulheres Morelli pareciam todas exatamente iguais: altas, a mesma pele morena, olhos escuros e cabelo comprido e escuro.

– Olá – cumprimentou Mara, a sorrir, esperando que o sorriso compensasse o facto de não dizer o nome da mulher. – Sou a Mara, estive aqui há umas semanas com a minha tia e umas amigas. Vim encontrar-me com Rafe Berlin. Não sei se ele entretanto já chegou, estou um pouco atrasada.

A morena por detrás da máquina registadora sorriu.

– Olá, Mara, encantada por tê-la de volta. Ainda há dias estava a comentar com a minha irmã Jacinta que boa que tinha sido essa noite, quando você e as outras senhoras nos convidaram para nos juntarmos a vocês. Mister Berlin já chegou. Temos estado a admirá-lo – informou, com uma sobrancelha levantada. – Se eu não fosse casada…

Deixou o resto da frase no ar e Mara deu consigo a sorrir de contentamento. Ele era muito giro, disso não havia dúvida, mas aquilo não era uma saída. Se Cici lhe perguntasse de novo, explicaria: Não. Saída. Absolutamente.

Bamboleando as ancas, Concepta levou-a à mesa onde Rafe esperava e Mara teve de concordar com ela: Rafe estava muito giro naquela noite. Levantou-se quando ela chegou e puxou-lhe a cadeira. Depois, beijou-a gentilmente nas duas faces, ao estilo europeu. Mara deu consigo um pouco perturbada. *Definitivamente, não se trata de uma saída*, disse para consigo. *São duas pessoas que se encontram para jantar. As pessoas modernas fazem isto: jantam, travam amizade com pessoas do sexo oposto, não tem de significar nada.*

– Estás linda – elogiou Rafe e nessa altura Mara corou.

– Obrigada – agradeceu ela e apressou-se a pegar na ementa. – Desculpa o atraso, estes sapatos… e não conseguia encontrar lugar para estacionar.

– Não me importo de esperar por ti – concedeu Rafe com aquele belo sotaque neozelandês. E a forma como o disse levou Mara a pensar que o que queria realmente dizer era que estava preparado para esperar bastante tempo por ela.

– Então, como tens passado? – perguntou Mara num tom de voz que lhe pareceu um pouco falso até a ela. Tinha desejado ter um tom amistoso, mas não estava a correr bem.

– Tenho passado bem – respondeu Rafe. – Ansioso pelo dia de hoje, claro. Não contava esperar tanto tempo para marcar uma saída contigo.

– Estive um pouco ocupada – retorquiu Mara, o que era um eufemismo.

– Imaginei que sim – disse ele preguiçosamente, sorrindo-lhe.

– Sim – suspirou Mara, corando um pouco.

Aquilo não estava a correr como ela imaginara. Ele agia como um sedutor e ela estava a responder. E de que maneira!

Começava a parecer um jantar de namorados, e ela estava nervosa, consciente dele, do aspeto dele e de como a olhava. Aqueles olhos azuis devoravam-na, não de uma forma horrível, mas de um modo amoroso e de quem está a gostar.

Ela manteve a cabeça baixa, olhando para o cardápio, embora não estivesse a ler nada. Era uma mescla de palavras e letras, massa e manjericão, e sabia Deus o que comeria ela, pois, de repente, não sentia nem um ponta de fome, e ele continuava a olhar para ela, sentia-o. Levantou a cabeça.

– Por amor de Deus, para de olhar para mim, está bem?

– Por que razão não estou autorizado a olhar para ti? – perguntou ele.

– Porque estás a incomodar-me – ripostou Mara. – Isto não é uma saída.

– Não é? – questionou ele.

– Bem, não. Pensei que vínhamos jantar e que me apresentarias à vila, sendo nós os dois recém-chegados.

– Não sei como é aqui, mas no sítio de onde venho isto é uma saída.

– Eu disse-te, acabei recentemente uma relação muito dura, bem, dura quando terminou – corrigiu Mara. – Não estou com vontade de me envolver com outra pessoa. O meu coração está destroçado, está bem? Totalmente destroçado – e olhou-o furiosa.

– Não estás com um ar muito destroçado – reparou Rafe. – Mas peço desculpa se estou enganado. Os cobóis kiwi, como eu, não fazem ideia do que vai na cabeça sofisticada de uma guerreira celta.

Ela riu-se pelo facto de ter recebido de volta as suas próprias palavras.

– Eu não disse que tu eras um cobói – retorquiu ela. – Bom, tudo bem, disse. Mas *estavas* com aquele chapéu ridículo.

– Fui ao Texas, comprei um chapéu e gosto dele – explicou ele. – E, sabes, já me disseram antes que me ficava bem. Não que eu seja suficientemente alto para o usar. – Rafe sorriu-lhe.

– Não me gozes, Rafe Berlin – disse ela, começando também a sorrir. – Tudo bem, para efeitos de categorização, é uma saída. Mas uma saída muito, muito, muito preliminar. Uma espécie de «não nos conhecemos de todo e vamos ver se, ainda que vagamente, gostamos um do outro» – esclareceu Mara. – Certo? Estas são as regras.

– As regras, certo – concordou Rafe. – Vou tentar lembrar-me delas. Quais são as outras regras? Posso tocar-te? O beijo na cara foi aceitável? Porque, sabes, a maioria das mulheres gosta disso.

– Não me faças coisas que a *maioria das mulheres* gosta – aconselhou ela. – Eu não sou a *maioria das mulheres*. Quero ser tratada na minha individualidade.

– É justo – anuiu Rafe. – Pensei que *tu* gostarias. – A sua voz estava então mais grave e Mara percebeu que sustinha a respiração, porque tinha gostado, tinha gostado muito. Mas não podia deixá-lo aproximar-se, estava muito magoada. Era muito cedo. Estava tudo errado.

– Que tal pedirmos alguma coisa para comer, conversarmos, e isso será a primeira saída muito, muito, muito embrionária?

– Há um tempo limite para esta coisa da saída embrionária? – perguntou Rafe. Mara fingiu pensar no assunto.

– *Hum*, já não faço isto há muito tempo. Penso que duas horas, no máximo. Depois, deves levar-me ao carro, muito devagar, uma vez que estou de saltos altos.

– Eu reparei – disse ele. – Adoro os teus sapatos.

– Mas não por fetichismo por pés, certo? – perguntou Mara.

– Não – respondeu ele –, não desse modo. Gosto do tipo de andar que te dão, que é… muito agradável. Mudemos de assunto – disse Rafe. Desistiu de tentar explicar-lhe como tinha achado atraente a forma como ela caminhava, aquele movimento instintivo das ancas, o facto de todos os homens no restaurante terem olhado para ela e de ela não lhes ter ligado nenhuma. – Então, duas horas depois, acompanho-te ao carro, damos um aperto de mão e vais para casa. E, se eu for mesmo bom, podemos fazer o mesmo na próxima semana?

– Parece-me razoável – concordou Mara.

Pelas onze horas, já não havia muitos casais no Morelli. Tinham partilhado uma garrafa de vinho e Mara sentia-se alegre e deliciosamente descontraída. Recusou, no final, a oferta da empregada de um licor italiano.

– Oh, não, por Deus, não seria capaz – disse –, peço desculpa.

– Eu também não – disse Rafe. – Sinto-me um pouco bêbado, na verdade – acrescentou –, o que é estranho com dois copos e meio de vinho.

– Eu também – comentou Mara, atordoada. – Porque será?

Ele chegou-se à frente e pegou-lhe na mão. Tinha feito aquilo algumas vezes e ela permitira. Ele era afetuoso, gostava de se chegar e de lhe tocar. Tal como na mão, tocou-lhe uma vez no rosto, quando ela tinha a boca um pouco suja de pão. E o mais estranho é que ela tinha gostado que ele lhe tocasse.

– Não creio que vá acompanhar-te ao carro – referiu Rafe. – Deves apanhar um táxi. Devia ter-te ido buscar de táxi, mas não quis abusar da sorte. Especialmente tendo sido desde logo tão difícil combinar alguma coisa contigo.

Mara sorriu, sentindo-se mole e confortável.

– O meu último namorado nunca me ia buscar – contou candidamente. – Limitava-se a dizer-me para ir ter com ele a qualquer sítio. Uma vez, combinou no interior de um clube noturno caro, o que significou que tive de pagar a minha entrada à porta. Isso aborreceu muito a Cici, a minha colega de quarto. Afirmou que ele era um imbecil avarento e que tinha feito de propósito para não ter de pagar a minha entrada.

– Eu diria pior que isso – disse Rafe –, mas não devo dizer palavrões na frente de uma senhora. Nunca conheci ninguém num restaurante; sempre as fui buscar.

– Na tua mota? – perguntou Mara, brincalhona.

– Não – respondeu ele sobriamente. – Se vou beber um copo, apanho um táxi. O acidente do meu irmão foi causado por um condutor bêbado. É por isso que hoje não vais conduzir, apanhas um táxi.

– Hoje não me atreveria a conduzir – disse ela. – Não planeei beber, por isso é que trouxe o carro. Quero dizer, nunca bebo quando conduzo – pormenorizou ela, ansiosa por convencê-lo

do que estava a dizer.

– Tudo bem, acredito em ti – disse ele –, mas, sabes, quando isso acontece contigo, ou com alguém que te é próximo, muda a forma como vês as coisas. Nunca sairia com alguém que achasse que estava certo beber uns copos e depois entrar no carro para conduzir.

– Deve ter sido terrível, o acidente – concluiu Mara.

– Horrível – respondeu Rafe. – Ele é o meu irmão mais velho. Foi sempre um deus para mim. Vê-lo numa cama de hospital e saber que não voltaria a andar… foi muito duro. Ele achou que a Karen o devia deixar, encontrar outro pai para o bebé, ainda que isso o matasse. Não queria ser um fardo. «Um miúdo precisa de um pai que se consiga pôr de pé», dizia ele. Sabes o que a Karen respondeu? – Rafe olhou o horizonte, recordando. – Disse que não importava o que lhe tinha acontecido, que o amava e que nada mudava o que ele era, e ele era o homem para ela. É o pai mais incrível do mundo, digo-lhe sempre isso quando o lembro das parvoíces que disse sobre ser necessário pôr-se de pé para se ser um pai.

– Ele deve ser muito especial – comentou Mara.

– As pessoas dizem que ambos os irmãos Berlin são muito especiais – referiu com um sorriso levemente insinuante. – Deixa-me tirar-te daqui. Num lugar tão cosmopolita como Avalon, todos os táxis devem desaparecer se não nos apressamos.

Rafe pediu a conta e, quando chegou, Mara tentou agarrar o talão.

– Cada um paga a sua parte – determinou ela.

– Não – negou Rafe. – Desculpa, mas, no sítio de onde venho, um tipo convida uma rapariga para sair e paga a conta. Terás de desculpar os meus rudes modos de cobói kiwi, mas é assim que vamos fazer.

Concepta, que trouxera a conta, suspirou levemente perante aquela conversa magistral e olhou de relance para Mara, como que a dizer: *És uma rapariga com sorte*.

– Está bem – disse Mara –, mas da próxima vez pago eu. Agora tenho um emprego.

– Podemos falar nisso depois – admitiu Rafe.

Ele pagou a conta e juntou uma generosa gorjeta. Mara esticou o pescoço para ver a gorjeta e ficou encantada. Detestava avarentos. Depois, ele ajudou-a a vestir o casaco à porta e segurou-lhe a mão enquanto a levava até à estrada. Quando ela começou a tremer de frio, Rafe pôs-lhe o braço por cima dos ombros.

– Tenho a certeza de que é um bom casaco – gracejou ele –, mas acho que não é suficientemente quente. – Passou um táxi e Rafe mandou-o parar.

– Para a casa que fica mesmo no fim de Willow Street – indicou Rafe ao taxista.

– Não vens comigo? O taxista pode deixar-te primeiro – sugeriu Mara, entrando e virando-se depois a olhar para ele.

Ele aproximou-se e juntou o rosto ao dela.

– Sabes, Mara – disse ele, como uma voz doce como mel –, não sei se confio em mim contigo dentro de um táxi. – Depois beijou-a na boca e Mara deu consigo chegando-se a ele, de olhos fechados, mergulhando no beijo, sentindo o calor.

De repente, ele afastou-se como se tivesse de parar naquele momento ou já não seria capaz

de o fazer.

– Ligo-te amanhã – disse ele –, pode ser?

Ela só foi capaz de acenar com a cabeça. Ele fechou a porta e o taxista arrancou.

– Ele podia ter vindo consigo – comentou o taxista. – Sou um taxista: não há *nada* que não tenha já visto no banco de trás deste carro. Nada. Além disso, Willow Street não é assim tão longe, ele não teria tido tempo para muito.

– Oh, não, não é nada disso – disse Mara. – Nós mal nos conhecemos.

– Sim, está bem – respondeu o taxista num tom convencido. – Não digo nada então, mas reconheço o amor quando vejo.

Mara encostou-se para trás e fechou os olhos, revivendo o momento fantástico do beijo. Sentiu tudo tão certo. *Disse-te que já tinhas superado o Jack* – ouviu a voz de Cici na sua mente –, *disse-te que conseguirias, que precisavas de sair e conhecer alguém novo, é tudo.*

– Mas eu não queria conhecer ninguém novo – retorquiu Mara à imaginária Cici.

– O que disse? – perguntou o taxista.

– Desculpe, estava a falar sozinha – explicou Mara.

– Ah, é verdade, você está apaixonada – lembrou o taxista ternamente. – Nós fazemos todo o género de coisas mentalmente quando estamos apaixonados, não é? Espere, vou procurar uma boa estação de rádio para si… – E girou o botão do rádio até encontrar uma estação que tocasse canções românticas.

– Aí está – disse –, não é perfeito?

– Perfeito – concordou Mara –, o senhor é muito simpático. – E ouviu Lionel Richie a cantar «Three Times a Lady» até chegar a casa. E foi também a sorrir que lá entrou.

19

No posto dos correios, Danae tinha passado semanas a ver postais e embrulhos de Natal a serem enviados para todo o mundo. O já idoso Mr. Dineen, que vivia sozinho num doce *bungalow* dos anos 1930 em Lincoln Terrace, era sempre muito preciso nos seus envios, nunca perdendo os prazos de expedição para o Canadá, onde vivia a filha mais velha, para Singapura, onde estava a filha mais nova, e para Londres, onde vivia a filha do meio. Era certo como um metrónomo, chegava com embrulhos em papel castanho muito bem embalados, para os diversos netos e netas espalhados pelo mundo, com as etiquetas de endereço escritas com a sua bonita letra. Era viúvo, vivia sozinho e Danae não se lembrava de o ver com algum membro da família pela vila. Nunca pedia ajuda, nunca tentava fazer conversa, além de um bem-educado «Olá, Mistress Rahill, como está?» Mas a influência de Mara continuava a fazer milagres em Danae. Quando Mr. Dineen chegou com os seus últimos embrulhos – vários pequenos embrulhos para Londres, endereçados a Isabella e Amy, as suas netas gémeas de seis anos – não resistiu a perguntar:

– Vai visitá-las no Natal, Mister Dineen?

O choque na cara dele mostrou-lhe de imediato que não devia ter dito nada.

– Não – respondeu ele nervosamente e tossiu um pouco. Começou a procurar nos bolsos um lenço ou algo do género. – Não gosto de andar de avião, sabe. A minha mulher, a minha última mulher, Doris, gostava, mas eu fico nervoso. É por isso que nunca vou.

– Mas hoje há cursos que ajudam as pessoas a livrar-se do medo de voar – Danae não se conteve. Aquilo devia-se a Mara: a velha Danae nunca sonharia interferir. – Ou talvez um médico pudesse dar-lhe algo que o acalmasse. O voo até Londres é muito curto e seria muito bom passar o Natal com a sua família, não seria? – *Meu Deus, porque disse eu isto?*, perguntou a si própria. *O que me deu?*

Mr. Dineen encontrou o lenço – de algodão, não usava lenços de papel – e assoou o nariz ruidosamente. A sua cara ficou corada.

– Mas, bem vê, eu… adoraria visitá-los, mas… não posso e é muito longe para serem as miúdas a vir. Bem, não para Yona, para ela é fácil, mas… ela diz que vem cá sempre, e sou eu que devo lá ir; tenho de ganhar coragem e tentar ultrapassar este problema.

Danae sentiu-se muito mal. Abrira a caixa de Pandora. O pobre homem estava claramente aterrorizado com a ideia de andar de avião e soou como se a filha de Londres lhe tivesse feito um ultimato: *Nós não vamos aí no Natal; tu é que deves vir.*

Danae encheu-se de remorsos. Ela, melhor que ninguém, sabia que não havia nada pior do que ter outras pessoas a interferir na nossa vida.

– Claro. Andar de avião pode ser bastante aborrecido – concordou ela como se andasse de avião todos os dias. – Há sempre barulhos e assusta… especialmente quando o avião levanta

ou aterra.

– Que são os dois momentos mais perigosos – interrompeu Mr. Dinnen avidamente, desejoso de prosseguir com aquela versão das coisas, a versão em que andar de avião era uma perigosa aventura, só levada a cabo por gente temerária.

– Sim – concordou Danae –, provavelmente tem razão. Então, o que vai fazer no Natal?

Lá estava ela outra vez. Pela segunda vez, o rosto de Mr. Dineen corou.

– Bem, o que normalmente faço, ou seja, ir ao Avalon Hotel, onde Belle e a sua equipa cozinham um jantar de Natal muito satisfatório.

Danae pensou para si própria que não se poderia esquecer de dizer a Belle que Mr. Dineen achava o jantar de Natal no hotel satisfatório, mas depois recuou. Ela consideraria aquilo um terrível insulto.

Subitamente, mais uma faceta do dom de Danae veio à superfície. Ela sabia o que podia fazer para resolver o aborrecimento de Mr. Dineen, levando-o a admitir que passaria um Natal triste e só no hotel.

– Devia vir passar o Natal connosco – deu consigo a dizer. – Comigo, com a minha sobrinha e a cadela. Temos galinhas, mas elas não se juntam a nós para o jantar de Natal, embora possam espreitar pela janela.

As coisas estavam a piorar, parecia estar a falar de uma casa de malucos. Mas Mr. Dineen parecia não pensar assim.

– Isso seria maravilhoso – respondeu. – Maravilhoso! O que devo levar? *Hum*… talvez algum vinho?

– Não – disse Danae rapidamente –, não bebemos.

– Talvez uma caixa de chocolates para depois do jantar! – sugeriu.

– E podíamos jogar uns jogos de mesa – disse ele esperançoso. – Quando era criança, costumávamos jogar *Scrabble*.

– *Scrabble*! Que ideia fabulosa – entusiasmou-se Danae. – E tem o jogo?

– Às vezes jogo sozinho, embora não seja assim realmente tão… satisfatório.

– Espero que considere o nosso jantar satisfatório – retorquiu Danae com um sorriso.

– Tenho a certeza, Mistress Rahill, que qualquer coisa que cozinhe será exemplar – acrescentou ele.

– Só há uma coisa – disse Danae. – Tem de parar de me chamar Mistress Rahill. Sou Danae.

Mr. Dineen corou pela terceira vez e ficou vermelho como os belos chás de rosas que Danae fazia em junho – um cor de rosa-alaranjado, que ficava lindamente numa rosa, mas não tão bem num cavalheiro idoso.

– E eu chamo-me Denis – disse ele solenemente, acenando com a cabeça.

– Posso dar-lhe a minha morada? – perguntou Danae e escreveu-a num pedaço de papel.

– Willow Street. Claro, conheço. Eu e a Doris costumávamos subir até lá para passear e olhar para a velha casa. Era magnífica nos seus bons tempos – recordou ele misteriosamente.

– Bem, vai ficar magnífica outra vez – informou Danae. – Cashel Reilly comprou-a e está a

restaurá-la. Na verdade, a minha sobrinha Mara, que estará no nosso jantar, é sua assistente.

– Maravilhoso, maravilhoso! – exclamou Mr. Dineen, contente. – Vai ficar como nos velhos tempos.

Depois de agradecer mais uma série de vezes, deixou o posto dos correios e Danae pôde então retirar-se para o gabinete. Afundou-se na cadeira sem sequer ter energia para preparar uma chávena de chá para recuperar. O que lhe tinha passado pela cabeça? Ela sabia. Era Mara. A influência perniciosa de Mara estava a mudá-la, a torná-la mais amigável e conversadora depois de todos aqueles anos metida consigo própria. Mas sabia bem. Danae sorriu para si. Tinha de admitir – abrir-se ao mundo era bom.

Danae chegou a casa nessa noite a sentir-se bastante envergonhada. Mara estava na cozinha e o aroma a comida chinesa inundava sedutoramente o ar. *Lady* encontrava-se sentada aos pés de Mara enquanto ela preparava a refeição.

– Nem vais acreditar, Mara – começou Danae –, parece que convidei três pessoas para o jantar de Natal.

Mara virou-se, aturdida.

– O quê?

– Não sei como aconteceu – surpreendeu-se Danae –, primeiro dei por mim a convidar Mister Dineen, depois esbarrei com o padre Olumbuko quando estava a fechar o posto, e também o convidei, mas ele disse que passaria o Natal com o padre Liam, e então… – Danae parou. – Bem, perdi o controlo e convidei também o padre Liam. A culpa é tua – acrescentou –, apresentaste-me às pessoas e fizeste-me ver pessoas. Agora vê o resultado. Em vez de termos um belo jantar calmo, só as duas, teremos de cozinhar para milhares de pessoas!

Mara riu-se.

– Mais três pessoas não são bem milhares de pessoas – corrigiu. – Além disso, vai ser divertido.

Na verdade, Mara adorou a ideia. Geralmente, ia a casa, a Furlong Hill, no Natal, mas Danae mostrara-se muito relutante em juntar-se a ela. Por isso, em vez de deixar Danae sozinha, decidira ficar em Avalon no dia de Natal e depois iria visitar os pais no Dia de Santo Estêvão. Mas, por mais que gostasse da companhia de Danae, Mara estava acostumada ao rebuliço de Furlong Hill, com uma série de amigos e vizinhos a entrar por cinco minutos, a deixar um presente, e a serem arrastados para sair seis horas depois, já com muito *eggnog* bebido. Era divertido, fazia parte do Natal.

Ali, na bela moradia no fim de Willow Street, seria um Natal diferente, mais calmo, mesmo com a cadela por perto e as galinhas a cacarejar à janela. Agora, também seria divertido, e disse-o.

– Não sei se será divertido – avisou Danae. – Ainda não conheceste Mister Dineen nem o padre Olumbuko… embora ele seja um jovem padre muito elegante e charmoso e tenho a certeza de que é divertido…, mas, quanto a Mister Dineen, ele é… – Danae hesitou, pensando em como descrevê-lo. – Bem, é um pouco frágil. Precisa de alguma atenção. Já para não falar

do padre Liam, que, na verdade, precisa de um bando de pessoas a olhar para ele.

Danae sorriu afetuosamente nas costas da sobrinha. De facto, dar atenção a pessoas era realmente a especialidade de Mara.

– Sabes – disse Mara agitada –, ocorreu-me outra coisa. Já que vamos abrir as portas, estava a pensar na Tess e nos filhos, Zach e Kitty. As coisas vão ser difíceis para eles este ano, uma vez que Kevin vai obviamente passar o dia com Claire e a sua família, deixando Tess com os miúdos em casa e, talvez, com a mãe de Kevin. Aparentemente ela recusa-se a ir para casa de Claire. Sempre que falo no Natal, Tess fica tristíssima, como se o receasse. E, sabes – acrescentou Mara seriamente –, a Kitty é tão querida e Zach é um amor, não aguentaria que o seu Natal fosse prejudicado. Deve ser cheio de alegria, com doces e jogos à volta da mesa, o *Monopólio*, chapéus parvos e música alta, de modo a que nem notem a ausência do pai. O que achas?

Primeiro, Danae perguntou-se como conseguia Mara arranjar todas aquelas informações sobre as pessoas. Depois, olhou para a sua bonita e acolhedora cozinha de moradia, cheia de mobílias simples e toques pessoais que fora acrescentando ao longo dos últimos dezoito anos. Era calma e serena, mas nunca tinha visto a festa divertida e louca que Mara estava a descrever. Talvez fosse tempo de mudar.

– Tens razão – concordou Danae. – Vai ter com a Tess amanhã e convida-os a todos, incluindo a sogra, e também aqueles dois pequenos cachorros, não há tempo a perder.

Tess Power, entretanto, estava sentada na cozinha, à volta dos livros. Tentava dar uma nova oportunidade ao seu negócio e até contratar Mara por mais dois dias, enquanto ela ia à procura de leilões – uma decisão que parecia ser um bom investimento, dado que Mara tinha o dom de vender coisas a pessoas. Ela leria as indicações que Tess escrevera nas etiquetas em cada artigo e, a partir dessa minúscula informação, imaginaria as mais fabulosas histórias. Se um cliente olhasse casualmente para uma escova com cabo de prata dos anos 1920, Mara diria logo: «Não linda? Não está já a imaginar uma senhora elegante, sentada à sua cómoda, enquanto… Não, na verdade», Mara interromper-se-ia, corrigindo-se, «enquanto a sua *criada* lhe penteava o cabelo, escovando umas cem vezes. E talvez, entretanto, ela sonhasse secretamente cortar o cabelo. Bem vê, o pai dela queria-o comprido e ela queria estar na moda…» Depressa estaria toda a gente na loja a ouvir, em êxtase, enquanto Mara dava vida ao passado. As pessoas comprariam coisas num frenesim, depois de ouvirem Mara, o que era maravilhoso. Infelizmente, seria necessário muito mais do que Mara e as suas brilhantes capacidades comerciais para manter a Something Old a flutuar.

As pessoas tinham simplesmente menos dinheiro para gastar e, ainda que houvesse muito mais antiguidades no mercado, visto que muita gente estava a abandonar os seus tesouros, muitas delas estavam para lá do orçamento de Tess.

As fabulosas mesas de pequeno-almoço em pau-rosa e os castiçais de prata que vira nas casas de leilões eram muito caros para ela. As mesa de cabeceira de mogno da Regência provavelmente não caberiam na loja e, mesmo que coubessem, não as podia comprar. Seriam

rapidamente compradas por outros vendedores, juntamente com quaisquer peças muito procuradas da China imperial; artigos que antes teria comprado por uma ninharia estavam a ser vendidos por um balúrdio, agora que os chineses tentavam comprar novamente a sua herança histórica. As coisas que restavam, como os retratos tristes do século XVIII, não interessavam a ninguém.

Precisava de um milagre: precisava de uma peça como o lindo prato de porcelana com um dragão chinês, azul e branco, que tinha estado escondido no sótão de alguém e que fora posto à venda num leilão por dois ou três mil euros. Entretanto, soubera-se que o prato era autêntico, da dinastia Ming, e, para além disso, possuía a marca de Xuande, um génio do século XV. Aquela pequena marca mudara tudo: o prato dragão fora vendido por centenas de milhares de euros.

Era de um sucesso daquela dimensão que ela precisava. Pelo contrário, voltou com dois cães de bronze lindos. Sabia que era uma loucura, ela pagara muito por aquelas peças, mas os seus focinhos elegantes e tristes fizeram-na recordar os cães de pedra da porta de Avalon House, quando era criança. Foram das últimas peças a ir embora e Tess lembrava-se do que sofrera por vê-los entrar na carrinha do vendedor.

Agora teria de vendê-los, uma vez que não imaginava alguém que chegasse à sua porta vir preparado para pagar, ou mesmo para transportar, os dois cães.

Estranhamente, não conseguia parar de pensar em Avalon House desde que Cashel a comprara.

Falavam constantemente dele na vila. Já não era Mr. Reilly. Não, agora era *Cashel – Oh, Cashel está a fazer um belo trabalho na casa* – o rapaz da terra fora bem sucedido, voltava a casa para espalhar riqueza.

Era um querido, insistia a Belle do hotel.

Tess pensou que Belle devia ter cuidado com Cashel. *Cuidado, Belle*, quis ela avisar, *ele não é quem tu pensas*.

Mas não conseguiu dizer nada. Pelo contrário, deu consigo ansiosa por voltar à casa, andar por ali, entrar nas salas passando os dedos pelas portas e pelos degraus que tocara com cuidado quando era criança. Queria fazer uma peregrinação à sua infância, revisitar esse tempo da sua vida em que as coisas eram tão diferentes.

O problema é que não o podia fazer. Não se atreveria a ir lá, podendo ele vê-la.

Talvez conseguisse lá ir no Natal, pois ele estaria certamente fora e não haveria trabalhadores. Talvez.

Naquele momento, no entanto, tinha coisas mais urgentes em mãos: dinheiro, o Natal e a sua sogra, Helen.

– Tess, quero dizer-te que não vou a casa dos pais de Claire passar o Natal. Simplesmente não posso – dissera Helen ao telefone, com a voz trémula, uns dias antes. – Não me sentiria bem, é muito cedo, não estou preparada. Tu conheces-me, gosto de levar o meu tempo em relação a tudo, e eu não os conheço, e Claire é uma rapariga doce, mas isto é muito perturbante.

– Bem, pode sempre vir para cá – sugerira Tess, com o estômago contraído, sabendo que

uma Helen perturbada não seria a melhor aquisição para a família, dado que Kitty estava já desolada por saber que Tess, Kevin, Claire, Zach e ela própria não passariam o Natal juntos.

– Porquê? – perguntara ela, choramingando. – A sério, porquê, mãe? Eles podiam vir e ficar cá. Eu durmo contigo e eles ficam com o meu quarto.

– Bem, acho que não é muito boa ideia – respondeu Tess gentilmente.

Era ótimo que Kitty fosse tão maravilhosamente inocente e, no entanto, Tess não era capaz de quebrar aquela inocência explicando-lhe a verdade ou os factos.

– Claire quer estar com os pais dela, uma vez que vai ter o bebé – explicou Tess.

– Mas então e eu? – perguntou Kitty, a chorar.

Tess puxou a sua querida filha para o colo e abraçou-a com força. O Natal seria difícil naquele ano, não havia dúvida.

Ela e Kevin tinham falado acerca do assunto quando ele viera jantar com a família.

Tess concluíra que não fazia sentido mantê-lo afastado da casa num qualquer ato de raiva – era muito melhor para as crianças verem os seus pais tratando-se como adultos.

Como Tess dissera a Zach e a Kitty ao jantar naquela noite:

– Nós seremos sempre amigos e vamos amar-vos sempre a ambos.

E agora parecia que passaria o Natal a tentar consolar também a sua sogra. De facto, a vida era estranha.

20

Cashel segurava o copo de vinho quente na mão e olhava fixamente os vales cobertos de neve abaixo de si. Courchevel parecia realmente o cenário de um postal ilustrado; ainda assim Cashel nunca se tinha sentido menos natalício na sua vida. Tinham estado a esquiar durante a maior parte do dia e regressado às cinco, quando anoitecia. O cheiro de uma refeição incrível chegava-lhes das cozinhas. O chalé luxuoso – nos montes da elite de Courchevel de 1859, naturalmente – tinha um *chef* francês, bem como o que parecia um número sem fim de jovens locais a entrar e a sair da cozinha, enquanto um casal filipino geria todo o espaço. Cashel tinha de admitir que Rhona sabia escolher um destino luxuoso para as férias.

– Não é lindo? – Ela estava junto a ele, pousando a mão no seu ombro de um modo amigável. – Trabalhas demasiado, Cashel – disse ela. – Devias fazer isto mais vezes. Vir connosco. Passar alguns dias a não fazer nada.

– Sim, é lindo – retorquiu Cashel de forma automática, uma vez que seria rude dizer qualquer outra coisa. Não invejava a vida de Rhona, nem sequer a do seu novo marido: umas semanas de trabalho aqui e ali, depois uma viagem até St. Bart's, mais umas semanas, depois quiçá esquiar. Era o estilo de vida que Rhona sempre desejara quando era casada com ele e que ele lhe podia ter dado do ponto de vista financeiro, mas não lhe seria possível estar ali com ela. A sua pulsão para o trabalho – o continuar a trabalhar para esconder quaisquer falhas na sua vida – era demasiado forte em Cashel.

– Não estás contente por teres vindo? – perguntou Rhona.

– Sim, obrigado – agradeceu ele, o que era mentira pois não estava de todo contente. Quando Rhona lhe telefonara, persuadindo-o, dizendo que ela e alguns amigos iam alugar um chalé de luxo nos Alpes franceses por dez dias durante o Natal, fê-lo parecer algo fantástico.

– Um escape, Cashel – dissera ela. Foram essas as palavras mágicas. Ele queria fugir de tudo, mas especialmente de Avalon, que estava a lançar o seu feitiço sobre ele novamente. Tentou manter-se longe e deixar que aquela rapariga, Mara, tratasse de tudo e estabelecesse contacto com um dos seus assistentes, mas, de certa forma, ele não conseguia abandonar tudo. Continuava a aparecer, de helicóptero, para poder ver a casa, o que estava a passar-se, procurar Freddie e perguntar-lhe por que motivo não estava a haver progressos.

– Pois, bem – dizia Freddie de cada vez, coçando a cabeça. – Estas casas velhas são traiçoeiras, Mister Reilly.

Cashel tornava-se *Mr. Reilly* sempre que havia algum problema.

– Precisamos de tornar as traseiras da casa estruturalmente seguras antes de começarmos a trabalhar. É uma grande casa velha, por isso demorará muito tempo. E mesmo aí será devagar. Como com as paredes, por exemplo: não se pode atirar um reboco qualquer às paredes,

compreende? Nós estamos a trabalhar para o tornar *autêntico*, eu e o Lorcan.

Quando Lorcan, o arquiteto, começou a falar sobre tornar a casa autêntica, Cashel teve de se impedir de cair em cima dele. Lorcan era fanático da autenticidade. Qualquer ideia de tornar a Avalon House num lar, bem como de um belo exemplo de uma herança cultural, era algo que se perdia por completo nele.

Era por isso que Cashel deixava que Mara lidasse com Lorcan. Dava por si a ficar muito irritado com discussões sobre modelagens, gesso em vez de placa de reboco, ardósias originais que eram praticamente impossíveis de encontrar e que custariam uma pequena fortuna caso as encontrassem. Ele só queria que aquilo fosse feito. Não queria ouvir como iria acontecer, *por que motivo* ia acontecer e até onde Freddie teria de ir para conseguir exatamente o que precisava.

Cashel tinha visitado Avalon quatro vezes no último mês, algo inédito, tendo em conta a sua agenda apertada.

Mas o que o atraía na casa provava ser demasiado para ele. E ele sabia a que se devia isso. Não era tanto a Avalon House, por mais que ele a quisesse terminada, poder olhar para aquela casa a reluzir, lindamente restaurada e pensar: *Isto é meu. Isto pertence ao rapaz cuja mãe costumava limpar estas escadas e polir o bronze.*

Era verdade que o desejava muito, mas havia outro motivo para ele continuar a voltar a Avalon, um motivo que não gostava de admitir.

Vira Tess na vila algumas vezes e tentara não olhar, não observar o seu caminhar de pernas longas, não olhar para a curva da sua face ou fitá-la nos olhos. Não lhe falava diretamente, não. Ao invés, questionava Mara de forma subtil sobre ela, pois sabia que ela ajudara ocasionalmente na loja de antiguidades de Tess. Por ser nova na área, Mara desconhecia a sua história com Tess, pelo que ele podia inquirir sobre a família Power em geral descansado, lançando a pergunta banal sobre Suki e o pai das meninas, de forma a parecer estar interessado em todos.

– Acha que a loja de antiguidades permite uma vida desafogada? – perguntava ele e Mara levantava os olhos de um qualquer pedaço de papel que estava a digitalizar e dizia:

– Não estou certa, mas os tempos estão difíceis, como sabe, Cashel. Nem todos estamos cheios de dinheiro como você. Acho que é difícil para a Tess.

Se qualquer outra pessoa falasse assim com ele, Cashel tê-la-ia despedido, mas por algum motivo ele tolerava-o em Mara. Talvez fosse porque estava ali, em Avalon, e tornava-se uma pessoa diferente em Avalon.

– Tess… disse que ela se tinha separado do marido? – perguntou noutra altura, tentando proferir as palavras com a combinação necessária de interesse e falta dele. Aparentemente, não o tinha conseguido, pois nessa altura Mara levantou o olhar e olhou-o nos olhos.

– Sim – disse ela. – Ela e o Kevin estão mesmo separados e agora ele…

– Ele o quê? – instigou Cashel incapaz de se controlar.

– A namorada está grávida.

– Oh! – fez Cashel. Aquilo era inesperado e estranhamente esperançoso.

Tess Power já não estava oficialmente comprometida. Ela estava disponível, teoricamente, e o seu coração pulava só de pensar nisso. E aí percebeu que era louco pois ele e Tess tinham acabado tudo.

Dissera tantas vezes ao longo dos anos que jamais olharia para trás. De certa forma, Tess tinha-lhe feito um favor. Devia-lhe algum do seu ímpeto e ambição: a mágoa e a raiva eram forças poderosas e, com o seu ímpeto natural, encontrava-se capaz de enfrentar o mundo. Tornara-se rico e poderoso, tão poderoso que poderia ter quase tudo o que quisesse. E devia parte disso à única mulher que não fora capaz de ter.

– Cashel, quero que conheças uma pessoa – disse Rhona, arrancando-o do seu devaneio no qual fitava de forma inexpressiva a neve lá fora.

Ao lado da ex-mulher estava uma morena alta. Era magra e bonita, com um vislumbre inteligente no olhar.

– Sherry Pretovsky, apresento-te Cashel Reilly.

– Muito prazer.

O seu aperto de mão era frio e firme. Ela não era, tinha compreendido, uma das suas amigas glamorosas que Rhona por vezes trazia consigo para se divertir. Depois de conversar com ela durante algum tempo, cedo percebeu que era tudo menos isso.

Ela trabalhava na bolsa mercantil em Londres.

– Trabalho difícil – comentou Cashel.

– Sim, mas eu gosto – afirmou ela calmamente. – O maior problema são os clientes, querem todos ser o macho alfa e gostam de pensar que o meu trabalho consiste em obedecer-lhes.

Cashel desatou às gargalhadas. Pela forma como falara, ele não tinha a menor dúvida de que Sherry não tinha problemas em lidar com um grupo de homens cheios de testosterona.

– Está frio aqui junto a esta janela, apesar de… aquilo são vidros *triplos*? Porque não nos sentamos? – sugeriu Sherry.

Cashel observou-a enquanto indicava o caminho para um sofá de dois lugares. Ela tinha um corpo fabuloso, o que indicava que acordava por volta das cinco da manhã para ir ao ginásio, uma vez que os corretores começavam cedo a trabalhar e acabavam tarde. Começava a gostar cada vez mais de Sherry. Talvez aquelas férias tivessem sido uma boa ideia, afinal.

Do outro lado da sala, Rhona cruzou olhares com Sherry e piscou-lhe o olho. Sherry permitiu-se um breve sorriso em resposta. Ainda estava tudo no início.

Sherry sentou-se ao lado de Cashel no jantar dessa noite. Era a primeira noite dele ali, embora os outros tivessem chegado nos dias anteriores. Normalmente, sentia-se um pouco diferente naquelas coisas, um intruso devido a todo o seu dinheiro. Eram vestígios da sua insegurança, sabia-o; e odiava-o, odiava a existência de insegurança em Cashel Reilly, um milionário, empresário e homem de negócios bem sucedido, mas esta mantinha-se à mesma. No entanto, com Sherry não se sentia minimamente apreensivo. Sentia-se confortável a seu lado. Conheciam algumas pessoas em comum, moviam-se nos mesmos círculos. Mas não era isso; não, era a ideia de que Sherry tinha subido da forma mais difícil. Ela sabia o que era o

trabalho árduo e sabia o que era não se sentir integrada; em parte, admitia, por ser uma mulher num mundo de homens. Não havia dúvidas, o trabalho na cidade era realmente um mundo de homens. Mas falava do seu trabalho descontraidamente.

Não existiam histórias de terror que envolvessem a revista *Playboy* a circular pelo escritório, *e-mails* rudes ou viagens com clientes a campos de golfe ou clubes de *striptease*. Era claro que Sherry tinha aprendido a lidar com essas coisas. Sentia-se confortável na sua pele e isso agradava-lhe. Conversavam de forma natural e alegremente; era como se ele estivesse sozinho numa sala com ela e mais ninguém. Então viu Rhona do outro lado da mesa, a sorrir na sua direção, com ar de quem tinha acabado de descobrir a teoria das cordas.

– O quê? – murmurou do outro lado. – Vocês os dois – disse, apontando para ele e para Sherry de um modo que não era habitual em si. Rhona costumava ser muito cuidadosa com as subtilezas sociais, era tão provável que ela apontasse para alguém no outro lado da mesa de jantar como falar do seu *lifting* à testa. Mas era evidente que se sentia feliz por ter feito um bom arranjo entre o ex-marido e Sherry.

Era engraçado, pensou Cashel, enquanto erguia um copo de vinho tinto na direção dela. Estava contente por vê-lo interessado numa rapariga que convidara por sua causa. O que quer que se pudesse dizer sobre o seu casamento, pelo menos terminara de forma amigável. Quantas ex-mulheres tentavam arranjar encontros para os seus ex-maridos? Na verdade, já o tinha feito algumas vezes no passado com resultados menos bem sucedidos, mas Rhona aprendia depressa. Rapidamente percebera qual era o seu tipo. Uma lutadora, como ele.

Por um curto momento, Cashel recordou-se de Avalon e de Tess Power. Tess era muito diferente de Sherry em quase tudo. A nível físico, na forma como via a vida, no seu trabalho e na educação. Não havia nada de pretensioso em Sherry, nem ela o fingia ser. Era apenas uma mulher muito inteligente e bonita que usava o cérebro para progredir. Enquanto Tess era… bem, Tess também era uma mulher inteligente, que viera de um mundo diferente do seu. Ele não tinha compreendido as regras desse mundo em que partir-lhe o coração era perfeitamente aceitável.

– Estás distante – comentou Sherry, virando as costas ao vizinho para falar com ele. – Diz-me o que se passa nessa tua cabeça inteligente. Tens algum plano fabuloso para conquistar o mundo? Devo estar informada? Ou isso seria *insider trading*?

Ela recostou-se na cadeira, os seus dedos envolvendo preguiçosamente a haste do copo de vinho. Reparara que ela não bebia muito. Era uma daquelas mulheres que gostavam de olhar à volta, observar cuidadosamente, sorrindo como se estivesse feliz por estar naquele local àquela hora.

– Não – mentiu. – Estava a pensar em como é agradável estar aqui com amigos e em quão agradável foi conhecer-te.

Sherry Petrovsky não ficou acanhada nem corou; tinha aprendido a não fazer esse tipo de coisas há vários anos. Mas havia um brilho inegável no seu rosto quando lhe sorriu. Cashel Reilly era deslumbrante. Ainda mais belo que nas fotografias. Estava contente por ter vindo, embora de início tivesse resistido aos esforços de Rhona em persuadi-la.

– Não tenho tempo para sair com homens emocionalmente atrofiados ou que foram

destruídos no passado, Rhona – declarara Sherry com uma leve irritação. Tinha conhecido Rhona na universidade, há um milhão de anos, quando ambas eram estudantes de arte, antes de Sherry ter percebido que a arte não era nada o seu género e ter feito uma mudança estratégica para economia.

– Eu não disse que ele era emocionalmente atrofiado – argumentara Rhona. Estavam sentadas à mesa no restaurante de J. Sheekey, especializado em peixe, num jantar só de mulheres do antigo grupo da universidade. Sherry gostava de sair com o pessoal. Era divertido. Não conseguia evitar o entusiasmo que sentia, o facto de ser a mais bem sucedida de todas no que aos negócios dizia respeito.

Claro que não era assim tão bem sucedida nos outros campos femininos – a família, o marido, todas aquelas coisas. Mas tinha aquilo que queria – pelo menos por agora.

– Tudo o que disse – explicou Rhona, já um pouco tonta devido ao champanhe – é que existe uma mulher do seu passado, o seu primeiro amor… eu sei, um grande cliché…, mas ele nunca a ultrapassou totalmente. Ela moldou-o, foi parte da sua vida quando crescia. É a história clássica do rapaz pobre que construiu a sua vida e alguns deles guardam um certo sentimento de inferioridade… não estou a dizer que o Cashel se sente inferiorizado, porque não sente. Tem muito orgulho das suas origens, do facto de ter uma mãe que limpava casas. Mas, compreende, apaixonou-se pela rapariga cuja casa a mãe limpava, mas por algum motivo ela deixou-o ou traiu-o. Não tenho a certeza do que aconteceu exatamente porque ele nunca falava sobre isso, mas era óbvio que era algo que o prendia. Sabes como os homens assim podem ser: não suportam assuntos mal resolvidos, qualquer batalha que não tenham vencido. Por isso está sempre ali, algures na sua mente, a incomodá-lo.

– E foi por isso que se divorciaram? – perguntou Sherry, cada vez menos interessada em Cashel Reilly, embora a sua fotografia lhe tivesse chamado a atenção várias vezes nas páginas de finanças.

– Não, divorciámo-nos porque somos diferentes. Procurávamos coisas diferentes, na verdade. Tu conheces-me – Rhona sorriu –, gosto de me divertir. O Cashel é mais trabalhador. Mesmo o teu género, Sherry.

– Então ele não está secretamente agarrado a essa mulher do passado? – perguntou Sherry. – Ele teve outras namoradas, não?

– Oh, imensas – replicou Rhona. – Imensas antes de me conhecer e depois de nos divorciarmos. Leva uma rapariga diferente a cada festa para que é convidado. Durante algum tempo andou com aquelas modelos jovens e eu disse-lhe: «Cashel, para! Precisas de alguém com quem possas conversar.» A mensagem lá chegou eventualmente. Não, ele teve imensas namoradas. Imensas relações desde então, mas acho que ultrapassou finalmente a mulher do passado e acho que tu és o seu tipo de mulher.

– Mas porque estás a tentar arranjar uma namorada ao teu ex-marido? – questionou Sherry. Rhona encolheu os ombros.

– Parece estranho, eu sei. A maior parte das minhas amigas odeia os seus ex-maridos, mas o Cashel sempre foi muito generoso. O acordo do divórcio foi fabuloso. Depois conheci o Rico e agora sou feliz. Nunca deixei de *gostar* do Cashel; não estávamos bem um para o outro, apenas

isso. Suponho que se possa dizer que é *karma*: sinto que estou a fazer algo de bom para o universo ao fazer algo bom para o Cashel, ajudando-o a sarar as feridas do passado.

Sherry riu-se daquilo.

– És tão engraçada, Rhona – disse. – És adorável.

Rhona sorriu e agitou um dedo da mão direita, onde se encontrava um belo diamante.

– Eu sei – retorquiu ela. – O Rico também concorda. Não é adorável? O nosso terceiro aniversário foi na semana passada… o nosso *terceiro*. Eu disse-lhe: «Isso não são as bodas de estanho, ou algodão, ou algo assim?» E ele respondeu: «Não, querida, para ti têm de ser de diamantes!»

Sherry pensava em tudo aquilo enquanto olhava para Cashel Reilly. Ele tinha tudo o que se podia desejar. Alto, magro, musculado, sem aquela barriga que alguns homens de negócios ganham em inúmeras viagens de avião a beber uísque para relaxar e um sem-fim de jantares em restaurantes elegantes. Cashel era magro e *sexy*. Ela gostava do cabelo escuro manchado pelo grisalho e dos olhos negros que agora lhe sorriam. Conseguia imaginar a paixão ardente neles. Sim, gostava muito dele.

21

Mara adorava a manhã de Natal, o frio revigorante, a sensação de celebração. Ficou na cama a ouvir os sons da casa de campo, sons aos quais se tinha habituado. Era uma manhã ventosa e fria, podia sentir o frio mesmo dentro de casa, embora estivesse aconchegada na cama, no pequeno quarto com o bonito papel de parede azul florido. Numa jarra junto à cama estava um buquê de rosas de Natal; Danae tinha-as posto ali na noite anterior, juntamente com uns ramos de azevinho. Alguns ainda tinham as bagas.

– Adoro-os com as bagas – comentara Mara melancolicamente.

– Eu também – dissera Danae –, mas os pássaros precisam mais delas que nós.

– Oh, claro – concordara Mara ao aperceber-se de que falara de modo irrefletido. Dar de comer aos pássaros era algo que nunca tinha feito antes, mas ali, com Danae, fazer bolo para pássaros com a gordura dos cozinhados, sementes e nozes era parte da rotina do dia a dia. Danae preocupava-se com cada criatura que se aproximava de si, desde as suas queridas galinhas, à sua amada *Lady* e todas as aves pelo meio. Quando regressava das suas caminhadas com *Lady*, falava a Mara sobre a vida selvagem que tinha visto. Com tanto entusiasmo que Mara começou a levantar-se ainda mais cedo para ir com ela e experimentar por si própria o cheiro a relva molhada pela manhã, admirar a beleza dos aglomerados de heras sobre a velha Abadia, tocar nos ramos retorcidos dos velhos salgueiros e magnólias nas terras da Avalon House e admirar a beleza que era a baía de Avalon.

– Isto é mesmo incrível – dissera Mara enquanto observavam o nascer do Sol uma manhã.

– Eu sei – concordou Danae –, é calmo e belo. A esta altitude quase que sinto que estamos em comunhão com a natureza e, ao mesmo tempo, também próximas das pessoas.

Houvera um tempo em que Mara se perguntara se parte do charme daquela bela casa no cimo de Avalon se devia à sua distância das pessoas. Danae, porém, tinha-o mudado e aquele dia de Natal era prova disso. Havia tanto para fazer naquele dia!

Tão entusiasmada como quando era uma criança à espera do Pai Natal, Mara saltou da cama, correu até à casa de banho e ligou o aquecedor. O aquecimento central estava programado para se ligar cedo, mas provavelmente ainda não estava ligado e ela estava ansiosa por se levantar, tomar banho, vestir a sua melhor roupa de Natal, servir o chá a Danae na cama e vê-la a abrir o seu presente.

Mara estava particularmente entusiasmada com o presente. Tinha perdido tanto tempo a pensar no que podia oferecer a Danae, sem dúvida a pessoa menos materialista que conhecia. Fora Rafe a ter a ideia.

– Conheço um tipo, vive a uns oitenta quilómetros daqui, que faz esculturas de animais em madeira. São obras de arte – dissera – muito bonitas e peças únicas. Que tal algo do género?

– Oh, que ideia fenomenal – exclamou Mara, beijando-o. Beijá-lo era muito simples. Nunca

era cautelosa com ele, não da forma como fora com Jack. Com Jack nunca agia antes de calcular a coisa certa a fazer, se ele estava com disposição para ser beijado ou tocado, ou se iria afastar o seu abraço, irritado. Com Rafe ela podia colocar os braços à sua volta de forma espontânea e ele correspondia-lhe encantado. Não que fosse menos complexo que Jack – longe disso. Rafe Berlin era muito complexo, mas direto e sincero no seu amor por ela.

Tinham ido na carrinha de Rafe ver a escultura em madeira.

– Não te levo na moto – dissera. – Acho que ainda não estás preparada.

– Que queres dizer com isso? Eu adoro a excitação, adoro a emoção forte – protestou Mara.

– Pois, bem, preciso de ter a certeza – concluiu Rafe – porque tu és demasiado importante para mim para arriscar levar-te na moto até confirmar.

Até então só tinham feito pequenas viagens à volta da vila com Rafe a andar a dez quilómetros à hora.

– Estás bem, estás bem? – gritava por cima do seu ombro.

– Estou bem – gritava por sua vez Mara através do visor do seu capacete. – Não sou uma velhota, sabes.

– Oh, eu sei – rosnava em voz mais baixa.

Tom, o escultor, revelou-se um homem alto, intenso nos seus sessenta com cabelo grisalho e pele morena de muitas horas passadas no exterior. Quando estava sol, preferia mudar o torno mecânico e as ferramentas para o quintal, nas traseiras do seu estúdio, e trabalhar ao ar livre.

– Levar a madeira lá para fora é o melhor a fazer – disse gravemente.

Usava vários tipos de madeira: freixo, salgueiro, abrunheiro e lindas madeiras flutuantes que encontrava nas praias. Era um homem pouco falador mas estar com ele era calmante. Recordava a Mara a tia. Atualmente, Danae também mostrava uma serenidade calma.

Havia uma escultura de um lobo numa rocha e Mara soube logo que era aquela.

– A minha tia iria adorar essa – disse. – A sua cadela *Lady* é muito parecida com um lobo. Não sei qual é a raça, mas parece-se exatamente com isto. Danae adora a natureza, faz longas caminhadas no bosque onde vive e a *Lady* está sempre a seu lado – continuou Mara. Havia algo em Tom que a fazia pensar que ele não deixava as suas peças ir para qualquer pessoa.

– Diga-lhe que a pode devolver se não a comover, se não a tocar – disse pausadamente. – Detesto pensar num animal feito por mim pousado num sítio onde não é querido.

– Ela vai adorá-lo – assegurou Mara. – Garanto-lhe que vai adorá-lo.

Passou as mãos pelo corpo suave do lobo, maravilhada com a destreza do trabalho que tinha dado vida àquela criatura mágica.

– Na verdade, acho que ela iria gostar de ver o seu estúdio – acrescentou Mara.

– Quando quiser – retorquiu ele. – Quando quiser.

Após o banho, Mara desceu à cozinha e deixou *Lady* ir para o jardim fazer as necessidades. Depois de ter abastecido o fogão de cozinha com lenha, pôs a chaleira ao lume e fez um café forte para si e um chá para Danae. Ligou então o rádio e encontrou uma estação a tocar agradáveis músicas de Natal. A cozinha e a pequena sala de estar estavam tão bonitas que sentiu um nó na garganta.

Tinham passado imenso tempo a colocar as decorações. Danae não gostara da ideia de uma

árvore de Natal.

– Detesto cortar plantas para nosso divertimento – dizia. – Não, quero uma viva, depois vai para o jardim quando o Natal passar. Por isso, a árvore de Natal era pequena num vaso de madeira. Ficava a um canto da sala de estar, enfeitada com decorações vermelhas e brancas e pequenas bugigangas que Mara se divertira a comprar em Avalon. Os topos de cada janela estavam decorados com azevinho e folhas de hera, velas em toda a parte.

E havia ainda muito para fazer. A comida tinha de ser preparada e a mesa posta para que tudo estivesse perfeito quando os convidados começassem a chegar. Era altura de acordar Danae.

Pegou num tabuleiro com chá e café e bateu levemente à porta de Danae.

– Estou acordada – respondeu a tia. – Ouvi-te a andar por aí e estava a pensar esticar os meus ossos rangentes e juntar-me a ti.

– Bem, não vais ter de esticar os ossos tão cedo – informou Mara. – Vim trazer-te o chá à cama.

– Obrigada – agradeceu Danae, abrindo-lhe a porta. – Começo a gostar do chá na cama.

– Mereces. Vou buscar o teu presente – disse Mara enquanto saía do quarto e voltava com ele colocando-o cuidadosamente na cama de Danae. – Espera um minuto, tenho de dar um salto lá abaixo para deixar a *Lady* entrar.

Um instante depois a cadela corria escadas acima, saltava para a cama de Danae e aconchegava-se. E Danae rasgou o papel.

Mara olhava ansiosamente, esperando que ela gostasse da escultura do lobo. Tinha de gostar. Parou de olhar para o papel a ser rasgado e concentrou-se no adorável rosto de Danae, no seu calor e gentileza. Não havia ninguém para lhe levar chá à cama até Mara ter aparecido – era terrivelmente triste e um desperdício, pensava Mara. Danae deveria ter alguém na sua vida, alguém que amasse, que dormisse naquela casa a seu lado e cuidasse dela. Talvez não fosse demasiado tarde. Talvez encontrasse alguém que a merecesse.

– Oh, é lindo – murmurou Danae, removendo finalmente a escultura do seu embrulho. De olhos bem abertos, percorreu com os dedos cada centímetro, explorando-a suavemente. – Adoro-a. Obrigada, Mara, obrigada. – E Mara deu por si outra vez a pensar que provavelmente tinham-se passado anos desde que alguém levara um presente à cama da sua tia numa manhã de Natal.

Mr. Dineen foi o primeiro convidado a chegar. Mara abriu a porta da frente e ele fitou-a, pestanejando muito atrás de uns óculos de lentes grossas.

– Deve ser Mister Dineen – disse Mara de forma calorosa.

– Oh, sim, *hum*, chame-me Denis – gaguejou. – E você é...?

– Mara, sobrinha de Danae. Por favor, entre, sinta-se em casa.

Encaminhou-o para uma sala muito bem decorada e guardou-lhe o casaco. Em troca, ele entregou-lhe um enorme saco que parecia estar cheio até ao cimo com presentes.

– Não sabia o que trazer – lamentou-se. – Não tenho, bem, como se diz… A Doris tratava

sempre da parte das prendas e eu não sabia o que trazer ou do que a sua tia iria gostar porque Mistress Rahill e eu não…

– Danae – interrompeu Mara. – Trate-a por Danae. – Indicou-lhe uma cadeira confortável para se sentar e disse: – É tão simpático, Denis, trouxe um verdadeiro banquete.

Havia uma garrafa de vinho que até Mara, que percebia pouco de bom vinho, reconhecia ser algo incrivelmente caro, chocolates feitos à mão, queijo francês, biscoitos e uma grande vela aromática.

– Para o centro de mesa, pensei eu – explicou Denis de modo nervoso. – Mas vejo que não necessita de nada, está tudo tão bonito.

E estava. Danae tinha tornado a imensa mesa de jantar em algo que se assemelhava a um caramanchão da natureza com grinaldas de azevinho e folhas de hera, pequenos ramos de alfazema seca e as suas rosas de Natal numa seleção de taças decorativas à volta da mesa.

– Uma vela é exatamente aquilo que temos de pôr no centro – disse Mara solenemente. – O que posso servir-lhe? Bebe? Gostaria de começar com uma chávena de chá? Uma água, um vinho?

– Oh, chá seria ótimo – aceitou Denis.

A seguir chegaram o padre Liam e o padre Olumbuko.

O padre Liam parecia ligeiramente frenético por ter celebrado duas missas, uma na igreja de Avalon e outra na paróquia a vinte e quatro quilómetros. Mas o padre Olumbuko, que tinha celebrado uma missa da meia-noite e outra missa essa manhã numa paróquia diferente, era o retrato da serenidade.

– Trouxe-lhe isto – disse, entregando a Mara uma grande taça coberta com papel de alumínio. – É um prato de vegetais cozinhado como a minha mãe costumava fazer. É quiabo, o meu legume favorito – explicou. – Pensei que fosse agradável trazer um pouco de casa comigo.

– Isso é maravilhoso – exclamou Mara surpreendida.

– Eu ia trazer vinho – disse o padre Liam de forma exagerada –, mas não sabia se devia. Acho que a Danae não bebe, pois não?

– Não – disse Mara –, não bebe.

– Oh, ainda bem – congratulou-se o padre Liam, tão contente como se tivesse marcado na taça do mundo de râguebi. Pegou num saco. – Licor de sabugueiro, fabrico meu, duas garrafas.

– Fantástico! – disse Mara, tirando do saco as duas garrafas levemente manchadas e de qualidade duvidosa. *Licor de sabugueiro do ano passado*, pensou, enquanto as punha de parte. – São verdadeiros anjos.

– Há algo que possa fazer? – perguntou o padre Olumbuko.

– Nada, padre, pode sentar-se.

– Por favor, chame-me Edgar – pediu a Mara. – Gosto de ajudar na cozinha.

O padre Liam já tinha fugido e estava sentado ao lado de Denis.

Danae fora fechar as galinhas no galinheiro e regressou nesse momento. O vento tinha decidido que era dia de vendavais frenéticos, por isso tinha fechado as suas queridas no galinheiro depois de lhes dar comida especial para o dia de Natal no alimentador interior.

– Edgar, padre Liam, Denis, como é bom vê-los – cumprimentou ela, abraçando-os. – Que belo dia vamos ter! – E o mais maravilhoso é que acreditava mesmo nisso. Nunca tinha organizado uma festa de Natal antes mas naquele seria glorioso, com Mara a seu lado, ela podia fazer tudo.

– O Edgar estava a oferecer-se para ajudar na cozinha – informou Mara.

– Oh, Edgar, não há nada como um toque masculino na cozinha – disse Danae. – Venha, vou arranjar-lhe um avental e ver o que pode fazer.

Belle também apareceu para uma bebida rápida de Natal. Usava a sua farda de dona de hotel, um fato preto de veludo com uma gola de pelo, e no peito um broche grande com uma aranha em diamante.

– Estou a tentar perceber se essas duas coisas são verdadeiras – sussurrou-lhe Danae. – O pelo e o broche.

– O pelo – esclareceu Belle – é falso. Mas os diamantes são verdadeiros.

– Oh! – exclamou Danae, rindo-se.

– Sim – continuou Belle –, o meu querido Harold foi muito generoso.

– Como vão as coisas no hotel? – perguntou o padre Liam, que tinha medo de Belle e tentava desesperadamente não o demonstrar. Ela olhava-o como se fosse capaz de gerir a paróquia de Avalon e todas as outras paróquias da periferia sem nenhum problema e era disso bem capaz. Por isso, o padre Liam costumava achar que era uma pena que as mulheres não fossem admitidas no sacerdócio. Uma pessoa como Belle seria capaz de o fazer com um braço atrás das costas, enquanto o padre Liam tinha de confiar na ajuda dos seus comprimidos para a hipertensão.

– Oh, bem, o hotel vai como de costume – referiu Belle, sentando-se –, um caos descontrolado e o pânico total. O melhor é deixá-los um pouco, caso contrário darei por mim a matar os funcionários. Um chá seria ótimo, minha querida Mara. É melhor só beber álcool mais tarde, tenho de manter o juízo. Como dizia, padre Liam, na verdade corre tudo maravilhosamente. Estamos cheios e os hóspedes vão almoçar daqui a pouco, se o *chef* ultrapassar o ataque de pânico, e tenho mesmo de regressar a tempo. E depois começam os jogos. Para dizer a verdade, depois das charadas do ano passado não estou certa de gostar de jogos. Houve um motim quando *A Insustentável Leveza do Ser* calhou pela segunda vez.

– Vamos ter jogos por aqui mais tarde – contou Danae. – A Tess Power vem aí com os filhos e quando há crianças temos de ter jogos.

– Bem – começou Mara –, não sei se podemos definir oficialmente o Zach Power como uma criança, visto que tem dezassete anos. Além disso, vou deixar o Zach responsável pela música.

– Ena, vou ter de assistir a isso – declarou Belle encantada. – O hotel fica um pouco descontrolado ao fim da tarde. As pessoas por vezes ficam um pouco ébrias e começam a queixar-se dos seus problemas. E, vá-se lá perceber porquê, vêm ter comigo à procura de ajuda. Acho que este ano faço uma pausa e em vez disso venho para cá, depois posso falar-vos dos *meus* problemas! – Sorriu ao padre Liam e a Denis, ambos horrorizados com tal possibilidade.

Danae reprimiu um sorriso. Belle era uma personagem única.

Quando Tess chegou, Mara e Danae insistiram que se sentasse e não ajudasse em nada na cozinha. Parecia pálida e cansada, como se não tivesse dormido. Os ossos eram demasiado visíveis no seu belo rosto. A sogra, Helen, estava quase tão branca quanto ela; sentou-se no sofá e ficou indecisa em relação ao que beber para depois decidir que um gim tónico seria agradável, se tivesse algo do género.

– Traz-lhe um grande – sussurrou Belle. – Ela parece um pouco em choque com os acontecimentos recentes. Uma boa dose de gim vai ajudá-la a esquecer tudo. Não que a bebida seja a cura para todos os males, mas a Helen não bebe muito. Conheço-a há anos. Ela é mais o tipo de um xerez por semana e, acreditem, trabalhando no ramo da hotelaria, sei ver a diferença.

Mara pediu a Zach que pusesse umas canções de Natal animadas e, com a ajuda de Denis, começou a abrir o tabuleiro do *Monopólio* na mesa de centro. Kitty ficou triste quando viu o jogo a ser montado.

– Não vai ser o mesmo – lamuriou-se. – O pai está com a Claire e só o vamos ver à noite.

– Mas ele passou por lá esta manhã, não passou? – perguntou Mara de modo animado, conhecendo os planos cuidadosamente delineados na semana anterior.

– Passou, mas a Claire não veio. Acham que ela não gosta de nós? – perguntou Kitty.

– Então, Kittykins, já falámos sobre isso antes. A Claire precisa da mãe e do pai este Natal, tal como a mãe nos disse. Mas pensa no quanto nos vamos divertir com o bebé no próximo ano.

– Os bebés adoram o Natal – concordou Mara. – Vão ter de arranjar um fato de Pai Natal para o bebé.

– Eu sugeri um fato de rena – acrescentou Tess, entusiasmada com o facto de outras pessoas se estarem a juntar à conversa. Tivera aquela conversa com Kitty durante todo o dia e começava a desesperar.

– E a *Silkie* – disse Mara, gesticulando para a lareira onde *Silkie* estava confortavelmente prostrada, de frente para *Lady*. – Ela também precisa de um fato de rena! E na verdade eu também quero um!

– Eu também – pediu o padre Edgar.

– Os padres têm de usar roupas especiais – afirmou. – Não podem usar fatos de rena.

– Garanto – decidiu o padre Edgar com o seu sorriso encantador –, terei chifres de rena daqui a um ano!

Kitty riu subitamente.

– Adorava mascarar a *Silkie*. E a *Lady*.

– Mas aposto que o Edgar não se vai mascarar no próximo ano – disse Mara.

– Aposto que vai – contrariou Zach.

– Não vai.

– Vai! – guinchou Kitty.

Todos se juntaram, até o padre Liam e Denis, e rapidamente o ambiente ficou descontraído.

Zach passou música de que Kitty gostava e improvisou uma discoteca, Mara encheu balões e deu-se início a uma competição de salto em balão, ligeiramente dificultada pela propensão dos ramos de azevinho para rebentarem todos os balões. Na falta de uma roupa de rena, *Silkie* gostou muito do seu colar de lantejoulas.

Até Helen se entusiasmou um pouco, embora Danae suspeitasse que o gim contribuíra.

Quando já todos estavam cansados, Danae beijou gentilmente a testa de Kitty.

– Porque não ensinas o padre Edgar a jogar *Monopólio*? Acho que ele não sabe, mas aposto que se se juntarem contra todos os outros, ganham.

– Sim – concordou Edgar gravemente –, não tenho ideia de como isto se joga. Não havia disto lá em casa quando era criança.

– Oh, é muito fácil – disse Kitty. – Ajoelhe-se aqui no chão –, é melhor se se ajoelhar. Eu gosto de ser a bota porque é a melhor. O Zach é sempre o carro de corrida e o pai...

– Importam-se que beba mais um pouco? – perguntou Helen.

– Claro que não – apressou-se a responder Danae –, Helen, este é um lar com um ambiente familiar, por isso sempre que quiser beber, vá à cozinha e sirva-se à vontade. Pode ser?

– Mas não me quero impor – explicou Helen timidamente.

– Não se está a impor – disse Danae. – Aqui está entre amigos.

Quando Rafe chegou mais tarde deu de caras com um animado jogo de *Monopólio*. Bing Crosby cantava «White Christmas» e o cheiro de uma comida deliciosa perfumava toda a casa.

– Vim agora de um almoço de Natal – explicou –, mas acho que também posso ficar para este.

– És bem-vindo – convidou Danae, que tinha começado a simpatizar com Rafe nas suas visitas à casa de campo. Achava-o um homem meigo e era muito bom para a sobrinha.

Mara conduziu-o ao quarto para lhe dar o seu presente.

– É suposto trocarmos os presentes após o jantar mas tu podes não ficar.

– Podes ter a certeza que fico – afirmou, fechando a porta.

– Todos vão achar que viemos para aqui para algo mais que uma troca de presentes – disse Mara.

– Então seremos rápidos – respondeu Rafe, segurando-lhe o rosto com ambas as mãos e beijando-a devagar, languidamente.

– Uau! – exclamou Mara quando os dois pararam para respirar. – Isso podia ser o meu presente de Natal. Não preciso de nada mais.

– Bem, não é – disse ele, exibindo algo embrulhado em papel de seda. Era um golfinho esculpido pelo mesmo homem que tinha esculpido a linda loba de Danae.

– Vês, és um golfinho – disse ele. – Gosto de pensar que tipo de animal são as pessoas e tu és um golfinho. Belo, inteligente, selvagem, livre, afetuoso, algo que as pessoas gostam de olhar.

Mara não sabia porquê mas os seus olhos encheram-se de lágrimas. Havia algo de belo em

ser descrita como um golfinho.

– É mesmo assim que me vês? – perguntou.

– Oh, vejo-te como muito mais, mas, em forma de animal, sim, és um golfinho. São as minhas criaturas preferidas, sabes? – retorquiu. E quando se beijaram levaram mais tempo a parar para respirar.

– O meu presente parece insignificante em comparação com o teu – disse Mara. Era um velho manual de motos que tinha encontrado na internet. Mas, quando lho deu, viu crescer no seu rosto um sorriso de encanto.

– Não posso acreditar que encontraste isto! Há anos que tento conseguir um exemplar, são como pó de ouro.

– Sim, pois, mas alguns de nós são melhores que outros com computadores – brincou Mara, provocando-o. – Anda, é melhor voltarmos para junto dos outros.

Ninguém queria abandonar a mesa após o jantar, estavam a divertir-se imenso, conversando, rindo, contando piadas, dizendo estarem demasiado cheios para se conseguirem mexer.

– Devíamos fazer uma caminhada, sabem – sugeriu Danae.

– Acho que não conseguia – disse Rafe. – Tive duas refeições de Natal. Acho que só conseguirei andar na próxima semana.

– Isto foi fantástico – comentou Tess, com lágrimas surgindo quando olhava com gratidão para Danae e Mara. – Muito obrigada, muito obrigada.

– Não – disse Danae –, eu é que agradeço. Acho que este foi o meu melhor Natal em muito, muito tempo.

22

Cashel tinha regressado de Courchevel com um sorriso no rosto e a sensação de que afinal a vida talvez não fosse assim tão má. Sherry dera-lhe o seu número, ele havia prometido telefonar-lhe e levá-la a jantar na próxima vez que estivesse em Londres. Ela retivera o cartão nas mãos uma eternidade até lho dar.

– Não brinques comigo – disse da mesma forma descontraída com que dizia tudo. – Não gosto de perder tempo, por isso, se não pensas telefonar-me, Cashel, não te vou dar o cartão. Vamos cortar a parte do «será que telefona/será que não telefona», está bem?

– É assim que negoceias? – perguntou Cashel, impressionado.

– Sim, é precisamente assim que negoceio – confirmou de forma incisiva – e funciona. Eu não engano os outros e não espero que me enganem.

– Percebido – concluiu Cashel. – Garanto-te não ser um daqueles homens que não mantém a sua palavra.

Ela entregou-lhe o cartão e ele aceitou-o sem que os seus dedos sequer se tocassem. Há muito que não se sentia atraído por alguém e a sensação era boa, normal. Talvez se estivesse a libertar da infelicidade que lhe afetava a mente há demasiado tempo. A escuridão que tinha surgido com a morte da sua mãe. Talvez Sherry pudesse vir passar um fim de semana à Irlanda e ele mostrava-lhe Avalon House. Achava que seria divertido, sentir-se-ia orgulhoso de lha mostrar. Mostrar-lhe-ia também a vila e diria:

– É daqui que venho, de uma das casas mais pequenas, na parte inferior da colina.

– E agora vais comprar a casa grande – podia ouvi-la dizer, com uma certa admiração na voz.

Sentado no avião, a voar de regresso a Dublin, pôde ver o embaraço a surgir com aquele pensamento. Era tão previsível, não era? O rapaz local que tem sucesso na vida, que quer regressar e comprar toda a vila.

Talvez tivesse enlouquecido, talvez o que havia sentido por Tess Power durante todos aqueles anos lhe tivesse afetado o cérebro. Talvez devesse pôr a casa à venda e esquecer o assunto. Esquecer os planos e o construtor, e o arquiteto e a louca da nova assistente, Mara, embora o fizesse sorrir. Podia oferecer-lhe um emprego no seu império, ela podia trabalhar em qualquer lado. Disse que queria mudar-se para Londres mas talvez ele pudesse oferecer-lhe algo em Nova Iorque. Ela ia gostar. Partiriam os dois para longe de Avalon e do passado.

O Hotel Avalon estava cheio.

– Desculpa – disse Belle quando ele telefonou. – Telefonei ao teu assistente em Londres para saber se era possível alugar a suíte por uma noite, pois iríamos ter uma grande festa e ele disse

que estarias em Londres e que não haveria problema. São as festas de passagem de ano. Posso pôr-te de novo na tua suíte do costume no dia de ano novo? Às três horas? Duas, se tiveres sorte!

– Não há problema – anuiu. – Ficarei com o meu irmão. Lembra-me de despedir aquele assistente.

– Não sejas tão mau – disse Belle com firmeza. – O pobre coitado pensou que estivesses em Londres. Ele não é médium!

Cashel sentiu-se de pé atrás desde o início. Não gostava da passagem de ano. Era o equivalente emocional a um balanço de fim de ano: a altura em que se analisa o que correu bem e o que correu mal. Deprimente, horrível e uma má altura para estar sozinho.

Ligou a Charlotte e pediu-lhe para ficar lá em casa. Riach, Charlotte e as crianças estavam a planear ir a um espectáculo de fogo de artifício no cais.

– Anda cá ter e vamos juntos.

– *Okay* – disse Cashel –, parece-me bem. Talvez pudéssemos ir jantar primeiro.

– Eu ia fazer o jantar – disse Charlotte.

– Estás sempre a cozinhar – comentou Cashel para a cunhada. – Descansa e deixa-me ajudar-te.

O fogo de artifício foi incrível, trinta minutos de um espetáculo inacreditável com uma noite límpida como pano de fundo. As crianças adoraram. Sentou a pequena Martina nos seus ombros porque, com quatro anos, era a mais pequena e não conseguia ver. Era um amor de criança, com cabelo escuro, olhos verdes e uma natureza doce. Se era verdade que as crianças escolhiam os pais, ele estava grato pelo facto de aquele pequeno anjo ter escolhido Charlotte e Riach porque eles adoravam-na.

– Então – disse –, não é lindo?

– Sim – respondeu ela na sua voz meiga. – Parece o mundo das fadas.

«Sim», pensou ele, «parece o mundo das fadas.» Segurou a pequena sobrinha ainda com mais cuidado para ter a certeza de que ela não cairia.

Acordou cedo na manhã seguinte sem saber o que fazer. Tinha enviado uma mensagem a Sherry a desejar-lhe um feliz ano novo e recebera outra de volta, bem como outra de Mara furiosa e cheia de pontos de exclamação. As crianças estavam levantadas, por isso preparou-lhes o pequeno-almoço pensando que Charlotte e Riach tinham direito a uma folga. Eddie, o sobrinho de oito anos, queria brincar com a *Wii*, mas Martina preferia ver *Dora, a Exploradora*. Seguiu-se uma batalha feroz que Cashel apenas pôde arbitrar.

– Céus – disse quando Riach veio à sala de estar ver a que se devia todo aquele barulho –, e eu que pensava que as negociações na indústria eram difíceis.

– Não há nada mais difícil que negociar com alguém com quatro anos. Acredita – referiu Riach, prosseguindo com a sabedoria de Salomão ao atribuir meia hora a *Dora, a Exploradora* e depois outra meia a *Wii* antes de sugerir que fossem todos dar uma volta ao ar livre.

– Bom plano – aprovou Cashel. – Acho que vou visitar a casa, ver como andam as coisas.

– E se fôssemos todos?

– Não – disse Cashel –, não é muito seguro para as crianças. O mais provável é quererem entrar e sabe Deus o estado em que aquilo está. Vamos esperar que os trabalhos avancem mais um pouco e que esteja tudo seguro, aí os miúdos podem ir. Vou dar uma volta sozinho, observar o que se passa. – Confirmar, pensou em privado, se valia a pena ficar com ela: confirmar se o fascínio que sentira por ela anteriormente se mantinha.

Iria também à campa da mãe conversar com ela. Seria como recuperar o tempo perdido, os anos em que não lhe podia contar tudo.

Provavelmente, nunca lhe tinha contado tudo, pensava entristecido. Que filho o faz? Havia sempre alguns segredos, coisas das quais se tinha vergonha ou que não se podiam contar à nossa mãe. Coisas como quão magoado fora por Tess Power, ou como aquilo fora um choque do qual não tinha recuperado totalmente.

Embora não tivesse contado à mãe os pormenores, ela falava com ele sobre aquilo frequentemente.

– Não deixes que o teu orgulho se intrometa no caminho – dizia-lhe ao início, quando lhe telefonava para casa de uma cabina telefónica uma vez por mês. Tess estava sozinha, o pai morrera e ela tinha de vender a casa, contava a mãe.

E então a mãe deixou de falar daquilo e de Tess e Cashel não perguntava, demasiado orgulhoso para baixar a guarda. Só quando regressou a Avalon, dezoito meses depois, com a imagem de Tess ainda marcada no seu coração, soube porquê. Riach contara-lhe.

– Ela agora é casada, um tipo porreiro, carpinteiro, havias de gostar dele – disse-lhe.

– Gostar dele? – interpelou Cashel secamente o irmão. – Sim, claro, já o adoro.

– Bem, tu tiveste a tua oportunidade – referiu Riach.

– Não, não tive – ripostou Cashel. – Ela deixou-o bastante claro com o que fez.

– Céus, tornaste-te num homem duro, Cashel Reilly – constatou Riach. – Não te quero como meu inimigo.

Cashel sentira-se mal naquela altura. Mas, quando soube que Tess estava grávida, sentiu o golpe final. Nunca a tinha perdoado por lhe ter destroçado o coração. As suas atitudes mostraram que ele fora o único a acreditar naquele amor.

Enquanto conduzia pela praça da vila, Cashel ficou surpreso ao ver que o café estava aberto e cheio. A dona era muito tagarela e encantadora e era difícil resistir à fabulosa pastelaria exposta de forma convidativa no balcão.

Brian tinha agora menos medo de Cashel do que antes. Cashel não o teria notado até há pouco tempo, mas estava a começar a prestar mais atenção ao efeito que tinha nas pessoas à sua volta. Era a atrevida da Mara, pensava ironicamente. Tinha uma maneira de falar com ele de igual para igual, recordando-lhe que no fundo era um homem normal. Ser o Mestre do Universo era bom, mas quando se regressa à terra natal, ao sítio onde se correra como um miúdo de escola sujo, aí então regressava-se ao que sempre se havia sido.

– Bela manhã, não é? – disse a Brian atrás do balcão.

– *Hum*, sim, ótima, ótima. Não se prevê chuva nem nada – gaguejou Brian.

– Diz-me, Brian – inquiriu Cashel –, em todos estes anos que cá venho, alguma vez te disse algo desagradável?

– Não, Mister Reilly – retorquiu Brian.

– E podes tratar-me por Cashel.

– Está bem, Mister Reilly… *hum*, Cashel.

– A sério, alguma vez disse algo errado? Pareces ter medo de mim.

Brian pôs-se atrás de uma empregada de forma a ter tempo para pensar. Por fim, respondeu:

– É que, bem, o senhor tem esse ar.

– Que ar?

– Ar de quem manda e que até podia comprar a vila toda e assim – disse Brian com receio.

– Eu não vou comprar toda a vila – ripostou Cashel, exasperado. – Comprei a Avalon House, só isso. E, se vier para cá viver, vamos ter de nos conhecer melhor, Brian, para que quando aqui estiver não tenhas tanto medo de mim.

Brian parecia incrédulo.

– Está bem, Cashel – disse, pondo o café americano no balcão. – Quer um bolo? – perguntou de forma ousada. Nunca o tinha feito antes.

Cashel não parecia o tipo de homem que olhava para pastelaria, como se bolos assim tão belos não estivessem ao seu nível. Não, ele parecia ser capaz de partir tijolos ao meio só com as mãos e mordê-los em pedaços como se fosse um viquingue.

– Sabes que mais? – comentou Cashel, analisando a seleção. – Deixaste-me tentado. Quero aquele bolo de maçã ali ao fundo. – Olhou para Brian. – Porque têm bolos tão bons, logo hoje?

– É a crise – explicou Brian de forma simples. – As pessoas estão dispostas a trabalhar a qualquer hora para manterem os seus negócios de pé. Estes são feitos para lá da estrada para Dublin por um casal polaco, fazem bolos ótimos.

– Adoro pessoas empreendedoras – declarou Cashel, sorrindo.

– Eu também – concordou Brian.

A sua mãe ficaria encantada. Ele estava a manter uma conversa.

No dia de ano novo, Zach e Kitty iam com o pai a Dublin visitar um parque de diversões coberto. Faziam-no regularmente enquanto família mas aquela era a primeira vez sem Tess – e com Claire.

Embora nunca tivesse gostado do parque de diversões e detestasse ver Zach e Kevin naquela montanha-russa assustadora, naquele dia Tess desejava poder ir. Não necessariamente com Kevin ou Claire, mas com Zach e Kitty. Começar o ano novo com os filhos a irem a algum lado para se divertirem sem ela parecia-lhe errado. O que sentia dentro de si era um enorme vazio ao pensar que, a partir de agora, iriam divertir-se, ver coisas e visitar sítios sem ela.

A separação era tão difícil. Se ela soubesse o abismo que tinha à sua frente talvez não o tivesse sugerido. Mas, enfim, aquele era um ano novo, não valia a pena olhar para trás. Preparou a segunda chávena de café do dia e olhou para *Silkie*, deitada na sua cama na cozinha, parecendo desamparada, com um mar de angústia nos seus olhos grandes e escuros.

– E se fôssemos dar uma volta? – sugeriu.

Estava muito frio mas ainda assim um bonito dia com o sol de inverno a brilhar no céu. Cashel encontrava-se na área esquerda da casa, observando as janelas partidas e pensando no pesadelo que tudo aquilo seria. Freddie, o construtor, tinha explicado que as janelas no estilo original e com vidros duplos demoravam muito tempo a serem feitas.

– Vai ser difícil – esclareceu. – Pode ser feito, mas será moroso e vai custar-lhe algum dinheiro.

– Está bem – acenou Cashel. – Faz um orçamento, quero saber o preço de tudo. Sem pequenos ajustes no final, se fazes favor – disse sombriamente.

– Não, não, nada disso – apressou-se Freddie, clarificando. – Jamais faria algo assim.

De repente, uma cadela surgiu a correr das traseiras da casa, parecia um galgo em miniatura, com uma faixa castanho-dourada e orelhas indolentes. A cadela atirou-se diretamente a Cashel, encantada. A saltar e a lamber, desesperada por receber umas festas, ladrando como louca.

– Para baixo, rapariga, para baixo – mandou Cashel. – Acalma-te já. – Segurou a cadela contra si e acariciou-lhe a barriga palpitante.

– *Silkie*, onde estás? – chamou uma voz e Cashel ficou imóvel. Seria capaz de reconhecer aquela voz em qualquer lugar. Virou-se e viu-a a caminhar na sua direção: Tess Power.

– Oh, és tu – exclamou ela, parando a alguma distância. Não se falavam há dezanove anos.

– Sim, sou eu – ripostou. – Isto agora é meu. – Sentiu-se imediatamente arrependido de tamanho golpe baixo.

– Eu sei – retorquiu ela de modo tenso, chamando a cadela: – *Silkie*, anda, vamos embora. Desculpa, nunca cá venho, quis aqui vir hoje, não sei porquê.

– Nunca cá vens? – perguntou Cashel, intrigado.

– Não – redarguiu. – Porque haveria de vir?

Caminhou lentamente em direção a ela, com *Silkie* a dançar à volta dos dois.

Tess olhou a cadela, que se comportava de modo tão desleal, à brincadeira com o inimigo.

– *Silkie*, anda cá – ordenou, mas *Silkie* não obedecia, encantada por ter encontrado alguém novo com quem brincar.

– A *Silkie* é amorosa – comentou Cashel. – Que idade tem?

– À volta de seis anos – disse Tess. – Pelo menos, é o que achamos. Ela foi abandonada.

– Curioso – referiu Cashel –, os cães abandonados por vezes têm algum medo de estranhos.

– Ela não tem medo nenhum, mas tens razão – concordou de má vontade –, muitos cães da rua são desconfiados. Como sabes isso? Não tens cães, pois não, com todas as viagens que fazes?

– Não – disse ele –, já não tenho cães. Mas tive. Lembras-te do pequeno *Jack Russell?*

– O *Pookie* – lembrou, rindo-se.

– Sim, o *Pookie*.

E subitamente ambos se riam, pensando no adorável *Jack Russel*, batizado com a palavra irlandesa para «fantasma», pois o seu pelo era branco como a neve, exceto uma orelha e uma

pequena mancha em forma de diamante na anca. Era uma grande personagem.

– Ele adorava vir para aqui – recordou Tess. – Às vezes a tua mãe trazia-o e tu vinhas da escola e jogavas *hurling* na relva com a Suki. Eu não podia brincar porque era demasiado pequena e então sentava-me com o *Pookie* e conversava com ele, contava-lhe histórias.

– Eu lembro-me – afirmou Cashel. – Tu eras muito sossegada e ficavas aqui a fazer-lhe festinhas. Ele adorava-te. Costumava pensar que to devia dar, mas depois olhava para ele, enrolado na cama a meu lado, num sono profundo, e não tinha coragem para o fazer. Teria de estar destroçado para o deixar.

– Não sabia sequer que pensavas nisso – surpreendeu-se Tess, perplexa. – Quero dizer, os cães são uma ótima companhia – acrescentou, recompondo-se. – Hoje estaria sozinha se não fosse a *Silkie*. – Deteve-se. O que estava a fazer? Contar-lhe algo assim tão íntimo era ridículo.

– Mas porquê? Porque haverias de estar só? – perguntou ele. – Tens duas crianças, não tens?

– Tenho – dissera tranquilamente –, o Zach e a Kitty.

– Onde estão hoje?

– Estão com o pai e a namorada dele. Foram ao parque de diversões em Dublin. – Tess sabia que o seu rosto pareceria amargo ao dizer aquilo.

– Pois – respondeu Cashel. – Isso deve ser difícil para ti.

– É – disse Tess, achando-se capaz de chorar.

Aquilo era demasiado surreal, estar ali à frente da casa de que tanto gostava, com o homem que amara em tempos, o homem que lhe tinha virado as costas. Queria desmanchar-se em lágrimas.

– É melhor ir-me embora, Cashel. Desculpa ter entrado sem autorização, não voltará a acontecer. Só quis ver o espaço pela última vez.

Aproximou-se, pegou em *Silkie* e pôs-lhe a trela. *Silkie* contorceu-se, furiosa com o facto de estar presa quando o que queria era andar por ali a saltar, procurar coelhos e receber carinhos de homens desconhecidos.

– Não precisas de te ir embora – disse Cashel rispidamente. – Fica, por favor. Na verdade, vem quando quiseres. Era a tua casa.

– Agora é tua – lembrou Tess enquanto descia a rua. – Adeus, Cashel. Boa sorte com isto.

* * *

Em Nova Iorque, Redmond Suarez encontrava-se num elegante almoço de dia de ano novo para o qual tinha sido convidado e olhava à volta da mesa, catalogando os convidados. Dois *liftings* faciais para a atriz das novelas ali ao fundo, o primeiro possivelmente aos trinta, o segundo aos quarenta. O truque das atrizes jovens era esse, fazer o primeiro *lifting* facial numa idade muito jovem para que os músculos não tivessem a possibilidade de enfraquecer. Ninguém repararia no primeiro *lifting*. Depois, quando faziam o segundo, pareciam estar a envelhecer graciosamente. Adicione-se o botox, algum preenchimento, talvez algum *Sculptra* para manter a forma das bochechas, e era possível parecer ter trinta até aos sessenta anos. Embora, quando se chegasse aos sessenta, já as pessoas tivessem percebido que havia ali algum trabalho cirúrgico, independentemente do número de vezes que se usasse o truque do *Eu*

tenho bons genes, alimento-me saudavelmente, bebo muita água e faço exercício. Genes assim tão bons só na ficção científica.

Ainda assim, ela parecia ótima, suficientemente bonita para agarrar o multimilionário de cinquenta e muitos anos à sua direita.

– Oh, querido, tem de se sentar a meu lado – dissera, estragando completamente a divisão dos lugares feita pela anfitriã.

Mulher inteligente, pensara Redmond em aprovação; tinha claramente percebido que estavam presentes demasiadas mulheres bonitas para deixar o seu par longe de si. Manhattan era uma selva no que a manter velhos ricos dizia respeito.

À mesa estava um casal à beira do divórcio. Redmond tinha ouvido todos os pormenores. O marido estava a ter um caso com a ama. A sério – que cliché! Eram um casal rico, não muito famosos mas o suficiente para os dois e os acionistas da sua empresa se sentirem extremamente embaraçados caso os pormenores do seu caso se tornassem públicos. Redmond pensou que talvez fosse por isso que se encontravam juntos naquele dia: para acalmar os rumores. Mas não era preciso ser um perito em linguagem corporal para sentir a distância entre os dois.

A anfitriã, Caroline, era uma das pessoas favoritas de Redmond. Adorava todos os boatos e os escândalos embora não o parecesse quando se conhecia. Adorava Redmond por tudo o que lhe contava. E compensava-o com convites para almoços do género, com pessoas que se sentiam entusiasmadas ao sentarem-se à mesa com tão notável biógrafo.

Redmond era encantador com todos, contando-lhes pequenos pormenores que lhes espicaçavam o interesse. Algumas bebidas depois e as pessoas riam-se e perguntavam-lhe sobre o mais recente boato, querendo saber sobre a história da biografia de Richardson, ele ia mesmo escrevê-la? O que circulava por aí era que a mulher do senador Richardson, Antoinette, estava furiosa e determinada a parar a biografia a qualquer custo.

– A sério? – admirou-se Redmond, como se já não o tivesse ouvido de uma fonte segura. – São muito interessantes, estes Richardson.

Quando se armava em esperto e reservado, o seu sotaque tornava-se mais pronunciado. Redmond insistia ser descendente da nobreza portuguesa – nascido no lado errado dos lençóis, infelizmente. Conseguir que pensassem que descendia de uma família rica e aristocrata simplificava a sua vida e facilitava a sua entrada nos grandes salões de Nova Iorque. Poucas pessoas sabiam a verdade: que Redmond tinha crescido numa enorme pobreza em Porto Rico. Depois de anos de muito trabalho, tinha saído do bairro de barracas – e pretendia certificar-se de que jamais voltaria a ser pobre. E se isso significava escrever livros escandalosos que deixavam os advogados das editoras preocupados quando os liam, bem, para ele não havia problema.

– Sim – continuou –, os Richardson são muito interessantes.

Na realidade, o seu mais recente projeto revelava-se cansativo. A pesquisa estava a demorar uma eternidade. Não havia dúvidas de que os Richardson tinham apertado o cerco a todos os que lhes eram próximos, determinados em não permitir que se soubesse alguma coisa sobre eles. Mas é claro, aquela gente rica costumava esquecer-se dos empregados, presumindo que

os guardiões das suas famílias jamais partilhariam algum pormenor. Ah!

Antoinette Richardson era conhecida por ser déspota com os empregados e existiam muitos antigos e atuais empregados dispostos a contar tudo – por um preço, naturalmente. Tinha sido uma das empregadas a dar-lhe a dica sobre Suki Power. Parecia interessante mas desaparecera. Redmond tinha de a encontrar: iria acelerar muito as coisas se conseguisse descobrir o que sabia ela.

Porque se tinha divorciado de Kyle Júnior? Era algo que deixava muita gente com curiosidade. Porquê deixar uma das famílias mais ricas da América – a não ser que houvesse algo horrível a acontecer? Não, havia ali qualquer coisa, e ele estava determinado a descobrir o que era. Tinha desperdiçado os últimos dois meses a desvendar a miríade de negócios do Sénior com o Pentágono, mas, com questões de segurança nacional envolvidas, as fontes sentiam-se relutantes em falar. Seguir o caminho de Suki Power traria resultados muito mais prováveis.

Além disso, eram os boatos interessantes que vendiam – mais escândalos do que embustes. Suki Power podia ser a chave. Tinha anotado mentalmente a necessidade de falar com a chefe de investigação, Carmen, no dia seguinte logo de manhã.

Mara estava na cama com Rafe, em casa deste, que ficava num dos lados da oficina. A casa era toda de madeira e tinha um ar masculino: por outras palavras, como Mara tinha explicado a Rafe, ele não tinha *coisas*.

– Não há jarros, não há bugigangas, não há coisas – dizia sempre que lá ia.

– Mas tenho uma cama de tamanho gigante – apontava Rafe.

– Sim, tens – murmurava Mara.

Haviam passado a noite na cama, a ver um filme no grande ecrã colocado na parede à frente da cama e agora Mara sentia-se agradavelmente sonolenta. Do lado da cama onde se encontrava a sua mala veio um barulho que avisava que havia uma mensagem escrita no seu telemóvel. Baixou-se e apanhou o telefone preguiçosamente.

Olá, Mara, como estás? Estava a pensar em ti. Espero que estejas bem. Penso muito em ti. Feliz ano novo. Com amor, Jack.

Quase que deixou o telemóvel cair de susto. Por que raio estava Jack a enviar-lhe mensagens?

– Quem era? – perguntou Rafe quando ela se aconchegou de novo no seu

pescoço. Mara atirou o telemóvel para o chão.

– Um velho amigo – disse. – As pessoas enviam muitas mensagens no ano novo, não é?

– Sim, enviam – concordou Rafe. Aproximou-se da sua boca. – Podiam estar a fazer coisas mais interessantes – murmurou antes de a beijar.

23

Danae nunca gostara do mês de janeiro. Era um mês sombrio. Um mês durante o qual as pessoas que se agarravam à vida por causa do Natal desistiam finalmente desse esforço desesperado. Era um mês de muitos funerais e muitos cartões de pêsames enviados pelo correio. Ela detestava ouvir que algum reformado simpático com quem tinha estabelecido amizade morrera. Também estava consciente de uma escuridão sobrenatural associada ao mês, antes da luz que vinha da primavera no mês de fevereiro.

Porém, ter Mara por perto iluminava o espaço. Era difícil estar triste a seu lado. Tinha muita vida e era enérgica como a sua homónima *Mara*, a galinha. Agora ainda mais, uma vez que estava perdida de amores pelo seu querido Rafe. A luz interior que iluminava Mara estava ainda mais forte naqueles últimos dias.

Entretanto, a *Mara* de penas estava finalmente a pôr ovos. Tinha posto três desde o Natal, cheios de manchas castanhas, que Danae colecionava com prazer. Adorava quando as antigas galinhas de aviário voltavam a pôr ovos. Algumas nunca mais o voltavam a fazer – estavam demasiado traumatizadas. Mas *Mara* estava claramente encantada e cacarejava bem alto quando Danae vinha buscar os ovos, como se dissesse «Olha! Olha o que fiz! Eu consigo. Sou uma galinha, ouve-me cacarejar!».

A Mara e a *Mara* de penas eram os raios de luz no mês de janeiro, mas ainda assim eram muitas as manhãs em que Danae sentia o peso da idade ao acordar para um céu cinzento com a sensação de que o Sol jamais voltaria a brilhar em Avalon.

Sentia também um mau presságio, a ideia de que nem tudo estava bem no mundo, por isso não devia ter sido uma surpresa quando a carta chegou enquanto se preparava para abrir o posto de correios. Como chefe dos correios, ela era a primeira a ver muitas cartas e assim que pôs os olhos naquela, sabia que vinham aí problemas. Era uma carta que lhe fora enviada enquanto parente próxima, marcando uma consulta com um oncologista para Antonio. Havia um telefone de contacto e a carta dava a entender que o hospital já tinha sido contactado, que ela já tinha sido informada. Mas ela não sabia de nada.

Danae telefonou para o consultório para confirmar a consulta, sem pedir nenhuma informação e sem esperar que lha dessem. Esses detalhes nunca eram dados por telefone. Sabia que tinha de telefonar para o hospital. Talvez o facto de não lhe terem dito que Antonio estava doente não tivesse sido engano. Fosse com qualquer outro paciente e a informação teria sido dada automaticamente por telefone. Mas com o Antonio, era diferente. Com Danae era diferente e as pessoas que importavam no hospital sabiam-no.

Não a queriam preocupar durante o Natal. Conheciam a história da terrível lesão cerebral que tinha deixado Antonio na cama de um hospital. Sabiam que a sua mãe, Rosa, costumava telefonar para se certificar que Danae não estaria presente durante as suas visitas. Não que isso

ainda tivesse importância; Rosa há muito que estava morta e mais ninguém visitava Antonio Rahill, exceto os seus irmãos no Natal por não mais de uma hora.

Graças a Mara e à sua magia, este tinha sido o primeiro Natal que Danae não passara atormentada pela culpa de saber que Antonio jamais poderia participar naquelas celebrações. A sua sobrinha tinha o incrível dom de unir as pessoas, de fazê-las divertirem-se. E fora isso que fizera por Danae: tinha-lhe oferecido o dom da amizade, permitindo-lhe fazer novos amigos. Abrir-se à comunidade de Avalon, algo que não tinha feito em todos aqueles anos em que lá vivia.

E agora Danae estava a ser castigada. Castigada por não ter pensado no seu marido por alguns dias e aproveitado uma vida que Antonio jamais viveria.

O telefone na Refuge House tocou e tocou e tocou até que alguém finalmente o atendeu, uma voz que Danae conhecia bem.

– Olá, Aggie – cumprimentou Danae. – Como estás?

– Danae – disse a mulher com o leve sotaque *cork* que significava que Danae reconheceria sempre a sua voz ao telefone. – Sei porque nos estás a telefonar. Lamento que não tenhamos gerido bem isto. Ligaram-nos do gabinete do médico depois de lhes teres telefonado e pediram-nos desculpas. Achavam que tu sabias e nós explicámos que...

– Não faz mal – interrompeu Danae. – Teria de saber eventualmente.

– Claro que sim – concordou Aggie. – Mas não tinha de ser de um modo tão brusco. O diretor ia conversar contigo sobre isso na próxima visita.

– Está aí hoje? – perguntou Danae.

– Estará mais tarde.

– Ouve, vou sair daqui de carro. Estarei aí ao meio-dia.

– Não tens de vir hoje – disse Aggie.

– Não – disse Danae firmemente –, estou a caminho. – Implicava fechar o posto de correios mas não havia alternativa. Tão em cima da hora, não conseguiria encontrar alguém que a viesse substituir. – Vou fechar neste momento, falamos mais tarde.

Danae caminhou depressa até casa.

Lady, cansada da sua habitual caminhada matinal, ficou surpreendida ao ver a dona de volta. De Mara não havia sinal. Tinha ficado acordada até tarde com Rafe; Danae tinha-os ouvido a rirem-se de um filme antigo.

– É o primeiro *Aeroplano* – informara Mara. – Por favor, diz que te juntas a nós a ver o filme, Danae.

– Não – disse Danae, sorrindo, e foi para a cama com *Lady*.

Danae sabia que podia acordar Mara e pedir-lhe que fosse com ela até ao hospital, mas precisava de fazer aquilo sozinha. Era claramente o fim e ela devia a Antonio a responsabilidade de o encarar.

No hospital, Danae foi, como de costume, ao dormitório do seu marido mas ele não se encontrava lá.

Steve, um dos enfermeiros, apareceu a seu lado.

– Ele estava a tossir e a fazer barulho durante a noite – explicou a Danae. – Mudámo-lo para um quarto privado. Venha por aqui.

Steve saiu do dormitório e avançou pelo corredor que Danae, na sua cabeça, sempre definira como «os quartos para morrer». Era para ali que mudavam os pacientes quando chegava a altura da sua morte. Era então verdade: Antonio estava a morrer.

Respirando fundo, entrou no quarto. Estavam lá todas as suas coisas. O retrato da Virgem Maria que a mãe dele tinha trazido logo no início. Rosa insistia que não queria voltar a pôr a vista em Danae e, nos primeiros anos, houvera um ou dois incidentes nos quais funcionários a haviam abordado a caminho do dormitório de Antonio, avisando-a de que a mãe dele estava lá dentro, encaminhando-a para um sítio qualquer onde pudesse sentar-se e aguardar a saída de Rosa.

Agora Rosa estava morta e os irmãos de Antonio estavam ocupados a gerir os seus vários impérios: as mercearias, as lojas de apostas. Parecia que ninguém o visitara naquele Natal. Não havia prendas, à exceção da grande caixa de chocolates que ela tinha trazido. O ponto fraco de Antonio. Para ele não existiam chocolates suficientes no mundo e, como caminhava imenso, para cima e para baixo nas escadas, queimava as calorias.

Mas daquela vez a grande caixa de chocolates que esperava estivesse vazia há muito encontrava-se no aparador e mal tinha sido tocada.

– Tem dormido muito – indicou Steve. – É a medicação.

– O que aconteceu exatamente?

– Sofreu uma queda no dia de Natal, Danae, e levámo-lo para observação.

– Porque não me telefonaram? – perguntou.

– O diretor decidiu não lhe dizer. Sei que, em qualquer outro caso teríamos feito o telefonema, mas, Danae, você já passou por tanto. O diretor insistiu. Foi depois da radiografia que perceberam que aquilo não era uma simples fratura. Havia algo mais. Na realidade, não sei como o perceberam mas alguém estava inspirado nesse dia. Passou lá a noite por segurança. A radiografia ao peito mostrou os tumores nos pulmões. Ele precisa de mais exames para se perceber onde se encontram os outros, mas parece ter metástases nos pulmões e nos ossos.

Danae agarrou a porta para se conseguir segurar.

– Está a tomar muita medicação para as dores – disse Steve. – É tudo o que lhe podem dar. Mesmo sem os exames, as análises ao sangue mostram-nos que já está muito avançado. Agora apenas uma questão de tempo. Estamos a fazer o que podemos para o manter confortável mas temos de o levar para um hospício. O diretor falará disso consigo. Agora deixo-a sozinha. Diga-me se precisar de alguma coisa. Uma chávena de chá depois dessa longa viagem de carro?

– Isso seria ótimo, Steve – respondeu Danae automaticamente, embora julgasse não ser capaz de beber nada; o líquido iria parecer areia na sua boca.

O fim estava perto.

Suki espreguiçou-se na secretária, num ato de satisfação. O livro estava bem encaminhado. Não era exatamente o que tinha prometido à sua agente, Melissa, ou mesmo às pessoas da Box House Publishing. Era melhor. Em vez de procurar outra área, Suki tivera uma ideia brilhante. Iria levantar as questões que abordara em *As Mulheres e as Suas Guerras* e colocar a questão: *O que mudou?* Ainda existiam tantas áreas onde nenhum progresso tinha sido feito e ainda assim poucas eram as pessoas que por isso batalhavam. O feminismo era uma palavra feia. As jovens cantoras eram representadas como nada mais que objetos sexuais quando deviam ser modelos a seguir. Apesar de tudo, as mulheres não recebiam o mesmo que os homens. Faziam todas as tarefas domésticas e tomavam conta dos filhos, mesmo que tivessem um emprego fora de casa. A ideia de que era possível ter tudo era falsa. As vidas das mulheres eram como as rodas dos hamsters, girando sem parar. Era sobre isso que estava a escrever.

– Já acabaste? – perguntou uma voz na porta e ela virou-se para encontrar Mick encostado à ombreira, vestido com calças de ganga e uma *T-shirt* que usava há pelo menos dois dias. Estava descalço, as unhas dos pés sujas e, subitamente, vê-lo deixou-a agoniada com o facto de ter alguém a viver à sua custa, como um parasita. Seria diferente se não conseguisse encontrar um emprego, mas Mick recusava-se a procurar.

– Não posso arranjar um emprego comum, Suki – afirmara na semana anterior, quando ela mencionara o assunto pela terceira vez. – Sou um músico, não me posso vender e tornar-me em mais um trabalhador comum, tu sabes isso.

Naquele dia, ao olhar para ele, sabendo perfeitamente que, apesar de ter estado a trabalhar ali em cima o dia todo, nem lhe ocorrera fazer o esforço de preparar o jantar, ou arrumar a casa, ou tratar da roupa por lavar – caramba, ela tinha a certeza que ele nem sabia como funcionava a máquina de lavar roupa. Não tinha tomado banho, não fizera a barba: basicamente estava-se nas tintas. E ela estava farta de viver com um homem que não só não queria saber dele próprio como, por arrasto, não queria saber dela. E se ele se importasse com a relação não estaria a viver à sua custa, estaria à procura de um emprego. E, se não conseguisse encontrar um emprego, estaria a cuidar dela, a tomar conta da casa, encontrando formas mais económicas de comer ao invés de encomendar o jantar todas as noites. Não se queixava sobre a sua música quando ela estava concentrada no seu estudo, a fazer o seu trabalho – que era aquilo que os afastava da ruína financeira.

– Mick – disse, fixando o seu olhar no dele –, tenho estado a pensar. Tens razão: tu és um músico e não devias ter de arranjar um emprego comum.

– O quê? – ele olhou para ela, confuso.

– A discussão que tivemos na semana passada, quando disseste que não podias arranjar um emprego comum, bem, tens razão. Se não queres viver assim, tens esse direito, é a tua vida, não é de mais ninguém. Mas sabes que mais…?

Ela salvou o documento no qual estava a trabalhar, desligou o computador e pôs-se de pé de forma a estar virada para ele. Subitamente, a força que julgava perdida tinha voltado; conseguia senti-la a surgir-lhe no corpo.

– Mick, está tudo acabado entre nós. É óbvio que não me respeitas, ou não estarias a viver à

minha custa. E acho que também já não te respeito. Está na altura de acabarmos.

– Querida, o que queres dizer com acabar? As coisas estão boas e a banda em breve arranja uns concertos…

– Não, a banda não vai arranjar concertos. O que não faltam são bandas por aí, Mick, e tu sabes disso. Se não tiveram sucesso até agora, não vão ter nunca. Estás a agarrar-te a um sonho impossível.

– Pois, tu estás a dizer isso do alto da sabedoria de quem se enrolou com o vocalista dos TradeWind, não é? É aí que obténs as tuas informações sobre a indústria da música – afirmou de forma ríspida.

– Não tens de recorrer a golpes baixos – argumentou Suki. – Foi bom e agora acabou. *Okay*? Pega nas tuas coisas e muda-te. Nem era para te teres mudado para cá, mas mudaste à mesma.

Ele fitou-a mas ela não teve medo; Mick não ia tentar nada, ela sabia-o. Ela tinha-o atacado onde mais lhe doía e agora ele ia-se embora.

– Lamento que as coisas não tenham resultado – acrescentou. – Lamento mesmo. Mas temos de encarar os factos: tu e eu queremos coisas diferentes.

– Bem, não sei como vais arranjar alguém que me substitua, querida – respondeu-lhe. – Olha para ti, já não és uma roqueira boazona, não com essas rugas. Agora o Jethro não olharia para ti.

Suki engoliu o insulto. Ele não a conseguia magoar. Ela estava a envelhecer. Sabia-o e estava a escrever sobre isso no livro. As mulheres e a idade. Envelhecer até à invisibilidade e por que motivo isso era errado. Perdera tanto tempo a preparar os argumentos para o livro que não ficou surpreendida com o desprezo de Mick.

– Tal como disse, Mick – respondeu-lhe calmamente –, vamos tentar fazer isto como dois adultos. Queremos coisas diferentes na vida por isso vamo-nos separar, é só isso.

Ele bateu com a porta do escritório e ela podia ouvi-lo a andar pelo quarto, a praguejar. Reconheceu o som dos armários a serem abertos, depois os passos dele a descer as escadas, arrastando uma mala consigo. Também não havia muita coisa dele em casa.

– Volto mais tarde com uma carrinha para levar a minha cadeira – berrou das escadas.

Ela não ouviu a porta a bater e aguardou, agora a respirar com dificuldade, sentindo a ansiedade a instalar-se. Não ia ter um ataque de pânico; a saída do Mick era algo positivo na sua vida, não tinha motivos para se preocupar.

Levou uns dez minutos até ele ligar o motor do carro e então ouviu-o a sair estrada fora. Só quando isso aconteceu é que saiu do escritório e desceu as escadas. A porta da frente estava aberta e na sala de estar, a olhar atentamente as fotografias dela, Tess e Zach encontrava-se uma estranha. Alta, loira, jovem, numa magreza nova-iorquina, vestindo um fato preto elegante, como se trabalhasse para o governo, com uma camisa branca, uns pequenos saltos e uma pasta.

– Quem raio é você e o que está a fazer na minha casa? – perguntou Suki.

– Oh, olá – disse a mulher, mostrando a Suki um sorriso doce e um grande trabalho dentário. – É um prazer conhecê-la. Chamo-me Carmen LeMonte… trabalho com o Redmond Suarez e queremos muito falar consigo. Já deve ter ouvido que o Redmond está a escrever um livro

sobre os Richardson e estou certa de que nos quer contar o seu lado da história…

Suki percebeu que na sua mão se encontrava um pequeno gravador digital e estava claramente a gravar, pois havia uma pequena luz vermelha a brilhar.

– Falar sobre o quê? – perguntou Suki. Ela não se tinha preparado para aquilo. Eram todos os seus pesadelos conjugados num só.

– Você sabe, falar sobre a sua vida com os Richardson, estou certa de que deve ter sido um grande desafio. – A mulher sorriu de forma empática. – Gostaríamos que partilhasse connosco as suas opiniões sobre a vida deles, que partilhasse alguns detalhes sobre o que se passava realmente, os leitores iam adorar saber. E porque deixou a família? O Redmond Suarez acha que você deve ter um segredo, tem de haver aí qualquer coisa. E deve precisar do dinheiro, não? – O olhar da mulher deteve-se no chalé, nas portas abertas dos armários e nas coisas espalhadas que Mick tinha deixado na sua partida.

Suki não sabia o que dizer. Em pânico, só conseguiu vociferar:

– Não sei do que está a falar.

– Oh, então, Suki, acho que sabe – insistiu a mulher, ainda naquele tom de adoração. Suki recordou-se dos jornalistas de tabloides nos filmes em busca de uma história e até onde eles estavam dispostos a ir para a conseguir.

– Pouse a minha fotografia – ordenou Suki.

– Suponho que esta seja a sua irmã e o filho dela? Moram em Avalon, a sua vila natal. Será que eles nos podem dar alguma informação?

A jovem loira aproximou-se, segurando o pequeno gravador à sua frente.

– Perguntamo-nos porque desapareceu da família Richardson. É verdade que a Antoinette a perseguiu até sair?

A forma como a mulher sibilou «desapareceu» lembrou a Suki uma cobra prestes a atacar. Desesperada por livrar-se dela, pegou na fotografia e atirou-a para o sofá, depois pegou na mulher pelo ombro, deu-lhe meia volta e mandou-a porta fora antes de esta ter tempo de perceber o que estava a acontecer.

– Saia daqui – vociferou. – Está a invadir a minha propriedade, da próxima vez que a vir aqui chamo a polícia. E, se acha que vai conseguir arrancar-me rumores ordinários, está muito enganada. Deixe-me em paz! – E bateu-lhe com a porta na cara.

Com o coração a bater a mil à hora, os olhos a transbordar de lágrimas, encostou-se à porta, todas as forças a abandonarem-na. O medo, oh, Deus, o medo regressara.

Ligou para o telemóvel de Tess, algo que nunca fazia. Deviam ser umas onze horas em Avalon mas ela não queria saber. Tess respondeu depois de cinco toques, parecendo cansada.

– O que é? – perguntara.

– Sou eu – respondeu Suki. – Oh, Tess, nem imaginas. Uma das investigadoras daquele tal Suarez apareceu, encontrei-a em minha casa porque tinha acabado de expulsar o Mick e ele deve tê-la deixado entrar e…

– Mais devagar – pediu Tess.

– Expulsei o Mick e quando ele saiu aquela mulher deve ter entrado porta adentro, é investigadora para um biógrafo que quer escrever um livro sobre os Richardson. E eles sabem

que aconteceu alguma coisa!

– Como assim, eles sabem? – questionou Tess.

– Eles sabem – soprou Suki. – Estou acabada. Ninguém vai querer publicar o meu livro quando o Redmond Suarez acabar comigo, vou parecer a porca que a Antoinette me chamou.

– Como podem descobrir? – perguntou Tess, chocada.

Suki descontrolou-se. Toda a ansiedade que estivera a dominar veio de uma só vez e, em busca de um alvo, encontrou um em Tess.

– As pessoas como o Suarez conseguem descobrir tudo o que querem! – guinchou Suki. – Em primeiro lugar, a Antoinette nunca pagou um salário decente aos funcionários e trata-os abaixo de cão, não vá algum descobrir que não é tão nobre como gosta de fazer crer. Tudo o que o Suarez precisa de fazer é encontrar alguma empregada ou governanta que abra a boca e todo o castelo de cartas vem por aí abaixo. As pessoas que trabalharam na casa de Massachusetts adorariam contar tudo.

Suki recordava-se das vezes que tinha visto Antoinette a usar o sino junto à lareira para chamar uma empregada para vir desempenhar uma tarefa tão servil e sem sentido que nem valia o esforço de caminhar até ao sino. Mais um pedaço de lenha na lareira – quando estava ao lado do cesto da lenha; mais gelo na bebida do senador – quando o balde de gelo estava em cima da mesa de centro à sua esquerda, embora menos gelado que Antoinette, havia que admitir. Ele teria conseguido chegar lá sem sair do lugar.

Mas isso não interessava a Antoinette. A família tinha criados e eles iam usá-los fosse para o que fosse.

Suki tinha tentado fazer as pazes com os empregados à sua maneira: sorrindo excessivamente, memorizando os nomes de todos e usando-os ostensivamente, mas de nada valeu. Como dissera Kyle Júnior num raro momento de noção da realidade:

– Estás no outro lado da barricada, Suki. Os empregados não te vão deixar esquecer isso, mesmo que tentes fazê-lo ao máximo.

E qualquer uma das muitas pessoas regularmente humilhadas por Antoinette Richardson poderia ter vendido informações a Suarez e aos seus investigadores.

– Isto vai destruir-me – continuou Suki.

A quatro mil e oitocentos quilómetros de distância, as duas irmãs Power suspiraram exatamente ao mesmo tempo.

– Gostava de te poder ajudar – desejou Tess.

– Eu sei – respondeu Suki.

Tess ficou sentada na cozinha até tarde, preocupada com Suki. Zach estava lá em cima, a estudar ou a ouvir música, e Kitty estava a dormir. Encontrava-se sozinha na mesa da cozinha com nada mais do que os livros de contabilidade da Something Old e um copo de vinho tinto.

Era esse o seu plano para a noite, mas o telefonema frenético de Suki preocupou-a de tal forma que mal se conseguia concentrar.

Pobre Suki. Ela não estava a exagerar: se aquele biógrafo mesquinho virasse a história para o

lado errado o nome de Suki ficaria na lama. Se ao menos Tess pudesse fazer alguma coisa. Mas não podia. Só o poder e o dinheiro poderiam deter uma pessoa daquelas e os Power não tinha nenhum.

Ela estava na ruína. O negócio estava à beira da falência, nada o podia salvar agora. A sua única opção era vender o *stock* que lhe restava a outras lojas de antiguidades e ir a uma daquelas grandes casas de leilões e deixá-los desfazerem-se daquilo; de qualquer forma, significava vender tudo a um preço bem mais baixo do que valia. E nunca se sabia o que ia acontecer num leilão, era como apostar num cavalo. Quem sabia que cavalo ia ganhar, que cavalo ia perder?

Tess bebeu o seu vinho e tentou concentrar-se. Não podia ajudar Suki mas tinha de conseguir arranjar dinheiro para se sustentar a si, a Zach e a Kitty. O problema é que a ansiedade era tanta que tinha ficado com o cérebro bloqueado; por mais que tentasse, não conseguia pensar no que fazer a seguir. O único aspeto positivo é que parecia ter chegado a um ponto no qual já não se importava com o facto de Kevin não estar lá para a abraçar e dizer-lhe que tudo iria ficar bem, para lhe dar uma falsa sensação de confiança em como iriam ultrapassar aquilo.

Tinha finalmente percebido que tomara a decisão certa ao deixá-lo ir. Na altura da separação, não tivera a certeza. Nos meses seguintes vacilara, perguntando-se se deveriam voltar a estar juntos. Quando Claire apareceu na vida dele sentira raiva ao ser substituída tão depressa. Mas não fora mais que isso: raiva ao perceber que tinha sido substituída. Não tinha sido a perceção de que o amava perdidamente. Era mais não compreender que o seu amor não importava ou que o amor de qualquer mulher servia.

Pelo menos o que quer que ela tivesse de enfrentar, enfrentaria sozinha, com os seus amados Zach e Kitty. Eles não iam sofrer, ela ia certificar-se disso. Não sabia que tipo de emprego conseguiria, mas não se importava com o que iria fazer; seria empregada de limpeza, passaria roupa a ferro, qualquer coisa, embora já ninguém quisesse empregadas domésticas ou quem lhes passasse a roupa. Já ninguém o podia pagar. Tinha de haver algo que ela pudesse fazer para ter a certeza de que ficariam com a casa. Podia vender algumas coisas que trouxera de Avalon House. Coisas preciosas, como o retrato da sua mãe, um lindo quadro a óleo de um artista que fora popular na década de 60, mas que valia algo agora. A mãe fora tão bonita. Além disso, havia uma história. Uma mulher linda destruída no seu auge, morta num acidente de carro. A história podia ajudar a vendê-lo.

Ia levá-lo ao Adams para que fosse avaliado. E também havia algumas jóias da mãe. Infelizmente, as jóias, ainda que com pedras preciosas, valiam pouco dinheiro. Atualmente eram muitas as pessoas que tentavam vender jóias. O mercado estava inundado com diamantes, rubis e esmeraldas. Era triste vê-las nas lojas. Presentes, dados com amor, vendidos em desespero.

Mas Tess não queria saber, o sentimento por detrás das suas jóias e do retrato da mãe era agora insignificante. O que importava era tomar conta de Zach e de Kitty, que estavam a crescer e não sabiam que a loja estava na falência.

Zach estava perdidamente apaixonado por Pixie Martin; os dois eram agora inseparáveis.

Além disso, Kitty adorava estar com ela. Adorava a ideia de ter finalmente uma irmã mais velha com quem brincar. E Pixie era extremamente gentil com ela. Ajudava-a a vestir as bonecas, brincava incessantemente com os bonecos da série *Sylvanian Families* e ouvia Kitty explicar como ia ser uma irmã mais velha para a criança que Claire ia ter.

– Por isso tens de me ensinar como fazer – dizia Kitty com um ar sério para Pixie. Apesar da dor, Tess sorria. Enquanto os seus filhos fossem felizes, aguentariam. Enquanto se tivessem uns aos outros, ela continuaria apesar de tudo.

24

Danae não sabia como se sentiria ao acompanhar Antonio até ao hospício. Sempre presumira que o hospital cuidaria dele até ao fim, mas o diretor tinha-lhe explicado que não o poderiam fazer num caso como o de Antonio. O cancro tinha-se metastizado para os ossos, tornando-se incrivelmente doloroso e a Refuge House não estava equipada para garantir o tipo de tratamento de que ele iria precisar.

– Não temos equipa – dissera. – É demasiado difícil. Sei que preferia que ele aqui estivesse, mas…

– Não – afirmou Danae. – Eu compreendo. Queremos que ele sinta o mínimo de dor possível. – Parecia a última prenda que podia dar ao seu marido.

Tiveram sorte pois houve uma cama que ficou vaga.

– Este é o sítio certo para o seu marido passar os últimos dias – dissera a senhora do hospício quando telefonou na hora de almoço. – Falamos amanhã. Ele vai ficar num quarto agradável com vista para o jardim.

Foi aquele último pormenor que deu vontade de chorar a Danae. Aquelas pessoas eram fantásticas, atenciosas no seu amor aos que estavam a morrer, na sua gentileza, na sua bondade. Chorou ao telefone. E a senhora, que estava claramente habituada àquilo, disse que tudo ia ficar bem.

– Acha que não vai conseguir ultrapassar, mas vai – dissera. – Com a lesão cerebral do seu marido, é óbvio que a senhora já passou por muito ao longo dos anos. Deve ter imensas saudades dele.

Danae sentiu-se uma impostora pois não sentia saudades dele.

Desligou o telefone, fechou o posto de correios e foi comprar chá. Um percurso pequeno, talvez cem metros, e então escorregou no gelo e caiu. Percebeu imediatamente que tinha feito algo extremamente doloroso ao seu tornozelo.

O médico, que acabara de sair de uma cirurgia, deu uma vista de olhos, ligou-a e disse-lhe:

– Lamento, mas tem de ir para o hospital, minha querida. Precisa de fazer uma radiografia.

Mara foi ter imediatamente com Danae ao hospital, onde soube que fraturara o osso do tornozelo e que teria de usar uma ligadura pelo menos durante seis semanas.

– Nenhum peso em cima dele – disse o ortopedista, vendo outra vez as radiografias. – Absolutamente nenhum peso em cima dele. Esta é uma fratura complicada.

Nessa altura, Danae já tinha tomado analgésicos, por isso não sentia dor, mas a ansiedade na sua mente estava a destruí-la.

– Que se passa, Danae? – perguntou Mara. – O que não me estás a contar?

– Não queria arrastar-te para isto, Mara – disse Danae, começando a chorar. – Mas preciso da tua ajuda…

Estavam a caminho na manhã seguinte, galinhas alimentadas e *Lady* no quintal porque ficaria louca se estivesse fechada em casa. Mara perdera muito tempo a sentar Danae, empurrando o banco para trás e arranjando-lhe as almofadas para as costas, mais almofadas para o tornozelo descansar, e cobertores para o caso de ela sentir frio.

– Pronto – dissera Mara por fim, pondo o CD na aparelhagem do carro –, cansaste-te demasiado a falar, por isso ouvimos música pelo caminho e só conversamos se quiseres. Temos muito tempo, podemos ir devagar, parar para um café e um lanche, e depois vamos para o hospital.

– Obrigada – dissera Danae debilmente.

Pararam num pequeno *pub* na periferia de Dublin, o tipo de local que servia refeições a camionistas a qualquer hora. Mara pediu uma sopa e uma sanduíche para cada uma, embora Danae mal tivesse tocado na sua.

– Tens de comer – dissera Mara, consciente de que os seus papéis se haviam invertido por completo.

– Não consigo – respondeu Danae. – Desculpa. – Ainda assim, bebeu o café e mordiscou o pequeno biscoito que o acompanhava.

– Depois vamos comer algo decente – insistiu Mara.

– É encantador – proclamou em aprovação –, mas este sítio deve custar uma fortuna. Estiveste a pagar por isto tudo sozinha?

– Sim – retorquiu Danae.

– Caramba – disse Mara, decidindo não colocar mais questões ao perceber que estava a incomodar. Gostava de poder pôr as mãos naquela família vingativa que se mostrara demasiado cruel para ajudar a pagar os cuidados de Antonio, deixando a sua pobre mulher sozinha com todos os encargos.

Lá dentro era claro que todos conheciam Danae, mas nunca a tinham visto chegar acompanhada. Estavam fascinados com Mara, encantados por conhecê-la e por saber que Danae estava finalmente a ter apoio.

– A sua tia é uma mulher incrível – comentava alguém a cada segundo. – Incrível. Vem cá todos os meses e traz-lhe sempre algo, roupas, doces, chocolates. Ele adora doces.

– É uma mulher fantástica – concordou Mara com orgulho.

– Temos todas as suas coisas prontas – informou uma das enfermeiras. – Vamos ter saudades dele, sabe? É tão triste quando alguém nos deixa.

Alguns choravam e Danae conseguiu juntar forças para dizer:

– Vocês foram tão bons para ele ao longo dos anos, por favor, ele agora precisa de ir para o hospício. Sabemos que não têm como tomar conta dele aqui, não agora, não para o fim.

– É verdade – sussurrou uma das enfermeiras para Danae –, eles são formados em cuidados paliativos e compreendo a necessidade de transferir pacientes como o Antonio.

– Certo – assentiu Mara.

O homem na cadeira de rodas à sua frente parecia idoso, muito mais velho que a tia. Tinha cabelo escuro com fios grisalhos pelo meio e uns olhos cor de mogno incríveis. Mas não tinham luz, não tinham conhecimento, não reconheciam nada. As suas feições estavam ligeiramente distorcidas. A boca pendia um pouco para um lado.

Pensou em Danae e nas suas peregrinações mensais ao homem que a espancara durante anos e jurou que iria tornar aquilo o mais fácil possível para seu bem.

– Olá, Antonio – dissera, batendo-lhe no ombro. – Então, Danae – disse, pondo o braço à volta da tia, pois esta parecia prestes a desmaiar. Entre o choque e a dor no tornozelo, o colapso estava ao virar da esquina. – Vamos lá. – Pôs o braço à volta de Danae para a ajudar. – Vamos embora. Vamos na ambulância ou no carro? – perguntou.

– Não podem ir as duas na ambulância – informou um dos homens.

– Está bem – disse Mara –, então eu e Danae seguimos no meu carro.

Ela estava a tomar sozinha a decisão sobre o assunto: Danae não iria sair do seu lado naquele dia. Conseguia perceber que uma estranha espécie de masoquismo teria levado Danae a seguir na ambulância, olhando o tempo todo para os olhos sem vida do seu marido. Não, isso não ia acontecer. De forma firme e gentil, guiou Danae até ao carro devagar de forma que não magoasse o tornozelo.

– Devia ir com ele – começou Danae a dizer à medida que Mara iniciava o processo de arranjar todas as almofadas para o seu tornozelo e uma imensidão de cobertores para lhe pôr sobre as pernas.

– Não – determinou Mara suavemente –, vens comigo. Também devias estar numa cadeira de rodas por causa desse tornozelo, minha pobrezinha. Agora é a tua vez de receber cuidados, Danae.

Ligou o rádio numa estação de notícias para que houvesse um barulho de fundo constante enquanto conduziam até ao hospício. De vez em quando Mara comentava uma notícia:

– Caramba, isto é muito interessante, não é? – dizia, mas Danae só conseguia fitar a janela.

O hospício encontrava-se num bonito edifício com agradáveis terrenos para as pessoas caminharem. A ambulância tinha chegado antes delas e, na altura que chegaram, já Antonio estava instalado no seu quarto. Uma mulher de rosto simpático e olhos doces encaminhou-as para um escritório para terminarem a última parte da burocracia.

– Já fez a maior parte, Mistress Rahill – dissera a mulher. Danae parecia presa num transe e Mara e a mulher trocaram olhares preocupados.

Quando Danae saiu da sala, Mara perguntou à mulher:

– A maioria das pessoas é assim?

– Sim – confirmara a mulher –, infelizmente. Mas faremos o nosso melhor para cuidar do seu tio.

Ele estava num quarto pintado de amarelo-girassol. Lembrava a Mara o sol nos belos dias de verão. Era acolhedor e ao mesmo tempo adequado a um quarto de hospital. Quando Danae o viu ali, ligado a várias máquinas e com o soro já no braço para lhe dar a morfina de que precisava, começou a chorar. Mara tomou mais uma decisão:

– Danae, porque não dás um beijo de despedida ao Antonio? Depois podemos voltar daqui a

alguns dias para o ver. Precisamos de ir para casa, colocar esse tornozelo elevado tal como o médico mandou.

Danae fitou-a.

– Mas, eu… eu tenho de ficar.

– Não – retorquiu Mara firmemente –, não deves ficar. Deves despedir-te, por agora – acrescentou rapidamente. – Está na altura de irmos para casa. Podemos regressar amanhã se quiseres. Entretanto, eles têm o número de telefone caso necessitem.

Já tinham percorrido alguns quilómetros e encontravam-se na autoestrada quando Danae pediu para pararem depressa, estava indisposta.

Uma vez na beira da autoestrada, vomitou até já não ter nada no

estômago. Agora aquilo estava quase no fim mas a dor era imensa.

De volta a Avalon, Mara fez alguns telefonemas. Belle precisava de saber para confortar Danae. Caramba, se ela tivesse oportunidade, provavelmente deslocar-se-ia a Dublin e espetaria uma picareta no peito de Antonio para o ajudar a partir.

Também tinha de telefonar aos seus pais. Danae precisava de todo o apoio que conseguisse.

Morris chorou quando ela lhe contou. Mara estava em choque. Achava que nunca tinha ouvido o pai a chorar.

– Já se passaram tantos anos – soluçou. – Detesto o que ele lhe fez.

Depois de ter subido para ver como estava Danae, que aparentava dormir, Mara caiu, exausta, sobre a mesa da cozinha. As emoções do dia tinham-na esgotado por completo; não as suas, mas o choque da tia, a tristeza do pai. Estava prestes a telefonar a Rafe para lhe contar tudo sobre o seu dia quando ouviu um toque na porta.

Mara levantou-se, foi até à porta e abriu-a. Ali, vestido no uniforme de calças de ganga de marca, casaco caro e camisa, estava Jack.

– Olá, querida – disse, dirigindo-se para ela e abraçando-

a. A seu lado, *Lady* começara a rosnar.

– Jack! – exclamara, dando um passo atrás em pura perplexidade.

– Oh, a cadela vai atacar? – perguntou.

– É possível – disse.

– Mara, tenho saudades tuas. Cometi um erro estúpido – começou a dizer, aproximando-se novamente. Desta vez, *Lady* aproximou-se com o pelo eriçado.

– *Okay*, preciso que prendas a cadela – exigiu Jack, visivelmente incomodado. – Ela morde?

– Não sei – respondeu Mara alegremente. – Nunca a vi morder ninguém mas há sempre uma primeira vez.

Ela parou de acariciar a cadela e acalmou-a.

– Porque estás aqui, Jack?

– Para te ver, não é óbvio?

Por um momento, o Jack agradável foi substituído pelo Jack ligeiramente incomodado. Era evidente que ficar preso na entrada por uma cadela a rosnar não fazia parte do seu grande plano.

– Pensei que ficasses contente por me ver – acrescentou melancolicamente.

– Pensaste mal. Para começar, prefiro que os meus amigos me telefonem antes de cá aparecerem. Em segundo lugar, ah, pois, tu já não és meu amigo, pois não?

– Ouve, querida…

– Não me venhas com «querida» – protestou Mara.

– *Mara*. Desculpa. Estava no bairro e pensei em passar por cá.

– No bairro? – perguntou com interesse. – Desde quando Avalon é o teu bairro?

– *Okay*, apanhaste-me. – Ele sorriu de uma forma que ela em tempos teria achado irresistível.

Estranhamente, naquela noite não sentia qualquer dificuldade em resistir-lhe.

Estava frio lá fora, mas ela não queria convidá-lo a entrar. Tinha em mãos uma verdadeira tragédia e a sua visita não podia ter vindo em pior altura.

– A sério – dissera –, estou ocupada, Jack. O que queres? Tens os papéis do advogado escondidos algures? Os advogados estão a implorar-te para que consigas que os assine?

Pareceu envergonhado.

– Desculpa-me por isso, querida.

– Pára com o «querida» – sibilou. – Não sou a tua querida. Tenho nome, usa-o. E, se queres conversar, podes telefonar-me. Não que – acrescentou – seja provável que eu atenda. Nós não somos amigos e da próxima vez que estiveres no meu bairro não te sintas à vontade para passar por cá.

– Só quero falar – disse ele.

Naquele momento, Mara pensou na sua vida: em Danae, em tudo aquilo por que estava a passar, em Rafe, com quem ela queria falar porque ele compreendia quão difícil tinha sido aquele dia. Tinha a gentileza de se preocupar com Danae e amava-a o suficiente para a ajudar a ultrapassar aquilo.

Subitamente, sorriu. Rafe amava-a. Estava certa disso. Mesmo certa. Não certa da mesma maneira que estivera relativamente a Jack porque aí não existiam certezas.

No fundo, sempre soubera que o afeto de Jack era algo inconstante. Tinha evitado a questão, tentando ser o que quer que ele esperava que ela fosse. Teria tentado ser um *Ferrari* se soubesse que era isso que ele queria. E esse tipo de amor não era amor de todo.

Rafe amava-a pelo que era, com ou sem roupas malucas.

– Jack, há algum outro motivo que te traga aqui? – perguntou.

– Bem, para te ver e para…

Ele parou, sem palavras. Normalmente, gostava de ter as suas respostas preparadas com antecedência mas nunca lhe ocorreu que ela pudesse questionar as suas intenções.

– Pensei que fosses ficar feliz por me ver.

Mara apertou o casaco de lã.

– Tenho muita coisa a acontecer na minha vida, Jack, por isso agora não é um bom momento.

– Mas…

– E estou apaixonada por outra pessoa – acrescentou –, por isso, adeus – disse firmemente. Não se iria importar se não voltasse a ver Jack.

Com a porta fechada, baixou-se e abraçou *Lady* com força.

– Obrigada, rapariga – agradeceu. – És uma querida. Acho que precisas de uma guloseima para te recompensar a proteção. E além disso…

Dirigiu-se ao armário onde Danae guardava a comida e guloseima para cães.

– Vou telefonar ao Rafe e dizer-lhe que o amo. Boa ideia?

O bonito focinho da *Lady* pareceu sorrir-lhe.

– Sabia que ias concordar – Mara também sorriu.

Quando o telefonema veio, Danae não ficou surpreendida.

Era do hospício.

– Ele teve uma má noite e achamos que talvez fosse melhor vir até cá.

– Claro – dissera Danae, como se fosse uma esposa como outra qualquer, querendo estar com o marido nas suas últimas horas na Terra. Desligou e telefonou para o trabalho de Mara.

– Mara, é o Antonio. Está a morrer.

– Tudo bem – disse Mara calmamente. – Vai tudo ficar bem. O seu dia tinha de chegar. Deixa tudo comigo.

Enquanto Danae pegava nas suas coisas, Mara fez uma série de telefonemas rápidos. Em primeiro lugar, ligou a Cashel para dizer que não podia ir trabalhar.

– Uma pessoa próxima da Danae está a morrer e tenho de a levar ao hospício. Lamento muito, mas é mesmo importante, se não fosse eu não…

– Não há problema – afirmou Cashel. – Vá, faça o que tem a fazer.

– Diz-me se precisares de alguma coisa, qualquer coisa mesmo – retorquiu ele. – Amo-te, dá um abraço à Danae.

Depois telefonou a Belle e de seguida aos seus pais. A sua última chamada foi para Cici, em Galway.

Desde que contara a Cici sobre Rafe que esta exigia conhecê-lo.

– Ele parece incrível – dizia Cici. – Não tenho nada a contar no que ao sexo masculino diz respeito. Acho que vou desistir, virar freira. Deve haver outra solução… Talvez devesse emigrar! Qual é o país onde há muito mais homens que mulheres? China? China, é para lá que vou.

– Não, Cici, não vás para a China. Vem cá ver-me em vez disso. Se passares um fim de semana comigo e com a Danae, ficas a conhecer o Rafe. E nunca se sabe quem mais podes conhecer, Avalon é esse género de lugar. Há uma certa magia louca no ar.

E então combinaram que Cici viria a Avalon nesse fim de semana.

– Talvez tenhamos de marcar para o seguinte, desculpa – disse Mara à amiga ao telefone.

– Não faz mal. Tem cuidado, ouviste? Não deixes nenhum desses homens maravilhosos saírem da vila antes de eu chegar – pedira Cici.

Durante o caminho para Dublin, Danae manteve-se em silêncio. Havia um nó no seu peito.

– Sei que não o voltarei a ver vivo – disse. – Não sei como, mas sei-o.

– Não sejas tola – disse Mara. – Chegamos lá a tempo.

Mas questionava-se se não seria melhor que Danae tivesse razão. Estar ali com ele, vê-lo morrer, iria trazer-lhe certamente mais dor.

Já tinham percorrido um quarto do caminho quando o telemóvel de Danae voltou a tocar. Ela e Mara entreolharam-se; ambas sabiam que notícia seria.

– Lamento imenso ter de lhe dizer isto, Mistress Rahill, mas o seu marido faleceu há quinze minutos. Foi muito sereno. Muito sereno.

– Oh, Deus – lamentou Danae e deixou-se mergulhar de novo na dor e na culpa.

– Vem a caminho para o ver?

Mara encostou o carro na berma da estrada e pegou no telemóvel da tia.

– Estou, daqui fala Mara, a sobrinha de Danae… conhecemo-nos no outro dia. A minha tia está muito perturbada neste momento. Acho que talvez fosse melhor voltarmos para casa e regressar para o funeral. Penso que não tem condições para enfrentar a situação agora. Receio que lhe faça mal.

– Não.

– É o melhor a fazer – disse à tia. Depois para a pessoa do outro lado do telefone: – Ligo-lhe daqui a pouco para falarmos sobre os pormenores do funeral. Acho que é a melhor solução. Não quero perturbar mais a minha tia. – Arriscou. – O meu tio esteve muito doente nos últimos dezoito anos. Vai pôr um peso terrível em cima da minha tia. Acho que é melhor aguardarmos o funeral – e desligou.

– Não! Porque fizeste isso? – chorou Danae. – Tenho de ir vê-lo.

– Não, Danae – negou, olhando-a nos olhos –, acho que não precisas de fazer isto a ti própria. Pois não?

No fundo, tinha a certeza de que, se Danae visse o corpo de Antonio, iria recordar-se de que tinha sido ela a colocá-lo num hospício. Conhecendo Danae, não pararia de pensar em toda a dor que lhe tinha causado.

Por fim, Danae concordou.

– Tens razão, Mara – assentira lentamente. – Como és tão sábia? – perguntou com ironia.

– Estou a aprender contigo – respondeu Mara, abraçando-a.

Deram a volta e dirigiram-se para Avalon, onde Danae levou lentamente *Lady* até ao jardim. Sentou-se no banco de madeira junto do galinheiro, desolada, com *Lady* a seu lado. Mara

voltou a pegar no telefone e ligou aos pais.

– Precisamos de organizar o funeral e falar com os familiares do Antonio. Não que haja sinal deles no hospício, apesar de nos termos certificado que eram informados. Consegues tratar de algumas destas coisas, pai?

– Claro – disse Morris –, conta comigo.

Mara estava sentada à mesa, pensando em como escrever um texto adequado para o obituário. *Profundamente amado pela esposa* não era o melhor.

Voltou a telefonar para casa.

– Pai – pediu –, és melhor nisto que eu. Podes tratar das coisas do funeral e eu trato da Danae?

Dois dias depois realizou-se a primeira parte do funeral do marido de Danae. Ela queria ir à funerária onde estava o corpo antes de ir para a igreja ao fim da tarde. No dia seguinte a missa de corpo presente seria seguida pelo enterro.

– O que devemos fazer, pai? – perguntou Mara. Ele, Elsie, Stephen, Rafe e Belle estavam ali, parados, vestidos de preto como soldados a guardar Danae.

– Temos de a deixar despedir-se dele, se for isso que ela quer.

Belle interveio.

– Vamos todos com ela para lhe dar apoio moral – decretou firmemente.

Quando Danae entrou na sala da agência funerária onde se encontrava o corpo de Antonio num caixão aberto, estava acompanhado de um lado pelo irmão e do outro pela sobrinha para a apoiarem. Era estranho, pensava Danae, que ele agora parecesse diferente. Calmo na sua morte, como o homem que em tempos fora. O homem que sabia sorrir e rir. Era como se a lesão cerebral que sofrera e as muitas noites de violência que transformaram o seu rosto numa horrível máscara tivessem desaparecido com a morte.

As suas mãos estavam dobradas em posição de oração, com um rosário com contas cor de pérola à sua volta. Sabia que Rosa, a mãe, lhe tinha dado o rosário quando ele estava no hospital. Talvez ela estivesse a esperar o filho no céu, ou onde quer que fosse depois. Danae esperava que ele lhe contasse o que tinha realmente acontecido naquela noite. Que lhe contasse que tentara matar Danae para que Rosa soubesse por fim a verdade.

E aquelas mãos – pareciam tão calmas, mas quantas vezes a tinham esmurrado e agredido e haviam estado a apertar-lhe a garganta, ameaçando acabar com a sua vida?

Lágrimas sulcavam o rosto de Danae e o de Mara também. Mara chorava não pelo homem no caixão, mas pela sua tia e pela dor a que se sujeitara durante tantos anos. Vivendo uma vida de penitência por ter morto o homem que a tentara matar.

Seguiram lentamente atrás da carrinha funerária até à igreja e depois caminharam atrás do caixão. Não estavam muitas pessoas na igreja.

– Irmãos, cunhadas, um tio – sussurrou Elsie para Mara enquanto caminhavam lentamente pela igreja atrás de Danae e de Morris.

– Não o visitaram quando estava no hospital – sussurrou Mara. – Se dirigirem uma única

palavra que seja à Danae, juro que os mato.

Teriam uma opinião diferente se soubessem a história de como Antonio tentara matar a sua querida tia. E ela ia contar-lhes toda a história terrível, sem esquecer nenhum pormenor, se algum deles se atrevesse a incomodar Danae. Ela já tinha passado o suficiente.

– Mara, estás numa igreja, não podes falar assim – soprou a mãe.

– Não te preocupes, Mara – dissera Stephen, que estava atrás deles. – Eu ajudo-te a matá-los.

– Conta comigo também – murmurou Rafe sombriamente.

Sentaram-se num banco à frente e ouviram o padre falar sobre um homem que nunca tinham conhecido.

Nos funerais todas as pessoas são iguais: os bons e os maus. Quando chegou a hora de fechar a igreja, a família de Antonio saiu sem olhar uma única vez para Danae.

Danae passou a noite em Furlong Hill. Apesar de toda a gente estar a tratá-la com um afeto exagerado e a tentar despertá-la, era como se uma luz dentro dela se tivesse apagado. Votara-se ao silêncio, era novamente a velha Danae. Estava sentada como um fantasma, o rosto sem cor, os olhos vazios.

– Achas que lhe dê um *Valium* de Mistress MacLiammoir que mora do outro lado da rua? – sussurrou Elsie a Mara.

– Para ser sincera, mãe – murmurou Mara –, acho que ninguém a pode ajudar.

– E se bebesse qualquer coisa para se acalmar?

– Ele estava bêbado na maior parte das vezes em que lhe bateu – lembrou Mara. – A Danae não bebe. Já não.

Na manhã seguinte a missa era às dez. Mara reuniu forças para outro encontro com a família de Antonio. Sabia que Danae conseguia sentir o ódio vindo deles na sua direção e gostava de ter trazido *Lady* consigo. A tia retirava sempre muita força e conforto da presença de *Lady* ao passar a mão por aquele lindo pelo cinza.

Disseram-se mais umas palavras sobre Antonio, orações dos seus irmãos e um harpista a tocar. E então, finalmente, acabou. No cemitério o padre fez algumas orações e chegou o momento de o principal enlutado atirar alguma terra para cima do caixão. Danae hesitou: ela não era a principal enlutada. Virou-se e olhou para o irmão mais velho de Antonio, Tomas. Mas não foi ele quem olhou para ela, foi a sua mulher, Adriana.

– Faça-o você, Danae – disse em voz alta e sorriu encorajadoramente, um raio de calor em todo o gelo.

Todo o grupo de Danae sorriu a Adriana. Enchendo a mão de terra, Danae atirou-a. No meio do silêncio ouviu-se o som da terra a bater na madeira sólida. Ninguém falou. Quando todos começaram a ir-se embora, Adriana pegou na mão de Tomas e levou-o até Danae.

As pessoas que estavam com Danae mantiveram-se a seu lado como sentinelas.

– Não nos conhecemos muito bem – referiu Adriana, enquanto Tomas olhava para os seus

sapatos –, mas vim aqui dizer-lhe algo que eles deviam ter-lhe dito há muitos anos. Toda a família sabia quem era o Antonio.

Danae começou a tremer e Adriana abraçou-a.

– Lamento muito, Danae, pelo que sofreu. Todos nós sabíamos como ele era. Ela não os deixou admiti-lo enquanto foi viva.

– Mas agora está morta – respondeu Danae. – Está morta há muito tempo. Eles podiam ter vindo ter comigo…

Estava demasiado afetada pelas emoções para conseguir terminar a frase. Todos aqueles anos a viver com dor, pensando que todos achavam que a culpa era exclusivamente sua.

– São demasiado orgulhosos – acrescentou Adriana. – Mas eles lamentam. Acho que os outros nunca o conseguirão admitir, mas lamentam mesmo tudo aquilo que ele lhe fez. Na minha opinião, fez a coisa acertada. Mas o Tomas…

Adriana deu uma cotovelada ao marido e ele olhou finalmente para Danae. Os seus olhos, escuros como os de Antonio, estavam cheios de lágrimas.

– Eu sei o que ele lhe fez, Danae – disse Tomas. – Soubemos dos filhos que perdeu. Lamento imenso. A mãe não deixava que nenhum de nós falasse consigo. E depois da sua morte, bem, de que valia?

– Mas eu sei que valia a pena – protestou Adriana, zangada, olhando para o marido. – No hospital disseram-me que vinha todos os meses, que pagava, que cuidava do homem que matou os seus *bambinos*.

Danae foi-se abaixo. Os seus *bambinos*. Tentara não pensar nos bebés que perdera. Pensar naquilo que tinha feito a Antonio mantinha-a longe do assunto mais doloroso de todos. Os seus bebezinhos, os dois.

Na ala psiquiátrica tinha bloqueado o assunto. Não pensara nele, a sua cabeça não conseguia aguentar. Então guardara tudo, como se a dor pudesse ser trancada numa série de compartimentos na sua cabeça para que nunca voltasse a surgir. Até agora.

– Lamento muito, *cara* – sussurrou Adriana, abraçando-a. – Eu tinha-o matado se ele me tivesse feito o que lhe fez a si. Também disse isso à Rosa, se lhe serve de consolo. Era uma mulher estúpida, por isso é claro que os seus meninos eram anjos. Recusava-se a ver a raiva em Antonio. Você é a única que sofreu. Por tudo isso, só posso dizer que lamentamos, eu e o Tomas. E os outros também, embora não tenham a coragem de aqui vir dizer-lhe isso.

Ficaram ali, juntos, enquanto os outros saíam, até só já estarem Danae e Adriana e o seu marido.

Os coveiros começaram a tapar a campa. Para eles, era apenas mais um trabalho, mais um caixão a ser escondido debaixo da terra, parte do dia a dia.

Naquele momento, começou a chover, suavemente de início e depois um dilúvio. Nos braços de Adriana, Danae não queria saber da chuva. Enquanto ali estava, Danae sentiu-se a descontrair por completo. Era como uma bênção e uma remissão por um terrível pecado que carregara no seu coração por tanto tempo.

– Obrigada – agradeceu –, não sabem o que isto significa para mim.

– Lamento que tenha levado tanto tempo – retorquiu Adriana gentilmente. – Agora tenho de

ir, desculpe.

Afastou-se, mantendo a sua mão enluvada na de Danae o máximo que pôde.

– Também lamento – acrescentou Tomas de forma desajeitada.

– Vamos, querida, ou ainda te dá uma coisa – preocupou-se Morris.

Ele e Mara ajudaram Danae a manter-se nas suas muletas enquanto regressavam à carrinha funerária.

– Ela diz que eles sabiam, que sempre souberam – Danae não parava de dizer – e só a Rosa é que não acreditava porque era sua mãe, e que mãe pode pensar tal coisa do filho, e ela disse que lamentava pelos meus *bambinos*…

– Agora sabes – disse Morris. – Fizeste tudo o que podias. A coisa certa. Ele tirou-te os teus filhos, merecia mais do que teve. Tu és a única que cumpriu uma pena perpétua, Danae. Mas isso tem de acabar.

Danae encostou-se a ele.

– Obrigada, obrigada – dizia.

Mara, observando a sua tia ansiosamente, viu uma serenidade no seu rosto como nunca antes tinha visto. Talvez tudo ficasse bem.

25

Cashel recebeu dois telefonemas surpreendentes no início de janeiro. O primeiro deixou-o perplexo, mas depois telefonou aos seus advogados e teve uma conversa longa e séria com eles.

– Deem-me notícias amanhã – ordenara.

A segunda chamada foi de Sherry.

– Olá, estranho – cumprimentou ela.

– Olá, Sherry – disse, sentindo-se culpado. Raios, apesar do ocasional *flirt* por mensagens ele não lhe tinha telefonado e dissera que o faria.

– Estou a desrespeitar uma série de regras por tua causa – afirmou de forma descontraída ao telefone.

– Sim – respondeu Cashel, incapaz de pensar no que dizer. Não era normal ficar sem palavras mas era assim que estava. Queria ter telefonado depois das férias em Courchevel, pensara fazê-lo mas esquecia-se sempre que chegava a Avalon. Costumava passar de carro pela Something Old, a loja de antiguidades de Tess, e pensava se devia entrar e voltar a falar com ela. O encontro em Avalon House no dia de ano novo tinha sido muito breve. E fê-lo achar que era um assunto mal resolvido e que precisava de saber o que tinha acontecido, precisava de descobrir. Pela primeira vez em dezanove anos precisava de conhecer o outro lado da história.

– Disse-te que não telefonava a homens – continuou Sherry. – Espero que eles me telefonem e tu disseste que não ias entrar no «vou-te ligar/não te vou ligar». E não me telefonaste.

– Sherry, desculpa – balbuciou Cashel recompondo-se. – Quis telefonar-te e não o fiz. Tenho estado tão ocupado desde que voltei para cá.

– Ah, e *eu* não estou ocupada – argumentou Sherry. – Sabes, gostava que tivesses sido sincero comigo desde o início.

– Eu estava a ser sincero na altura – disse Cashel – e lamento não te ter telefonado porque queria fazê-lo. Peço desculpa. Vamos jantar da próxima vez que estiver em Londres… – Calou-se. Fez-se silêncio. – Ouve, eu gosto mesmo de ti, mas há uma pessoa em Avalon, a vila onde estou de momento, a restaurar a casa velha, há aqui alguém do passado e…

Ele não podia acreditar que estava a ser tão sincero; não parecia dele. Normalmente, tê-la-ia levado a sair algumas vezes, via o que acontecia e depois dizia: *Desculpa, má altura, mau local, vemo-nos noutra ocasião*. Mas sentia a necessidade de se justificar, em parte por ela, em parte por ele.

– Houve uma mulher com quem estive envolvido há vinte anos e, agora que regressei, preciso de voltar a vê-la, seria injusto da minha parte estar a sair contigo ao mesmo tempo.

– Certo – disse Sherry. – Estou a perceber. A Rhona falou-me disso. Bem, boa sorte.

E ele notava na sua voz que ela não tinha percebido nada.

Cashel desligou a chamada. Aquilo tinha custado. Sentia-se mal, ele não tratava as pessoas assim.

Preparava-se para entrar no carro, tendo decidido ir até Avalon e beber um *cappuccino* da Lorena, tudo para tirar a cabeça do sítio onde estava, quando ouviu um barulho em casa.

– Cashel, Cashel! – rugiu uma voz e ele virou-se para ver Freddie a correr na sua direção tão depressa quanto era possível a um homem incapacitado por uma grande barriga de cerveja e um par de botas com pregos na sola. – Cashel, não vai acreditar no que encontrámos, tem de vir ver.

– O que foi agora? – exigiu saber Cashel.

– Na cave, há uma divisão secreta, estamos a tentar entrar.

* * *

A cave era uma zona perigosa, cheia de vigas especiais, uma trave mestra de metal a segurar o teto velho para que não caísse em cima deles. Freddie tinha dito que era um trabalho difícil e daquela vez Cashel não o tinha contradito. Agora Freddie e Cashel entravam apressadamente, usando os capacetes. Um grupo de homens estava aglomerado à volta de um lado da adega. Não tinham encontrado garrafas valiosas, só teias de aranha, cantos escuros, um cheiro a humidade e aranhas do tamanho de uma mão ou assim disseram os homens a Cashel.

– Estamos quase lá, patrão – disse um dos homens, trabalhando com um pé de cabra.

– Estava escondida atrás desta parede de tijolo – explicou Freddie. – Estávamos a demolir a parede para chegar à adega quando a encontrámos.

Cashel espreitou através de uma porta cheia de teias de aranha com fechadura dupla e à frente desta um portão de ferro enferrujado, também trancado. Parecia não existir outra forma de entrar a não ser arrancando o portão de ferro e depois arrancar a porta de madeira de alguma forma.

– O que quer que ali está deve ter algum valor – observou Freddie. – Estavam mesmo interessados em escondê-lo. Já tinha ouvido falar nestas casas velhas com estas divisões para coisas valiosas, mas esta é a primeira vez que vejo uma. Seria de pensar que a iriam abrir antes de a casa ter sido vendida. A não ser que não soubessem que existia. Alguma vez ouviu falar de uma divisão secreta quando aqui esteve, Cashel?

Há muito que tinha parado de chamar «Mr. Reilly» a Cashel e este não se importava. Era óbvio que Freddie estava agora perfeitamente informado sobre os rumores acerca do facto de a sua mãe ter sido empregada dos Power e da sua relação com Tess Power. Em Avalon as coisas ficavam secretas por pouco tempo. Havia sempre as pessoas mais velhas com memória longa que estavam dispostas a falar quando a quantidade certa de *Guinness* era posta no balcão à sua frente.

– Não, nunca ouvi falar de uma divisão secreta – disse Cashel. – O que guardariam num sítio assim?

– Céus, nem sei – respondeu Freddie. – Com os ricos ninguém sabe. Algumas destas famílias escondiam os familiares loucos que não queriam que ninguém visse, como a tua irmã

– disse ele rindo, virando-se para um dos homens e subitamente toda a equipa se estava a rir.

– A sua irmã? – perguntou Cashel, olhando para o único homem que não se ria. – Lamento sabê-lo. Ela tem algum… – tentou encontrar a palavra correta – problema?

– Oh, céus, a minha irmã é um problema – disse o outro homem, com um sorriso rasgado no rosto. – Nunca conheci uma mulher mais temperamental na minha vida. Dá cabo do coração do marido.

Novamente, uma chuva de gargalhadas.

– Eu consigo ouvir, sabem? – disse um outro homem, obviamente o marido da mulher temperamental. – O pior são as manias de decoradora. Agora tenho de voltar a aplicar papel de parede em toda a casa. Ainda há pouco pus toda aquela porcaria, mesmo antes do Natal, e já não gosta. Aparentemente fartou-se das listas cor de cogumelo…

Cashel sorriu e virou a sua atenção para os homens com os pés de cabra, que tinham conseguido arrancar o portão de ferro. Juntaram-se mais dois homens para começar a tratar da porta de madeira.

– Podem ser múmias – sugeriu um homem. – O tesouro do Tutankhamon.

– Encontraram isso, seu burro – informou outro.

A velha e decadente porta não resistia às ferramentas modernas e finalmente, com um barulho enorme, caiu no chão. Improvisaram-se tochas e Freddie passou uma a Cashel.

– Quer ir primeiro, visto que é a sua casa? Ou devo ir à frente, não vá lá estar um dinossauro zangado que esteve trancado durante centenas de anos e agora tem muita fome?

Cashel riu-se.

– Não, Freddie, acho que vou eu primeiro, mas podes vir mesmo atrás de mim não vá o dinossauro querer uma sobremesa.

Cashel entrou cautelosamente. À entrada havia um corredor baixo, teve de se baixar. Arrepiou-se com a sensação de teias de aranha e todo o tipo de coisas a passarem-lhe no cabelo – ele não gostava lá muito de aranhas –, mas agora não era altura de ter medo. Então o corredor abriu-se numa divisão maior que tinha pelo menos trinta metros quadrados. Cashel andou às voltas com a tocha. Não havia lá nada.

– Lamento informar-vos, rapazes – gritou lá para fora –, mas já alguém limpou a sala do tesouro.

– Ah, ’ca porra – disse uma voz. – Pensei que íamos ficar com algum do dinheiro encontrado. Não é assim que funciona?

– Isso é no mar – respondeu outra voz.

– Dez por cento de nada é nada – referiu Freddie, passeando a tocha não tivesse Cashel falhado alguma coisa.

Cashel preparava-se para sair quando a luz da tocha de Freddie encontrou uma mossa na parede de um dos lados. Apontou a sua própria tocha àquilo. Havia um pequeno espaço, após a remoção de um tijolo velho, e quando olhou bem lá para dentro, encontrou uma velha caixa de couro lá metida. Levou um minuto ou dois até ser aberta mas no final soltou-se.

– O que é isso? – perguntou Freddie.

– Não sei – disse Cashel. Pousou a tocha. – Ilumina com a tua para aqui, Freddie.

A caixa era tão velha que a fechadura se desfez quando Cashel a tentou abrir. Lá dentro estava um colar, coberto de pó e bolor, mas era percetível que tinha sido em tempos um colar brilhante.

– Diamantes? – perguntou Freddie esperançoso.

– Difícil de dizer – respondeu Cashel com alguma reticência. – Pode ser vidro. Acho que tudo aquilo que não estava pregado foi vendido há muitos anos.

– Bem, agora é o seu vidro – concluiu Freddie. – Vamos embora, rapazes, temos um trabalho para continuar.

– Não é meu – disse Cashel. – O que quer que seja, é propriedade dos Power.

– Tem a certeza? – questionou Freddie.

– Sim, tenho a certeza – assegurou Cashel. – É óbvio que isto esteve na família deles durante centenas de anos, tão bem escondido que eles nem sabiam que existia. Não, isto pertence-lhes.

– De muito há de servir isso à Tess Power se não valer nem dois tostões – comentou Freddie. – Ao trabalho, rapazes, vamos lá.

– A Mara saberá como o avaliar – disse Cashel. – Ela que venha até cá. Acho que está na altura de ir visitar a Tess Power.

Suki sentiu Avalon a envolvê-la como se fosse um manto forrado de pelo no momento em que saiu do autocarro. As pessoas atrás empurravam para sair, por isso não teve tempo para *sentir* o que era estar em casa. Estava lá, apenas. Em casa. Mesmo em casa, depois de tantos anos fora.

Em tempos ter-se-ia importado que as pessoas a vissem sair de um autocarro ao invés de um carro com motorista como há anos. Idos eram os tempos de Jethro, quando uma viagem de autocarro ou mesmo um táxi pareciam ser demasiado banais para o seu gosto. Agora era uma pessoa que viajava de autocarro, disso não restavam dúvidas. As finanças assim o exigiam.

O condutor saiu e abriu o compartimento da bagageira num dos lados do autocarro e todos se aglomeraram para procurar as suas malas. Suki tinha duas malas gigantes que haviam sido classificadas como tendo peso a mais.

Peso a mais era coisa que as malas não tinham quando se viajava num jato privado com os TradeWind. Nem era um problema quando os editores pagavam a conta. Mas agora não havia ninguém além de Suki para tratar da conta e mal conseguia pagar pelas suas malas feitas à pressa.

Janeiro em Avalon tanto podia ser gelado como moderado, pelo que trouxera roupa para ambas as eventualidades.

O motorista ofereceu-se para levar a bagagem até ao passeio. Ele era jovem, da Europa de Leste pelo seu sotaque, com pele pálida e cabelo escuro, muito educado com toda a gente. Chamara-lhe senhora no autocarro. Devia ter pensado que era tão velha quanto a sua avó – um pensamento que já não a deixava horrorizada.

– Obrigada – disse e inspecionou a vila.

Avalon tinha mudado nos anos em que estivera longe. Podia contar as suas visitas pelos

dedos de uma mão e a última vez tinha sido quando… há bem mais de quatro anos? Na altura que vivera com Jethro; bem lá nos tempos loucos.

Era mais bonita do que se lembrava e mais moderna. Os carros não eram os chaços da sua juventude e todo o espaço parecia mais cuidado, mais moderno, apesar do que era óbvio ser uma tentativa de preservar a sua herança. O hotel era disso exemplo: na sua juventude, era um local saloio onde iam os agricultores nos dias de mercado encher-se de pratos gigantes de carne, batatas e nabos. Agora, a sua fachada de tijolo fora restaurada, as janelas de pedra arqueadas recriavam uma sensação de se estar num mosteiro e fora rebatizado como The Avalon Hotel and Spa em vez de Lawlor's Hotel, Fine Food & Drink.

A praça da vila era agora para pedestres e os brilhantes carros desportivos que não pareceriam deslocados em Hyannis Port estavam agora bem estacionados nos lugares próprios. Até havia um *Maserati*, elegante e cinzento como um tubarão pronto a atacar.

– Táxi? – perguntou alguém.

Mara tinha arranjado mesa à janela do café da Lorena, bebia o seu chocolate quente e deliciava-se com uma fatia do proibido bolo de veludo vermelho quando viu a loira glamorosa junto à estação de autocarro. Embora Avalon fosse uma vila turística frequentada por pessoas de todo o mundo, a mulher com casaco comprido de pele de ovelha castanha atirado de modo descontraído sobre os ombros destacava-se. O seu cabelo com madeixas platinadas combinava com o creme dos óculos retro, embora ninguém além de pessoas acompanhadas por cães guia necessitasse de óculos de sol em Avalon no mês de janeiro. Mara observava, paralisada, a mulher loira à medida que esta alcançava uma mala de ombro castanha e retirava os cigarros e um isqueiro. Quando o acendeu foi como se Faye Dunaway na versão original de *O Grande Mestre do Crime* tivesse vindo à vila. Mara sentiu-se como uma rapariga de catorze anos com a sua primeira panca por outra rapariga. Se não estivesse completamente apaixonada por Rafe, o belo Rafe, ela seguiria aquela mulher como se fosse uma garota de escola.

Então a mulher virou-se, o seu perfil ficou visível e Mara soube exatamente quem era aquela estranha glamorosa: a irmã de Tess. Aquela era a famosa Suki.

Mara fez algo inesperado – abandonou o bolo e o resto do chocolate e correu até à praça. Tinha chegado algo entusiasmante à vila.

– Olá, você pode pensar que sou doida mas parece ser a irmã de uma amiga minha. Ela descreveu-ma quando estava a trabalhar com ela. Tess Power? Estou certa? É a irmã dela… a Suki?

Suki virou-se para ver uma rapariga muito bonita, baixa, vestida como uma empregada de mesa dos anos 50, com cabelos ruivos a caírem em cascata sobre o casaco escarlate que vestia com dificuldade.

– Não precisa de um táxi, eu ajudo-a a levar as malas até à Tess. Ela está na loja. Sou a Mara, já agora.

– Olá, Mara – sorrira Suki. – Tudo nesta vila melhorou desde que me fui embora. Não tínhamos ninguém tão bonita como você por aqui. Exceto eu!

Tess estava a fazer o inventário. Tinha tanto *stock* que era inacreditável. À medida que olhava para cada coisa, dava consigo a recordar-se onde o tinha comprado, quanto tinha pago. A joalharia era a sua perdição: peças lindíssimas que não eram necessariamente valiosas em termos de ouro ou jóias mas que deviam ter tido grande importância para os donos. Coisas adoráveis que haviam sido enviadas para leilões para renderem algum do muito necessitado dinheiro. Pegou numa bracelete de bronze que tinha um pedaço de âmbar com um pequeno inseto pré-histórico preso lá dentro; talvez uma bracelete de uma mulher da década de 1920 usada por diversão. Lá estavam algumas coisas muito exóticas, importadas de todo o mundo, de outras épocas, quando a classe dominante tinha impérios. Todo o tipo de gravuras interessantes da Índia e do Extremo Oriente e uma série de pequenas mesas embutidas com toda a espécie de madeira.

Tess tentara saber sempre as histórias das coisas que vendia na loja. A história das peças fascinava-a: onde tinham estado, de onde vinham, o que significavam. Na maior parte das vezes conseguia saber muitos pormenores. Anotava tudo no seu caderno e depois fazia a transcrição numa etiqueta de bagagens que atava a cada peça juntamente com o preço. Deixou as etiquetas enquanto contava o *stock* e organizava tudo por categorias. Estava na parte da frente da loja enquanto Zach ajudava nas traseiras. De vez em quando ouvia-o gritar:

– Mãe, esta coisa… não sei o que fazer com isto.

– O que é? – perguntava. Muito do *stock* das traseiras eram coisas que não tinha conseguido etiquetar ou peças etiquetadas mas que não tinha vendido.

– Bem, não estou inteiramente certo do que isto possa ser. Parece uma espécie de espada. – O barulho de algo a sibilar acompanhou esta afirmação, deixando claro que Zach estava a brincar com a espada.

– É uma espada de samurai, querido – dissera. – Bem, uma cópia, pelo menos. É muito afiada, por isso tem cuidado. Se fosse uma verdadeira espada de samurai valeria milhões, mas, infelizmente é uma cópia do século dezanove… finais do século dezanove, na verdade, veio tudo da *chinoiserie*.

– Está bem – respondera. – Então para que monte vai isto?

– Sabes, é uma peça encantadora, esteve aqui na montra da loja. Trá-la cá junto com as coisas com as quais conseguiremos fazer algum dinheiro na casa de leilões. E depois se calhar fazemos uma pausa para um chá e biscoitos – sugeriu.

Remexer em toda a sua loja era doloroso. Ao menos, Zach estava lá para a impedir de se dissolver num mar de lágrimas. Não ia chorar à frente dele. Não, dissera a Zach que aquele era um recomeço; que a loja ocupava demasiado tempo e que era muito difícil. Que ia tentar encontrar um emprego mais estável para estar mais tempo com ele e com Kitty. Especialmente no final do ano letivo, quando ela passasse para o sexto ano e começasse os preparativos para os exames.

– Mas tu adoras a loja, mãe – comentara Zach, triste.

– E adoro, mas tenho de ser realista, querido. É difícil gerir uma loja como a Something Old

no mundo moderno – dissera Tess, mantendo a sua voz animada mas alterando um pouco a história ao perceber que ele não tinha acreditado nela.

– Era capaz de matar por uns biscoitos – disse agora Zach.

– Está bem, vou pôr a chaleira ao lume, acabar isto e depois podemos sentar-nos – concordou Tess.

Nesse momento ouve um bater frenético na porta da loja. Tess tinha-a trancado e posto o aviso de que estava encerrada. Ninguém entraria para comprar nada e era mais fácil e mais seguro trancar a porta.

– Tess, sou eu, a Mara – disse a voz e Tess sorriu. Mara tinha esse efeito nas pessoas. Trazia luz a todos os sítios onde ia.

– Já vou – respondeu Tess e abriu a porta. Então as suas mãos deslizaram-lhe para a boca em surpresa. Ali, ao lado de Mara, estava Suki, com um visual incrivelmente glamoroso e em risco de desatar a chorar ao mesmo tempo.

– Oh, Tess – exclamou Suki, esticando os braços e envolvendo a irmã. – Oh, Tess, preciso de ti, preciso de ti.

Zach gostava de ficar sozinho na loja. A mãe tinha encaminhado Suki para casa e ele voluntariara-se para ficar e fazer mais algum do inventário, dando-lhes mais tempo para estarem a sós.

– O único problema é que não sei bem o que fazer, mãe – disse.

– Continua o que estavas a fazer – disse a mãe. – És muito bom, vai correr bem – e foi-se embora.

Ter dezassete anos era fixe; as pessoas confiavam em ti, sabias coisas. Quando ele tinha catorze costumava achar que sabia tudo. Que estúpido que era. Agora é que sabia tudo. Pixie dizia-o muitas vezes.

– Dizes isso só porque sim – respondia a rir, mas agradado ao mesmo tempo.

Fez uma chávena de chá e deu alguns biscoitos a *Silkie*, que estava sentada a seu lado, a implorar por um pedaço.

– Vais ficar gorda – avisou Zach enquanto *Silkie* engolia dois biscoitos. – Ná, provavelmente não, já nasceste magrinha – assentiu Zach, fazendo-lhe festas.

Os cães eram fantásticos, podíamos contar-lhes coisas e eles jamais contariam a alguém. Como quando a mãe e o pai se separaram, Zach levava *Silkie* para o seu quarto, deitava-se na cama, abraçava-a, ouvia música e contava a *Silkie* que há muito que sabia que a mãe e o pai não eram felizes. Que tinha muito medo que aquilo acontecesse e que tinha finalmente acontecido e subitamente o futuro era uma grande incógnita. Os pais pareciam nunca perceber quão assustador era o desconhecido para os filhos. *Eles* sabiam o que estavam a fazer, eles tomavam as decisões mas e nós? Nós não podíamos tomar decisões apesar de sermos parte delas.

E no entanto tudo se tinha resolvido, de um modo estranho. A mãe parecia feliz sem o pai e o pai estava muito feliz com Claire. Quem ia adivinhar? Os adultos eram loucos. Quando

chegavam aos trinta era sempre a descer e começavam a perder a cabeça.

Ouviu-se outra pancada na porta, desta vez mais firme.

– Estamos fechados! – gritou Zach.

– Estou à procura de Tess Power – respondeu uma voz grave pela porta.

– Ela não está – informou Zach.

– Posso entrar, por favor?

Zach deu a *Silkie* o último pedaço de biscoito, lambeu os dedos, levantou-se e dirigiu-se à porta. Destrancou-a e abriu-a para encontrar um homem muito alto, bem constituído, com cabelo escuro e uns incríveis olhos escuros olhando-o de frente. Zach era alto, o mais alto da turma, mas aquele homem, que era, tipo, obviamente velho, tinha uns centímetros a mais.

– Ela não está cá – repetiu Zach num tom respeitoso, pois aquele homem parecia ser o tipo de pessoa que tinha de ser respeitada.

O homem limitou-se a olhar para ele por alguns momentos. Depois falou finalmente:

– Tu deves ser o Zach.

– Sim – confirmou Zach devagar.

– Sou o Cashel Reilly. Era amigo da tua mãe há muito tempo.

– Ah, está bem – disse Zach. – A minha tia Suki apareceu, por isso a minha mãe foi com ela para casa. Não volta hoje.

– A Suki veio para casa?

– Iá – respondeu Zach. – O senhor parece-me familiar. Conheço-o?

– Comprei a Avalon House por isso tenho andado muito por aí ultimamente.

– Ah! – exclamou Zach num tom muito menos simpático. – Era da minha família há muito tempo.

– Eu sei – disse Cashel de forma imparcial.

– A minha mãe não fala sobre isso, nunca lá vai. Mas já lá fui muitas vezes com os meus amigos – comentou Zach, como que a provocar o homem para que lhe dissesse que estava a invadir a sua propriedade. – Quando algo fica na nossa família durante muito tempo é suposto ser parte de nós, sabia? Por isso não pensei que fosse um problema ir para lá com os meus amigos ou a minha namorada.

– Não – retorquiu Cashel –, não há nenhum problema em fazeres isso.

Olhou fascinado para o rapaz. O filho de Tess era um jovem alto e forte, com um rosto caloroso, olhos como os da mãe, o cabelo escuro do avô e um queixo firme que Cashel não conseguia identificar. Bem-educado, encantador e era notório que tinha herdado todos os bons modos da mãe.

– A Avalon House estará sempre aberta para ti, Zach – afirmou. – Prometo-o. É um direito teu.

– Obrigado – agradeceu Zach. – Devia dizer isso à minha mãe porque ela deve lá querer ir às vezes. O pai… os meus pais estão separados… o pai diz que aquilo é muito importante para ela, mas que a magoa, e que é por isso que não vai lá.

– Eles separaram-se, a tua mãe e o teu pai? – perguntou Cashel cautelosamente.

– Iá, é um pouco complicado – contou Zach.

– Oh! – retorquiu Cashel de um modo mais discreto.

– O meu pai tem uma namorada nova e ela está grávida.

– Isso deve ser difícil – admitiu Cashel.

– Não, na verdade não é, vai tudo ficar bem, a mãe diz que tudo vai ficar bem. Cashel assentiu.

– Isso parece típico da tua mãe – disse. – Prática.

– Sim, ela é prática e parece estar a lidar bem com isto. A Pixie…, a minha namorada…, a Pixie diz que, se eu me fosse embora e tivesse um bebé com outra pessoa, ela, bem, ela ficaria muito zangada comigo. Mas a mãe parece conviver bem com isso.

– Escuta – disse Cashel –, preciso mesmo de falar com a tua mãe. Podes dar-me a vossa morada? Não a sei.

– Claro – prontificou-se Zach. – Aposto que vai ficar encantada por vê-lo.

– Espero que sim – disse Cashel. – A Suki vai gostar de me ver, isso é certo.

Suki entrou pela porta da frente, largou as malas no chão e disse para a irmã:

– Onde guardas as bebidas nesta casa?

– *Hmm*, na cozinha – indicou Tess.

– Está bem.

Suki marchou em direção à cozinha, abriu os armários e encontrou garrafas que raramente eram tocadas. Serviu-se de um grande copo de uísque.

– Tens gelo? – perguntou.

– Não – suspirou Tess –, isto não é um bar.

– Oh, para, Tess, por favor. Eu adoro-te, e peço desculpa, mas estou tensa. Voei até aqui. Tive de apanhar o autocarro. Tem sido horrível. Não te consigo explicar o quão ansiosa estou.

– Eu sei, minha querida – disse Tess e pôs o braço à volta da irmã.

Suki pousou a cabeça no ombro de Tess e sentiu a paz a envolvê-la. Sabia bem estar em casa, há muito que estava longe.

Quando se separaram, Suki abriu o frigorífico à procura de algo para suavizar o uísque. Sumo de laranja servia. Só despejou um pouco porque não havia muito espaço livre no copo.

– Desculpa, sei que não aprovas, mas já não consumo drogas, bebo os meus copos de vez em quando, apenas isso.

– Não sou a tua mãe – lembrou Tess.

– Eu sei, eu sei. Isso é parte do problema, não é? – questionou Suki, deixando-se cair na cadeira da cozinha e parecendo subitamente ter a sua idade. – Talvez se tivéssemos tido uma mãe as coisas tivessem sido diferentes. Teríamos aprendido o que é ser mulher, compreendido. As coisas não teriam corrido mal contigo e com o Cashel. As coisas não teriam corrido mal comigo e com o maldito do Kyle Richardson Sénior. Talvez tivesse aprendido a cuidar de mim sem me pôr numa bandeja ao dispor dos homens.

– Sim, eu sei – concordou Tess, sentando-se à mesa ao seu lado e pegando na mão de Suki.

Sabia tudo sobre Kyle Sénior e o que este tinha feito. Era culpa dele, sem dúvida, tinha-se aproveitado da sua querida irmã, embora Suki sempre se tivesse culpado, pensando que tinha lidado mal com tudo aquilo.

Se não tivesse bebido tanto, se não estivesse tão convencida de que o tinha na palma da minha mão… diria.

– Vendo o Zach e a Kitty, percebo como as crianças precisam dos dois pais, se for possível – acrescentou Tess. – Precisam de tanta orientação. O pai foi fantástico e deu o seu melhor, mas era apenas metade do *puzzle*.

Nesse momento, Tess ouviu a porta da frente a abrir.

– Oh, Deus – disse para Suki –, é a Lydia, a ama das crianças. Ela vai buscar os miúdos à escola, trá-los para casa, dá-lhes lanche e toma conta deles até eu sair do trabalho.

– Oh, ooh, pensei ter-te visto entrar!

Kitty correu para a cozinha a alta velocidade.

– Mãe… oh, tia Suki! – exclamou.

Tess achou um milagre Kitty reconhecer Suki, porque só tinha quatro ou cinco anos na última vez que ela os visitara. Mas Kitty fora sempre fascinada pela sua tia glamorosa e costumava olhar tempos sem fim para as suas fotografias: segurando-as junto ao espelho, tentando adotar as mesmas poses que Suki fazia nas fotos.

– Olha só para ti, minha querida – disse Suki, puxando-a para o seu colo para lhe dar mimos. – Cresceste. És uma senhorinha!

– Eu sei – replicou Kitty, abanando o rabo-de-cavalo de contentamento.

– Olá a todas – cumprimentou Lydia, pairando à entrada da cozinha, desejosa de ser convidada a entrar e apresentada.

– Lydia – disse Tess –, esta é a minha irmã, Suki.

– É um prazer conhecê-la – referiu Lydia, avançando.

Lydia era uma ótima ama de crianças mas infelizmente uma coscuvilheira inveterada. Sabendo que a notícia da chegada da sua irmã estaria em toda a vila no espaço de uma hora, Tess estava ansiosa por pô-la a caminho.

– Muito obrigada, Lydia – dissera. – Hoje não preciso que fiques. Vim para casa mais cedo porque a minha irmã chegou de forma inesperada.

– Uma visita breve? – perguntou Lydia, determinada em obter o máximo de informação possível antes de sair.

Com sorte, Suki percebeu a situação.

– Sim – dissera ao pôr-se de pé e retirando subtilmente Lydia da sala –, uma visita breve, não tenho muito tempo. Foi bom conhecê-la. Gostava de ficar a conversar, mas quero aproveitar ao máximo cada precioso momento com os meus queridos sobrinhos.

E, antes que se conseguisse aperceber disso, Lydia estava à porta, a sair e, pumba, a porta fechou-se nas suas costas. Que mulher interessante, pensou, enquanto marchava pelo passeio, decidida a espalhar a notícia.

* * *

De volta à cozinha, Tess preparava um lanche para a filha. Tentou dar a entender que não poderia conversar agora que Kitty ali estava.

– Grandes ouvidos. Grandes ouvidos – sussurrou a Suki.

Suki assentiu, depois abriu a sua linda mala de couro e tirou a sua bolsa de maquilhagem.

– Sabes – disse para Kitty –, tenho aqui coisas muito giras. Olha para isto.

Ela abriu a sua paleta de batons *Bobbi Brown*, uma coisa que queria e que se tinha oferecido recentemente, com todas as cores de batons que alguém podia precisar no seu interior.

– Ooooh! – exclamou Kitty, deliciada.

– Devias experimentar alguns – sugeriu Suki. – Depois do lanche talvez te possas sentar aqui mesa e experimentar. Também tenho algumas sombras de olhos brilhantes. Eu e a tua mãe vamos para a sala de estar ter uma conversa.

– Que toque de génio! – sorriu Tess para a irmã.

– Bem, não achei que ela tivesse muita experiência com maquilhagem – sorriu Suki. – Embora tenha de retirar essa afirmação, tu melhoraste o teu visual desde a última vez que aqui estive.

– Oh, bem, suponho que sim – concordou Tess, apanhando e afagando o cabelo de forma constrangida.

Vivienne tinha-lhe oferecido um *voucher* para um cabeleireiro pelo Natal e Mara dera-lhe uma bolsa de cosmética que continha sombra de olhos, rímel e um batom. Começara a usar aqueles produtos e percebeu que aplicar maquilhagem era uma daquelas coisas que nunca esquecemos totalmente. Há uns anos costumava adorar maquilhagem, tinha-se esquecido disso. Esquecera de todo o conceito de se tornar bonita à frente do espelho de manhã. Tinha-se perdido da mesma forma que muitas outras coisas se tinham perdido.

– Esse cabelo curto fica-te bem. E gosto das madeixas loiras, muito bom. Salientam mesmo o loiro natural do teu cabelo – proferiu Suki. – Quem as faz? Não é a Eileen, disso tenho a certeza.

– Não – riu-se Tess –, há um salão novo na vila ótimo. Duvido que volte a poder lá ir, não tenho como pagar. Vou ter de fechar a minha loja, Suki. Estamos oficialmente falidos.

– Não! – exclamou Suki. – Isso não vai acontecer, querida. Olha, o meu livro está quase pronto e quanto receber o dinheiro da editora tu podes ficar com algum. Tu tens de continuar. Eu adoro aquela loja.

Tess abanou a cabeça.

– Apercebi-me que manter a loja era uma espécie de ligação louca a casa, comprando o tipo de coisas que estavam na Avalon House quando estávamos a crescer. Recordava-me o passado. Sabes quem comprou a casa?

– Quem? – perguntou Suki, mas não olhou para Tess ao falar.

– O Cashel.

– Sim.

– Lamento, Tess. Acho que nunca disse o quanto lamentava. As coisas com ele acabaram parcialmente por minha culpa e ele era um tipo fantástico.

– Não foi culpa tua – contrariou Tess. – Foi culpa dele, e um pouco culpa minha, e culpa de sermos jovens e estúpidos. Não vamos falar sobre isso – acrescentou Tess. – São águas passadas. Vamos falar das pessoas da biografia: elas não são assim tão más, pois não?

– Tu não imaginas – disse Suki. – São como cães à caça e estão convencidas de que escondo um segredo, que é claro que escondo. Vão aparecer aqui, tenho a certeza.

– E então? Vamos dizer-lhes que não falamos com eles, apenas isso.

– Tu não compreendes, Tess – disse Suki tristemente. – Estas pessoas não vão desistir. A única coisa que as pode conseguir parar é uma ordem do tribunal, bons advogados e o dinheiro para pôr essa ameaça em prática. Esperei que os Richardson fossem ajudar, fazendo saber ao biógrafo que tenho proteção total, mas deixaram bem claro que se limitam a esperar que eu mantenha a regra de silêncio da família. Não, tanto quanto sei, estou por minha conta. Por isso, o Suarez pode escrever o que quiser sobre mim, e vai com certeza referir o facto de vir da outrora grande família Power, por isso também vais ser arrastada para isto. Lamento.

A campainha tocou.

– Por amor de Deus! – exclamou Suki, exasperada. – Isto é o quê, a Grand Central Station?

– Não sei quem possa ser – disse Tess. – Não estou à espera de ninguém. Quem quer que seja, pode ir-se embora.

Levantou-se, foi até à porta de entrada, abriu-a e ficou inerte. Ali parado, parecendo ligeiramente desconfortável mas mantendo o seu habitual olhar fixo, estava Cashel.

– Posso entrar? – perguntou ele.

– Não é boa altura – desculpou-se Tess.

Estava completamente de rastos. Não sabia o que dizer. Vê-lo ali era desconcertante. Ou talvez não o fosse, talvez fosse outra coisa. Não conseguia parar de pensar nele desde que o encontrara na casa no dia de ano novo, o que era ridículo, ela sabia.

– Sei que a Suki está cá – informou Cashel. – Fui até à loja. Falei com o Zach.

A expressão de Tess suavizou-se quando ele mencionou o filho e Cashel voltou a lembrar-se de como ela era bonita. Estava diferente da última vez que a tinha visto: mais cuidada ou algo assim. Mas encantadora, como a bela rapariga que amara.

– É fantástico, não é? – disse Tess. – Se tivesses ficado, tê-lo-ias conhecido mais cedo. Suki apareceu por trás dela.

– Cashel. Ótimo – dissera. – Vens na hora H.

– Preciso de mais alguém que beba uísque – continuou Suki. – É muito mau beber sozinha.

– Acho que não devias beber mais – advertiu Tess.

Se a sua ideia de hora H era Cashel aparecer à sua porta, Suki devia ter bebido vários copos no caminho até lá.

– Oh, para! Traz a garrafa para a sala de estar, Tess, e mais um copo para o Cashel.

Na cozinha, Kitty divertia-se a fazer experiências. Graças à maquilhagem da mala de Suki, o seu visual era em parte dançarina de burlesco, em parte uma explosão da Sininho.

– Não estou bonita, mãe? – perguntara.

Tess beijou-a na testa.

– Estás linda, querida – dissera.

Quando regressou à sala de estar com a cafeteira, outro copo e a garrafa de uísque, para o caso de Cashel decidir que queria uma bebida, ele e Suki estavam a conversar como se não tivessem estado anos sem se verem. Falavam sobre advogados e detetives privados, parecia. Desconcertante. Tess serviu café a todos.

Suki pegou no café e também na garrafa de uísque, despejando uma boa dose.

– É o meu último – informou –, mas é que o dia de hoje foi enervante, amigos.

Tess respirou fundo. Ter Cashel em sua casa fazia o seu coração bater erraticamente e, para além disso, tinha também a irmã para aumentar a confusão.

– Tenho notícias – disse Cashel. As

duas mulheres olharam para ele.

– Boas ou más? – quis saber Suki. – Porque as boas notícias têm estado em falta por aqui ultimamente.

– Estas são boas notícias – comentou Cashel, mas só tinha olhos para Tess.

Estranhamente, ela também não conseguia parar de olhar para ele. Tinha sido tudo demasiado rápido, demasiado perturbador quando se encontraram no dia de ano novo. Agora conseguia ver-lhe as têmporas a ficarem grisalhas, conseguia ver os olhos escuros com rugas, a sombra no seu queixo e um rosto forte de homem mas ainda com os traços do rapaz que fora em tempos.

– Que notícias? – dissera.

– Há algumas horas, os pedreiros encontraram uma divisão secreta na cave da casa.

– O quê? – admirou-se Tess.

– Estava bem escondida – disse Cashel. – Encontrava-se em baixo, na adega. Só a descobrimos quando demolimos uma parede e apareceu uma porta velha. Infelizmente, a divisão estava vazia. À exceção disto.

Segurou o colar empoeirado e manchado.

– Não faço ideia do que é – admitiu Cashel – mas pertence às duas. Quando o vosso pai vendeu a casa, vendeu-a com uma lista clara do conteúdo. Eu vi essa lista. E então, quando o sítio me foi vendido, era só a casa. A propriedade que pertencia legalmente à família Power continua a pertencer à família Power. É vosso.

– A mim parece-me lixo – declarou Suki.

– Foi o que pensei – disse Cashel –, mas achei que a Tess pudesse saber. De qualquer forma, devem ficar com ele. Deve ter pertencido a um dos vossos antepassados.

– Tens a certeza? – questionou Suki, olhando para o colar com mais interesse. – Porque tu és o dono… a posse é essencialmente nove partes da lei ou algo assim.

– Não – declarou Cashel, os seus olhos firmes em Tess. – É vosso. Pode ser alguma coisa.

– Duvido – disse Tess, mas pegou nele à mesma. – Vou mandá-lo avaliar. Conheço um especialista em diamantes fantástico, mas tenho a certeza de que a Suki tem razão e isto é teu.

Ela fitou-o duramente.

– Estou certo de que não é – respondeu ele.

– Vocês! – resmungou Suki. – Alguma vez vão fazer as pazes?

– Suki, devias mesmo manter-te afastada do uísque – redarguiu Tess friamente, sentando-se. – Está claro que não te dás bem com ele. Deixa-te um pouco maluca.

– O uísque não me deixa maluca – proferiu Suki –, eu sou maluca. Ei, devíamos ir buscar o Zach. Deixámo-lo na loja.

Carmen, a melhor investigadora de Redmond Suarez, deu entrada no Avalon Hotel and Spa. Não era uma vila assim tão má, até era agradável, pensou. Lincoln, um dos muitos investigadores estagiários, tinha lá estado imenso tempo à procura nos velhos registos da paróquia e não descobrira nada. Havia coisas interessantes sobre os Power e como tinham enriquecido, mas nenhum escândalo. Se houvesse algum, Carmen iria encontrá-lo.

Redmond não gostaria daquele sítio. Só gostava de cidades. Tudo o que fosse rural deixava-o nervoso; lembrava-o demasiado das suas origens. Carmen sorriu ao entrar no quarto. Ela sabia que Redmond não pertencia realmente à nobreza portuguesa, mas, caramba, todas as pessoas tinham os seus pequenos segredos, pensou com um sorriso, até o seu patrão. Existiam muitos segredos em Avalon, disso tinha a certeza.

Redmond tinha feito umas buscas incríveis sobre os Richardson. O seu trabalho fora facilitado pelo facto de existirem muitas pessoas que odiavam Antoinette Richardson – que a *odiavam*. Pessoas que tinham sido desprezadas por ela, empregados a quem pagava mal: a lista não tinha fim. Iria ser o seu melhor livro até então.

Tendo já tanto material, não compreendia porque tinha Redmond tanto interesse em conseguir aquele lado da história. Claro, Suki Power era interessante por mérito próprio e Carmen era capaz de arrancar uma perna sem anestesia para conseguir descobrir o que se passara naqueles anos em que Suki vivera com Jethro dos TradeWind, mas não valia a pena. Quem imprimisse boatos envolvendo Jethro era processado; o tipo era multimilionário, com ótimas ligações, e tinha advogados de plantão vinte e quatro horas por dia. Redmond não gostaria disso. Não importava que acertassem em cheio, todas as histórias que envolvessem Jethro teriam de ficar fora do livro. E pondo os anos com Jethro de parte, não parecia haver muito para descobrir sobre Suki. Claro, falava-se de uns anos tempestuosos em que Kyle Júnior e Suki mal se falavam mas nada que o provasse. Nada além de pequenos boatos.

Por vezes, os pequenos boatos compunham o melhor capítulo de um livro, tinha aprendido isso com Redmond. Mas o seu instinto dizia-lhe que aquele não era um desses casos. Sim, Suki Power tinha-a expulsado de casa mas não parecia assustada. A parecer alguma coisa, parecia sentir desprezo. Não era a primeira vez que Carmen tinha visto esse tipo de olhar na sua direção e detestava-o. Um dia iria afastar-se de Redmond e seria livre para escrever os seus próprios livros – e também não seriam biografias desonestas. A desonestidade pagava a renda, pagava mais que a renda, mas queria escrever outra coisa, talvez um trabalho lucrativo como o de Suki: algo nobre, tinha decidido. Algo do qual a sua mãe se orgulhasse ao invés de dizer: «Porquê, Carmen? Porque escreves estas coisas? Foi para isto que foste para a faculdade?»

Entretanto, tinha uma tarefa a cumprir.

Tess Power era dona de um antiquário chamado Something Old. Era aí que Carmen iria. Tinha trocado a roupa de viagem pela roupa das entrevistas, que era sempre formal, e posto um casaco pesado por cima. Estava frio ali. Armada com o seu gravador digital, caderno e uma mala espaçosa para o caso de encontrar algo incriminatório do qual se pudesse apropriar, Carmen seguiu em busca da Something Old.

Nenhum dos taxistas a queria levar.

– É já no cimo da colina, amiga, cerca de cinco minutos a pé, levá-la até lá nem valia a tarifa.

– Pensei que os taxistas nos levavam onde quiséssemos, quando quiséssemos! – gritou Carmen em fúria.

– Ah, talvez em Nova Iorque, amiga, mas não aqui – respondeu um homem e fechou-lhe a janela na cara.

Subiu a custo a colina e então viu-a, com uma bonita placa escrita à mão e pendurada numa barra de ferro: *Something Old*. Giro, antigo.

Havia um pequeno pátio junto da porta da rua e num dos lados uma espécie de loja de vestidos; coisas de mulheres velhas, nada giro, percebeu Carmen na sua breve visita, nada de moderno. No outro lado ficava a loja de antiguidades. A porta estava fechada… não, após melhor inspeção, percebeu que estava entreaberta. Parou à entrada, à escuta de vozes, quando um cão começou a rosnar. Malditos cães, percebiam sempre quando alguém estava a coscuvilhar.

– Está alguém em casa? – perguntou, batendo à porta e permitindo-se entrar. Só esperava que o cão não a atacasse.

Estavam quatro pessoas na sala: um adolescente, um homem alto e muito bem-parecido – quarenta e muitos anos, e rico – isso era certo, Carmen conseguia distinguir os ricos a quilómetros de distância – e depois uma mulher com cabelo curto e loiro com um corte moderno. Era alta, muito bonita. Era a irmã de Suki, sem dúvida, mas diferente, mais fina e elegante. E depois ali estava a própria Suki, com um aspeto glamoroso e seguro de si. Bolas.

– Olá – disse Carmen na sua voz mais doce. – Chamo-me Carmen LeMonte, trabalho para Redmond Suarez e estou à procura de Tess Power… suponho que seja a senhora – disse, apontando para Tess, ignorando Suki por completo. – Estou a tentar perceber se a informação que tenho é verdadeira.

O gravador digital estava ligado no seu bolso. Gravava tudo ao seu alcance e era muito, muito sensível.

– E que informação é essa? – perguntou o homem que agora tinha um ar ameaçador. Sim, ameaçador, sem dúvida.

Ao lado da mulher encontrava-se a outra fonte dos problemas de Carmen: uma espécie de cão de caça magro, e rosnava na sua direção, dentes à mostra, olhando para ela com quase tanto desdém como Suki.

– Esta é a cabra que me entrou em casa em busca de informações! – exclamou Suki.

Todo o tempo era precioso, decidiu Carmen. Só se tinha uma oportunidade de fazer aquelas perguntas difíceis e, quando todos eram assim tão hostis, mais valia ir direta ao assunto. Suki

não iria dar nada de barato, Carmen teria de tentar roubar alguma informação à sua irmã.

– Sabemos que Suki Power Richardson teve um casamento de fachada com Kyle Júnior…, mas o que se diz é que era muito próxima do pai dele, Kyle Sénior, e que Antoinette Richardson expulsou-a da família por esse motivo. Sabemos que depois veio para aqui.

Era uma alegação arriscada, mas, muitas vezes, para arrancar alguns factos decentes, quanto mais arriscado, melhor. Na ânsia de se defenderem daquele tipo de alegações, as pessoas inocentes tinham tendência a ficarem perturbadas e a divulgar mais informações do que divulgariam normalmente com o intuito de mostrar que os outros estavam muito mal informados.

Tess ficou imóvel. Tinha a mão na coleira de *Silkie*, pois, pela primeira vez em toda a sua vida, a cadelinha gentil parecia capaz de atacar alguém.

Cashel avançou até estar mesmo à frente da mulher.

– Sei que nos está a gravar – proferiu. – Um momento.

– Muito bem, agora estamos todos a gravar. O meu nome é Cashel Reilly e o nome da minha empresa é C. Reilly Enterprises Worldwide.

– Oh! – exclamou Carmen, sentindo alguma hesitação. Gostava de ser a única a gravar as conversas: subia consideravelmente a parada quando mais alguém o fazia.

– Os meus advogados em Nova Iorque, Steinberg & Retzen, estão a preparar uma ordem do tribunal contra o assédio de Mister Suarez e dos seus agentes aos membros da família Power.

Carmen estremeceu. A Steinberg & Retzen era perigosa. A sociedade tinha construído a reputação de destemida ao conseguir estragos inéditos em casos de calúnias e difamações. E ganhava sempre, sempre.

– Por isso, sugiro que abandone esse estilo de inquérito ou isto pode tornar-se extremamente dispendioso para o seu patrão. Estou certo que Mister Redmond Suarez não quer voltar para Porto Rico sem um tostão.

Carmen estava habituada a parecer indiferente: era parte do seu trabalho. Redmond tinha-lhe ensinado a esconder as suas emoções, mas não desta vez. Sabia que estava pálida. Conseguiu encolher os ombros.

– Claro, compreendo. Por vezes, as notícias acabam por se revelar falsas. As pessoas inventam coisas. Peço desculpa por vos ter incomodado.

Pegou na sua mala e foi-se embora com um sorriso forçado.

– Meu Deus – murmurou Tess e sentou-se numa caixa de cartão. Estava a tremer. – Não posso acreditar que isto aconteceu.

– Você foi brilhante – elogiou Zach. – Não faço ideia do que se estava a passar mas pareceu bom.

– Obrigado – agradeceu Cashel, certificando-se de que a porta fora bem fechada. Estava a ver Carmen a descer rua abaixo, falando ao telemóvel. Redmond Suarez não ia gostar nada daquela chamada.

– Como sabias aquelas coisas sobre o biógrafo? – perguntou Tess.

– A Suki telefonou-me a pedir ajuda. Os Richardson abandonaram-na à sua sorte, por isso

pus os meus advogados a tratar disso.

Silkie estava a ganir e Zach pediu licença para a levar para casa.

– Vamos – disse Suki, pondo um braço à volta de Zach. – Eu também vou. Esta loja é fria, Tess, precisas de pôr aquecimento.

Então eram só eles os dois. Cashel olhava para Tess. Ela estava a sofrer com todas as notícias, não menos com o facto de Suki ter contactado Cashel.

Mas de repente ela apercebeu-se de que estava sozinha com Cashel Reilly, que estivera muito nos seus pensamentos ultimamente. Valeria a pena dizer todas as coisas que devia ter dito há anos?

Olhou-o e a expressão dele era dura.

Não, pensou. O momento de conversar tinha passado há muito.

– Obrigada, Cashel – disse de modo rígido. – E em relação a isto... – Segurou no colar. – Posso ir ver mas estou certa que é teu.

– Não – disse ele. – O recheio da casa que foi vendido há anos estava numa lista. Isto não estava na lista, é vosso, sem dúvida.

Ele esperava alguma coisa, qualquer coisa, de Tess, mas esta estava deliberadamente a evitar olhar para ele.

Era tão claro para si como se tivesse acontecido na véspera e não há dezanove anos. Tinha sido quando Suki regressara da América, cheia de raiva e ansiedade devido ao que acontecera.

– Aquelas pessoas são um pesadelo, um maldito pesadelo – dissera Suki com raiva, andando para trás e para a frente na biblioteca da antiga casa, criando uma brisa à sua passagem.

Ainda agora Tess lamentava não ter percebido realmente aquilo por que Suki passara. Ao invés, sentira-se zangada por a irmã só pensar em si e não no pai, que se encontrava no andar de cima, deitado numa cama – num quarto frio – com pieira. Achava que ele devia estar num hospital. A pneumonia não podia ser tratada adequadamente em casa mas ele insistia que estava bem.

– Podes estar a abusar no orgulho, pai – dissera Tess. – Por favor, deixa-me levar-te para o hospital.

No entanto, nada conseguia persuadi-lo a ceder. Insistiu em ficar na sua própria cama.

E agora ali estava Suki, a gritar tanto que quase deitava a casa abaixo, falando sobre a cabra da Antoinette mas recusando-se a dizer a Tess porquê.

Os olhos de Suki ardiam de raiva.

– Não compreendo estas mulheres; estão dispostas a suportar tudo desde que continuem a ser a Mistress Tal e Tal. A dignidade de ser uma esposa. Bem, pois eu não vou ficar e continuar a ser a esposa do Kyle Júnior, nisso não há dignidade. Acabou.

– Suki, se soubesse do que estás a falar podia ajudar-te, mas neste momento a minha prioridade é o pai. Sei que estás aborrecida por causa da Antoinette, sei que ela dá contigo em doida, mas tens noção do estado do pai? E estamos de tal forma falidos que vamos ter de deixar a casa. O banco não nos dá mais tempo.

– Oh, por amor de Deus, vendam o raio da casa! – exclamou Suki de forma ríspida e irritada. – Preciso de algum apoio aqui.

– Tal como eu – respondeu-lhe Tess.

– Pronto. Vou à vila ver se há alguém disposto a ouvir a minha história – gritou Suki, saindo e batendo com a porta.

Tess nunca percebera completamente o que tinha sido dito entre Suki e Cashel naquela noite. Suki telefonara primeiro à mãe dele, para saber se Cashel se encontrava em casa, pensando que talvez ele a pudesse levar a beber um copo. E, de alguma forma, a história de Suki sobre como Tess não a apoiava e estava completamente embrenhada na sua vida em Avalon despertou uma chama em Cashel, que sempre fora uma criatura apaixonada, e este foi até sua casa para lhe fazer um ultimato. Tinha juntado dinheiro suficiente para os bilhetes de avião dos dois, para a sua grande aventura.

– Aqui não há vida para nós, Tess. Somos jovens, vamos sair desta vila e começar uma nova vida – tinha-lhe pedido.

Londres era o destino. Era em Londres que pessoas como Cashel podiam fazer dinheiro. Ela tinha prometido ir com ele. Ele amava-a. Queria casar mas ela tinha de escolher.

– Cashel, não posso ir já – explicara Tess. – Vamos esperar mais uns meses, até o meu pai estar melhor e talvez o banco mude de ideias. Por favor, alguns meses, só isso.

– Estás sempre a dizer isso – respondeu zangado. – Isto é algum jogo para ti, Tess? Estás a brincar comigo?

Ao contrário de Suki, com o seu temperamento quente, Tess nunca perdia a calma: nisso era como o pai.

Mas, nessa noite, perdera-a.

– Não te atrevas a acusar-me de ser esse tipo de mulher – ripostara zangada.

– Tens de escolher entre mim e a porcaria de Avalon e do teu pai! – gritou ele para trás ao sair.

Na manhã seguinte, bem cedo, Cashel tinha voltado à casa. Tess estava exausta. O pai passara a noite a tossir tanto que ela ficara assustada, tão assustada que passara a noite acordada na cadeira do quarto dele, embrulhada em cobertores. Ora adormecendo, ora acordando, ouvindo aquele barulho assustador no peito dele e recordando as palavras do médico:

– Não sei se há muito mais que possa fazer, Tess. Ele precisa de ir para o hospital. Vai ter de passar por cima da vontade dele, se conseguir.

De manhã, a sua respiração parecia melhor, como se os medicamentos tivessem começado a fazer efeito. Ela tinha descido à cozinha, indecisa sobre se devia chamar uma ambulância para o levar ao hospital.

E Cashel estivera ali à entrada, de mala feita. Ia regressar a Londres, dissera, e depois ia para Nova Iorque – sozinho, se ela não viesse com ele. Ficou ali na cozinha enquanto ela fervia água no fogão, de rosto pálido e tremendo de exaustão.

– Preciso de falar contigo – dissera Cashel ali parado. Nem sequer se sentou. Tess queria que ele a envolvesse nos braços. Queria pousar a cabeça no seu ombro e senti-lo a confortá-la. Usava a camisola de que ela mais gostava. A bonita camisola *Aran* que a sua mãe lhe tricotara. Quantas vezes não se encostara ela à camisola em encontros, quando iam ao cinema, jantar fora, ou mesmo naquelas noites em que a havia despido e se tinham deitado nos braços um do outro e feito amor.

Ela precisava que ele lhe confessasse que estava arrependido de tudo o que lhe dissera, que sabia que não era justo esperar que ela escolhesse agora, com o pai tão doente. Para além disso, Suki estava a dar com ela em doida, tão imersa nos seus próprios problemas que ignorava o facto de estarem muito perto de ficarem sem teto.

– Preciso que te decidas, Tess – exigira Cashel, a sua voz um grunhido gutural. E Tess virou-se do fogão e olhou-o. – Vou-me embora e esta é a tua última oportunidade. Quero ver o mundo. Quero ser alguém.

– Mas não tens de ir já. Eu não tenho de decidir já, Cashel. O meu pai está doente.

Tess levou as mãos à cabeça. Estava com uma enxaqueca devido à noite sem dormir. Estava cansada. Um café podia trazê-la ao normal.

– Não, *tens* de decidir – reafirmou Cashel. – Andaste a brincar comigo este tempo todo? És uma Power, tens Avalon House... sempre a tiveste, enquanto eu nada tenho. A minha mãe limpou a vossa casa, cozinhou os vossos jantares. Há uns anos eu não teria sido autorizado a entrar nesta casa, não teria sido autorizado a tocar-te. Agora preciso que me escolhas. Não percebes?

– Mas, Cashel – argumentou Tess, cansada –, nada disso tem valor para mim. Amo-te. Amo quem és. Sabes que não me considero diferente ou especial por ser uma Power e por a minha família ser dona da casa grande… nunca pensei assim.

– Então, vem comigo. Vem comigo agora.

– Não percebes, não posso ir agora, o meu pai está doente, o banco está a ameaçá-lo, precisamos de saber se temos de vender a casa. Dá-me algum tempo…

– Oh, eu percebo perfeitamente – afirmou Cashel. – Eu e a Suki estivemos a falar ontem à noite. Esta casa, o teu pai, essas são as únicas coisas com que te importas. Nunca haverá uma boa altura para te ires embora. Há um ano que peço para te vires embora comigo.

– A Suki está a misturar as coisas – ripostou Tess zangada. – Está irritada porque não quis ouvir a sua história calamitosa sobre os malditos dos Richardson.

– Desta vez tem razão – concordou Cashel –, tu não queres saber de mais nada para além de ti, do teu pai e da porcaria desta casa. Vens ou não?

O seu temperamento, que nunca se exaltava, inflamou e ela pôs-se de pé.

– Se achas que consegues fazer-me abandonar o meu pai ou os meus princípios só porque fazes um ultimato, então não me conheces de todo, Cashel Reilly. – A sua voz era gelada.

O olhar dele ensombrou-se, olhou-a de uma forma como nunca tinha olhado antes.

– Está claro que também não me conheces bem, Tess Power – disse ele, quase cuspindo as palavras. – Esta era a tua oportunidade. É evidente que não me amas o suficiente. Para ti serei

sempre o rapaz de Cottage Row, não é?

– Se é isso que queres pensar de mim, então continua – respondeu Tess, tentando não chorar. – Eu não sou assim e devias sabê-lo. Pelos vistos, não sabes.

– Adeus, Tess.

Ele virou-se e saiu.

Ficou parada na cozinha, de olhos presos nele enquanto a chaleira no fogão começava a apitar, avisando-a que estava a ferver, a tampa a bater ruidosamente.

Ele não a compreendia de todo: ela amava-o com todas as forças. Se Cashel era tão ambicioso e determinado em ter sucesso que não a podia deixar ficar com o pai por alguns meses, então não era homem para ela. Apesar do amor, da paixão e da loucura que tinham vivido juntos, da intensidade feroz do seu toque, de como a fazia sentir… Apesar disso tudo, não a compreendia.

E então vieram as lágrimas. Tinha aguardado na cozinha que ele regressasse, dizendo-lhe que sabia que ela o amava e que esperaria. Mas ele não regressou, nunca regressaria. Cashel Reilly nunca mudara de ideias na vida.

Mais tarde nesse dia, ao encontrar Tess lavada em lágrimas, Suki sentira-se culpada.

– Oh, vá lá, segue-o até Londres, sua idiota – dissera, tentando aliviar alguma da culpa que sentia.

Tess abanou a cabeça.

– É demasiado tarde. Ele foi-se embora e eu não vou correr atrás dele. Ou ele volta ou está tudo acabado.

– Oh, merda – disse Suki, sentando-se e levando as mãos à cabeça. – Estraguei dois continentes.

Tess olhou finalmente para cima.

– O que queres dizer? – perguntara com a voz perigosamente baixa.

– Estava zangada contigo por não me teres ouvido ontem – admitiu Suki. – Posso ter lançado algumas achas para a fogueira quando ele estava aborrecido por não saíres de Avalon.

– Como?

– A culpa não é minha – explicou Suki. – Eu disse que ele tinha de te fazer um ultimato. Era maneira dele ou não era.

– Algo como aquilo que o Kyle Sénior me explicou quando veio a descobrir-se que a cabra da mulher dele sabia de nós. Só que neste caso era à maneira da Antoinette ou não era.

– Disseste isso?

Tess não sabia que parte da notícia era mais chocante – se Suki ter admitido alegremente que tinha a sua quota-parte de culpa ao estragar a relação dela com Cashel, ou se o facto de Suki ter tido uma espécie de envolvimento sexual com o sogro.

– Se me tivesses ouvido ontem nada disto tinha acontecido – disse Suki de forma defensiva.

Suki sempre achou que o motivo pelo qual Antoinette não gostava dela era porque Kyle Sénior gostava.

– És a nora mais bonita que alguma vez vi – costumava ele dizer sempre que via Suki. Abarcando a figura curvilínea, gostando da sexualidade natural que emanava da mulher irlandesa do seu filho.

– Sou a sua única nora – respondia Suki descaradamente e ele gostava ainda mais disso. Eram poucas as pessoas que se mostravam atrevidas com Kyle Sénior, mas vindo de uma mulher sensual era aceitável.

Kyle Júnior nunca desobedecera ao pai. Independentemente do que Suki dissesse, parecia que nada o conseguia fazer pensar que tinham o direito de gastar o dinheiro como queriam.

– Se queremos uma casa no Novo México, devemos ter uma casa no Novo México – dizia. – o teu dinheiro. Não é como se estivesse num fundo ao qual só podes aceder aos trinta e cinco ou coisa assim.

– Já te expliquei antes: o meu pai controla tudo. Se fazemos algo que não lhe agrada, ele corta o dinheiro. Não percebes? Depois temos os dois de ir para a rua e arranjar empregos. Redecorar a casa no Novo México já não é tão divertido se não tiveres um tostão, Suki!

– Oh, Kyle – respondera, repugnada com ele. – És tão fraco.

Ele saíra de casa naquela noite e só regressara na tarde seguinte. Ela pensara que talvez ele tivesse estado com outra mulher, havia nele um cheiro a perfume, mas porventura estivera num bar ou assim. Isso magoava-a, pois ela amava-o, não queria que ele estivesse com outras mulheres. Não como Kyle Sénior fazia.

Antoinette devia ser a única mulher na América que não sabia que o marido tinha uma amante. Mas também, no que a amantes dizia respeito, Antoinette devia seguir a teoria da rainha Vitória sobre as lésbicas: recusava-se a reconhecer tal coisa, por isso elas não existiam.

Se Antoinette decidira não acreditar na existência de amantes, então não existiam amantes.

– Dormiste com outra mulher? – quis Suki saber.

Kyle olhou para ela com os olhos vermelhos de uma noite de demasiado *bourbon*.

– E se tiver dormido? – perguntou. – Prefiro dormir com outra mulher a dormir na mesma cama que uma mulher que me diz que sou fraco.

Suki achava que já bastava; tinha atingido o limite com aquela família. Não queria ficar com um homem sem coragem e que dormia com outras mulheres. Não se ia tornar numa nova Antoinette, traída e fingindo não saber.

E então teve uma ideia: se Kyle não sabia lidar com o pai, ela sabia. Ia mostrar-lhe como se lidava com Kyle Sénior e depois talvez conseguissem seguir com a sua vida – desde que ele jurasse nunca mais a trair.

Levou algum tempo a decidir o que vestir; algo elegante e *sexy* ao mesmo tempo. Telefonou para a linha pessoal de Kyle Sénior no Senado e falou diretamente com ele.

– Sénior – dissera.

Ele adorava que o tratassem por Sénior.

– Preciso de falar consigo, se arranjar um tempinho para mim. É sobre mim e o Kyle e…

bem, algumas coisas importantes. Talvez possa ajudar?

Deixou a palavra «ajudar» pendurada de uma forma a que o homem não conseguiu resistir.

– Claro, boneca. E se viesses ter comigo ao clube esta noite?

Deu-lhe a morada. Ela chegou às oito horas. Ele estava a tomar uma bebida antes do jantar.

– Quer juntar-se a mim, linda senhora? – disse ele.

– Claro que sim – retorquiu Suki, mantendo o jogo. Se aquilo era necessário para lidar com Sénior, ela fá-lo-ia.

Ele aguentava muito álcool, pensou ela, à medida que a noite avançava. Já tinham bebido duas garrafas e vários licores após o jantar quando deixaram o restaurante. Suki, que também aguentava a bebida, sentia-se a começar a cambalear.

Sénior tinha evitado deliberadamente falar do filho. Sempre que ela tentava puxar o assunto ele dizia:

– Ná, falamos sobre isso depois. Vamos divertir-nos um pouco, eu e tu. Fala-me de ti.

Era lisonjeiro e, quando chegaram à grande limusina na qual ele costumava andar, ele disse ao motorista:

– Tenho de levar esta senhora a casa.

Suki sentia-se agradada e contente. Sabia que ele faria exatamente o que ela queria. Kyle não sabia lidar com o pai. Só era preciso bajulá-lo, coisa que ela tinha estado a fazer a noite toda, depois pedir-lhe uma casinha pequenina em Taos, coisa que planeava fazer agora. Como poderia ele recusar?

Uma vez no carro, deu o seu melhor.

– Está a ver, Sénior, o Kyle acha que não pode gastar um tostão sem falar consigo.

– Certo. Não vamos estragar o ambiente – disse Sénior. – George – ordenou ao condutor –, o vidro.

De repente surgiu um vidro entre o condutor e a parte de trás da limusina.

Suki sentiu um pequeno sinal de alarme. Sénior retirou uma garrafa de brande de um compartimento.

– É especial – dissera ele, retirando dois belos balões de conhaque.

– Não quero ter de te dizer quanto custa um trago, mas é assim, querida.

Ela não gostou do sabor, mas seria rude dizê-lo. Quando reparou, o braço de Sénior estava à volta dos seus ombros. Ele tinha terminado o brande, o seu copo não estava à vista e as suas mãos deslizavam pelas coxas dela acima.

– Sénior, não era isto…

– Vamos lá, pequena Suki, sei que me queres desde que me viste e, para conseguires aquilo que queres de mim, isto faz parte do negócio. De outra forma, é claro que posso contar ao Júnior que vieste ter comigo… mas isso daria mau aspeto, não é?

Ele inclinou-se e agora estava a beijá-la.

Era grande e forte e Suki não sabia o que fazer.

– Descontrai-te, querida, vais gostar – dissera. E, quando ele começou a levantar-lhe o vestido de crepe preto, ela começou a pensar que tudo aquilo era culpa sua. Como não o previra? Ninguém iria acreditar que ela não esperara aquilo, e se protestasse…

Quando terminou, Sénior inclinou-se e beijou-a na face.

– Oh, querida, és mesmo doce – disse. – Como um pêssego maduro. Vai lá e compra a tua casa no Novo México, eu até gosto de Taos. Ei, até posso aparecer para uma visita, sabes, quando o Júnior estiver fora em negócios. Ele precisa de viajar em trabalho mais vezes, não achas?

– Sim – respondeu Suki, engolindo o choro.

Sentia-se suja e estúpida e como se aquilo fosse tudo culpa sua. A limusina deixou-a em casa e não havia sinal do carro de Júnior.

– Vemo-nos em breve, querida – prometeu o sogro, levando-a até à porta de entrada e dando-lhe um beijo carinhoso no degrau da porta. Afinal, não se sabia quem podia estar a ver. Mas na parte de trás da limusina ninguém estivera a ver.

– Adeus – retorquira, entrara a correr e lançara-se para debaixo do chuveiro completamente vestida, como se pudesse lavar a mácula de ter sido tocada por ele. Não sabia o que fazer, a quem contar.

Se ao menos pudesse esquecer aquilo para

sempre. Isso não iria acontecer.

– É a minha mãe, para ti – disse Kyle na manhã seguinte. Observou Suki deitada num dos quartos de hóspedes, ainda meio bêbada da noite anterior.

– A tua mãe?

– Se acha que dormir com o meu marido foi uma atitude inteligente, então está redondamente enganada, sua cabra!

O veneno na voz de Antoinette fez Suki encolher-se. Ficou sem palavras por um momento.

– Não foi assim! – exclamou Suki. – Se ele lhe contou, só lhe contou metade da história. Ele forçou-me…

– Isso é o que as cabras como você dizem sempre – ripostou a sogra. – Ele não me contou nada. Mas tenho pessoas a segui-la. Provou ser muito interessante. Ao menos, sei o que você realmente é: uma puta. Vai divorciar-se do meu filho e deixar a minha família agora mesmo. Não quero voltar a vê-la. O Kyle Júnior não sabe de nada e você não lhe vai contar. Faça as malas e os meus advogados irão contactá-la. E – naquele momento a voz de Antoinette parecia a de uma cobra – se *alguma vez* falar disto, irei destruí-la pessoalmente. Compreende?

A chamada foi desligada e Suki ficou a tremer, agarrada ao telefone.

O tremor piorou, ela não conseguia parar. Puxou os cobertores para cima da cabeça e ali ficou, a chorar e a querer morrer.

E depois percebeu que só havia uma coisa a fazer: correr para casa e para Tess. Ali estaria segura.

PRIMAVERA

26

A primavera trouxe uma brisa quente a Avalon. As túlipas e os narcisos enchiam os jardins com cor. As magnólias no jardim de Danae tinham peganhentos botões cor de rosa a apontar para o sol e o velho carvalho que tanto medo tinha de perder havia voltado à vida, tal como um velho sábio a dar a sua sapiência à terra por mais um ano após o seu sono de inverno.

Numa bela e soalheira manhã de março, Danae passeou *Lady* até ao alto de Avalon, nos terrenos da antiga abadia com os pequenos túmulos de pedra que costumava achar tão trágicos. Enquanto *Lady* a acompanhava, Danae percebeu que tinha estado apenas a projetar a sua tragédia pessoal em tudo à sua volta. Ela não conhecia as histórias das pessoas ali enterradas, se eram vítimas da fome, se haviam tido vidas longas e felizes. Simplesmente não sabia. Ninguém sabia.

Tinha sido a sua própria vida a convencê-la de que as circunstâncias haviam sido tristes, porque a tristeza era tudo o que conhecia. Agora, alegremente, sentia-se livre de toda aquela tristeza.

Pensava em si sentada na escada de incêndio do abrigo, há muitos anos, a ouvir os outros a dizer-lhe que tudo iria ficar bem. Só que nada tinha ficado de facto bem pois mais tarde nessa noite Antonio encontrara-a. Quase que havia conseguido matar-lhe a alma nesse dia, mas agora estava bem outra vez. O coração murcho batia novamente, pronto para se abrir, pronto para voltar a dar as boas-vindas à felicidade.

Avalon parecia diferente, agora que a via com diferentes olhos.

As pessoas na vila eram suas amigas. Quando passava na avenida central as pessoas diziam: «Olá, Danae, como vai?»

Já não era Mrs. Rahill, a simpática mas distante mulher atrás do vidro de acrílico do posto de correio; era Danae, uma mulher de quem gostavam, uma mulher com quem falavam, uma mulher que convidavam para as suas casas para um café, ou um jantar ou uma das suas festas.

E era tudo graças a Mara e a sua recusa em permitir que Danae se afastasse do mundo.

Lady começou a correr em direção a Avalon House. Agora era basicamente uma zona em obras, pensava Danae, à medida que começava a andar à sua volta. *Lady* não parava de entrar e sair dos andaimes mas depois de ter sido chamada tantas vezes percebera que tinha de se manter afastada da casa.

A vista estava a compor-se. Dois jovens simpáticos estavam a tratar de tudo e Danae tinha perdido muitas horas, a pedido de Cashel, a falar-lhes do tipo de plantas que se davam bem ali. Ela sabia muito sobre a jardinagem na colina ao fundo da Willow Street, onde a brisa do mar entrava.

Até a casa tinha mudado. Antes estava abandonada. Já não era esse o caso. Emanava alegria de cada tijolo, como se a velha casa transpirasse de contentamento por ter voltado a ser

cuidada.

Mas aquilo que deixava Danae mais contente era o amor que conseguia ver entre Rafe e Mara. Eram tão próximos, tão felizes. Havia riso e brincadeira sempre que estavam juntos, bem como respeito mútuo e verdadeiro carinho. Mara tinha tomado uma decisão inteligente.

– É graças a ti, Danae – dissera Mara uma noite enquanto as duas se sentavam à frente da lareira com *Lady* a seus pés. – Se eu não tivesse vindo para Avalon, nunca teria conhecido o Rafe. Se tivesse ido para Nova Iorque ou Londres ou outro sítio qualquer, convencida de que todos os homens são porcos, que ninguém merecia confiança e achando que a culpa era minha por não me ter moldado o suficiente para ser amada… quando, na realidade, tudo o que precisava era de alguém que me amasse como eu sou.

– E eu tenho de te agradecer – disse Danae – por me teres libertado da prisão onde me meti. Sem ti teria enfrentado a morte do Antonio sozinha e teria provavelmente assistido ao funeral à distância, por isso a Adriana não poderia ter vindo até mim contar-me o que contou.

– Tu é que te libertaste – assegurou Mara com firmeza.

Danae pensava nisso enquanto caminhava pelas traseiras da casa, onde estava a ser construído um pequeno jardim vitoriano pelos dois jardineiros.

– Não está a ficar bom, Danae? – gritou um dos jardineiros. Gostavam que ela visse o seu trabalho, que o aprovasse e lhes dissesse quão bem estavam a trabalhar.

– Fabuloso! Rapazes, não sei como trabalham tão depressa – disse e ambos lhe sorriram em deleite. – Têm de vir beber um café mais tarde, quando terminarem. Devem estar gelados.

– Isso seria ótimo – disseram.

Danae entrou. O presente que Adriana lhe dera junto ao túmulo tinha sido enorme, retirando o peso da culpa que Danae carregara por tanto tempo, mas Mara também lhe havia oferecido uma dádiva preciosa – a dádiva de deixar que as pessoas se aproximassem, da compreensão, da importância dos amigos. As pessoas importavam. A comunidade importava. E ela era importante para outras pessoas. Nunca o tinha visto antes.

Não tinha sido fácil tomar a decisão. Passara tanto tempo a evitar tudo o que envolvesse socializar com estranhos, com medo que lhe começassem a fazer perguntas, que a ideia de sair e conhecer as pessoas parecia esmagadora de início.

Se não tivesse sido Mara, ela nunca se teria inscrito no curso no centro comunitário. Embora a ideia lhe tivesse agradado desde que vira o aviso decorado com símbolos celtas na janela da loja de conveniência. Um curso de seis semanas sobre a Irlanda celta e pré-celta, com aulas de historiadores reputados sobre mitos e lendas irlandeses, bem como sobre os santos e deuses e deusas que haviam feito parte da formação da cultura irlandesa. Na escola sempre se sentira fascinada com os velhos mitos irlandeses e pensara ser interessante estudá-los na faculdade, mas Danae não tinha ido para a faculdade e os sonhos de estudar história tinham sido postos de lado. No calor do momento anotara o número de telefone do curso.

– O que achas? – perguntara Danae no final desse dia, enquanto bebiam um café no Café da Lorena. – Pode ser um desperdício de dinheiro, quer dizer… não sei.

– Não vais saber se não tentares – disse Mara. – Experimenta.

Danae riu-se. Era típico da Mara: experimenta. Ela experimentaria tudo.

– Mas eu não sou como tu – protestou. – Não consigo mergulhar numa coisa e fazer amigos automaticamente. Quer dizer, gosto da ideia de estudar isto, mas…

– Mas o quê? – questionou Mara. – Qual é a pior coisa que pode acontecer? Vais sentar-te numa sala com muitas pessoas com interesses em comum e ouvir alguém a falar. Não tens de fazer perguntas no final. Não tens de dizer nada se não quiseres. Tomas umas notas, pareces interessada e é tudo o que é preciso fazer. Acompanha. *Sê*.

Sê, pensava Danae. Que tipo de *ser* queria aquilo dizer? Durante anos tinha sentido medo de tudo. Tivera medo de Antonio e das suas fúrias durante tantos anos, medo de se mexer, de respirar da forma errada não fosse aquilo incomodá-lo. E então, durante dezoito anos em Avalon, fora incapaz de perder o hábito de sentir medo, continuava a ter medo de se mexer, quase incapaz de acreditar que tinha uma nova vida.

Agora era parte da comunidade, com amigos, uma vida e um fervor de fosse qual fosse a divindade que estivesse lá em cima. Ela estava a traí-los ao não viver uma vida.

– Tens razão – concordou ela com Mara. – Vou inscrever-me amanhã.

E assim fez.

O curso provou ser fascinante, despertando algo em Danae que ela não sabia que existia. Na primeira aula não abrira a boca, acenando timidamente aos outros alunos do curso: uma mistura de homens e mulheres, alguns que conhecia do posto de correios, outros que não. Mas, na segunda semana, quando começaram com a história de Brigid, ela estava cheia de energia, cheia de entusiasmo, colocando questões, anotando coisas. Envolvida naquilo. Parte do todo. Quando chegou o intervalo para o chá, estava sentada com um grupo de mulheres, a conversar naturalmente, contando-lhes que nunca tinha frequentado um curso noturno, que aquela era a sua primeira vez.

– Oh, a minha também – contou outra mulher. – Estava muito nervosa. Tinha medo de dizer o que quer que fosse.

E Danae riu-se e disse:

– Também eu!

– Éramos umas tolas! – exclamou a mulher, que se chamava Sally. – Quer dizer, de que tínhamos medo?

– De parecermos estúpidas – acrescentou outra mulher, Norah.

– Estava a pensar em também me inscrever no próximo curso – revelou Sally. – É só sobre genealogia. Ensinam-nos a fazer a pesquisa, a voltar atrás e descobrir as nossas raízes. Podemos trabalhar nisso. Há muita gente a querer descobrir os seus antepassados hoje em dia.

– Isso pode ser interessante – disse Danae. Nunca tinha dado muita importância aos antepassados. A sua família, o passado, era demasiado doloroso para mergulhar naquilo. Mas existiam muitos outros membros da família dos quais nada sabia: avôs, bisavôs e por aí adiante. Sabe-se lá de onde vinham, onde tinham vivido, o que tinham feito.

– Acho que gostava de fazer isso – concluiu ela para Sally.

Ao percorrer o quadro viu outro anúncio que lhe chamou a atenção. Era um apelo para voluntários angariadores de donativos para o abrigo de mulheres da zona:

A violência doméstica pode afetar qualquer pessoa. Não importa quanto dinheiro têm, onde vivem, qual é o seu trabalho. Atravessa todas as idades, grupos socioeconómicos e raças. Precisamos de ajuda na angariação de fundos. O governo cortou-nos o subsídio. Se quer ajudar, por favor telefone…

Danae arrancara um dos pequenos papéis no fim com o número de telefone. Deixara-o no bolso durante dias, mexendo-lhe por vezes, pensando se teria força para telefonar. Lembrava-se do abrigo e de Mary, a mulher que a ajudara. A Mary do vestido vermelho, que tinha sido tão bondosa. Mary também havia sido espancada pelo marido. Tanto que quase morrera e no entanto tinha dado a volta à situação e estava a ajudar mulheres como ela. Danae não sabia se tinha a força para o fazer agora. Mas fá-lo-ia um dia, um dia no futuro. Aprendera tanto, a coisa certa a fazer era dar um pouco em retorno.

A turma da escola de Kitty estava a fazer cartões do dia de S. Valentim. Ouviam-se muitos risos quando a colega de Kitty, Julia, vinha brincar, muita conversa sobre grandes corações vermelhos e papel crepe e o que eles trariam escrito.

– É suposto ser segredo, sabem? Não assinamos o nome – Tess ouvira-as dizer e depois calaram-se e começaram a rir freneticamente quando ela voltou à cozinha.

– Eu não ouvi nada – afirmou Tess –, coisa nenhuma.

– Mãe – disse Kitty –, achas que o Zach vai receber muitos cartões de São Valentim porque as raparigas gostam todas dele apesar de namorar com a Pixie?

– Acho que a Pixie lhes arranca os corações à colherada se o fizerem – respondeu Suki, que estava a cozinhar o jantar.

Tess olhou para ela.

– Desculpa – disse Suki. – Às vezes esqueço-me…

– Como se arranca um coração à colherada? – perguntou Kitty interessada.

– Estava a brincar! – exclamou Suki. – Queria dizer com uma colher, como quando escreves o teu nome numa árvore ou assim…

– Boa tentativa – aplaudiu Tess, rindo-se.

Ter Suki por perto era sem dúvida interessante.

Suki adorava passar tempo com Zach: os dois tinham sempre partilhado uma proximidade especial. E adorava tomar conta de Kitty, encorajando Tess a «ir para a rua e sair com pessoas!».

– Eu não quero sair com pessoas – dissera-lhe Tess.

– Bem, vai lá para fora à mesma – continuou Suki. – Em breve vou voltar para os Estados Unidos para a digressão do meu livro. Aproveita a ama gratuita enquanto a tens.

Tess achava que o livro de Suki era brilhante – e assim pensavam todas as pessoas na Box House Publishing. A receção tinha surpreendido Suki e Melissa, que era suficientemente sincera para o admitir.

De alguma forma, durante os meses difíceis, Suki escrevera alguma da sua melhor prosa e

tinha conseguido abordar um tema que captava o interesse de todos.

Já tinham agendado uma digressão por vinte cidades para Suki e todos os maiores programas de entrevistas queriam fazer uma marcação com ela.

Suki fazia *jogging* diariamente para se pôr em forma.

– A televisão faz-nos ganhar quilos – dissera. – Preciso de recuperar a minha cintura, não posso ser vista na TV sem uma cintura!

– Ei – disse Tess –, sê realista! Não leste um livro recente sobre como uma mulher deve envelhecer de forma natural e não como uma modelo de quinze anos?

– Sim – respondeu Suki. – Li. Mas é difícil perder hábitos de uma vida.

– Tu estás linda, mana – elogiou Tess, sorrindo com amor para a sua irmã.

Suki sorriu.

– E tu também, querida.

A melhor notícia de todas era a enchente de negócios com editoras estrangeiras, o que significava que poderia emprestar a Tess o dinheiro necessário para manter a Something Old.

– Estiveste sempre presente quando precisei – lembrou Suki. – É bom poder fazer algo por ti para variar.

– A minha irmã recebeu cinco cartões de São Valentim no ano passado. Ela tem treze anos – disse Julia pensativa. – Espero receber seis quando fizer treze anos, para lhe ganhar porque ela estava toda orgulhosa e eu não recebi nada… bem, exceto um dos meus pais mas isso não conta.

– O meu pai dá sempre um à minha mãe – contou Kitty – e também me dá um. Eu gosto disso. Deve ser horrível não receber nenhum.

– Oh, eu acho que sobrevivemos todas se não recebermos cartões de São Valentim – comentou Tess a sorrir. – Então, meninas, fizeram os trabalhos de casa?

– Quase tudo, Tess – disse Julia. – Exceto as contas de somar. Detesto as contas de somar.

– Eu também – concordou Kitty, ansiosa por não ser excluída. Se elas detestavam somas, então Kitty também as ia detestar.

– Meninas, são as duas boas em contas de somar! A sério, vocês são tão inteligentes – elogiou Tess, entrando automaticamente no mantra «diz às crianças quão boas elas são e então elas vão gostar da escola».

As raparigas lá começaram a fazer as contas de somar enquanto Tess revia o resto dos trabalhos de casa, com a mente em parte no tema dos cartões de S. Valentim. Quando andavam na escola, Suki costumava receber imensos. Alguns eram postos na sua mochila quando não estava a ver. Ou deixados na sua secretária. Ela era tão alegremente displicente em relação a eles, enquanto Tess, que nunca tinha recebido nenhum, à exceção de um do seu pai – que ele assinara –, teria adorado receber cartões de S. Valentim.

– A Suki é sete anos mais velha, é normal que receba mais cartões que tu – tinha-lhe explicado Anna Reilly. – Não te preocupes, pequena. Quando chegar a tua vez, vais receber imensos. Tu vais ser linda. Tu *és* linda.

– Obrigada, Anna – agradecera Tess, embora não acreditasse mesmo nela. Suki, com as suas lindas maçãs do rosto, os seus lábios suaves, a forma enviesada como olhava para as pessoas,

era linda. Os homens caíam a seus pés. Homens e rapazes. Tess não tinha isso. Ela sabia. Mesmo aos doze anos, sabia-o.

Depois do jantar, Suki arrumou as coisas e Tess levou Julia até casa. As duas meninas sentaram-se no banco de trás e conversaram sem parar, como se tivessem de esticar os últimos minutos que tinham juntas.

– Obrigada por ter ficado com ela – agradeceu a mãe de Julia quando a deixou em casa. – Portou-se bem? – acrescentou, despenteando o cabelo curto e escuro de Julia.

– Foi ótima, como de costume – respondeu Tess. – Fizeram as duas os trabalhos de casa, tem de assinar o caderno dos traba-lhos de casa, e jantaram, embora não muita da couve-flor.

– *Blargh* – fez Julia.

– *Blargh* – concordou Kitty.

– Não, a couve-flor também não é querida por estes lados – informou a mãe de Julia.

– Posso ficar um bocado acordada e ver televisão, mãe? – pedinchou Kitty enquanto seguiam pela vila de regresso a casa.

– Não – negou Tess –, sabes que ficas sempre cansada depois de teres alguém em casa para brincar. E hoje é quinta-feira. Afinal, amanhã é dia de aulas.

– Oh, mãe.

Foi nesse momento que Kitty e Tess os viram: Kevin e Claire, a caminharem de mãos dadas no passeio. Claire, agora visivelmente grávida, a barriga com um alto do tamanho de um melão. Tudo o resto continuava igual: as suas pernas longas e elegantes dentro de umas calças de ganga justas e de umas botas *Ugg*. O seu casaco bonito a balançar atrás de si. Porque é que os jovens nunca tinham frio?, interrogou-se Tess. Para a viagem até à casa de Julia vestira o seu anoraque. Detestava o frio. Mas Claire tinha um aquecimento central alternativo de um bebé dentro de si.

– Olha, mãe. Mãe, olha! Podemos parar, podemos parar? – pediu Kitty contente. – Ah, buzina ou qualquer coisa.

Já tinham passado o cruzamento e o sinal tinha ficado amarelo, o que significava que os carros podiam passar. Kevin e Claire estavam do outro lado da estrada.

– Não, querida – disse Tess apressadamente –, não podemos mesmo parar e não temos tempo, além disso…

Procurava desesperadamente uma desculpa.

– Tu vais ver o pai e a Claire no sábado, por isso vamos só buzinar, acenar e continuamos a andar.

– Não. Eu quero parar – insistiu Kitty amotinada.

– Querida, não temos tempo. Eu buzino e tu acenas.

Buzinou o mais levemente possível, na esperança que nem Kevin nem Claire olhassem à volta. E ainda assim olharam, viram o carro e acenaram energicamente, com Claire com o sorriso feliz de quem estava genuinamente contente. Tess sorriu e acenou de volta, sentindo-se a maior hipócrita do mundo. Virou à direita numa rua para onde não iria normalmente. Era um caminho mais longo até casa, mas ela não queria saber. Só precisava de sair rapidamente da praça. A meio da rua ficava a loja de postais McMillan, uma orgia de vermelho a prever o dia

de S. Valen-tim.

– Oh, olha a loja, mãe – disse Kitty encantada. – Posso comprar um cartão para a Claire? Ela ia adorar.

– Está fechado. São sete e quinze – lembrou Tess.

– Podemos ir amanhã? Por favor, por favor? Pago com a minha semanada.

– Claro, querida – concordou ela. – Se queres ir, vamos lá amanhã.

Tess conseguia lembrar-se de quando Kitty lhe queria oferecer cartões de S. Valentim. Quando fazer um cartão de S. Valentim para Tess a dizer «Amo-te, mamã» era um grande entusiasmo. Agora queria comprar um, com a sua semanada, para Claire. Tess engoliu a dor, a solidão, a tristeza. Cashel veio-lhe à cabeça de forma inesperada. Por que motivo continuava a pensar nele? Suki estava a dar com ela em doida, dizendo-lhe que ele andava pela vila, ficando muitas vezes no hotel e muito envolvido com a casa.

– Para de te intrometer, Suki – implorou Tess. – Não quero mais dor na minha vida.

– Não costumas desistir – dissera Suki atrevidamente.

Tess enviara o colar que Cashel trouxera para ser avaliado e o perito em diamantes tinha sido cautelosamente otimista.

– Hoje em dia nada se sabe até ao leilão, mas acho que podes ter aqui uma coisa boa, Tess. Isto pode dar dinheiro a sério.

E o dinheiro seria dela e de Suki. Depois da sua insistência em como não queria a sua caridade, Cashel enviara os documentos que provavam que só os bens enumerados tinham sido vendidos com a casa na primeira vez e o colar não estava na lista.

Uma injeção de dinheiro seria boa. Mais que boa.

Naquele momento, tudo o que queria da vida era ter os seus filhos felizes, saber que Suki estava a ter sucesso e poder gerir a sua loja. Não precisava de mais nada, nem de mais ninguém, muito obrigada.

27

Cashel estava sentado no seu escritório temporário na praça de Avalon. A sua cadeira – não a terrivelmente cara que Mara lhe mostrou – estava inclinada para trás, os pés em cima da mesa, com as pernas cruzadas nos tornozelos. Naquela posição conseguia ver a praça, observar a azáfama de Avalon. Era quase hora de almoço e ele podia ver Rafe a descer Castle Street, numa bonita bicicleta. Vinha quase todos os dias para levar Mara a almoçar.

Cashel gostava dele. Rafe tinha algo de agradável, um encanto descontraído que dizia que levava a vida muito a sério mas que tinha as suas prioridades definidas. E também era bom para Mara. Cashel tinha perguntado. Sentia um grande instinto paternal em relação a ela, o que era absolutamente desconcertante uma vez que não era pai de ninguém.

Rafe não o havia tentado convencer a encomendar uma das suas *Berlin Bikes* feitas à mão, o que era outro ponto a seu favor. Cashel não gostava daqueles que, após saberem da sua riqueza, tentavam fazê-lo gastar algum dinheiro nas suas lojas. Não, Rafe era um dos bons, e ele e Mara estavam claramente caidinhos um pelo outro.

Podia ouvir a Nina Simone no gabinete dela. Estava fixada em Nina Simone naquela semana. Na semana anterior tinha sido Lady Gaga, mas não muito alto.

Sabia Deus como seria a música quando ele não estava, que era a maior parte do tempo. Vinha cada vez menos a Avalon nos últimos tempos, o trabalho levava-o a todo o lado. E, no entanto, havia sempre algo que o puxava. Sentia-se triste por não ter vindo tantas vezes quando a sua mãe era viva. E agora tinha partido, o que o prendia ali?

Riach, Charlotte e as crianças podiam ir ter com ele a qualquer parte do mundo. Havia apenas a Avalon House, uma bela casa que nunca seria o seu lar, pois não tinha ninguém com quem o partilhar. Era aquilo que importava no final do dia: ter alguém com quem partilhar a vida.

Conseguia ver Belle a surgir das belas portas de carvalho do hotel, vestida com a sua habitual elegância. Naquele dia era um conjunto de veludo púrpura com um broche grande e brilhante à lapela. Agora ela achava-se uma velha amiga, há muito que ali estava hospedado. Ele mantinha a suíte permanentemente reservada.

– Agrada-me – dissera Belle, sorrindo-lhe –, todos sabemos que és cheio de massa, querido, não vais sentir falta.

Cashel rira-se.

– E tu, dona de hotel, atrevendo-se a dizer isso a um cliente? – provocara.

– Eu diria, Cashel Reilly, que és o tipo de homem que detesta que as pessoas façam cerimónias contigo e bajularem-te porque tens muito dinheiro no banco ou onde quer que as pessoas espertas guardem o seu dinheiro nos dias de hoje. Pessoalmente, não gosto de pessoas

bajuladoras. Como já deves ter percebido, trato as coisas pelos nomes. Estou satisfeita por estares aqui no hotel e por pagares a suíte quer cá estejas, quer cá não estejas. É bom para equilibrar as contas, e nos dias de hoje todos precisamos de uma ajuda. E, além disso, seres tão bonito e rico não é nada desagradável.

Os seus olhos brilhavam para ele.

– Algumas das pessoas de negócios que aqui ficam entram, reparam em ti e eu consigo *ver* as suas cabeças às voltas, pensando que, se um homem como Cashel Reilly está a ficar aqui, então este é o sítio certo onde estar. O que também é muito bom para as contas.

Sorriu, radiante.

Cashel sorrira em resposta.

– Se eu fosse homem para casar, punha um anel no teu dedo, Belle – dissera.

– Não sejas ridículo, Cashel – protestara ela. – És certamente demasiado velho para mim. Eu gosto de jovens, não sabias?

E soltou uma gargalhada ao ver o ar surpreendido no seu rosto.

Na esquina do hotel ficava o Café da Lorena e Cashel podia ver que estava movimentado. Imaginava Brian por trás do balcão, fazendo o seu melhor para conversar com os clientes. Brian já estava mais à vontade na presença de Cashel. Não descontraído a cem por cento, e provavelmente nunca ficaria, mas conseguiam ter uma pequena conversa sobre o tempo. O costume.

– Não está um mau dia lá fora – podia Brian dizer.

– Não, muito agradável – respondia Cashel, que detestava falar sobre o tempo ou qualquer outra conversa de circunstância. Porém, em Avalon sentia-se inclinado a ir com os outros. Especialmente porque sabia que se *alguma vez* desse uma resposta torta a Brian, iria assustar o pobre rapaz e Cashel achava que isso não seria justo. Brian era um bom rapaz.

Pensar no café deixara Cashel com fome. Uma sanduíche, pensara; uma boa sanduíche em pão de centeio com um dos cafés americanos de Brian. Sim, isso vinha a calhar. Encaminhou-se até ao *foyer* e encontrou Mara, juntamente com Rafe, que estava a tirar o capacete da mota.

– Cashel, como vai isso? – perguntou Rafe. – Pensei que estivesse na casa por causa do acidente. Caiu uma parede – comentou – e a Tess...

– Tess – disse Cashel. *A Tess tinha estado na casa e estava ferida*. O medo inundou-lhe o coração. Um medo tão frio e negro que achava que não conseguia respirar.

– Oh, meu Deus, tenho de ir para lá agora. Agora.

– Não, Cashel, espere – gritava Rafe atrás dele. – Eu só estava a dizer…

Mas Cashel já tinha ido, escadas abaixo, saltando por cima delas a alta velocidade, já na rua. Tinha as chaves no bolso, mas não valia a pena levar o carro, chegava mais depressa em corrida. Começou a correr. Estava fresco para um dia de Abril, ele vestia apenas camisa e calças mas não sentia o frio. Corria como um homem possuído, pela praça e rua acima. Em dois minutos, Church Street onde tinha a sua loja unia-se a Willow Street e depois podia correr colina acima.

Tess – ele não podia crer que algo tinha acontecido. O que estava ela a fazer na casa? Talvez tivesse ido vê-la quando sabia que ele lá não estava.

Ele correu mais depressa. Agora estava em Willow Street. Tudo era uma névoa. As pessoas olhavam-no como se fosse louco, mas não se importava. Era uma colina íngreme, mas não se importava. Corria sem pensar, quase sem ter consciência da sua respiração, o seu coração a palpitar. Estava quase lá. E, subitamente, vinda do nada, conseguiu ver uma figura a aparecer, passeando um cão. Era Tess. Reconheceria aquele caminhar elegante de pernas longas em qualquer lado. Tess com a estúpida da sua cadela. Cashel correu até lá e a cadela atirou-se a ele em completa alegria, com as patas cheias de lama em cima da sua camisa, e ele não se importou.

– Tess… tu estás bem! – exclamou, agarrando-

a. Tess afastou-se dele, assustada.

– Claro que estou bem – assegurou. – Porque não haveria de estar?

– Eu estava no escritório, o Rafe entrou e disse que uma parede tinha caído, depois disse o teu nome e assim que o ouvi desatei a correr, desesperado – explicou Cashel, ofegante com a corrida. – Só conseguia pensar em ti soterrada.

– Pensaste que estava ferida? – perguntou calmamente.

– Acho que caiu uma parede – disse ela. – Tinha dado uma volta com a *Silkie* por ali, às vezes faço isso – disse, como se estivesse a admitir algo vergonhoso. – Só para ver. Porque eu adoro a casa. Sabes disso.

– Sei – disse ele. – Sei.

– Ninguém se magoou mas foi uma confusão. O Freddie está a ficar louco. Está a tentar perceber quem matar primeiro e estão todos a fugir com medo dele.

Cashel riu-se debilmente, era tudo o que conseguia, um riso mais de alívio que de boa disposição.

– O Rafe veio buscar os papéis do arquiteto para a Mara, e eu estava a falar com ele, foi só isso. E disse-lhe que, se falasse com a Mara, devia explicar-lhe que ninguém estava ferido.

Cashel pegou-lhe nas mãos, uma a segurar a trela da cadela. A cadela estava entre eles, olhando curiosa para um e para o outro.

– Aposto que há anos que não tens um cão – murmurou.

– Sim – disse Cashel. – Há muita coisa que não tenho há anos… diversão, amor, alegria.

Ele não sabia o que era; se o efeito do choque, se o alívio ao encontrá-la a salvo ou se o facto de estar finalmente a sós com ela.

Aquela era a sua oportunidade de lhe dizer tudo, de ser sincero.

– Comprei a casa por vingança, despeito, uma emoção infantil. Desculpa. Senti-me tão magoado quando a minha mãe morreu, e depois vi-te no funeral. Amontoou-se tudo numa grande raiva, raiva por a minha mãe ter morrido e de ti por me teres magoado no passado.

– Mas nunca me deixaste explicar, nem na altura, nem depois – protestou. – A Suki deixou-te todo irritado porque estava zangada comigo. Nunca te teria magoado, Cashel. Tínhamos apenas prioridades diferentes na altura. Tu estavas tão obstinado, tão determinado em sair de Avalon e tornares-te alguém. Sei que achavas que tinhas de *ser alguém* para casar comigo, por causa de Avalon House e do meu passado, mas não tinhas.

Ele olhou para ela.

– Foi isso que mais doeu – disse. – O facto de me poderes acusar quando me devias conhecer melhor. Eu amava-te com todo o meu coração, mas tinha de cumprir o meu dever e cuidar do meu pai, sobretudo quando estava tão doente e necessitado. Quando tu não conseguiste compreender, quando ficou claro que não me conhecias…

Ela olhou-o com tristeza.

– Bem, decidi que não eras o homem que pensei que fosses. Convenci-me de que se me amasses realmente, Cashel, esperarias por mim. Ao invés, abandonaste-me.

A sua voz tremia ligeiramente, mesmo agora.

– Eu esperei, sabes? Continuei à tua espera mas tu nunca vieste.

Pronto, tinha dito: toda a dor que guardara dentro de si por tanto tempo.

– Eu era estúpido – retorquiu Cashel –, estúpido e obstinado. A minha mãe sempre mo disse. Ela sabia que eras a mulher certa para mim.

– Lamento que ela tenha partido, Cashel – disse Tess, apertando as suas mãos.

– Mas tu *não* esperaste por mim – respondeu, o seu rosto um retrato da infelicidade. – Sei que fui um idiota, mas pensei que quando voltasse tu estarias à minha espera, que me amarias apesar de tudo… – Encolheu-se, consciente de como soava.

– Esperei mais de um ano por ti, Cashel Reilly. Um ano. Um ano no qual o meu mundo desabou. Tu partiste, a Suki foi-se embora, eu só tive alguns meses com o meu pai antes de ele morrer, e depois fiquei completamente só. Tive de vender a casa. Tive de o fazer por mim. O Kevin foi gentil comigo.

Ela parou. Não queria justificar-se.

Subitamente, apercebeu-se do curioso quadro que deveriam estar a revelar: ela e Cashel de pé, de mãos dadas no cimo de Willow Street. Ele a suar numa camisa suja pelas patas de *Silkie* e a cadela sentada entre eles, completamente feliz.

– É melhor ir – disse Tess. – Trouxe a *Silkie* para uma caminhada rápida e um lanche e a loja está fechada, tenho de regressar.

– Não – pediu Cashel –, ouve-me por um minuto.

Ela parou porque não queria realmente ir-se embora, mas aquilo era demasiado. Olhou para aquele rosto no qual pensara tantas vezes, o rosto com que sonhara. O único homem que tinha realmente partido o seu coração.

– Lamento imenso – disse ele lentamente. – Eu era tão infantil, estava convencido que tinhas de partir comigo ou nada feito. Não acredito que tiveste de passar por tudo isso sozinha.

Recordou-se da sua mãe a querer falar-lhe de Tess e de ele se recusar a ouvir. Ele não quisera saber.

– Agora sou um homem diferente. Um homem que compreende o que perdeu e que o lamenta. Achas que podíamos tentar novamente, Tess, por favor?

Tess olhou para ele. Podia ver a verdade nos seus olhos. Ele estava a falar a sério.

– Não posso voltar a magoar-me, Cashel. Magoaste-me muito há tantos anos e depois do que passei com o Kevin… – A sua voz diminuiu. – Tem sido horrível. Por isso não posso voltar a magoar-me. Além disso, tenho de pensar no Zach e na Kitty. Agora é diferente – disse

ferozmente. – Os meus filhos têm de vir primeiro, compreendes isso?

– Compreendo – concordou ele. – Mas, por favor, podemos voltar a tentar agora que sabemos tudo isto, sabendo que as crianças vêm primeiro, sabendo que não te voltarei a magoar?

E ela assentiu, lentamente. Cashel viu o sorriso a tomar conta do seu rosto e então beijou-a.

Em Avalon, Mara e Rafe caminhavam de mãos dadas pela rua, com Mara a falar e Rafe a ouvi-la em silêncio, com um sorriso no rosto. Ele adorava aquela vila, adorava a sua loucura, a forma como Belle lhes acenava do outro lado da rua, com os seus olhos perspicazes a ver tudo.

Adorava o louco do Joe McCreddin com o seu cinto, caminhando para o carro, uma carrinha de caixa aberta, a falar sozinho pelo caminho. Adorava o cheiro que vinha do Café da Lorena, onde o café se misturava com o odor do bolo de veludo vermelho que Mara adorava.

Ele e Mara tinham estado a falar com o homem que lhes tinha feito as bonitas esculturas de animais em madeira. Mara tinha aquele brilho nos olhos, aquele brilho perigoso.

– Acho que a Danae o devia conhecer – disse pensativa. – É uma pessoa muito calma, muito zen. Adora animais, a natureza. Era bom para a Danae.

– A Cici tem razão, és terrivelmente intrometida – disse Rafe, sorrindo-lhe com amor.

– Estou só a dizer… que podiam ser amigos. Ele parece ser o tipo de homem que não sai muito. Podiam ir dar passeios na praia. Acho que temos de trazê-la um dia destes com o pretexto de comprar mais alguma coisa. Ela adora a sua loba.

– Eu adoro a minha loba – respondera Rafe, apertando-a à medida que caminhavam. – Agora sobre assuntos importantes. É hora de almoço. Sopa e sanduíches? Ou só sanduíches para deixarmos algum espaço para uma fatia de bolo?

Os fabulosos olhos de Mara brilhavam ao olhar para ele.

– Vamos deixar espaço para o bolo, sem dúvida – afirmou. Uma fatia de bolo tornava tudo melhor.

BOOKSTORE

Agradecimentos

Há anos que não escrevo agradecimentos – é muito difícil. Vivo num medo constante de magoar alguém ao esquecer-me do seu nome e a minha memória é tão má que é inevitável. Sou a mulher que foi até à Nova Zelândia, encontrei um *grande* amigo do meu irmão que tinha vindo para uma leitura de um livro, fiquei de lhe enviar um *e-mail* sobre isso, prometi que o faria e depois esqueci-me por completo até receber um cartão de Natal dele, nove meses depois, dizendo como tinha sido agradável… oh, a *culpa*.

As pessoas que me amam e conhecem compreendem. Mas as outras pessoas podem ficar ofendidas e detesto isso. Os agradecimentos são um pesadelo e é por isso que estes são tão longos.

Para a minha família, o meu marido John e aos nossos lindos, sábios e amáveis filhos, Dylan e Murray. Somos abençoados. Para *Dinky, Licky e Scamp,* que me enchem de contentamento quando se sentam à minha volta – ou em mim –, sendo tão amorosos, amáveis e uma fonte inesgotável de alegria. Para a mãe, que trabalha sem descanso para a comunidade com bom humor e amor habitual; para o meu irmão mais velho, Francis, que é bom, divertido e amoroso, para não dizer um génio; para a minha querida irmã Lucy, que faz tanto pelos outros e que é um anjo na terra com uma luz que irradia de si. Para o Dave, um cunhado tão gentil e bondoso; para a Anne, que trabalha imenso e educou umas raparigas incríveis; para as minhas sobrinhas Laura, Naomi e Emer – tenho TANTO orgulho em ser vossa tia. Para Robert, um cavalheiro. Para os animais: *Dexter* e *Jasper*. Para Margaret, sem dúvida uma irmã noutra vida. Para Maggie. Para Sarah Conroy – o que eu fazia antes de te conhecer? Obrigada a Ted e a Joana.

Para a Emma, uma irmã em espírito que me apoia e a quem apoio, querida. Para a Fiona, outra irmã. Para Marian, outra irmã – adoro-te. Para a querida Judy, por tudo. Para os anjos na terra que são a Patricia Scanlan; Aisling Carroll; Martina Carner; Aidan Storey; Kelly Callaghan (há uma loja Rudi & Madison neste livro); Maureen Hassett; Beccy Cameron; Suzy McMullen; Kate Thompson; Terry Prone; Alyson Stanley; Lola Simpson; Sheila O'Flanagan; Alex Barclay e Mara Canavan pela jornada.

Um enorme obrigada – e não há espaço nesta página para dizer quão bom ele é – a Jonathan Lloyd: nunca houve homem mais gentil e cortês. Tem um coração de ouro. Para toda a gente na Curtis Brown – para Lucia, Willow, Melissa, Felicity, Sheila, Jonny, *toda a gente* na CB. Obrigada à minha família na HarperCollins, começando pela agência irlandesa, por isso um obrigada em primeiro lugar à fantástica Moira Reilly e a Tony Purdue. Em Londres, um enorme obrigada a Lynne Drew, Kate Elton, Rachel Hore, Anne O'Brien, Belinda Budge, Vicky Barnsley, Liz Dawson, Thalia Suzuma, Damon Greeney, Oli Malcolm, Lucy Upton, Louise Swannell, à Alice Moore pelas capas fabulosas.

Na HarperCollins Australia, um grande obrigada a Christine Farmer, que é uma lenda; a

Karen Maree Griffiths, um anjo; Michael Moynahan, a Shona Martin e a todas as outras pessoas da equipa que trabalharam tanto no meu interesse; obrigada à HC Nova Zelândia, especialmente a Tony Fisk, Sandra Noakes, Lise Taylor e toda a gente que trabalhou pelos meus interesses aqui; obrigada às pessoas encantadoras da HC Canadá, em especial a David Kent, Leo McDonald e à bela Charidy Johnston e Cory Beatty pela mais agradável digressão e por me terem apresentado o Twitter! Obrigada à querida Deborah Schneider em Nova Iorque e a Carolyn Reidy e a todos na Simon and Schuster US. Obrigada a Louise Paige e Ailsa MacAllister. Obrigada à família da UNICEF Irlanda, especialmente a Julianne Savage e obrigada às senhoras mais antigas da UNICEF, Thora Mackey e Grace Kelly pela amizade contínua.

Obrigada aos fantásticos editores por todo o mundo que levam os meus livros a todo o lado. Agradeço muito! Um brinde a todos vós. *Tchin, tchin.*

A todas as minhas amigas do ioga de sábado de manhã que enfrentam o mundo com risos, força e amor. A Eva Berg, AnneMarie Casey O'Connor, Eleanor Stoney, Ella Griffin, Sinead Moriarty, AnneMarie Scanlon, LisaMarie Redmond, aos extraordinários artistas Carole Shubotham, Fiona Rahill e Kimberley Rogers. Para a federação das mães gémeas, Barbara Stack e Susan Zaidan; para Thelma O Reilly por cuidar das minhas princesas; para os amigos que estiveram sempre presentes: Barbara Durkan, Bernie Murphy, Mary Begley, Claire O'Donovan, Dara Byrne, Felicity Carney, Pauline Moroney, Patte O Reilly, Trish Morrissey, Louise Stanley, e todos os que esqueci. A Jim Hatton, Claire Darmody, Stevie Holly e Janet Barnes: para o grupo Santina, a Santina, Andrew, Martha, Paula, Margaret, Annette e todos os que deixei de fora. A John O'Brien, dono da gloriosa loja de antiguidades de Enniskerry, a Caverna de Aladino, que me deu conselhos e histórias maravilhosas.

A todos vós, as pessoas maravilhosas que leem os meus livros e que me dão a honra de me dizer o quanto significam para vós. Adoro falar convosco, conhecer-vos, voltar a saber que partilhamos tanto e que juntos, enquanto seres humanos, podemos fazer muito. Por isso escrevam-me, seja para o www.cathykelly.com, para a minha página no Facebook ou Twitter @cathykellybooks.

Por fim, a todas as mulheres que viveram com violência ou que estão a viver em violência – existe ajuda. Existem pessoas que vos irão acolher com carinho. Vocês têm valor. Vocês são especiais, maravilhosas, merecedoras de respeito. Toda a gente pode ajudar ao doar dinheiro para os vossos abrigos locais e podemos ajudar as mulheres e as crianças em perigo nos países em desenvolvimento fazendo donativos à UNICEF.

Com amor e obrigada

Cathy